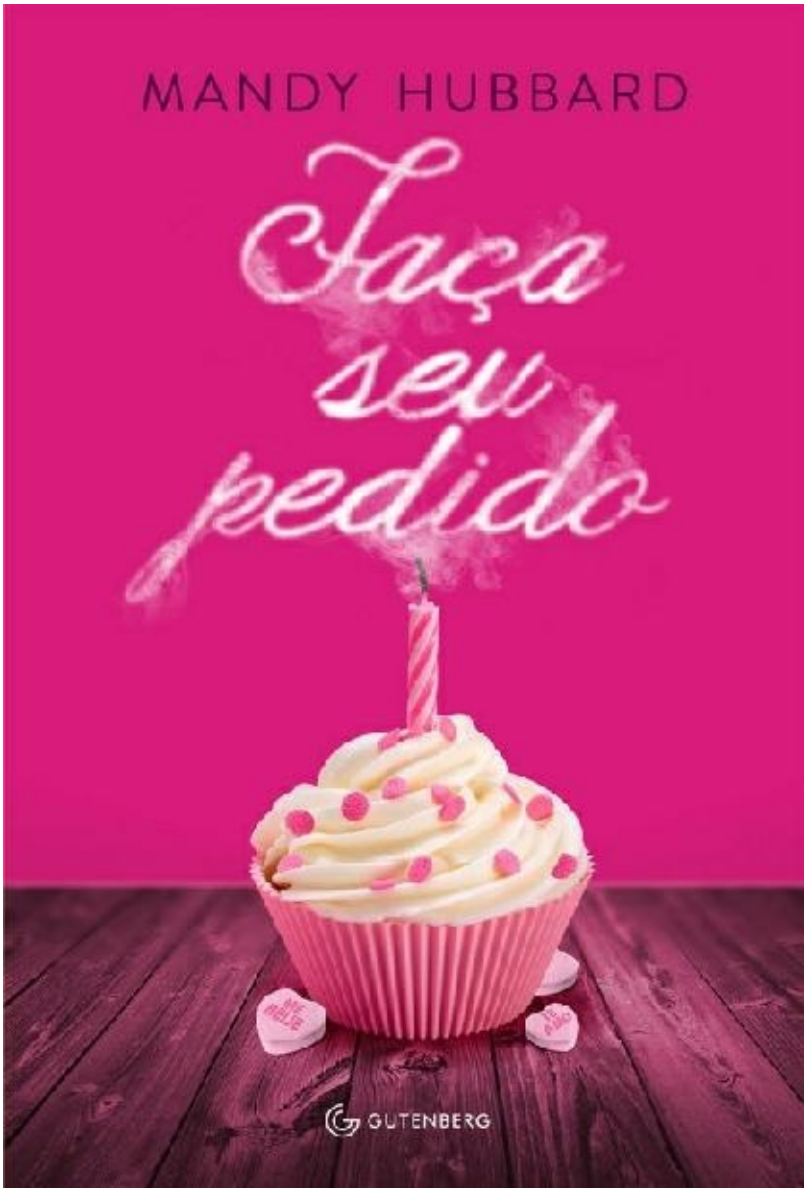
Faça seu pedido

Mandy Hubbard


MANDY HUBBARD
Faça seu pedido
GUTENBERG


MANDY HUBBARD
Faça seu pedido
GUTENBERG



Copy right © 2010 Mandy Hubbard

Copy right © 2010 Razor Bill, um a divisão da Penguim Young Readers Group
Copy right desta edição © 2013 Editora Gutenberg TÍTULO ORIGINAL: ...*You Wish*

Revisado conform e o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde j aneiro de 2009.

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhum a parte desta publicação poderá ser reproduzida, sej a por m eios m ecânicos, eletrônicos, sej a

via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

PROJETO GRÁFICO DE CAPA

Diogo Droschi

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Waldênia Alvarenga S. Ataíde

TRADUÇÃO

Ana Paula Corradini

PREPARAÇÃO

Karina Danza

EDIÇÃO DE TEXTO

Ab Aeterno Produção Editorial

REVISÃO

Camile Mendrot

Lílian de Oliveira

EDITORA RESPONSÁVEL

Rejane Dias

PRODUÇÃO DO E-BOOK

Schaffer Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Hubbard, Mandy

Faça seu pedido / Mandy Hubbard ; tradução de Ana Paula Corradini. -- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2013.

Título original: You wish.

ISBN 978-85-6538-374-5

1. Ficção - Literatura infantoj uvenil I. Título.

12-09001

CDD-028.5

Índices para catálogo sistem ático:

1. Ficção : Literatura j uvenil 028.5

2. Ficção : Literatura j uvenil 028.5

A **G UT ENBERG** É UMA EDITORA DO **G RUPO AUT ÊNT ICA São Paulo**

Av. Paulista, 2.073, Conj unto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj . 2.301

Cerqueira César . 01311-940

São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

Belo Horizonte

Rua Aim orés, 981, 8º andar

Funcionários . 30140-071

Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3214 5700

Televendas: 0800 283 13 22

www.editoragutenberg.com .br

Para Brooke.

Que todos os seus desej os se realizem ,

contanto que você não queira um cachorrinho.

Sum ário

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

Agradecim entos

1

As pessoas dizem que sou alguém do tipo “copo m eio vazio”. Eu acho que elas estão

certas, porque eu nunca entendi com o é possível enxergar o copo m eio cheio quando está na

cara que está faltando algum a coisa. Mas, pensando bem , talvez sej a porque passei o últim o verão

trabalhando num a lanchonete, e um copo m eio vazio queria dizer que eu estava atrasada com o

serviço.

Ou, então, talvez sej a a m inha natureza pessim ista, m as, quando estou na aula de Biologia,

duas carteiras atrás da m inha m elhor am iga, Nicole, não consigo parar de pensar no segredo que

ela obviam ente guarda. Estou segurando m eu lápis cheio de m arcas de dentadas, com o se

daquilo dependesse a m inha vida, enquanto a observo, quando deveria estar usando o coitado

para copiar o diagram a desenhado na lousa.

Na verdade, a Nicole, em toda a sua glória de “copo m eio cheio”, não é boa em guardar

segredos. Nesse m om ento, ela evita totalm ente o m eu olhar, e anota tudo, com o se a Biologia

fosse desaparecer num a liquidação de ponta de estoque; a ponta de sua botinha, de cano curto e

de cam urça cinza, super na m oda, batendo contra o piso bege m ais rápido que o batim ento

cardíaco de um beij a-flor. Ela brinca com seu cabelo loiro e com prido, j ogando-o na frente do

rosto, para que eu não vej a a expressão de seus olhos azuis.

Eu ainda não decidi se vou perguntar ou não a ela o que está rolando. Minha festa de

aniversário é hoj e à noite e o segredo dela pode ser algum a coisa incrivelm ente espetacular, o

que significa que seria m elhor que fosse um a surpresa.

Mesm o assim , isso m e leva de volta ao “copo m eio vazio” e ao fato de que eu duvido m uito

de que sej a algo espetacular. A Nicole é um a dessas pessoas fáceis de ler, com o um livro aberto.

E, nesse m om ento, o livro está aberto na definição de “nervosa”. O restante da classe está caindo

de sono, os alunos estão debruçados sobre carteiras e cadernos. Na verdade, eu tenho certeza de

que aquele cara no fundão, com m oletom de capuz azul-escuro, está dorm indo m esm o.

Mas não a Nicole. A Nicole está irradiando m ais energia que um a criancinha de dois anos

que se entupiu de açúcar. Ela finalm ente levanta a cabeça e olha de relance para m im , e aqueles

olhos azuis sensacionais se arregalam quando ela vê que a estou encarando. Ela volta para o

caderno, rabiscando algum a coisa, furiosam ente. Ou ela está anotando tudo ao pé da letra ou está

escrevendo o próxim o Guerra e paz.

Suspiro e volto a prestar atenção no Sr. Gordon, que está nom eando cada parte do desenho

de um a célula. As palavras em giz verm elho desbotado estão apertadas e tortas, quase ilegíveis.

Seu colete de lã xadrez azul e verm elho está levem ente torto, e ele sua e enxuga as sobrancelhas

grossas e grisalhas com as costas da m ão a todo m om ento.

Parei de ouvir em algum ponto perto da m itocôndria, e então agora estou perdida, sem

esperanças. Ter Biologia com o prim eira aula do dia deveria ser contra a lei; até parece que m eu

cérebro está a todo vapor, às sete e cinquenta da m anhã.

Disfarço um bocej o e olho pela j anela, rezando para algum a coisa m uito doida acontecer,

com o o salgueiro gigante e pelado do j ardim sim plesm ente tom bar. Ou talvez a m enina do nono

ano, que está correndo pela gram a, escorregar em um a das folhas alaranj adas cobertas de orvalho

e cair, e assim eu teria de sair correndo e ir até lá para checar se está tudo bem .

Qualquer coisa

seria m elhor do que ficar plantada aqui. Só faz um m ês que com eçam os nosso

prim eiro ano do

ensino m édio, porém cada dia j á está m ais devagar que o outro. E a voz m onótona do Sr. Gordon

e o giz fazendo um barulho estridente na lousa, o que m e dá arrepios, não estão aj udando em

nada.

Eu m e abaixo e coço m inha perna por cim a da m eia-calça arrastão. Tem um a costura na

parte interna do j oelho que está m e deixando m aluca. Eu nunca usei essas coisas antes e j á estou

m e arrependendo. Acho que vou tirá-la no banheiro.

Não é que eu tenha decidido ser gótica, nem em o, nem nada dessas coisas, tam bém . Eu

sim plesm ente não gosto de ser com o as ovelhinhas bem -com portadas do topo da pirâm ide social

aqui da escola. Na prim avera do ano passado, quando com eçaram a passar na TV aqueles

com erciais de vestidinhos de verão da Old Navy, todas elas apareceram com o um a vitrine de

fem inilidade nas cores do arco-íris. Eu consigo prever as roupas que elas usarão com o se tivesse

um a tabela dos horários das m arés. Só preciso de um a loj a da Gap e um a edição da Seventeen para

saber tudo o que elas usarão em todos os dias da próxim a sem ana.

Às vezes, quando m e sinto bem coraj osa, até passo e digo “béééé” para elas, apesar de

ninguém entender m uito bem o que estou fazendo. Geralm ente, a Nicole se esconde atrás de

um arm ário ou de um a das vitrines de troféus nos corredores e m orre de rir, pedindo para eu

continuar.

Então, eu com prei essa m eia-arrastão para usar com o m eu vestido da Old Navy, e a diferença

é que com prei o vestido de m arinheira listrado azul e branco, que estava com cinquenta por

cento de desconto duas sem anas depois, pois não tinha feito sucesso. E, com certeza, existe um a

razão para ninguém com prar aquele vestido, pois, cada vez que o coloco, tenho a im pressão de

que alguém vai berrar “esfregue o deque, m aruj a!”.

Além disso, com o agora não é m ais verão e j á entram os no outono, está fazendo friozinho lá

fora. Eu deveria ter vestido um a legging, e não um a m eia-arrastão, principalm ente das do tipo que

m e dão um a coceira irritante.

Abro m eu fichário e pego o passe que m e dá perm issão para andar no corredor.

Eu consegui

passar quase o m ês inteirinho sem usá-lo, o que vale dez pontos extras, pontos que m e serão bem

úteis. Mas conforto vale uns cinquenta m ilhões de pontos, e vou usá-lo de um a vez.

Ando em direção à porta e coloco m eu passe na urna, e então vou para o

banheiro, m eus All

Star pretos sem dar um pio no corredor acarpetado. Meus pés são a única parte do m eu corpo que

estão se sentindo realm ente confortáveis, m as estou prestes a dar um j eito nesse problem a. Eu sei

que dizem por aí que você tem de fazer sacrifícios pela m oda, m as tenho certeza de que isso só

conta quando você está tentando ser fashion de verdade.

Estou quase chegando à porta grossa de m adeira quando ela se abre e m e pega bem na

canela. Parece que a m inha perna inteira se espatifou.

— Ai!

Pulo para trás, só esperando o sangue j orrar a qualquer m om ento. Minha

panturrilha latej a

de dor enquanto dou uns pulinhos — e uns uivos tam bém . Eu sei que tenho um a tendência

m elodram ática forte, m as, cara, doeu m esm o.

Janae Crawford, a rainha da panelinha dos vestidos Old Navy e a pessoa m ais m alvada que j á

conheci, surge de dentro do banheiro e m e lança um olhar de tédio. Eu acho que passar por

cim a de todas as colegas de escola não é m ais tão em ocionante para ela.

Hoj e, ela está usando um a calça j eans tão j usta que ela deve ter precisado de um a calçadeira

de sapato para entrar naquilo (se é que não existe um a “bundaçadeira” ou coisa

do gênero) e duas

cam adas de regatinhas de renda com um a blusinha de lã rosa-shocking por cim a.

E, para

arrem atar, um colar de pérolas tão com prido que chega ao um bigo dela. Até parece que as

pérolas deixarão esse visual m ais “classudo”.

O olhar de “nem -te-ligo” dela se transform a em um sorriso surpreso quando seus olhos

viaj am ao longo das m inhas pernas e observam a m eia-arrastão.

Eu resm ungo por dentro e m esm o assim não a deixo perceber que estou preocupada com o

que ela dirá em seguida. O segredo de ser um a ovelha negra é agir com o se você am asse cada

m inuto do dia, m esm o quando a m ais branquela das ovelhas brancas está prestes a rasgar você em

pedacinhos.

— Ai, desculpe, m as j á é Halloween? — Ela m exe a cabeça do j eito m ais irritante do m undo

quando fala. Faz com o se estivesse em um program a de entrevistas desses que passam à tarde na

TV, dizendo: — Ah, não, não acredito!

— Ó de bordo, ô tá se achando! — bato continência para ela, tirando o m aior sarro, e passo

por ela indo em direção à pia.

Ela só vira os olhos.

— Ai, você é tão esquisita.

Dou um tapão no peito, bem em cim a do coração, tentando parecer o m ais teatral possível.

— Ah, é o escorbuto — digo, entortando a boca para o lado e em purrando um a sobrancelha

para baixo, até quase fechar o olho.

Esta frase provavelm ente não faz sentido algum , e a Janae faz um barulho que parece um a

com binação de um a bufada com um gargarej o e então passa por m im , dando um encontrão no

m eu om bro e m e fazendo bater na parede de laj ota cinza.

Eu grito para ela:

— Quer dizer que a guerra de travesseiros de hoj e à noite está cancelada?

Nem sei de onde veio isso, m as pelo olhar que ela m e lança antes de bater a porta, acho que

consegui um a vitória. Mesm o com a porta fechada, consigo ouvir suas sandálias de plataform a

grossa, enquanto sai m archando, fazendo barulho o bastante para ressuscitar os m ortos.

Rio sozinha quando entro num a cabinezinha do banheiro, m as agora sei que não posso tirar

a m eia-arrastão. Não vou dar esse gostinho para ela nem a pau, m esm o que o fato de eu querer

trocar de roupa não tenha nada a ver com ela. Saco! Agora, perdi m eus pontos de crédito extra e

m inhas pernas ficarão coçando o dia inteiro. Mas que m aravilha de dia!

E eu j á falei que hoj e é m eu aniversário? Bom , é. Tenho, oficialm ente, dezesseis anos! Um a

idade bonitinha? Não exatam ente. Eu parei de ser bonitinha quando larguei m ão de m ascar um a

m ontanha de chicletes de bolinha todos os dias, ainda no ensino fundam ental.

Cada aniversário parece pior que o anterior. Quando eu fizer dezessete, provavelm ente

entrarei num a crise de m eia-idade.

Dou descarga e vou para a pia. Não estou com a m ínim a vontade de voltar para a próxim a

aula, que é de História, então passo m ais ou m enos uns cinco m inutos inteirinhos lavando as

m ãos. Alguns fios de cabelo castanho escaparam do m eu rabo de cavalo, ainda úm ido do banho.

Passei m aquiagem de palhaça, porque nem um rím el de m arca carérrim a deixaria m eus olhos

castanhos m ais interessantes, e m eus lábios finos não ficarão m ais carnudos, não im porta o

quanto eu gaste de gloss. Meu vestido fica m eio pendurado em m im , porque eu sou m agra

dem ais e tenho peito de m enos para ficar bem nele.

Antes de dizer que odeio m inhas orelhas tam bém , Nicole entra pela porta, as botinhas de

cano curto batendo no piso branco do banheiro.

— Ah, que bom ! — diz ela ao m e ver, com o se nem tivesse passado a aula de

Biologia m e

ignorando.

— Oi — falo, pegando um as toalhas de papel grossas. — E aí?

Nicole vai até a pia e com eça a lavar as m ãos, apesar de nem ter usado o banheiro ainda.

Muito suspeito. Então, inclina-se para a frente, até sua franj a loira cair sobre seus olhos e ela não

precisar olhar para m im . Eu vej o as argolas de prata em seus pulsos flutuarem , enquanto ela

m antém as m ãos debaixo da água. A Nicole ficou tão alta no verão passado que agora tem de se

inclinar para a frente. Ela ainda está se acostum ando com o seu guarda-roupa gigantesco de

outono, e os j eans de hoj e parecem valer duzentos dólares de perfeição.

— Nada de m ais. — Ela com eça a em purrar o porta-sabonete líquido sem parar, até o

sabonete escorrer em suas m ãos.

Eu paro de olhar para ela e finj o arrum ar m eu rabo de cavalo.

— Nem quero ver o que acontecerá hoj e à noite. De verdade. Eu queria que m inha m ãe

cancelasse tudo. Vai ser tão ridículo.

Ela olha para m im através do espelho. Percebo que sua pele está linda hoj e, quase brilhando,

só um as m anchinhas no queixo e um a no nariz. A m ãe dela provavelm ente a

arrastou para o

derm atologista, o que faz parte da m issão sem -fim de acabar com a acne da Nicole.

— Ah, e sobre isso... — com eça ela.

Olho nos olhos dela e espero que ela term ine a frase.

— Eu m eio que esqueci que sua festa era hoj e. Quer dizer, só esqueci, tipo, um segundo. Eu

saí com o Ben no sábado passado e ele teve essa ideia incrível de com em orar nossos três m eses de

nam oro e eu concordei, antes de perceber que era no m esm o dia que a sua festa

— diz ela, bem

rápido, e então abre a torneira com tudo; a água bate em sua m ão e com eça a espirrar bolhas de

sabão sobre a bancada da pia.

Meu coração se torce de um lado para o outro e cai para o m eu estôm ago. Logo antes do fim

das aulas, na prim avera passada, 1 Nicole com eçou a nam orar pela prim eira vez na vida. Por um

tem po, parecia que tudo continuaria um a beleza, m as então alguns m eses se passaram , as aulas

voltaram e agora, pelo j eito, não há espaço o bastante para um a m elhor am iga e um nam orado.

Aquela m enina tím ida que foi m inha m elhor am iga nos últim os seis anos finalm ente se assum iu

com o é, e fico m uito feliz por ela... Mas não sei o que isso significa para m im , se ela vai enj oar de

m im , seguir em frente, esquecer de m im . Porque eu sou a m esm a pessoa que

sem pre fui, só que

ela não é m ais.

E alguém tem de ceder.

Eu seguro na ponta da bancada, apesar de a superfície estar toda m olhada.

— Você está brincando, né?

Ela faz que não com a cabeça.

— Mas eu só vou chegar um pouquinho atrasada, j uro.

— Aonde vocês vão?

Ela provavelm ente tem um bom m otivo para aprontar essa. Com o se ela houvesse acabado

de descobrir que ganhou na loteria e tem de estar lá hoj e à noite para receber o cheque

pessoalm ente.

— Ele estava pensando em m e levar no Any a, aquele lugar de frente para o m ar, e você sabe

com o esse lugar deve ser legal, né? É o m eu prim eiro aniversário de nam oro de verdade e vai ser

super-rom ântico. Mas não vou se isso for um problem a. — Nicole está falando bem rápido, as

palavras fluem com o se estivessem caindo da ponta das Cataratas do Niágara. —

Mas ele está

treinando pesado na pista de corrida ultim am ente, e agora que as aulas com eçaram a gente nem

se vê direito; eu quero m uito ir. Não quero dar um bolo nele.

Tudo o que consigo fazer é olhar fixam ente para ela. Parece tão errado ela pedir perm issão

para m e deixar de lado, com o se não tivesse j eito algum de recusar sem ser um a criançona

com pleta.

Respiro fundo, bem devagar, esfregando os olhos.

— Você sabe que estou odiando a ideia dessa festa, Nicole. É verdade, eu tam bém não iria à

m inha festa, se pudesse. Mas com o vou sobreviver a essa tortura se você não estiver lá para rir de

tudo com igo?

Esse é o problem a sobre a m inha festa de dezesseis anos:2 m inha m ãe é quem quer a festa,

não eu. Ela é organizadora de eventos e fala da m inha festa de dezesseis anos há uns m ilênios.

Quando eu era pequena, parecia m uito legal, e a gente ficava conversando até altas horas sobre

com o tudo seria lindo.

Mas as coisas m udam , as pessoas tam bém ; e um a festa cheia de frufrus para esta que vos fala

agora é o m eu pior pesadelo. Já faz m ais de um ano que não quero m ais essa festa — e que

prefiro um j antar tranquilo —, m as não adianta. Ela fará a festa para m im de qualquer j eito.

A pior parte disso tudo é que a Nicole é a única pessoa que convidei. Eu achei

que, com ela

para tirar sarro de tudo, até um show da Miley Cy rus seria suportável.

Minha m ãe, por outro lado, convidou todos os parentes que tem os e até os que não tem os,

com o os vizinhos e o m otorista do m eu busão. Fala sério: ela convidou o m otorista do ônibus

escolar. Então, esse lugar estará cheio de gente que eu não quero nem ver. E vai

ter brincadeiras.

Ah, as brincadeiras.

— A gente não vai perder a festa inteira, prom eto. Só a prim eira hora, no m áxim o. Mas só se

for tudo bem para você — prom ete Nicole.

Encaram o-nos por um tem po, a torneira aberta ao fundo, m inha m ão ainda segurando a

bancada. Minha noite com eça a se desenrolar na m inha frente, com o um deserto sem -fim .

Eu consigo sobreviver por um a hora, né? Sem dram as. A Nicole chegará antes de tudo ficar

insuportável, vam os rir dos enfeites ridículos, com er aperitivos sem graça, e será com o se ela não

tivesse perdido nada.

— Tá — concordo. — Consigo aguentar um a hora.

— Tudo bem ? Mesm o? — confirm a ela, com a voz um a oitava m ais alta. É

quase tão

estridente que só líderes de torcida seriam capazes de ouvir.

Eu faço que sim com a cabeça, enquanto m eu estôm ago se contrai. Ela se j oga em m inha

direção e m e abraça, besuntando m eu vestido de verão de m arinheira com suas m ãos cheias de

sabonete.

— Você é a m elhor das m elhores am igas — diz ela. — Eu prom eto: chego lá às dez.

Eu só faço que sim com a cabeça. Vou ter de encarar a situação e sorrir m ostrando todos os

dentes até ela chegar. Meu aniversário é só por um a noite.

O problem a, na real, é que eu sei que a Nicole está passando cada vez m ais tem po com o

Ben, e cada vez m enos tem po com igo, e não há nada que eu possa fazer sobre isso.

Mas isso nem é o pior da história.

Sabe o que é o pior disso tudo?

Estou total e perdidam ente apaixonada por Ben Mackenzie há três longos e dolorosos anos.

E ela nem im agina.

1 A história do livro se passa nos Estados Unidos, onde o ano escolar com eça em setem bro (por isso a personagem diz que está em setem bro e m al se passou um m ês de aula) e term ina em j unho, quando é prim avera no hem isfério Norte.

(N.E.)

2 Nos Estados Unidos, o aniversário de dezesseis anos de um a garota é um a

data m uito im portante e em blem ática. É com o o aniversário de quinze anos aqui no Brasil. Muitas vezes essa data é com em orada com um a grande festa. (N.E.) 2

Consigo ficar até o fim da aula de História sem ter um chilique, e então vou para a

aula de Trigonom etria e m e sento ao lado da carteira vazia do Ben. Por algum ato de Deus — ou

talvez do diabo, ainda não decidi —, a professora escolheu os lugares aleatoriam ente e acabei

ficando perto dele.

Há três m eses e quatro dias — dia 19 de j unho, para ser m ais exata —, eu teria m orrido de

alegria se m e sentasse ao lado do Ben. Quero dizer, finalm ente eu teria a oportunidade de falar

com ele.

Mas é claro que ele ter se tornado o nam orado da m inha m elhor am iga m eio que m udou

isso.

Eu nunca contei a ela sobre essa m inha paixonite. Se eu tivesse dito algum a coisa m eses

atrás, antes de ele sair com ela, talvez não estivesse m etida nesta confusão. Mas não falei nada.

É claro que eu j á tinha falado para ela com o o achava bonito, com o ele ficava lindo de j eans,

com o seus olhos azuis eram m aravilhosos. Mas nem em sonho eu poderia estar apaixonada

m esm o por um cara com quem m al tinha trocado seis palavras, né? O que m ais eu poderia ter dito

a ela? Que a gente tinha um a ligação m uito forte há bastante tem po, m as ele ainda não sabia?

Que eu tinha certeza, sem dúvida nenhum a, de que ele era a m inha alm a gêm ea?

Falou. É m ais fácil um pônei criar asas e voar. E é claro que a gente sem pre falava com o o

Ben era gostoso, m as eu nunca contei com o m e sentia de verdade, e foi assim .

Até o dia 19 de j unho.

Talvez 19 de j unho tenha sido o dia em que a Nicole decidiu que não queria m ais ser tím ida,

o m om ento da m udança. É m ais fácil enxergar tudo agora, olhando para trás, que existe a Nicole

de antigam ente e a nova Nicole, e 19 de j unho é o divisor de águas entre as duas.

Eu conheço a Nicole m elhor que qualquer pessoa no m undo, e então eu sei que, apesar de

parecer tím ida, depois que ela se acostum a com alguém , fica bem m ais divertida. E alguém a

colocou para ser parceira do Ben no pingue-pongue, e eles passaram duas sem anas j ogando

j untos.

Ainda acho estranho im aginar isso, m as, de algum a m aneira, ela tom ou coragem e o

convidou para sair. Ela provavelm ente vom itou as palavras com tudo e ficou

verm elha, m as o

convidou.

E ele aceitou.

Ela estava sorrindo de orelha a orelha quando m e contou, pulando de alegria, com o se

tivesse ganhado na loteria.

Eu não consegui contar para ela que tinha quase certeza de que estava apaixonada por ele

havia anos. E agora que o conheço m elhor — pela Nicole —, agora que eu e Ben conversam os e

brincam os na aula e ele m e conta tudo sobre seus encontros com ela, eu tenho m ais certeza

ainda. E tenho m ais certeza de que a gente com bina m uito.

Ben é “o cara” para m im . Meu par perfeito.

O problem a é que ele j á tem outro par, e agora eles estão com em orando três m eses de

nam oro. Três m eses são, tipo, um a década quando a gente está no ensino m édio.

Eu passei a

m aior parte do verão naquela lanchonete im becil, então não fui forçada a aguentar m om entos

lindos dos dois j untos.

Graças a Deus.

Pelos próxim os quarenta e cinco m inutos, vou segurar a respiração, m eu coração baterá

descom passado, e os pelos do m eu braço ficarão arrepiados. Essa é a m inha vida na órbita do Ben,

e é o ponto alto de todos os dias da m inha existência sem sentido.

Minha paixonite pelo Ben com eçou há alguns anos; no verão, depois do sexto ano.

Nicole e

eu estávam os no Flam ing Gey ser, um parque estadual que fica perto da nossa cidade natal,

Enum claw, um a cidadezinha a um a hora ao sudoeste de Seattle. O parque fica ao norte do Vale

de Green River, e é preciso pegar um as estradas com pridas e cheias de ventania para chegar lá. O

parque é cercado por pinheiros m ega-altos, em que o rio é largo e corre devagarzinho, perfeito

para nadar ou esquiar na água com um a boia de câm ara de pneu de cam inhão.

Num dia quente,

as m argens do rio ficam cheias de carros estacionados até onde a vista alcança.

Naquele dia, eu estava usando o últim o biquíni que com prei na vida, a parte de cim a era

um a cortininha m inúscula cor-de-rosa com bolinhas brancas, o tipo de coisa que eu preferiria

m orrer a usar hoj e em dia. Nicole usava um m aiô de velha — azul-m arinho liso, o tipo de coisa

que a equipe de natação da escola usaria. Naquela época, ela j á vestia sutiã tam anho P, e andava

com um a canga branca am arrada sobre o m aiô. Eu não falei que aquilo só a

deixava m ais peituda

ainda porque não queria que ela ficasse paranoica. Naquela época, ela era ainda m ais tím ida, e

tinha m edo de falar com qualquer outra pessoa além de m im .

Nicole queria passar a m aior parte do dia na praia, j iboiando, com endo salgadinho e lendo

um de seus rom ances. Naquela época, ela tom ava rem édio para acne, o que deixou a sua pele

supersensível à luz, por isso ela estava besuntada com a cam ada de protetor solar fator 60 m ais

grossa que eu j á vi. Ela ficou paranoica de tanto m edo de ir nadar e tudo aquilo sair na água.

Acho que a única coisa pior que ter o rosto cheio de acne é ter um rosto cheio de acne e

queim ado.

Eu, por outro lado, não aguentava ficar parada. Acho que se pode dizer que eu sou um pouco

im paciente, sem pre pronta para um a aventura.

Então, nadei para o outro lado do rio e escalei as m argens de barro m arrom averm elhadas,

segurando-m e nas raízes das árvores, e enfiando o pé na lam a escorregadia.

Apesar de o m eu

cabelo ainda estar pingando a água gelada, aquela trilha curtinha m e fez suar.

Mesm o no m eio

do verão, não fazia m ais que trinta e dois graus em Enum claw, m as, naquele

bendito dia, estava

fazendo uns trinta e seis.

Tem um penhasco de uns seis m etros de altura do outro lado do rio. O pessoal pula de lá de

cim a, m as você tem de m irar bem na água; senão, é capaz de bater nas pedras que ficam a uns

dois m etros de profundidade e quebrar um a perna.

Diz a lenda que alguém m orreu tentando pular dali, anos atrás. Ouvi dizer que a pessoa havia

bebido dem ais e pulou antes de todo m undo. Essa história assusta um m onte de gente, e todo

m undo fica olhando fixam ente lá para baixo por uns dez m inutos, só para desistir e descer o

m orro de novo.

Às vezes, os espectadores — ou as pessoas espertas o bastante para nem subirem no penhasco

— am arram suas boias na m argem e ficam só flutuando de bobeira ali, esperando para ver quem

tem coragem m esm o de pular e tirando um sarro da cara de quem não tem .

Naquele dia em que conheci Ben, ele estava lá em cim a com m ais três caras, todos

encarando a água lá em baixo com olhos cheios de preocupação. Acho que ele ainda não era tão

doido e ousado, não com o é hoj e. Eu não reconheci nenhum deles, nem o Ben, m as descobri

depois que estudavam na Thunder Mountain, outra escola de ensino fundam

ental da cidade.

Quando finalm ente percebi que eles eram um bando de m edrosos, fiquei com vontade de

sim plesm ente pular, sem falar nada, sem hesitar. E m ostrar para eles do que é que eu era capaz.

Mas eles estavam tão assustados que acabaram m e deixando com m edo tam bém , até o frio na

m inha barriga ficar do tam anho de um a geleira. Eu trem ia de leve, a água do rio ainda

escorrendo de m im , o sol bloqueado pelas árvores.

Quando Ben viu, m eio que deu risada para si m esm o e tentou disfarçar.

— O que foi? — Tive de colocar a m ão no m eu quadril ossudo encoberto pelo biquíni rosa.

Eu não tinha curvas. Nem naquele tem po, nem agora.

O cabelo do Ben era até m ais loiro que agora, clareado pelo sol e m ais com prido.

Um corte

m eio tigelinha, quase com prido o bastante para colocar atrás da orelha. Ele usava um a berm uda

azul e verm elha e era m agro, só com um a pista dos m úsculos que se desenvolveriam depois.

— Nada. — Ele cruzou os braços e se encostou em um a árvore perto da ponta do penhasco.

— Nada de m ais.

Meu coração parou de bater por um segundo quando aqueles olhos azuis intensos se viraram

para m im , desafiando-m e, forçando-m e a ir em frente, duvidando de m im .

— Está com m edo de eu m ostrar com o é que se faz? Você j á está aqui há m eia hora. —

Levantei um a sobrancelha, determ inada a não dem onstrar com o ele m e deixava m ais nervosa do

que despencar lá de cim a.

Ben não disse nada. Ele sabia que eu tinha razão.

Meus lábios se fecharam em um sorriso enorm e, e fui para a ponta. Os m eninos

se afastaram

um pouco, com o se eu fosse levar todo m undo com igo lá para baixo. Ou com o se m eu j eito

doido fosse contagioso. Parecia que m eu coração ia parar de bater quando olhei para além da

ponta do penhasco, e para aquele ponto tão pequenininho na água onde eu deveria m ergulhar.

De repente, eu entendi por que é que eles estavam plantados ali havia tanto tem po. Isso m e

lem brou daqueles desenhos em que os palhaços sobem um a escada que vai até as nuvens, e

então pulam em um baldinho de água.

Eu poderia ter dado m eia-volta e dito para os m eninos que estava tão assustada quanto eles.

Mas não falei nada. Pulei, planando pelo ar, e o rio Green River se aproxim ando dos m eus

pés. Quando caí no rio, a superfície gelada da água se fechou sobre m im , engolindo-m e, e eu

sabia que estava apaixonadinha por Ben e seu sorriso arrogante — m as lindo...

Havia algum a coisa

na m aneira com que ele m e desafiou, e m e olhou direto no olho, que encontrou um cam inho

até o m eu coração.

Passei o restante do dia vendo Ben e seus am igos nadando e brincando na água e rindo, e,

sim , um a hora eles finalm ente pularam lá de cim a tam bém . Acho que eles tinham de pular,

depois que sim plesm ente m e atirei do penhasco sem nem piscar.

Um m ês depois, ele se m udou para o outro lado da cidade, o que queria dizer que estudaria

na nossa escola, e não na Thunder Mountain, com todos os seus am igos.

Tínham os aula de

Inglês j untos. Mas ele não parecia se lem brar de m im , e, quando percebi isso, foi com o um a

facada dolorida no peito. Eu não consegui m e forçar a ir falar com ele quando nos sentam os a

m ilhares de carteiras de distância na sala, e as outras m eninas j á estavam caindo m atando em

cim a dele. Ele estava ainda m ais bonito nas roupas novas de outono que naquela berm uda

verm elha e azul.

Foi com o se aquele m om ento no rio, quando olham os fundo nos olhos um do outro, nunca

tivesse acontecido. Às vezes, fico pensando se é por isso que nunca contei nada para a Nicole

sobre essa paixonite. Talvez pela vergonha de aquele m om ento ter sido tudo para m im , e nada

para ele.

— Oi — cum prim enta ele três m inutos depois de se sentar na cadeira. Seu cabelo m eio loiro

está todo am assado com gel, e sua pele tem um bronzeado natural. Até aquela cam iseta enorm e e

a calça j eans larga não conseguem esconder seu corpo agora m usculoso, que ele conquistou com

um a com binação de treinar pesado durante o verão todo, aj udar o pai no negócio de paisagism o

e correr de m otocross sem pre que pode.

Mais um a coisa legal sobre o Ben: ele adora andar de m oto na lam a. E ele é m uito bom ,

incrível m esm o. Eu poderia ficar vendo ele na pista o dia inteirinho. Ele tem um a m oto am arela

brilhante e, toda vez que voa com ela, m eu coração pula com ele. É hipnotizante!

Algum dia ele

vai virar profissional e ter um m onte de patrocinadores.

— Oi — respondo eu, sem levantar os olhos da lição de casa do dia anterior.

Em um dia norm al, a gente troca pelo m enos setenta e três palavras, o braço dele encosta no

m eu sete vezes, e o j oelho dele entra em contato com o m eu ao m enos em três

ocasiões. Ele olha

no m eu olho e sorri pelo m enos um a vez, um sorriso que m e garante em m eio segundo que a

gente form aria um casal perfeito.

Se ele não fizesse parte do que possivelm ente j á é um casal perfeito.

Eu suspiro para dentro pelo m enos um a vez por m inuto e suspiro alto, sem querer, pelo

m enos um a m eia dúzia de vezes. Fico im aginando o rosto da Nicole m ais vezes que o necessário,

tentando m e lem brar por que é que não posso paquerar esse m enino. Talvez eu devesse achar

irônico que a única razão pela qual não posso sair com ele é, na realidade, a única razão pela qual

ele agora sabe quem eu sou. Se ele não estivesse nam orando a Nicole, tenho certeza de que não

m e reconheceria em um a m ultidão.

Ele se inclina para perto de m im .

— Por que os vendedores de peixe são ótim os m arqueteiros?

Mordo o lábio e olho para a frente, pensando.

— Não tenho a m ínim a ideia.

— Porque eles têm de vender o próprio peixe — responde ele, batendo na m esa.

Ben e eu tem os o m esm o terrível senso de hum or. Gostam os de contar piada. E, quanto pior,

m elhor. Mas aquela piada ia m uito além de tudo o que é tosco nessa vida.

— Tenho um a m elhor: por que a laranj a foi ao m édico?

— Para doar vitam ina C?

Eu só olho para cim a.

— Porque não estava descascando direito.

Ele dá um a risadinha.

— Legal. Você ganhou.

Eu sorrio e olho nos olhos dele. Isso faz m eu coração se contrair um pouco. Ele é lindo

dem ais para se descrever com palavras. Sua pele, bronzeada e perfeita, o j eito com o sua cam iseta

desbotada fica presa aos m úsculos, que parecem se esticar com força por cim a dos om bros, os

calinhos na m ão...

— Então vocês dois vão j antar em um restaurante chique hoj e à noite, hein?

— É. Pelo j eito a com ida é incrível e tem um a vista bonita do m ar. Acho que deve ser um

lugar legal. A Nicole está em polgada.

— Legal — falo, e olho de volta para a m inha lição de casa.

— Legal m esm o? Eu não sabia do seu aniversário até hoj e... A gente pode rem arcar... — Ele

aj usta seu relógio prateado no pulso, e seu braço encosta no m eu pela prim eira vez hoj e.

Abano a m ão, com o quem diz que isso não tem im portância nenhum a, apesar de um lado

irracional m eu querer que o Ben soubesse que hoj e é m eu aniversário. O dele é no dia 6 de

m arço. Faz dois anos que eu sei, desde que ouvi um dos am igos dele desej ar

“feliz aniversário”

no corredor perto do ginásio da escola.

— Não é nada. Eu faço aniversário todo ano. Mas vocês só poderão com em orar esse

aniversário de três m eses de nam oro um a vez.

Eu m e abaixo e coço a costura da m inha m eia-arrastão de novo. Está m e deixando louca.

Preferiria ter um a centena de form igas m archando pela m inha perna direita agora a ter de usar

essa m eia por m ais um m inuto. Eu m e abaixo de novo e faço um furo, para que a costura não

fique m ais encostada no m eu j oelho.

Quando olho para cim a e para Ben, ele está m e encarando com aquelas sobrancelhas escuras

e perfeitas erguidas; seus olhos, de um azul profundo, estão fixos na m inha m eia-calça.

Eu dou um sorriso, m inhas bochechas esquentam .

— Desculpa. Essa coisa aqui está m e deixando m aluca.

Ele dá de om bros, escorrega um pouco na cadeira e estica suas pernas esguias à

sua frente. O

j oelho dele bate no m eu. Duas vezes.

— Mas essa m eia é sexy, né?

Ah, não, não acredito. Ben nunca m e elogiou, nunca em um m ilhão de anos. Ele guarda

todos os elogios para a Nicole.

De repente, eu queria não ter feito um buracão na m eia, e bem no j oelho, enquanto faço

que não com a cabeça. “Não cobiçai o nam orado da m elhor am iga.”

— Então, você fez a lição de casa? — pergunto, forçando-m e a voltar para tópicos de conversa

m ais seguros.

Ben abre o fichário e dá um a batidinha na lição de casa, guardada no bolso da capa. Seu

braço toca o m eu de novo.

— Quase. Eu term inei os dois últim os problem as na sala de aula.

A Sra. Vickers finalm ente anda até a frente da sala de aula, dez m inutos exatos depois que o

sinal tocou. Ela com eça o dia anotando nossas tarefas na lousa, e todo m undo resm unga ao ver

que ela está passando m ais trinta problem as.

Para am anhã.

Ben se inclina para perto de m im , tão perto que eu consigo sentir o cheiro do seu perfum e.

O arom a m e envolve e eu preciso m e forçar a m anter os olhos abertos, em vez de fechá-los e

respirar bem fundo e devagar.

— Essa m ulher está tentando m atar a gente — reclam a ele. — Sua respiração é m orna, ao

atingir m eu pescoço, e tem cheirinho de hortelã. Se eu virasse o rosto, só um pouco, m eus lábios

encostariam nos dele, e eu finalm ente saberia com o é beij ar o Ben.

Mas, em vez disso, eu sim plesm ente faço que sim com a cabeça e olho fixam ente para a

professora, com o se não tivesse noção de que estava m ais pertinho dele naquele m om ento do

que em qualquer outra oportunidade na vida.

E não tenho m esm o. A m enor noção.

Porque ele é o nam orado da m inha m elhor am iga.

3

Quando m eu irm ão bate à porta do m eu quarto pela terceira vez naquela noite, j á estou sem desculpas para enrolar m ais. Não tenho escolha a não ser descer a escada e encarar a

m ultidão de pessoas que se j untaram para o m eu aniversário de dezesseis anos.

Eu j á estava

ouvindo o burburinho e rezando para a m inha m ãe ter ficado tão ocupada planej ando a festa que

nem se lem brasse da m inha presença com o um elem ento obrigatório.

Não estou usando a roupa que ela escolheu para m im . Era “m enininha” dem ais.

Ela sabia

m uito bem que não adiantava nada com prar um vestido cor-de-rosa, m as a saia

azul tinha um as

flores brancas m eio havaianas e uns babados assim étricos. E ela com prou sapatos de salto para

m im .

Vou com o vestido ou com o sapato de salto, m as usar os dois, nem pensar. Não estou a fim

de encarar um a discussão gigante, então espero que ela se conform e com o fato de que pelo

m enos eu não estou usando m eia-arrastão e que aqueles sapatos de salto brancos e ridículos

com binam com m eu vestido de verão de m arinheira. Eu m orro um pouco por dentro enquanto

afivelo as tiras ao redor dos m eus tornozelos.

Faço um a análise do resultado no espelho. O sapato de salto acaba com o lado irônico e

rebelde do m eu vestido de m arinheira e faz parecer que eu realm ente m e levo a sério. Parece

que estou incorporando um catálogo da Ralph Lauren. Daqueles que têm cavalos de j ogo de

polo e iates. Desfaço o rabo de cavalo e penteio o cabelo, para tentar tirar a m arca do elástico, e

agora m eu cabelo cai pelos m eus om bros com o se fossem m oitas gigantes e horrorosas. Eu nunca

uso o cabelo solto porque eu odeio m eu cabelo. Não tem form ato, nem cor definida, nem

cachos.

Pisco para m im m esm a no espelho. Falo com um sotaque bem ridículo, do interior:

— Ô, m inina, m as que vistido horroroso, né!

E então, em um estilo digno de m ano:

— Meu, que salto ridículo, m ina!

Apesar de geralm ente preferir tirar sarro de outras pessoas, não é que essas

vozes m e fizeram

sentir m elhor de verdade?! Suspiro e m ostro o dedo m édio para m im m esm a pelo espelho, e

então decido que é agora ou nunca. E com o “nunca” m e deixará de castigo, agora é hora de

ceder.

Abro a porta para ver m eu irm ão m e esperando no corredor, o celular grudado à orelha. Acho

que ele está falando com sua nam orada-de-longa-distância. Não sei por que ela ainda não deu

um pé na bunda dele, j á que ele desistiu da faculdade e m ora a algum as centenas de quilôm etros

dela.

Além disso, m eu irm ão não é m uito bonito, se você quer saber. Ele tem o m esm o cabelo

castanho m édio que eu, ou sej a, nada de especial. Minha m ãe tem um cabelo castanho-escuro

lindo, e a gente acabou ganhando um tom entre o dela e um a cor loira, que é totalm ente sem

graça. Ele agora está com esse corte de falso m oicano. O nariz dele era retinho, com o o m eu, m as

agora tem um a bolinha na ponta, à la Owen Wilson, porque ele tom ou um a bolada na cara em

um j ogo de futebol, ou pelo m enos é isso o que ele diz. Eu ainda acho que é um a desculpinha

por ter levado um soco ao tentar roubar a nam orada de outro cara.

Nós dois tem os lábios m eio finos (droga!) e, m esm o se eu passar um quilo de gloss, os m eus

ainda não parecerão nem um pouco beij áveis.

Nós dois tam bém tem os o peito reto. Acho que ganho dele com um centím etro e m eio a

m ais nesse departam ento. Totalm ente patético!

— A m ãe falou que se eu conseguir fazer com que você desça agora, poderei usar a

cam inhonete am anhã.

— Você diz isso para m e servir de estím ulo?

Ele deixa a cabeça cair de lado e m e lança aquele olhar de “bem que eu queria ser filho

único”.

— Ela não vai deixar você ignorar a festa inteira, então vá lá para baixo e poupe todo m undo

de m ais um a dor de cabeça, tá?

—Argh!— Olho para cim a e passo pisando firm e pelo m eu irm ão, indo para o corredor e

escada abaixo, rum o à sala de estar. Quando m e vej o de pé no j ardim , sinto-m e com o se tivesse

saído de casa e entrado em um film e da Selena Gom ez. Nem consigo reconhecer o lugar. Em

um dia norm al, nossa indescritível casa fica em poleirada no m eio de um terreno grande de

esquina, o gram ado verde perfeito em oldurado por um a cerca alta de cedros.

Hoj e, no entanto, em vez da vastidão gram ada e vazia, há um a tenda enorm e lá no m eio,

com fios cheios de luzinhas cor-de-rosa e brancas penduradas entre a tenda e a casa. Há flores corde-rosa pendentes da cerca de cedros e um tipo de fonte de ponche perto da

porta, j á bom beando

litros e litros de um líquido tam bém cor-de-rosa. Confetes cor-de-rosa e branco decoram as

m esas.

Um DJ está tocando m úsica pop m uito, m uito ruim sob a tenda, e tem um a luz estroboscópica e um globo espelhado piscando no chão vazio. Mesas redondas, cercadas por

cadeiras brancas de dobrar, espalham -se por toda parte, cada um a com um arranj o floral... cor-de-rosa, lógico.

Minha m ãe é um a daquelas m ulheres m egafem ininas, que am am cor-de-rosa.

Depois que o

m eu pai saiu de casa, ela reform ou totalm ente a suíte colocando papel de parede cor-de-rosa,

com um m onte de alm ofadas e travesseiros brancos e cor-de-rosa sobre o

edredom xadrez cor-de-rosa e am arelo.

Em outras palavras, a gente não se entende. Nem um pouco.

Ela j á m e falou um as cem vezes com o nunca teve um a festa de aniversário de dezesseis anos.

E agora eu acho que, se ela tivesse tido um a festa, seria exatam ente assim .

Fico m e perguntando a quantos episódios de Sweet Sixteen ela assistiu para conseguir m ontar

tudo isso.

Sério. Isso aqui é m eio... exagerado, m esm o para a m inha m ãe.É tipo High school m usical.A

versão pré-fabricada de um a festa de dezesseis anos. Basta adicionar água. E, é claro, um a

aniversariante que trabalhe para a Disney, não essa plantada no j ardim agora m esm o, encarando o

DJ de m eia-idade.

— O que você achou, querida? — pergunta m inha m ãe, aparecendo ao m eu lado de

repente, com o um m ágico, m as sem a nuvem de fum aça. Minha m ãe norm alm ente planej a bar-m itzvás e eventos em presariais. Ficou claro que essa festa está bem fora da zona de conforto dela,

e, pela tensão em sua voz, ela tam bém sabe disso. — Bom , você sabe que nunca planej ei um a

festa de aniversário de dezesseis anos antes, então vai ter de m e desculpar se nem todos os

detalhes estão certinhos. Mas m e avise e pode deixar que arrum o tudo o que puder, com binado?

Credo. Quanto m ais ela tenta, m ais sem graça eu fico. Pisco algum as vezes e fico olhando

para o j ardim . Ou para aquilo que era o j ardim . Tem convidado para tudo quanto é canto, m as só

reconheço uns gatos pingados. Com eço a pensar que m inha m ãe colocou algum a coisa do tipo A

garota de rosa-shocking nos convites, porque está rolando um a m odinha cor-de-rosa acim a da

m édia entre os convidados.

— Ah, tá, hum ... ótim o. — Eu m ordo o lábio. Tenho certeza de que nem conheço algum as

pessoas. — Quem é aquele ali? — pergunto, apontando com a cabeça para um cara alto de terno

com um a gravata rosa-shocking e um lencinho com binando, gritando de dentro do bolso. Ele

está usando óculos de aro grosso, e seu cabelo grisalho está penteado para trás de um j eito nada

fashion. Os acessórios cor-de-rosa deixam o cara ainda m ais engraçado. Ele não parece estar

pronto para cair num a festa, m as para negociar um a porcentagem m elhor para pagar o

financiam ento de sua casa.

— Ah, eu convidei alguns clientes. Esse m ercado de festas de aniversário de dezesseis anos é

gigante, e eu acho que posso fazer m eu nom e planej ando esse tipo de coisa tam bém , sabe? Você

não se im porta, né? — Seus olhos se atiram para os m eus em busca de aprovação. — Eu só achei

que, j á que daria um festão m esm o, podia m atar dois coelhos com um a caj adada só.

Meu coração m urcha. É tudo para o negócio dela.

Nas últim as sem anas, eu bem que tentei convencê-la a cancelar tudo e sim plesm ente ir

j antar no Red Robin, m as ela insistiu de um j eito m uito suspeito. E agora tudo faz sentido.

Entendi o porquê de ela precisar fazer esse evento. Para ela, só existem no m undo aquela

porcaria de agenda e o BlackBerry idiota.

Antigam ente, eu não m e im portava de ela estar tão envolvida com o trabalho. Se o telefone

tocava enquanto a gente j antava, eu nem fazia cara feia quando ela atendia —

apesar de não m e

deixar atender o m eu celular à m esa, nem o m eu irm ão. Acontece que, com o m eu pai tinha

sum ido por um tem po, ela ficou acabada, e se arrastou pela casa por m eses a fio.

Então ela se

j ogou com tudo na criação desse negócio para conseguir m andar de volta os cheques de pensão

alim entícia do m eu pai com um “recusado” bem grande rabiscado no envelope.

Na prim eira vez

em que ela conseguiu fazer isso, a gente saiu para com em orar.

Mas isso j á faz anos, e agora nada nunca é bom o bastante. Se ela vender o peixe em um

evento, então tem de planej ar m ais outro, e m ais um , até que todo dia da sem ana se resum a a

um a correria total. A geladeira está cheia de sobras de pizza e com ida chinesa que a gente pede, e

ela m al dorm e em sua cam a. Acho que ela nem teve tem po para relaxar naquela j acuzzi gigante,

que ela viu num a revista de decoração e m andou instalar na suíte.

Eu só dou de om bros, engolindo as palavras que queria dizer. Não vale a pena brigar com

ela. Eu só preciso sobreviver a essa noite e fingir que essa festa ridícula nunca aconteceu. Em

um a hora, a Nicole estará aqui e poderem os nos divertir.

— Tudo bem .

Ou, pelo m enos... estava tudo bem . Até eu ver um a m ulher m agrela e baixinha vindo em

m inha direção, com um sorriso no rosto de cegar qualquer um . Ela está usando um a calça cáqui

im pecável e um a blusa com estam pa rosa-shocking, o cabelo com um penteado que deve ter

exigido pelo m enos m eio litro de laquê. Ela ainda está a uns bons dez m etros de distância, m as j á

abre os braços para abraçar m inha m ãe.

Mas não é a m ulher que m e preocupa. É a m enina atrás dela, de braços

cruzados e com os

sapatos pretos de am arrar na canela com os saltos afundando na gram a. Ela não está usando nada

cor-de-rosa, só um a blusa frente única preta e um j eans caro e com m odelagem perfeita.

Eu engulo em seco, tentando m anter a calm a enquanto a am eaça à m inha existência olha

para cim a e para os m eus olhos.

Ela dem ora um pouco para perceber que sou eu no j ardim , m as, quando cai a ficha, sua cara

feia se transform a em surpresa... E, depois, em satisfação.

Estou tão ferrada.

Minha m ãe sorri ao ver a m ulher.

— Jean! Que ótim o que você pôde vir.

A m ulher dá aqueles beij inhos no ar esquisitos ao cum prim entar m inha m ãe, com o se

estivesse na França ou sei lá onde, e m inha m ãe fica esperta e não perde a pose.

— Mas é claro! E que festa m aravilhosa, linda! Maravilhosa. Mas acho que vam os precisar de

m ais flores para a festa da Janae. E com entávam os agora m esm o que a fonte de ponche está um

pouco... fora de m oda.

Ai, m eu Deus. Elas estão criticando a m inha festa. Janae está ao lado da m ãe, os lábios

trem endo com o se ela não conseguisse acreditar com o tem sorte de estar aqui,

de m e ver nesse

vestido de m enininha e de acabar com a m inha tigela de ponche... quero dizer, com a m inha

fonte.

Minha m ãe está fazendo que sim com a cabeça, com o se concordasse que aquilo estava fora

de m oda m esm o. Mas eu sei que ela própria escolheu aquele troço, porque a ouvi falando sobre

isso ao telefone.

— Sim , a Kay la quis a fonte. Você sabe com o são as m eninas hoj e em dia, né?

Meu queixo cai, m as m inha m ãe nem percebe, pois j á se esqueceu de m im , de braço dado

com a Jean.

— A gente pode conversar sobre detalhes m ais específicos depois. Vocês vão ficar um pouco?

Eu queria discutir os tipos de tem a que poderíam os usar na festa da Janae. Ouvi dizer que um a

festa tipo “Crepúsculo” está super em alta. Poderíam os fazer algum a coisa com vam piros.

Engulo em seco de novo. Ela tem de estar de brincadeira com igo.

Janae dá um passo em m inha direção.

— Ah, claro, vam piros. Que sexy.

Minha m ãe sorri, não se ligando nem um pouco no tom sarcástico da voz da Janae.

Cadê a Nicole? Olho de relance para o m eu relógio. Ela prom eteu que chegaria um a hora

atrasada, no m áxim o. Isso quer dizer que tenho m ais dezesseis m inutos pela frente antes de ela

aparecer. Eu consigo sobreviver a isso tudo, certo?

Eu preciso voltar correndo para o m eu quarto e colocar um a calça j eans im ediatam ente para

ao m enos m e sentir norm al. Ficar plantada aqui com a Janae é com o ficar esperando em um píer

e só assistir enquanto um a onda tipo tsunam i vem a toda velocidade. Você sabe que ela acabará

com tudo, e não há nada que possa fazer, a não ser que um helicóptero m ágico apareça para

salvar você. E com o helicópteros m ágicos são tão prováveis quanto tirar um dez em Biologia e o

Ben declarar seu am or por m im , m inha perspectiva para esses próxim os m om entos é bem

som bria.

— Vam os deixar as m eninas conversarem , enquanto eu lhe m ostro tudo. Assim , poderem os

falar sobre as suas opções — convida m inha m ãe, j ogando-m e aos leões.

Eu fico assistindo as duas se m isturarem à m ultidão, pensando quando exatam ente perdi toda

e qualquer esperança de m e divertir nessa festa. Acho que foi em algum m om ento entre o

terceiro ano na escola e cinco segundos atrás.

— Que festinha legal. Pena que perdi aquela brincadeira de colocar o rabo no burro. —

Janae aponta para a tigela, ou m elhor, fonte de ponche, e para as rosas tam bém .

— Mas isso aqui

explica m uita coisa.

Eu ranj o os dentes. Não adiantará nada dizer para ela que foi tudo ideia da m inha m ãe,

porque aí parecerá que tenho doze anos de idade.

O m ais bizarro é que eu j á quis ser am iga da Janae. No ensino fundam ental, ela era apenas

um a m enininha gente boa e norm al. Um a vez, eu a vi no parquinho, tentando levar um filhote

de passarinho caído no chão de volta para o ninho. Nós j untam os forças e ela distraiu o servente

enquanto eu peguei “em prestado” um banquinho, depois saí correndo com ele.

Fiquei

segurando o banquinho bam bo quando a Janae subiu nele para colocar o passarinho de volta no

ninho, e então a gente se deu tapinhas nas costas por nossa dedicação ao bem -

estar dos anim ais.

Por algum tem po as coisas foram diferentes do que são hoj e. Nós fizem os um trabalho de

soletração voluntariam ente j untas e, um dia, ela até m e convidou para m e sentar com ela na hora

do alm oço. Mas, alguns dias depois, o ano escolar acabou e a gente nunca

trocou telefone, e foi

naquele verão que ela ficou peituda e insuportável. Eu acho que ela foi para a França, ou algum a

coisa assim , o que explica o gosto da m ãe dela por m andar beij inhos aéreos.

Tom o um gole da Coca Zero que estou praticam ente am assando com o punho fechado. A

gente está lá, lado a lado, eu quase sem respirar, e a Janae com um a m ão apoiada na cintura. É

neste m om ento em que o tsunam i m e engole de um a vez só.

— E aí, a sua única am iga não pôde vir? — Janae vira para m im e m e m ede de cim a a baixo.

A pontinha de sua boca trem e um pouco, enquanto ela cruza os braços e apoia todo o peso

do corpo em um a perna; a cabeça está virada para o lado.

Pela prim eira vez na vida, não sei o que dizer. O sorriso dela se alarga quando percebe que o

m eu m odo “resposta na ponta da língua” de sem pre não está entrando em ação.

— Por que você tem de ser tão vaca? — silvo com o um a cobra. Posso sentir m eu rosto

queim ando, m as não estou nem aí.

Janae dá um a risadinha do alto do seu perfeito um m etro e setenta e sete, altura de m odelo.

Ela está com um salto de vinte centím etros ou fui eu que encolhi?

— Prefiro ser um a vaca que um zero. Gigante. À esquerda.

Pisco algum as vezes, m as m antenho a com postura. Pelo m enos por fora.

— Minha m ãe m e arrastou para cá porque a sua m ãe foi am iga dela na faculdade. É

oficialm ente culpa sua eu estar perdendo o j ogo de futebol am ericano contra a Victor Falls. —

Janae dá um a voltinha sobre seus saltos m onstruosos e sai andando, j ogando seu cabelo cor de

m ogno brilhante por cim a do om bro enquanto anda em direção à m ultidão.

Bom .

Se eu fosse um a pessoa do tipo “copo m eio cheio”, eu poderia dizer que o que m e anim a no

m eu aniversário de dezesseis anos é que m eu próxim o aniversário tem de ser m elhor.

Mas agora não estou vendo o copo nem m eio vazio... Eu só quero quebrar essa porcaria de

copo. E na cabecinha perfeita da Janae.

4

Pelas próxim as duas horas e m eia, fico no canto do j ardim , de braços cruzados, tentando desesperadam ente não fazer cara feia para todo m undo, incluindo m inha m ãe. Ela faz

j oinha e m e dá um sorriso deslum brante quando passa por m im , com um a pilha de cartões de

visita na m ão.

Ela está linda e m aravilhosa com o sem pre, nem um fio de cabelo fora do lugar, nem sinal de

suj eira em seu tailleur verm elho.

Em algum ponto entre Tay lor Swift e Miley Cy rus, percebo que Janae j am ais

deixará m inha

m ãe planej ar sua festa de aniversário de dezesseis anos, m esm o que a m ãe dela tenha feito os

m esm os j uram entos na irm andade da faculdade. Janae se acha m odernosa, e essa coisa toda é

velha dem ais para o gosto dela.

Quer saber a verdade? Para o m eu tam bém . E m inha m ãe deveria saber disso.

Ela está se

esforçando tanto e obviam ente fez horas e horas de pesquisa. Porém tudo o que ela precisava ter

feito era m e perguntar. Perguntar que tipo de decoração eu queria e que m úsicas o DJ deveria

tocar.

Mas ela j am ais faria isso. Porque ela nunca fala com igo, ela só fala para m im .

Perdi m inhas últim as gotas de paciência. Não quero falar com outro estranho qualquer que

nem sabe que eu sou a aniversariante. E estou com tanta raiva da Nicole agora.

Ela deveria ter

chegado duas horas atrás, nem sinal dela até agora.

Eu pego m eu celular e m ando outra m ensagem para ela, que deve ser a vigésim a da noite:

“Nem vem com aquela história do gato que subiu no telhado”.

Cinco m inutos atrás, m andei: “Os passarinhos com eram sua trilha de m igalhas de pão e

agora você está perdida na floresta?”.

Dez m inutos atrás, enviei: “Se você está atrasada porque o gato do Shia LaBeouf decidiu

j antar com vocês, eu espero provas fotográficas”.

Já m exi m eu celular um as novecentas vezes, porém não tem nenhum a ligação perdida e ela

não respondeu às m inhas m ensagens deliciosam ente sarcásticas.

Ela m e trocou por um j antar chiquetoso e m e largou aqui para sofrer nessa festa sozinha, e

nem tem a educação de m andar um a m ensagem de desculpas. Se ela estivesse aqui, poderíam os

fazer cara de bunda j untas para tudo isso, e ela poderia fingir que não estava se sentindo bem , e

eu quem teria de ir lá para fora com ela. O DJ continuaria tocando essas m úsicas

horríveis, e

m inha m ãe, entretendo os clientes.

O que ela está fazendo de tão im portante agora que não pode sair de lá?

Com endo suflê?

Olhando com cara de tonta para os olhos lindos do Ben? Passando os dedos dela com unhas

perfeitas pelo cabelo loiro e espetado (perfeito!) dele?

Graças a Deus que raram ente passo m uito tem po com eles j untos. Porque eu aposto que a

realidade é pior que a m inha im aginação.

Ela j urou que estaria aqui, e não está.

Ainda por cim a, m inha m ãe acabou de passar por m im e nem fez contato visual, pois estava

discutindo m aneiras de fazer seus em pregados se relacionarem m elhor por dinâm icas de grupo.

Ah-hã. Tudo a ver com a m inha festa.

Até m eu irm ão está m e ignorando: ele ficou aqui no j ardim uns quarenta e cinco segundos,

tem po o bastante para encher o prato de com ida e desaparecer de novo. Não que eu fosse

conversar com ele, nem nada disso, m as ele poderia pelo m enos ter dito um

“feliz aniversário” de

longe.

Eu não quero ficar aqui, não quero ficar aqui, não quero ficar aqui.

Toda vez que alguém se aproxim a da esquina de casa — entrando no j ardim pelo portão

lateral — m eu coração acelera por um m ilissegundo e eu m e anim o, rezando para que sej am

Nicole e Ben chegando.

Mas nunca é.

De repente, ouço a voz da m inha m ãe, am plificada por um m icrofone.

— Kay la? A aniversariante de verdade pode se levantar, por favor?

Ai, m eu Deus. Sabe quando você se sente naqueles program as tipo Essa é a sua vida? Por

favor, não deixe essa ser a m inha vida.

Agora que todos estão olhando para m im , abro cam inho em m eio à m ultidão até o

palquinho, sob o globo espelhado. Todo m undo está reunido ao m eu redor, e o DJ, vestindo um

colete brilhante e j usto sobre um a cam isa de sm oking branca, está ao lado do m aior bolo que j á vi

na vida real.

É cor-de-rosa. Com flores brancas cheias de frufru descendo em cascata pelas quatro

cam adas. Dezesseis velas — quatro em cada cam ada — estão acesas e brilhando. Acho que j á vi

exatam ente o m esm o bolo naquele program a Made, da MTV.

Minha m ãe tam bém está ao lado do bolo, com um sorriso tão grande que acho que seu rosto

vai rachar.

— Você gostou? Foi feito sob encom enda! — diz m inha m ãe. — Com cobertura de cream

cheese.

Engulo em seco e faço que sim com a cabeça, olhando fixam ente para o m am ute cor-de-rosa

perfeito de confeitaria. A cobertura de cream cheese foi a única coisa que ela acertou nesse bolo.

O DJ com eça a tocar Parabéns a você, e a m ultidão canta j unto. Parece que eles estão cada vez

m ais perto e cantando cada vez m ais alto à m edida que a m úsica avança, e

quero fugir disso tudo.

Não sou do tipo de gente que curte ficar no m eio do palco.

Quando eles chegam àquela parte em que falam m eu nom e, a m ultidão fica m eio sem graça,

e eu ouço pelo m enos algum as pessoas m e cham arem de Kelly, enquanto o restante não diz

nom e nenhum , e isso m e dá um nó na garganta, quase m e sufoca. Eu m e sinto tão idiota aqui no

m eio cercada de gente que nem sabe o m eu nom e...

A m úsica term ina e eu ainda estou olhando fixam ente para o bolo, m eus olhos com eçando a

arder um pouco. Quando finalm ente olho para cim a, um m ovim ento m e cham a a atenção.

Nicole e Ben finalm ente chegaram , três horas depois que a festa com eçou. Eles estão perto

da galera, bem vestidos dem ais para o m eu aniversário, e então percebo que vieram direto do

j antar chique. Ben parece m eio sem graça de cam isa branca e gravata verm elha, enquanto Nicole

dá a im pressão de se sentir em casa em um vestido verm elho sem m angas e sapatos de salto

prateados. Ela provavelm ente está congelando, m as está ali com o se fosse verão, e não outono.

Ela encosta a cabeça no om bro dele, o cabelo loiro e com prido tocando a cam isa

dele, e ele

coloca os braços ao redor dela, dando um beij inho em sua têm pora.

Eles ficam tão perfeitos j untos: os dois altos, loiros, lindos. E eu estou plantada aqui, ridícula

nesse vestido rej eitado da Old Navy e com um a porcaria de penteado.

— Faça um pedido, querida! — pede m inha m ãe, totalm ente alheia ao m eu estresse.

Eu faço que sim com a cabeça, m as não tenho certeza se consigo pronunciar algum a coisa.

— Não sej a estraga-prazer!

A raiva percorre m eu corpo e eu m e viro para ver os olhos felizes e arregalados dela. Ela m al

falou com igo a noite inteira, nem se deu ao trabalho de perceber que estou odiando tudo isso. A

fúria borbulha nas m inhas veias, apertando o m eu peito, até que cuspo as palavras para ela:

— Tudo bem !

Minha m ãe se afasta um pouco ao perceber a dureza da m inha voz. Seu sorriso fica m eio

am arelo, e seus olhos se lançam ao redor, para o rosto dos clientes em potencial.

Fecho os olhos para acalm ar o ódio que ferve no m eu estôm ago e tam bém para bloquear a

visão da m ultidão em volta.

“Eu desej o que todos os m eus desej os de aniversário realm ente se tornem realidade. Porque

eles nunca se realizaram .”

E então apago as velas com um sopro com prido de arrebentar os pulm ões. Ao m esm o tem po,

sinto com o se estivesse assoprando m inha vida inteira para bem longe, com o um m onte de folhas

secas.

5

Deixo m eu despertador tocar até quase quebrar: é tudo o que eu posso fazer para não dar um a m artelada nele. Mas, se tivesse um m artelo por perto, não sobraria m uita coisa.

Dou um tapa nele e m e sento na cam a, esfregando os olhos. Meus cobertores estão enrolados

ao m eu redor porque passei m etade da noite virando para lá e para cá, m orrendo de raiva do

desastre que foi a m inha festa.

Ai, não quero nem ver o dia de hoj e. Não quero saber se a Janae contou para todo m undo

que a m inha festa foi com o um film e B dos anos oitenta ou com o eu tentava ficar bonitinha

naquele vestido horroroso de m arinheira. Ou se m inha m ãe está irritada porque assoprei as

velinhas e m e retirei na hora, fui para o m eu quarto, tranquei a porta e coloquei Blink-182 no

últim o volum e para não ouvir a bagunça lá fora.

Bocej o enquanto m e levanto e alongo os braços sobre a cabeça, resm ungando sobre o

com eço da m inha vida m ala, quando vej o algum a coisa brilhante passar pelo

gram ado abaixo da

m inha j anela.

Cor-de-rosa.

Será que o pessoal da organização ainda está aqui, tirando a decoração da festa?

Eu m e enrolo na m inha colcha xadrez verde e laranj a fluorescente, apesar de estar usando

um pij am a totalm ente nerd de flanela, que m e cobre da cabeça aos pés, e m e apoio no beiral da

j anela para olhar m elhor. Lá em baixo o j ardim está exatam ente com o há quarenta e oito horas:

um gram ado norm al. A cerca de cedros não está m ais enfeitada com flores, a tenda desapareceu, e

a tigela de ponche, quero dizer, fonte, foi aposentada. No j ardim , só vej o as cadeiras de ferro

pretas, nada m ais.

Mas, então, o que foi aquele flash cor-de-rosa?

Abro a j anela com tudo e apoio a testa na tela, para poder ver o que está rolando à direita e à

esquerda da casa. E é aí que vej o de novo: um a explosão de cor-de-rosa fazendo um a curva.

Hum m m . Isso fede à coisa do m eu irm ão. Ele provavelm ente planej ou um a em boscada com

balões cheios de água e está tentando m e atrair lá para fora. Deve estar fazendo uns doze graus.

Ele adoraria m e deixar encharcada.

Nem pensar que vou cair nessa. Ele é do tipo de pessoa que tenta fazer a m esm a brincadeirinha sem pre, contanto que funcione. E fez exatam ente a m esm a coisa há um m ês. Ele

arm ou um acam pam ento e então j ogou os balões de água na m inha j anela. Eu saí para o j ardim ,

para berrar com ele, e quase m e afoguei num a explosão de água.

Talvez eu devesse ir para a frente de casa e usar o elem ento surpresa para surrupiar as arm as

dele e fazê-lo provar do próprio veneno. Anos de prática com o a irm ã m ais nova m e m ostraram

que ter cérebro é m ais im portante que ter m úsculo, principalm ente quando, no caso, são o m eu

cérebro e os m úsculos dele.

Visto um roupão azul fofinho com estam pa de nuvens. Foi um presente de Natal, e foi por

isso que não ganhei o preto com estam pa bonitinha de caveirinhas verde-lim ão.

Desço as escadas de dois em dois degraus e estou na porta da frente em segundos. Abro-a

fazendo o m ínim o de barulho possível; então, passo pela varanda com chão de ardósia e vou para

a frente da casa. Atravesso o gram ado de fininho, a gram a fria e coberta de orvalho nos m eus pés

descalços. Vou andando nas pontas dos pés até o j ardim . Provavelm ente, m eu irm ão está do outro

lado da m oita repleta de flores, de olho na outra ponta da casa, esperando que eu saia pela porta

dos fundos.

Quando fecho o portão atrás de m im , sinto um a respiração quente no m eu pescoço e um

bigode fazendo cócegas na m inha orelha. Eca, m eu irm ão está precisando fazer a barba. Que

noj o!

Eu m e viro para encarar m eu irm ão, m as não vej o nada além de ar. E então sinto aquilo de

novo: um sopro quente, m as dessa vez na parte descoberta da m inha barriga, entre a blusa e a

calça do m eu pij am a de flanela azul, onde o roupão se abriu.

E, quando finalm ente olho para baixo, grito e pulo para trás, batendo com tudo no portão e

caindo de bunda no chão. A dor sobe pelos m eus braços.

O pônei — o pônei cor-de-rosa —, com olhos arregalados, pula no ar e então fica na pontinha

das quatro patas, com o se eu é que o tivesse assustado. Suas narinas se alargam , ele respira bem

fundo e dá um a trem idinha. Ele não é m uito alto, suas costas não passam da m inha cintura.

Talvez sej a um m inicavalo, e não um pônei. Ou eles são a m esm a coisa? De qualquer m aneira,

não deveria ser cor-de-rosa e definitivam ente não deveria estar no m eu j ardim .

A gente se encara, am bos congelados, até ele se virar e sair trotando, arrastando seu rabo com

m echas azuis. Ele solta um relincho com prido e fininho e desaparece por trás

da casa.

Alguém pisou na bola feio com aquele pônei. Acho que ele era branco, porque seria o único

j eito de um corante cor-de-rosa daquele j eito pegar no pelo. E a crina devia ser branca tam bém , a

não ser por aquelas m echas azuis eletrizantes.

E, eu j uro para você, ele tinha um sorvete de casquinha pintado na bunda. Três bolas.

Casquinha de bij u.

Esfrego os olhos algum as vezes. Isso não está acontecendo de verdade, né? Será

que o

coitadinho escapou de algum a fazenda aqui por perto? Quem fez aquilo com ele?

Espera aí. Se ele é cor-de-rosa, então provavelm ente foi um a m enina.

Saio correndo atrás dele, irritada por ter saído da cam a por causa de um a coisa m aluca e

ridícula. Quem é que pinta um pônei de cor-de-rosa? Isso não deveria ser classificado com o

crueldade contra os anim ais ou algo do gênero?

Quando viro a esquina de casa, tenho um a visão geral do j ardim e avisto o gram ado

totalm ente vazio. Hum m m .

Ando ao redor do quartinho que há no fundo do j ardim e olho lá dentro, m as o pônei

tam bém não está lá. O portão lateral está aberto, então volto para a frente de

casa e fico olhando

da calçada. Olho para os dois lados, m as não o vej o tam bém .

Fecho os olhos por um bom tem po, esperando sentir aquela respiração m orna e os pelinhos

de novo, m as não acontece nada. O pônei se foi.

É oficial: sou louca.

Volto para casa e passo pela sala da frente, onde m inha m ãe está colocando um par de sapatos

pretos bonitinhos, com o cabelo penteado perfeitam ente, depois de um a aj udinha do secador.

— O que você estava fazendo lá fora?

Fico plantada ali, m eio boba.

— Hum m ... Estava procurando o j ornal. Para um a lição de casa sobre

acontecim entos atuais.

— Está sobre o balcão — responde ela, olhando-m e de um j eito esquisito.

Sem pre está no balcão.

— Ah.

Ela se levanta para sair.

— Mãe?

— Hã?

— Você alugou um pônei para a m inha festa?

Minha m ãe cai na risada.

— É claro que não, querida. Você está grande dem ais para essa coisa de pônei.

E então ela sim plesm ente sai em direção à porta da garagem , onde seu Lexus brilhante a

aguarda. Eu a vej o sair, pensando se estou louca m esm o ou se a prom otora perfeita de eventos

nem sabe que tipo de atividades reservou para a festa de aniversário de dezesseis anos de sua filha.

Fazendo que não com a cabeça, volto para o m eu quarto. Está na cara que m eu cérebro não

funciona direito sem um banho quente de vinte m inutos.

E só tenho m ais dezenove antes de m e atrasar.

6

No segundo em que passo pelas portas duplas e entro nos corredores acarpetados da escola, a Nicole m e cerca.

— Desculpe! Eu sinto m uito, tanto, tanto! — pede insistentem ente.

Não falo nada. Continuo andando e rangendo um pouco os dentes.

Ela anda de m archa a ré na m inha frente, seu cabelo loiro insistindo em cobrir parte do

rosto. Ela o afasta dos olhos com suas unhas recém -feitas à francesinha e m e encara. Ela está

usando um pingente de brilhantes em um a correntinha delicada de prata.

Fico pensando se foi um presente de aniversário de nam oro. Tento lem brar se ela estava com

a corrente na noite passada, m as, com o não cheguei nem a trinta m etros dela, não tenho certeza.

— Eu perdi totalm ente a noção do tem po. Eu j uro que tive um troço quando finalm ente

olhei para o relógio. Saím os correndo para a sua casa, m as ficam os presos no trânsito. Um a carreta

tinha tom bado na pista, e a gente teve de dar a volta e...

Ela finalm ente percebe que não estou escutando de verdade.

— O que aconteceu não é im portante. Eu j uro que vou fazer de tudo para consertar essa

situação. — Ela para de andar e sou forçada a parar tam bém , para não dar um encontrão.

Olho fixam ente em seus olhos azuis por um m om ento. Eles estão cerrados de preocupação,

com o se a qualquer m om ento eu fosse dizer que ela m orreu para m im . Cruzo os braços.

— Eu m andei um as cem m ensagens para você.

— Meu celular estava sem bateria.

Enrolo um a m echa do m eu cabelo castanho e úm ido, resistindo à vontade de sim plesm ente

falar tudo de um a vez.

— A coisa toda foi um desastre, viu. Tudo.

Ela faz um bico com seus lábios carnudos e perfeitam ente cobertos de gloss.

— Faço sua lição de Biologia por um a sem ana! Eu lhe em presto todas as roupas do m eu

guarda-roupa. Vou a qualquer show que você quiser.

Levanto um a sobrancelha.

— A qualquer show?

— A qualquer show, contanto que ninguém dê um m osh em m im , ou algo assim .

Entorto os lábios de lado e olho para ela com cara séria por um tem po. Talvez, se eu tivesse

outros noventa e nove am igos, poderia dar o tratam ento de silêncio para ela por um ou dois dias,

m as m inha resolução j á está fraquej ando.

Cruzo os braços.

— Jura m esm o? Você não será perdoada se não cum prir tudo, com binado?

Ela solta um suspiro com prido e lento de alívio.

— Eu j uro.

— Beleza. — Descruzo os braços. É triste ver com o concordei tão rápido. Mas é claro que ela

não queria ter chegado tão tarde. E estou m ais brava por causa daquela festa idiota do que com

ela. — E com o foi seu j antar de aniversário de nam oro?

O rosto dela se ilum ina.

— A com ida era incrível! Eu pedi um risoto e, m eu Deus, fico com água na boca só de

pensar nisso. E a vista! É em Puget Sound, pertinho de Point Defiance. Eles têm

um deque, só

que estava fechado. Mas da j anela dava para ver a água e tam bém as barcas e os veleiros, essas

coisas. Eu podia olhar para aquilo a noite inteira. E o Ben disse a coisa m ais engraçada do m undo

sobre o garçom ! A gente ficou rindo disso o j antar inteiro e um a hora eu literalm ente cuspi a

m inha sopa, m as o Ben foi um fofo e fingiu que nem percebeu. Foi tão lindo. A gente falou

sobre você tam bém , sabia? O Ben acha você rebelde. Foi ele quem disse, não eu.

Rebelde? O Ben acha algum a coisa de m im ?

— Então — digo, sentindo um a onda de raiva, j á que obviam ente ela se divertiu tanto sem

m im —, valeu a pena ter perdido a m inha festa.

— É. Não, não, é claro que não.

Argh.

— Tanto faz. Já não m e im porto com isso. — Me im porto sim . — Mas você está m e devendo

uns, sei lá, cem brownies de chocolate com m enta.

Seu sorriso se acende de novo.

— Vou com eçar a fazer tudo hoj e à noite.

A gente sai andando de novo, para a aula de Biologia.

— E, além disso, você talvez tenha de fazer m inha lição de casa de Biologia até o final do

ano. Já estou perdida m esm o.

Nicole dá risada.

— Minha m ãe vai fazer a gente ir visitar m inha avó hoj e à noite, m as e se a gente se

encontrar am anhã? Aí podem os revisar aqueles desenhos das células.

Eu faço que sim com a cabeça e entram os na sala de aula; a briga sobre a m inha festa j á

estava quase totalm ente esquecida.

Com o se a festa propriam ente dita fosse assim tão fácil de esquecer.

***

Quando m e sento à carteira na aula de Fotografia, horas depois, não consigo parar de m e

preocupar com a Nicole e o m om ento inevitável em que ela perceberá que j á está adulta dem ais

para ser m inha am iga. A gente pode ter resolvido o lance da festa, m as e se esse só for o prim eiro

de m uitos?

Se ela m e abandona no m eu aniversário, então qualquer coisa pode acontecer, certo?

Eu deveria estar fazendo o trabalho que, com certeza, arruinará a única nota A que tenho,

entretanto, em vez disso, fico olhando para ela de relance. Neste m om ento, ela está de pé

debruçada sobre um a bandej a cheia de revelador, um par de pinças na m ão enquanto passa o

papel no fluido. Hoj e, ela está revelando um rolo de film e todinho de fotos do Ben, que eles

tiraram durante o j antar de ontem .

Eu vi algum as delas. Eles foram dar um a cam inhada na beira da água depois do j antar. Ela

tirou fotos dele no píer, a lua só um a lasquinha de luz no horizonte. A água brilha por trás dele,

linda e serena.

Ela não estava brincando quando disse que eles perderam a noção do tem po.

Porque,

naquele instante, ela deveria estar no m eu j ardim , m as estava longe, totalm ente alheia, e

andando feliz ao longo da Ruston Way.

Ainda estou m eio brava. Eu j am ais faria isso com ela! Mas tam bém estou um a m istura de

outras coisas: preocupada, irritada, aflita, triste. O negócio com a Nicole é que m udam os bastante

nos últim os anos. Ou nós vam os ficar m ais próxim as ou nos afastarem os; e eu acho que sei no

que isso vai dar.

Sabe, antigam ente a Nicole não era m uito bonita. Eu nunca m e im portei com o fato de seu

rosto ser coberto de acne, ou que ela estava pelo m enos uns dez quilos acim a do peso, ou que era

bem baixinha.

Mas sej a lá o que ela estiver fazendo para o rosto, está funcionando, e nos últim os dois anos

ela cresceu tipo vinte centím etros. Juro.

E com o ela não ganhou nem um gram a sequer, isso quer dizer que agora ela é m agrinha,

apesar de ainda ter m uito m ais coisas acontecendo no departam ento peitoral em relação ao m eu.

O cabelo dela cresceu depois daquele corte trágico que ela tinha no ensino

fundam ental. Ela

ainda tem um pouquinho daquela tim idez, m as isso está desaparecendo um pouco m ais a cada

dia.

Ela descobriu que não é m ais um a nerd. Assim , agora só m e resta esperar até que ela descubra

que eu ainda sou nerd, e então provavelm ente m e j ogar para escanteio. Se o que aconteceu

ontem for indicação de algo, significa que o negócio está ficando sério com o Ben, enquanto

nossa am izade está cada vez m ais se apagando.

Eu m e inclino sobre o balcão onde estou am pliando um a foto, tentando m e concentrar no

m eu proj eto e aj ustar o negativo para que não fique borrado, nem corte a cabeça de ninguém .

Levando em consideração que j á tive alguns dias para trabalhar nesse proj eto, eu j á deveria estar

num estágio m ais avançado. Ou sej a, a Nicole j á está tão à frente que nem está se preocupando

m ais com isso; e está aproveitando para revelar fotos do nam orado dela.

O Sr. Edwards quer que a gente faça um “autorretrato”. Mas sua definição de

autorretrato é

m eio bizarra, porque não podem os tirar fotos de nós m esm os. Tem de ser algum a coisa

“representativa” de nós m esm os. E precisam os usar um dos efeitos especiais que aprendem os

para tornar a foto m ais criativa, com o inverter o negativo ou m udar o foco, ou algum a coisa assim .

Eu escolhi essa aula porque parecia ser m enos torturante que um a das aulas de Agricultura

dos “futuros fazendeiros”, ou de Teatro, ou, que Deus m e protej a, do Coral. Mas acontece que,

na verdade, essa aula é m eio sacal. Aparentem ente, eu não tenho visão artística nenhum a.

O Sr. Edwards m e deu um as notas razoáveis porque consegui m anter os aspectos técnicos

perfeitos, porém ele vive m e enchendo o saco e dizendo com o eu deveria usar m eu “olhar

interior” e “observar o m undo ao m eu redor” e blá, blá, blá. E então ele passou nosso prim eiro

trabalho m ais im portante — m etade da nota do prim eiro sem estre —, com um a superênfase em

criatividade. Ui.

A pior parte é que ele é um daqueles professores dos quais você gosta de verdade, do tipo que

realm ente se im portam com seus alunos e passam um tem pão fora do horário de aula

conversando e aj udando todo m undo.

Assim , acho que m e sinto um pouco culpada por entregar trabalhos incrivelm ente sem graça,

sem ana após sem ana. Mas o que posso fazer? Algum as pessoas da aula sim plesm ente olham para

algum a coisa e “click”, é arte instantânea. Eu não possuo esse talento natural.

Agora, tenho m enos de duas sem anas para term inar esse proj eto e, pelo j eito que as coisas

andam , eu vou expor um supernada. O que posso fotografar que m e represente?

Um quarto

gigante vazio? Um telefone que nunca toca? A agenda da m inha m ãe, que não tem tem po

nenhum para m im ? A parte de trás da cabeça da Nicole, enquanto ela se afasta de m im , ou pior,

dando uns am assos com o Ben?

Nicole coloca a foto para secar e recolhe os obj etos espalhados ao redor do am pliador dela. A

aula term ina em alguns m inutos.

— A que horas você quer m e encontrar am anhã?

Nicole fecha o zíper da m ochila. Ela fica bonita à luz verm elha do quarto escuro.

Essa

ilum inação deixa sua pele m ais clara, sem defeitos, e seu cabelo loiro brilha.

— Hum ... Às sete? Eu tenho um a consulta m édica logo depois da escola.

— Beleza, para m im está bom .

Nicole j oga algum as fotos rej eitadas do Ben no lixo entre nossas bancadas.

— Legal.

O sinal toca, eu resm ungo e com eço a guardar m inhas coisas. Mais um a aula totalm ente

perdida...

Enquanto enfio as coisas na m ochila e m e viro para sair da sala, j ogo um a foto arruinada fora,

que acaba flutuando para fora da lata de lixo e aterrissa no chão.

Eu m e agacho, pego a foto e a coloco no lixo, m as as fotos rej eitadas da Nicole cham am a

m inha atenção.

Na verdade, elas são m uito boas. A prim eira está borrada dem ais, m as a segunda, do Ben no

píer, tem um foco leve, etéreo, com o se as nuvens tivessem se afastado para a luz brilhar apenas

sobre ele. Há algum a coisa errada com um lado da foto, com o se a Nicole houvesse colocado o

dedão na frente da lente, m as o centro, onde Ben está de pé, olhando para a água está perfeito.

Eu olho ao redor da sala. Ninguém está prestando atenção em m im .

E então, sentindo-m e com o se estivesse roubando a Mona Lisa, enfio a foto no m eu fichário,

com o coração saindo pela boca.

Viro-m e para lá e para cá à noite, sonhando com o Ben dando uns am assos com a

Nicole, câm eras gigantes m e seguindo com flashes bem brilhantes e m ilhares de fontes de

ponche transbordando de líquido cor-de-rosa. Acontece que o líquido é com o um a lava e eu

passo o sonho inteiro fugindo dele. Quando abro os olhos, estou definitivam ente com um

hum orzinho do cão. O que eu preciso m esm o agora é de cafeína intravenosa e uns cem donuts.

Enquanto bocej o e m e estico, coloco as pernas para fora da cam a e m e preparo para m e

levantar, m as algo rola debaixo do m eu pé e cada perna vai para um lado e vou direto para o chão,

dando de cara no carpete. Meus dentes vão com tudo na m inha língua, e tenho certeza de que

quase arranquei m inha língua fora por causa do gosto m etálico que invadiu a m inha boca.

Tudo acontece tão rápido que eu não conseguiria m e salvar em circunstâncias norm ais, e

m uito m enos quatro segundos após acordar. Mas que m ...

Em seguida, abro os olhos e tudo entra em foco novam ente.

Só consigo encarar a cena, m inha boca aberta e m eus olhos arregalados.

Chicletes de bolinha.

Milhares deles.

Tubos gigantes, e pacotinhos, e baldes enorm es. Eles estão em pilhados ao m eu

redor e

rolando debaixo da m inha cam a, e estou deitada sobre pelo m enos uns cinquenta.

Tudo que consigo fazer é ficar ali, de olhos arregalados, m inha bochecha am assada sobre o

carpete. Esse tanto de chicletes de bolinha custaria um a fortuna. Será que m eu irm ão roubou um

cam inhão de doces?

Eu m e sento devagar e com cuidado, porque esse tom bo não foi gostoso, e olho m elhor ao

redor do m eu quarto.

Os chicletes de bolinha estão na m inha escrivaninha, e no beiral da j anela, e na cadeira, e

em pilhados perto das paredes, e... não tem um centím etro quadrado livre de chiclete no m eu

quarto. Tento colocar as pernas debaixo do corpo e estou quase ficando de pé de novo quando

alguns chicletes vêm rolando por baixo de m im . Abro um espacate involuntário e então grito de

dor e caio de novo, m inha coxa latej a com o se eu tivesse estirado um m úsculo.

Alguns chicletes

rolam porta afora e batem na parede do corredor, depois quicam para bem longe.

Eu decido desistir de ficar de pé e vou engatinhando até o guarda-roupa, passando as m ãos

pelo chão, para abrir cam inho entre os chicletes. Não funciona m uito, porque eles vêm rolando

em m inha direção de novo. É com o se eu estivesse em um a caixa de areia no parquinho, m as

cheia de chicletes de bolinha. Ou, na realidade, parece m ais com aquelas piscinas de bolinha de

bufê infantil.

Tudo o que preciso é de um a m uda de roupa, e assim posso ir até o banheiro e m e arrum ar.

Então, posso ir encontrar m eu irm ão e estrangulá-lo. Consigo chegar à porta e viro a m açaneta, e

aí percebo tarde dem ais que com eti um erro gigante: subestim ei o tam anho desse desastre

natural.

Está na cara que o Furacão Chiclete de Bolinha é de grandeza núm ero cinco na escala de

destruição.

A porta se abre com tudo e m e pega bem no queixo, enquanto os chicletes de bolinha caem

em um a avalanche nas cores do arco-íris.

Eu m e enrolo com o um tatu-bola e cubro a cabeça, enquanto os chicletes chovem sobre

m im , quicando nos m eus cotovelos e na m inha cabeça e form ando um a m egapoça à m inha

volta. O barulho fica cada vez m ais alto enquanto um as batem nas outras, pulando e

ricocheteando pelo quarto inteiro.

Isso aqui vai m uito além do ridículo. E com o é que ele conseguiu? Será que ele

botou um

“boa noite, Cinderela” no m eu refrigerante ontem , para eu desm aiar até agora de m anhã? Ele

tam bém deve ter tido aj uda para fazer tudo isso em tão pouco tem po.

Ah, ele está ferrado!

Eu m e conform o com a calça j eans de ontem e um a cam iseta razoavelm ente lim pa com a

estam pa do Pacm an, e m e arrasto para a saída, que bem podia ter um a plaquinha em luz néon

para ser m ais fácil de encontrar no m eio dessa bagunça. Espero que m eu irm ão se dê conta de

que vai ser com pleta e totalm ente responsável por lim par esse quarto. Ele precisará de uns cem

sacos de lixo e de um a pá para neve.

Eu rolo pela porta e vou para o banheiro, fechando a porta atrás de m im . Não consigo

acreditar que j á fui tão obcecada por essas coisinhas. Minha m ãe dizia que eu quebraria o queixo

de tanto m astigar esse chiclete.

Olho de relance no espelho enquanto entro no chuveiro. Estou com um a m arca cor-de-rosa

enorm e no queixo, bem onde a porta bateu, e com m anchas azuis e am arelas nos m eus braços,

do corante dos chicletes. Megaestiloso.

Tom o um banho dem orado, ignorando totalm ente o fato de que provavelm ente chegarei

atrasada à escola. Posso colocar a culpa no m eu irm ão, se m inha m ãe perceber.

Depois que j á

virei um a uva-passa hum ana e apaguei todas as m anchas de arco-íris da pele, visto-m e e vou

procurar m eu irm ão.

Ele está esticado no chão de sua caverna, olhando para o teto de m adeira, ouvindo seu iPod.

Os olhos estão caídos, com o se ele m al estivesse acordado, e ele está vestindo um a calça

cam uflada com um a blusa térm ica esfarrapada. Mas é um vagabundo, m esm o.

Ele nem percebe que m e aproxim o. Não falo nada, só arranco os fones dos ouvidos dele. Ele

abre os olhos de repente e se senta, esfregando as orelhas.

— Ai! Pra que isso agora? — pergunta ele, encarando-m e.

— Não finge que não sabe! — Só para garantir, dou um chutinho nele com m eu pé

acolchoado pela m eia. A m ão dele é rápida e agarra m inha canela antes que eu consiga trazer a

perna de volta. Ele a puxa com força e acabo estatelada no chão, com ele.

— Eu não sei! — responde ele, colocando os fones nos ouvidos de novo. — Vai tom ar um

calm ante.

Pego os fones novam ente e ele fica quieto.

— Tá. Vou brincar com você. O que é que eu fiz agora? Arranhei seu DVD do Superbad?

Cuspi no seu Sucrilhos?

Cruzo os braços e encaro m eu irm ão. Por que é que não tenho um a irm ã? Um a bem legal e

inteligente, que pudesse m e aj udar? Eu m al consigo ficar na m esm a sala que o m eu irm ão sem

querer estrangular esse m oleque ou pelo m enos tentar arrum ar a m onocelha dele com um a

pinça.

— Três palavras para você: chiclete de bolinha!

Ele fica com cara de paisagem . Nenhum sorrisinho satisfeito, nem risada, nem um a piscada

ao descobrir que eu j á descobri. Hum m m ... Que estranho!

— Afe! Tá bom , vem com igo — falo, levantando e agarrando sua cam iseta com tanta força

que quase o estrangulo. Ele m assageia o pescoço e m e lança outro olhar m ortal, e então suspira e

sai do chão. Ele sabe tão bem quanto a m inha m ãe com o eu sou teim osa, por isso concorda

rapidinho.

Subim os as escadas para o m eu quarto. Estou na m etade do cam inho quando vej o os

prim eiros chicletes de bolinha no corredor. Dou um passo para o lado e Chase passa por m im , e,

ao chegar à porta, cai na gargalhada.

Eu só fico ali, de olhos arregalados, enquanto ele continua gargalhando, e finalm ente tem de

se inclinar para a frente, com o se estivesse segurando tudo o que tem dentro da barriga. Ele olha

para cim a de quando em quando, estudando o quarto com m ais calm a para

inspecionar os

chicletes, o que só provoca m ais um acesso de riso.

— É a m elhor. Coisa. Do m undo — finalm ente ele diz, quando consegue respirar de novo.

E então se j oga no chão, ainda m orrendo de rir.

— Não é não. É um desastre e você vai arrum ar tudo!

Ele para de rir, apesar daquele sorrisão nunca sair de seu rosto.

— Opa! Eu não fiz isso. Não vou arrum ar nada.

— Foi você, sim ! Com certeza, eu é que não fui.

Ele dá de om bros.

— Alguém fez isso e, por m ais que eu queira assum ir a autoria de tudo, não posso. Não fui

eu. Nem sei onde alguém encontraria tanto chiclete de bolinha.

Ele se levanta e se apoia no batente da porta de novo, para olhar m ais um a vez, e então faz

que sim com a cabeça, com força.

Ele tem razão. E, com base em sua expressão, estou quase acreditando que não tem nada a

ver com isso.

Quase.

— Tá, beleza. Estou indo para a escola. É m elhor tudo isso aqui ter desaparecido quando eu

voltar para casa. Eu sei que você deve estar superocupado dando com ida para os sem -teto e

salvando gatinhos presos em árvores, m as espero que você lim pe tudo.

Ele se senta e levanta as m ãos, para barrar o m eu cam inho.

— Cara, não vou botar a m ão nisso. Tenho m ais o que fazer.

— Beleza. Então, eu vou contar para a m am ãe sobre aquela pilha de revistas debaixo da sua...

— Tá, tá! Não precisa dizer m ais nada — declara, abanando as m ãos no ar para que eu não

term ine a frase. Meu Deus, será que ele acha que a m inha m ãe gram peou essa casa?

Eu sorrio e dou m eia-volta, triunfante, enquanto desço as escadas e vou até a porta. É um a

cam inhada de vinte m inutos até a escola, e a aula com eça em dez.

Geralm ente, acho essa cam inhada bem relaxante, principalm ente quando o tem po está bom

com o hoj e. Está m ais quentinho e não preciso de casaco, só de um m oletom com capuz m ais

grosso. As cerej eiras que contornam Marry m oor Lane, a rua onde m oro, estão peladas, as folhas

espalhadas pela calçada, estalando sob m eus pés enquanto vou para a escola.

Mas, em vez de curtir a cam inhada, estou distraída e irritada. Não consigo afastar essa

sensação chata de que está rolando algo estranho.

Por que m eu irm ão nunca perguntou o que eu achei do pônei cor-de-rosa dele?

Além disso,

se ele tivesse arrum ado aquele m onte de chiclete de bolinha, não estaria sentado do lado de fora

do m eu quarto, só esperando para ver m inha reação? Por que ele se daria ao trabalho de fazer

tudo isso para não estar presente naquele m om ento de glória?

Tem algum a coisa esquisita acontecendo.

8

Quando a aula acaba, não estou a fim de ir para casa. Ultim am ente, aquele lugar está

m ais para zona de desastre, e se m eu irm ão ainda não tiver acabado de recolher todos aqueles

chicletes, eu é que não vou aparecer a tem po de aj udar.

Evitar as situações sem pre foi m eu m elhor m ecanism o para lidar com as coisas.

E por que

m udar agora?

Então, tom o um a decisão coraj osa: vou ao evento de m otocross do Ben hoj e à noite. Não é

nada de m ais... É pertinho de casa e eu chego lá andando em m eia hora. Eu sei que, se for, não

vou pensar em nada enquanto ele estiver pilotando, e é exatam ente disso que preciso.

Vou fazer o exam e para tirar m inha carteira de m otorista3 na sexta-feira. Com um pouco de

sorte, será a últim a vez que terei de sair a pé pela cidade. Principalm ente se eu puder usar a

Ranger velha do m eu irm ão. Então por que não aproveitar ao m áxim o m eu últim o dia de

pedestre e sair para um a cam inhada legal hoj e à noite?

Esse evento vai rolar em um a pista de m otocross de um cara, cheia de ram pas e m orros

gigantes e outras coisas m alucas que gente norm al não se atreveria a percorrer, m as que o Ben

dom ina com um pé nas costas. Lá tem um a arquibancada com um as dez fileiras, cada um a com

uns dez m etros de com prim ento, então tem lugar para uns cem espectadores; e hoj e vai estar

pelo m enos com m etade da lotação. As noites de quarta são abertas para os pilotos praticarem sem

ter de pagar um a m ensalidade anim al, nem se preocupar com com petições. Em geral, eles só vão

lá para curtir, e o pessoal vai assistir.

Está calor, m esm o sendo outono; paro em um posto de gasolina no cam inho e com pro um

refrigerante. Vai m uito bem com o pote cheio dos fam osos brownies de chocolate com m enta da

Nicole. Ela cum priu a prom essa e fez um as fornadas só para m im , por ter perdido a m inha festa.

Eu ainda estou brava com ela, m as os brownies j á aj udaram a curar um pouco da m inha raiva.

Ando ao longo do acostam ento de terra batida dessa estradinha de interior, m eu lanchinho

na m ão, sentindo-m e relaxada pela prim eira vez nesta sem ana. É difícil ficar preocupada ao andar

ao lado de m oitinhas cheias de rabos-de-gato, cercadas por cam pos gram ados repletos de cavalos e

vacas, e com o sol brilhante e quente nessa cena que pode ser a últim a nesse outono. Eu ando

debaixo de um a fileira de árvores de bordo, suas folhas cor de laranj a form am um a cam ada tão

grossa no chão que chega até as m inhas canelas.

Era disso m esm o que eu precisava: um a noite longe de todo m undo e pra largar m ão de m e

preocupar com tudo.

Passo por entre os carros parados no cam pinho que tam bém serve de estacionam ento, m eu

All Star preto afundando na lam a. Tem m ais cam inhonetes que carros aqui, num a proporção de

pelo m enos três para um . Eu não deveria achar isso interessante, m as acho. Em Enum claw, as

cam inhonetes sem pre reinarão suprem as.

Vou para a arquibancada de m adeira, passando entre um m onte de estranhos, e acho um

lugar para m e sentar onde a tinta branca não está descascando. Os invernos

nessa região do

Noroeste Pacífico [4] não têm dó de estruturas assim ; no entanto, em um dia de outono com sol,

com o hoj e, eu acho que j am ais gostaria de m orar em outro lugar.

Os pilotos j á com eçaram com suas gracinhas. Um cara num a m oto dois tem pos laranj a bem

“cheguei” decola de um m orro de terra gigante e passa por cim a de vários pilotos que estão lá

em baixo, protegidos por seus capacetes, conversando.

É fácil encontrar o Ben: ele tem um a m oto am arela brilhante, usa um capacete azul e um a

j aqueta com um desenho preto e azul-roy al. O núm ero dele é nove, que tem sido o m eu núm ero

favorito desde o dia em que fui com a Nicole ver um a corrida dele.

A Nicole sem pre diz que essas noites de quarta-feira, quando o Ben não está com petindo,

dem oram horrores e são um saco, barulhentas, sem falar na lam a. Ben não se im porta se ela não

vai, porque eles não podem conversar m esm o.

E isso m e m ata: eles têm tão pouco em com um . Tudo bem que m e esforço para não ficar por

perto quando os dois estão j untos, m as ao m esm o tem po não entendo esse relacionam ento.

Eu nem sei se ela o am a tanto quanto eu o am o. E se ela am a o Ben m esm o, por que não

está aqui?

Apesar de reconhecer duas pessoas da escola sentadas na prim eira fileira, elas nem olham

para m im , nem dizem nada. A Nicole nunca saberá que estive aqui, porque ela j am ais apareceria

do nada, e o Ben está de capacete e correndo a zilhões de quilôm etros por hora.

Ben sobe na m oto e dá partida com o pé na prim eira tentativa. A m oto ganha vida, com um

ronco profundo que m ostra que ele instalou com m uito esforço um m onte de peças picaretas. Eu

sei, pois ele fala sobre isso na aula de Matem ática. Eu acho que sei tanto sobre a m oto dele

quanto ele. Fico pensando se a Nicole sabe que ele passou o fim de sem ana passado inteiro

colocando um a forquilha nova. As botas dele vão quase até os j oelhos, com um desenho que

com bina com a j aqueta e a calça. Ele está usando óculos de proteção sobre o capacete, então não

consigo nem ver seu rosto.

Não tem problem a que ninguém m ais o reconheça. Eu sei exatam ente com o ele é por baixo

daquele equipam ento todo. Já decorei.

Ele decola de um a ram pa que deve ter pelo m enos uns trinta m etros, então cai com a roda da

frente e aum enta a m archa quando o próxim o m orro se aproxim a à sua frente.

Segue ao redor do

m eio círculo, subindo na parede de terra, até ficar quase de lado: as únicas

coisas que o seguram

são a velocidade e a força centrípeta. Quando sai da curva, j á está em terceira e a cam inho de um a

série de pequenas m ontanhas.

Ele salta a prim eira e passa sem tocar o chão sobre as próxim as duas, e então aterrissa e

acelera de novo. O m orro à sua frente é pontudo e anguloso e, quando ele bate na pontinha dessa

ram pa, a m oto voa.

Ben tira os pés dos pedais e j oga as duas pernas para o lado direito da m oto, e então faz um a

tesoura m uito doida. Ele consegue fazer a perna voltar direitinho para o lado esquerdo e j á está

com um a de cada lado da m oto quando atinge o chão de novo. Suas pernas m alhadas se dobram

a cada salto.

Meu coração voa com ele. Não consigo acreditar que ele consegue fazer tudo isso e não

m orrer de m edo ou ter um ataque por causa da adrenalina. Fico pensando se um dia ele m e

deixaria pilotar sua m oto, ou se m e m ostraria com o é se sentir sem peso nenhum por aqueles

segundos preciosos.

Ele só dim inui a velocidade de leve, ao fazer m ais um a curva, e parte para a próxim a seção da

pista: três ram pas enorm es em seguida. Um a após a outra, ele vai até a ponta,

voa, aterrissa e corre

por m ais uns dez ou doze m etros, e então decola novam ente. Às vezes, faz um a m anobra legal,

tipo em pinar a roda da frente ou soltar as duas m ãos do guidão quando está no ar.

Eu nem percebo que estou segurando a respiração, até que m eus pulm ões com eçam a gritar

pedindo oxigênio, e tenho de respirar fundo por um bom tem po. Não sei com o a Nicole pode

ficar de saco cheio disso aqui.

Ben sobe m ais um m orro e j oga a m oto de lado por um m inuto — de propósito

—, depois a

endireita de novo, bem a tem po de aterrissar. A galera berra e bate palm a. Eu fico de pé com eles

tam bém e grito com toda a força, batendo palm a e assobiando.

Ben é um dos m elhores pilotos da região. Ele diz que não quer fazer as corridas m ais

profissionais ainda, m as bem que poderia. No prim eiro dia da aula de Matem ática, vi todos esses

adesivos no fichário dele e fiz um m onte de perguntas. Ele falou que a loj a de m otos da cidade

dá todas as peças de que ele precisa, desde que eles possam colar o adesivo da loj a na m oto dele e

tam bém o logotipo em sua j aqueta. Eu acredito nisso. Ele é bom de verdade.

Meu celular toca, e atendo sem pensar:

— Alô?

— Oi, Kay la! — diz a Nicole.

Meu coração pula do m eu peito, e aterrissa em algum lugar perto dos m eus pés.

Eu esqueci

totalm ente que a gente se encontraria hoj e à noite para estudar aquele desenho das células. Se eu

sair daqui neste segundo, posso chegar em casa a tem po de ir encontrar a Nicole.

Talvez.

— Oi — respondo. Cubro o bocal do telefone com a m ão. Será que ela está ouvindo o

barulho das m otos ao fundo? Putz, isso é tão suspeito.

— Minha consulta no dentista term inou m ais cedo. Você ainda quer vir aqui em casa?

— Dentista? Eu pensei que você tivesse falado que era um a consulta m édica.

Ela fica um instante quieta.

— Claro. Mas dentista tam bém é m édico, né? Só que um tipo diferente.

Faço cara de conteúdo. Acho que faz sentido. Mas é m eio estranho.

— Ah. Bom ... é... hum m m ... Eu estou m eio ocupada agora, sabe? Que tal am anhã?

A culpa está se inflando e preenchendo o m eu estôm ago. Cubro o bocal do telefone com a

m ão de novo quando um a m oto faz a curva e vem em m inha direção. Seguro a respiração

quando o piloto acelera.

— O que foi isso?

— O cortador de gram a — respondo rápido. Rápido dem ais.

— Você está cortando a gram a? Mas a sua m ãe não paga um a pessoa para fazer

isso?

Fecho os olhos e respiro fundo.

— Pois é, a m inha m ãe falou que esses caras de paisagism o não estavam dando conta do

recado. Então... eu m e ferrei. A gente pode estudar aquele desenho da célula am anhã? —

pergunto de novo.

— Não posso. A gente vai ter de fazer isso no fim de sem ana, sei lá.

Eu faço que sim com a cabeça, e então m e lem bro de que ela não está m e vendo.

— Claro, sem problem as. A gente se vê na escola am anhã, então.

Bem na hora em que desligo o telefone, m ais um grupo de pilotos passa voando em frente à

arquibancada.

Isso é tão... errado. Quero dizer, estou escondendo o barulho das m otos da Nicole: tem

algum a coisa errada aqui, né? Se eu estou m e sentindo culpada, é porque sou um a m entirosa e

ainda fico de olho no nam orado dela.

Eu não deveria estar aqui paquerando o cara que nunca vou poder ter. Putz, até quando vou

fazer isso com igo m esm a? Por quanto tem po m ais vou ficar m e torturando e babando por ele de

longe, totalm ente obcecada pelo m enino, enquanto tento esconder tudo isso da m inha m elhor

am iga?

Não estou m ais a fim de ficar aqui.

Tenho de parar com isso. Tenho de parar de querer ficar com ele. É tão idiota m e passar por

isso! Talvez eu possa tentar aquele lance de “longe dos olhos, longe do coração”.

Talvez eu deva

tentar m e curar dessa paixonite e deixar a Nicole ficar com ele em paz, e esquecer que Ben

Mackenzie existe.

Isso acaba aqui. Agora.

Eu m e levanto e desço a arquibancada, escolhendo um a rota segura entre os espectadores.

Estou na m etade da descida quando todo m undo ao m eu redor se levanta, e um a onda de risadas

invade o ar e m e cerca.

Por um segundo, acho que deve ter algum a coisa ridícula grudada na m inha bunda e tento

lim par m inha calça, discretam ente.

Mas então percebo que está todo m undo olhando para a pista.

E apontando.

Olho para a frente, e m eu estôm ago congela.

“Ah, não!”

É o pônei. O m aldito pônei cor-de-rosa.

3 Nos Estados Unidos, os j ovens podem dirigir a partir dos dezesseis anos. Com essa idade é perm itido a eles prestar o exam e para obter a habilitação (carteira de m otorista). (N.E.)

4 Enum claw é um a cidade localizada no Estado norte-am ericano de Washington, no Condado de King e Condado de Pierce. (N.E.) 9

O pônei está correndo pela pista, pulando e dando coices e vivendo o m om ento

m ais feliz de sua vida. Ele dá um pinote e salta pelo ar, m archando tão alto sobre as quatro patas

que achei que fosse tentar um supersalto carpado invertido sobre três cascos.

Minha boca fica seca.

O cavalinho sai em debandada para um a das m aiores ram pas, os cascos pequeninos

cavoucando a lam a, e então fica de pé nas patas traseiras e relincha com a cabeça para trás,

parecendo m uito orgulhoso de si m esm o, enquanto m archa com força e cava a ponta da ram pa,

com o se fosse o rei daquela pequena m ontanha.

Ou rainha, talvez. Afinal de contas, o pônei é cor-de-rosa. Ele se em pina todo, as perninhas

atarracadas pulando e dançando, sem nem ligar para a destruição que está provocando no m eu

pobre coração, que j á bate fraquinho.

Um a m oto acelera alto, e tiro m eus olhos do pônei. Um piloto, que com certeza não tem

noção de que um cavalo em m iniatura, e tão cor-de-rosa que dói, j á está ocupando a ram pa,

acelera sua grande m oto preta, indo direto em direção a ele.

— PAAARA! — berro, descendo da arquibancada o m ais rápido que posso. Pulo da últim a

fileira e corro para j unto da cerca. Eu tropeço na grade pintada de branco, caio no chão com tudo

e aterrisso em um a poça de lam a bem m elequenta, que im ediatam ente passa pelo tecido da

m inha calça e dos m eus tênis. Eca!!!

Consigo m e levantar, com m eu All Star atingindo o nível m áxim o de saturação e sentindo

m inhas m eias ficarem m olhadas. Saio correndo para a ram pa, abanando os braços, gritando com

toda a força dos m eus pulm ões. Provavelm ente, não adiantará nada: ele nunca m e ouvirá com o

barulho da m oto, e atropelará o cavalinho. Já posso ver pedaços cor-de-rosa voando por toda parte.

A essa altura, o piloto j á está na base da ram pa. Bem na hora em que acho que é m elhor

fechar os olhos e rezar para que um m ilagre aconteça quando eu não estiver olhando. O capacete

dele vira, só um pouco, e sei que ele m e enxerga. Ele freia a m oto com tudo e

segura o guidão,

m andando a m oto para a base da ram pa de terra. Ele sai voando pelo lado da ram pa, bem em

direção a um grupo de pilotos sentados no m eio da pista.

Ele consegue desviar da m aioria deles, m as vai com tudo para a roda da últim a m oto: a do

Ben.

O piloto acaba levando a m oto toda com ele, e o Ben j unto, que cai num m onte de terra.

Eu fico ali, no m eio da pista, o silêncio m e engolindo enquanto assisto a tudo com os olhos

arregalados. A m ultidão na arquibancada ainda está de pé, de olho na cena ridícula.

Ops.

O pônei relincha de novo, em um tom grotesco de tão fininho e ardido. Depois desce o

m orro desaj eitadam ente pelo lado e galopa pela pista, com sua crina rosa-shocking e seu rabo

azul voando alegrem ente ao sabor do vento.

Ele vem galopando em m inha direção, com o se eu fosse a m elhor am iga que não vê há anos.

O arroz do feij ão dele.

Não, não, não. Isso não é bom .

“Sai pra lá!”

Eu tento canalizar m eus pensam entos para o pônei, esperando e rezando para

que ele dê

m eia-volta e retorne para o lugar de onde é que tenha vindo. Mas ele se aproxim a e trota até

parar, em purrando o focinho contra m im e dando m ordidinhas no m eu m oletom .

Devem ter uns cem pares de olhos sobre m im nesse m om ento.

Estou com m edo de olhar para cim a — ou para qualquer direção — porque não sei o que

vou dizer.

Eu deveria ter deixado o pônei salvar sua própria bunda fluorescente, em vez de berrar com o

um a louca e cair em um a poça de lam a. E ele nem é m eu pônei, m esm o tendo estado no m eu

j ardim ontem .

— Aquela coisa é sua?

Quero fechar os olhos e bloquear aquela voz (a do Ben), m as sei que isso não fará com que

ele desapareça. Então, olho para ele. Ele j á tirou o capacete, seu cabelo loiro está todo bagunçado

e ele levanta um a sobrancelha enquanto olha para o pônei. Seus olhos azuis estão brilhantes de

verdade, com o se ele tivesse um m onte de piadas que gostaria de contar. Um lado de sua j aqueta

e da calça está suj o de lam a, graças ao outro piloto que passou por cim a dele.

— Hum ... não!?

— Isso é um a pergunta?

— Não!

— Parece.

— Bom , ele não é m eu, propriam ente, quero dizer, ele só aparece lá no m eu j ardim de vez

em quando. Na verdade, um a vez. Um a.

— Então é norm al ver pôneis cor-de-rosa no seu j ardim ?

— Não.

Ele dá um a risadinha. Minhas bochechas esquentam . Ben parece bem satisfeito em

presenciar esse m om ento suprem o de hum ilhação para m im . Geralm ente, sou eu quem tira

sarro.

— Você acha que os Sm urfs vão querer o pônei de volta?

Eu levanto um a sobrancelha e coloco a m ão na cintura.

— É isso m esm o? Isso foi o m elhor que você conseguiu pensar? Estou aqui com um pônei

rosa-shocking e você só consegue m e falar isso?

Ben ri, e a tensão parece se soltar da m inha coluna; m e vej o sorrindo de volta para ele.

— Francam ente, Ben, estou decepcionada.

— O que posso fazer!? As balas Risadinha não vêm com m ais piadas sobre pôneis cor-de-rosa.

Alguém do outro lado da pista dá a partida na m oto e percebo que estam os

plantados bem ali

no m eio e ninguém se m exe.

— Hum … Acho que é a m inha deixa para ir em bora. É que eu tenho lição de casa e tudo o

m ais, e a cam inhada é longa, e...

— Você veio andando até aqui?

Hum ... Talvez eu não devesse ter m encionado essa parte da história. Agora, ele m e achará

louca m esm o.

— Ah-hã. É só, tipo, uns quatro quilôm etros? Menos de quarenta e cinco m inutos.

E o

tem po está tão bom hoj e; talvez eu possa largar o pônei em algum a parte do cam inho.

— Nem pensar. Eu lhe dou um a carona.

Meu estôm ago congela, enquanto m eu coração pega fogo. Eu não deveria querer isso tanto

assim , nem ter tanto m edo ao m esm o tem po.

Vam os até a cam inhonete Ford dele, e ele tira um a ram pinha da caçam ba. Deve ter uns vinte

centím etros de largura, um pouquinho a m ais que os pneus. Ele m onta na m oto e sobe pela

ram pa, com o se fizesse isso todos os dias. O que, se eu pensar bem , ele deve fazer m esm o.

Fico ali enquanto ele am arra a m oto na caçam ba, o pônei ao m eu lado e de

olho

nele

tam bém . Eu m eio que espero que ele diga algum as frases do nada, com o em um film e ruim .

— Acho que consigo dar m archa a ré na cam inhonete para cá — afirm a Ben, apontando para

um a pilha de terra. — E talvez a gente possa convencer o pônei a subir.

— Mas não é m eu pônei, de verdade. A gente podia deixar ele aqui.

Ben m e lança um olhar do tipo “até parece”.

— Provavelm ente, esse pônei m ora perto da sua casa e seguiu você até aqui. O

m ínim o que

você pode fazer é levá-lo de volta.

Enum claw é um a área bastante rural, então pode ser bem possível. Fico pensando se algum

dos m eus vizinhos psicóticos deixou um pônei tingido fugir.

Eu suspiro e esfrego os olhos. Não sei bem quando com ecei a usar m eu j ardim com o

albergue para pôneis fugitivos, m as tudo bem .

— Beleza.

Se o pônei sim plesm ente saísse galopando agora, o m undo seria perfeito. Mas é claro que ele

não vai. Ele espera pacientem ente, enquanto Ben dá m archa a ré em direção ao m onte de terra, e

então, olha que ridículo: o m aldito pônei sobe na caçam ba, com o se tivesse

passado a vida inteira

andando em cam inhonetes arrebentadas.

Ben fecha a caçam ba e, para a m inha surpresa, vai até a porta do passageiro e a abre para

m im .

— Sua carruagem a espera — diz ele, com um sorrisinho em seus lábios carnudos e perfeitos.

Bom , duvido que a carruagem da Cinderela tam bém viesse com um a m oto de m otocross e

um pônei fluorescente.

Ando até a porta e passo a m enos de um centím etro de distância dele. Eu quero m e apoiar

nele, encostar o rosto em sua j aqueta e sentir seu cheiro.

Fico pensando com o é que ele reagiria se eu fizesse isso.

Tenho de segurar na m açaneta de dentro da porta e pisar na soleira para subir, porque a

cam inhonete é m ega-alta. Ben fecha a porta atrás de m im , passa pela frente do carro e pula no

banco dele sem se apoiar em nada. Quando ele dá a partida, o m otorzão a diesel acorda para a

vida.

Passam os pelo cam po e voltam os para a estrada. Ainda bem que são m enos de cinco

quilôm etros até a m inha casa, porque acho que sou bem capaz de desm aiar e odiaria que ele m e

visse babando por causa dele.

— Você foi incrível hoj e — digo, quando não consigo m ais ficar quieta. — Sabe, né, antes da

intervenção equina.

— Valeu — agradece Ben. — Você m e viu quase tirando um pedaço daquela ram pa gigante?

Eu fiquei m e achando e quase não consegui colocar os pés nos pedais de novo.

Ele sorri e olha para m im , e m e vej o sorrindo de volta e olhando nos olhos dele.

Caraca. Não posso olhar nos olhos dele. Eu m e viro para a j anela.

— Dizem que um ego gigante é a causa núm ero um de m orte entre m eninos adolescentes.

Sinto os olhos de Ben sobre m im .

— Ah é? E qual é o tratam ento?

— Ouvi dizer que terapia de choque funciona bem .

Ben dá um a risadinha.

— O quê? É aquele negócio de torturar a pessoa enfiando a cabeça dela num balde cheio de

água?

Faço que não com a cabeça. Está ficando m ais difícil olhar pela j anela quando o que quero é

m e virar e olhar para o Ben. Mas, então, forço-m e a fingir que um as vacas m alhadas pastando

num cam po são a coisa m ais fascinante que vi o dia inteiro.

— Ah, não, faz m uita bagunça.

— Eu acho que um a hora com a Sra. Vickers e uns duzentos problem as de trigonom etria

acabam com o ego de qualquer um .

Esqueço-m e de encarar a j anela e olho para ele.

— Eu sei, e ainda é o prim eiro m ês de aula. Estam os todos ferrados.

Ele sorri, ligando a seta antes de olhar para m im . Os lábios dele são perfeitos, curvadinhos

para cim a. Eu olho para a j anela novam ente.

— Podíam os nos encontrar para fazer um a revisão — sugere ele. A cam inhonete range

porque ele não engata a segunda m archa direito.

Eu m e esqueço de respirar por um segundo, até que m eus pulm ões com eçam a queim ar e

eu respiro o m ais fundo que consigo sem ele perceber.

— Ah-hã, talvez. Na casa da Nicole. Ela tem a m esm a professora de Matem ática, m as na sexta

aula.

— Isso — concorda ele, fazendo que sim com a cabeça. — Na casa da Nicole.

Quando ele para em frente à m inha casa, estou segurando na m açaneta da porta com tanta

força que m eus dedos estão doendo. Ele estaciona a cam inhonete no m eio-fio, e, quando ainda

nem virou a chave para desligar o m otor, abro a porta com tudo.

— Valeu, Ben! Até am anhã!

E então eu corro pelo gram ado. Estou na m etade do cam inho quando o ouço desligar a

cam inhonete. Ele abre a j anela e grita para m im :

— Ei, Kay la?

Eu paro, travando m eus dentes por um segundo, ainda de costas para ele, e então m e viro.

— E o pônei? — aponta ele com o polegar para a m ais nova am eaça à m inha existência.

Ultim am ente, tenho encontrado um m onte delas. Será que dá para ter am eaças m últiplas à

própria existência?

— Ah, claro!

— Com o você acha que a gente pode tirar ele daí?

— O m uro do j ardim ali atrás é m ais alto. Dá m archa a ré na cam inhonete até lá que vou

abrir o portão.

Eu resisto à vontade de m e dar um tapa na testa e corro para o j ardim . Com o o terreno da

casa é de esquina, há outro portão lá no fundo. O j ardim era m eio desnivelado, então m inha m ãe

m andou os paisagistas construírem esse m uro. Vai ser perfeito para descarregar o pônei.

Ben dá m archa a ré na cam inhonete e sai do carro, vai para trás dele e abre a caçam ba. É

quase perfeito: só fica m eio centím etro acim a do m urinho. O pônei se afasta um pouco, dá um a

voltinha e pula para fora. Ele se j oga para o m eio do gram ado e então cai de j oelhos, e depois de

lado, e com eça a rolar na gram a.

Ben dá risada e aí percebo, de supetão, com o ele está perto de m im . Dou um passo não

m uito sutil para longe dele.

Ele deita a cabeça de lado e m e olha, com as sobrancelhas franzidas.

— Você fica nervosa quando eu estou por perto?

— O quê? Não. Quê? — Estou engasgando com a m inha própria saliva, tenho certeza.

Ben suspira e dá de om bros.

— Não é nada. Esquece.

— Ah, tá. Vou fechar o portão. Valeu pela carona.

Ele faz que sim com a cabeça, m as olha para m im por m ais tem po que o necessário, e então

se vira e volta para a cam inhonete.

Ele buzina um a vez quando sai com o carro, e fecho o portão tão rápido e com tanta força

que quase arrebento as dobradiças.

E aí eu respiro fundo e, pela prim eira vez em um a hora e m eia, não m e sinto m ais sem ar.

Quando acordo na m anhã seguinte, abro um olho só, devagarzinho, e olho ao redor do

quarto. Depois daquele pônei e dos chicletes de bolinha, sinto com o se existisse m ais um a

em boscada à m inha espera.

Mas os chicletes de bolinha não apareceram de novo. Obrigada, estrelinha da sorte! Não sei o

que m eu irm ão fez com eles, m as finalm ente ele fez algo de benfeito na vida. E

um a olhada

rápida pela j anela m e garante que não tem nenhum pônei com endo nossa gram a perfeitam ente

verde. A vida está de volta ao norm al. Que felicidade!

Mas, quando m e encam inho para a porta do quarto, escuto um barulho.

DADOS DE COPYRIG HT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o obj etivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêm icos, bem com o o sim ples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de com pra futura.

É expressam ente proibida e totalm ente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso com ercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dom inio publico e propriedade intelectual de form a totalm ente gratuita, por acreditar que o conhecim ento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar m ais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando

por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo

nível."

Vindo do m eu guarda-roupa.

Fala sério! Se m eu irm ão aprontou outra, nem que sej a um a coisinha de nada, vou contar

tudo para a m inha m ãe. Minha vida virou um a doideira desde que ele voltou a m orar aqui e é

tudo culpa dele.

Marcho até o guarda-roupa e abro a porta com tudo.

Meu coração quase para de bater quando dou de cara com um par de olhos verdes

em oldurados por cílios com pridos e curvados. Tem um a m enina que nunca vi na vida sentada lá

dentro do m eu guarda-roupa. Sem brincadeira. Eu berro e pulo para trás, pego a cadeira da

m inha escrivaninha e coloco-a entre nós duas, com o se a cadeira fosse m inha arm a secreta.

Morte por cadeira com rodinhas.

Percebo que a cadeira não vai aj udar m uito a m e proteger, portanto m e estico

até a

escrivaninha para pegar...

Um a régua.

Em punho a régua com o se fosse um a espada, ainda escondida atrás da cadeira.

Talvez, se eu

tiver sorte, possa transform ar clipes de papel naquelas estrelinhas de ninj a.

A m enina estranha está sim plesm ente sentada no chão, com as pernas cruzadas, usando a

roupa m ais horrorosa que j á vi: m eia-calça listrada verm elha e branca, um vestido azul de algodão

e um avental branco. O cabelo cor de m orango dela é rebelde e todo enrolado e

cai até o m eio

das costas em cachos bem crespos; e fios dele podem ser vistos espalhados em tudo quanto é

lugar. Ela tem um m onte de sardas ao longo do nariz e lábios tão grossos que não parecem ser

naturais.

Ela parece ter a m inha idade. O negócio é que não está nem aí por estar presa no m eu

guarda-roupa.

Se essa é a m enina que m eu irm ão está nam orando a distância, ele tem um m ega m au gosto.

Mas, se eu pensar bem , ela está nam orando m eu irm ão, então talvez sej a ela quem precise de

aj uda nessa história.

— Quem é você? — pergunto, indo em direção à porta, com o se ela fosse um cachorro com

raiva. Estou dom inada por um m edo irracional de que ela vá pular do nada e vir para cim a de

m im , com o um a aranha saltadora, ou algo parecido.

— Ann — responde ela, com a voz fraquinha, quase um sussurro.

— Tá, Ann, e o que você está fazendo no m eu guarda-roupa?

— Estou sentada — diz, com o se fosse óbvio. Ela pisca algum as vezes e m e encara de um

j eito esquisito, com o se eu é que não devesse estar no m eu próprio quarto.

— Beleza, m as por que você está sentada dentro do m eu guarda-roupa?

— Eu sou a sua m elhor am iga. Eu m oro aqui! — explica ela, com a voz m ais firm e e m enos

parecida com um sussurro. Ela pronuncia cada palavra de um j eito esquisito.

Não é um sotaque,

m as parece a m aneira com o alguém pronuncia um a palavra que acabou de aprender há cinco

m inutos. O ritm o fica m eio atrapalhado.

— Não m ora, não — respondo, dando um passo para a frente. Ela precisa sair do m eu

guarda-roupa. Agora. O que ela acha que isso aqui é? Nárnia?

— Moro, sim .

— Não m ora, não.

— Moro, sim .

Ranj o os dentes. Que m enina irritante.

— Tá. E quem é você?

— Ann — responde ela de novo.

— Ann do quê?

— Só Ann.

— Não existe esse negócio de só Ann.

Ela m e encara. Pisco algum as vezes, na esperança de que ela desapareça. Tem algum a coisa

estranham ente fam iliar nela. Saio de trás da cadeira para olhar direito para ela, ainda com a régua

em punhada.

Se tudo der errado, eu posso m edi-la até que m orra.

— Eu conheço você de algum lugar? — Minha voz sai m ais m edrosa do que eu queria, e

pigarreio um pouco.

Ela ri só um pouquinho, e por algum m otivo aquilo m e irrita. Quem é ela para rir quando

está invadindo o m eu quarto?

— Claro, Kay la. A gente j á se conhece faz oito anos.

Ela sabe o m eu nom e. Fico com frio no estôm ago. Não consigo entender. Ela está m e

assustando. Será que saio correndo para cham ar m eu irm ão? Vai que ela é um a louca que fugiu

do hospício... Talvez ela fique m e seguindo, m e olhando pela j anela.

Não esquecer: com prar cortinas novas.

— Você precisa sair do m eu guarda-roupa — ordeno, com a voz ainda trêm ula.

Não estou

preparada para lidar com invasores antes das sete da m anhã.

— Não é culpa m inha você ter m e enfiado aqui.

Hein!?

— Eu não coloquei você aí. Que coisa m ais ridícula. Isso aqui não é um albergue.

Se a régua tivesse quarenta e cinco centím etros, talvez fosse suficiente, m as ela está ficando

cada vez m enor na m inha m ão.

— Tem cinco anos que estou naquela caixa — declara Ann, apontando para um a caixa

branca no fundo do guarda-roupa. — Sua cam a era m uito m ais confortável.

Ann engatinha para a frente, para fora do guarda-roupa, e descruza as pernas.

Enquanto ela se

levanta, m eio que tropeça e cai para a frente, atropelando a m inha cadeira e j ogando-a contra a

parede. Dou um pulo gigante para trás.

A cadeira deixa um enorm e arranhão na m inha parede perfeitam ente pintada em um tom

am eixa.

Que ótim o. Pelo m enos, m eu irm ão trabalha em um a loj a de m aterial de construção.

Ela se apoia na m inha cam a e consegue se levantar, até ficar totalm ente em pé, quase

chegando ao m eu um m etro e sessenta e cinco. Ela não solta a cabeceira da m inha cam a.

Na verdade, ela parece m eio m olenga, com o aqueles cavalinhos que acabaram

de nascer que

a gente vê no Anim al Planet.

Quando ela fica de frente para m im , com um a das m ãos ainda segurando na m inha cam a, eu

consigo olhar para ela direito. De repente, eu é que preciso m e apoiar em algum m óvel.

Eu sei por que ela m e parece fam iliar.

Ela está vestida com o a m inha boneca de pano, a Trapinho. É por isso que ela falou sobre

aquela caixa? Será que ela fuçou nas m inhas coisas e viu m inha boneca velha?

Nossa, que péssim o. Um a roupa daquelas fica fofa em um a boneca, m as ridícula em um a

adolescente. E, com aquele cabelo m ega-arm ado e as sardas bem escuras, ela provavelm ente é a

garota m ais estranha que eu j á vi na vida.

Cruzo os braços, irritada. Então ela acha que pode vir aqui e tirar um a com a m inha cara e

m inha obsessão pela Boneca Trapinho? Será que essa palhaçada toda é para isso?

— Legal a sua fantasia. Pena que ainda está cedo para o Halloween, você não acha? —

pergunto.

Ann olha para o próprio vestido e alisa o avental enquanto faz cara feia.

— Você sem pre gostou da m inha roupa.

— É, quando eu tinha sete anos!

Ela dá de om bros e finalm ente solta a m inha cam a, para colocar as m ãos na cintura. Ela dá

um a balançada, m as continua em pé. Putz, será que ela estava enchendo a cara dentro do m eu

guarda-roupa?

— Eu gostava m ais de você naquela época.

Sua voz vem se transform ando durante a nossa conversa; vai ficando m ais norm al. Quanto

m ais ela fala, m ais sua voz se parece com a m inha, e fico com m ais frio na barriga. Ela aprende

tudo num a velocidade assustadora. Ela só m e ouviu dizer algum as palavras e está m e copiando

direitinho.

Por que ela está fingindo que m e conhece? Com certeza, eu m e lem braria de algum a garota

boba desse j eito.

— Você não precisa ir para casa, m as não pode ficar aqui — digo, indo para a porta.

— Eu j á falei. Eu j á estou em casa.

— Você não está em casa. Eu estou em casa. Este é o m eu quarto. — Minha voz fica um a

oitava m ais alta. Meu irm ão conseguiria m e escutar se eu gritasse, né?!

Mas e se ele estiver ouvindo m úsica no iPod?

— Nosso quarto — ela rebate. Ela m e olha e então m e copia, cruzando os braços e deixando

as pernas afastadas na largura dos om bros.

Chega. Já estou assustada o bastante. Dou outro passo para trás e pego a régua de novo.

— Olha, se você não sair daqui em trinta segundos, vou cham ar a polícia.

— Por quê? Você ainda é apaixonadinha pelo guarda Barrows?

Arregalo os olhos. Nunca contei aquilo para ninguém . Quando eu tinha dez anos, tive um a

paixonite por um guarda de vinte e dois anos que ficava na faixa de pedestres em frente à escola.

Eu cruzava a rua várias vezes por nada e devia deixar o cara m aluco da vida.

Eu nunca contei isso nem para a Nicole. Afinal, era um m ico gigante.

— Com o é que você sabe disso?

— Você falava que ia se casar com ele e m orar em um a casa com um a cerquinha branca. E

que ele ia proteger...

— Eu sei que falei isso, m as com o é que você sabe?

Ela franze as sobrancelhas e m e lança um olhar tipo “dãã ã”. Por que eu é que estou m e

sentindo idiota, se é ela quem está vestida com o um a boneca gigante?

— Você tem de m e reconhecer. Eu fui a sua m elhor am iga por uns bons anos. Eu sei de

tudo. Ou você se esqueceu de m im depois de m e enfiar naquela caixa?

Quando suas palavras finalm ente fazem sentido, com eço a rir, girando a cadeira e dando

tapas nela.

Que ótim o. Quem será que convenceu essa m enina a fazer isso?

— Você acha m esm o que é a Trapinho, né?

Ann tenta dar risada, m e copiando direitinho. O cabelo na m inha nuca fica arrepiado. É

com o ouvir a m inha própria risada em um gravador.

— Não estou fingindo, Kay la. Sou eu!

— Não é, não. A Trapinho é um a boneca, ô bobinha.

Ann suspira.

— Além do guarda Barrows, você tam bém era apaixonadinha pelo carteiro, pelo m enos até

ele ser substituído por aquele cara grisalho com os sapatos que faziam um barulhinho irritante. E

você quis ser um a palhaça de rodeio por uns cinco m inutos, até ver um touro de perto. Além

disso, o nom e do m eio do seu pai é Preston Lewis, o que você sem pre achou ridículo porque são

dois nom es, e não um , e os dois parecem sobrenom es distintos. A sua cor favorita é pêssego,

apesar de você odiar pêssegos porque a casca peludinha lhe dá noj o. No sexto ano, você descobriu

que tinha ficado m enstruada porque...

— Chega! — peço, tapando os ouvidos. Não há necessidade de reviver j usto essa lem brança.

A cada revelação de Ann, m eu coração batia m ais rápido, e agora estava

pulando no peito

com o um bicho doido. Ela sabe de coisas que eu nunca contei para ninguém , nem para a Nicole.

E não sou tonta a ponto de escrever um diário ou algum a coisa assim . Então, ou ela tem m orado

naquele guarda-roupa e ouvido m eus segredos nos últim os seis anos ou...

Não. Isso é totalm ente, com pletam ente im possível. Tem de existir um a explicação para isso.

Um a explicação lógica.

— Olhe, eu tenho de ir para a escola. Você pode voltar para o guarda-roupa e ficar sentada lá,

conversam os quando eu voltar.

Talvez se eu conseguir m andá-la de volta para o guarda-roupa e trancar a porta, possa sair

correndo do quarto e pedir para o m eu irm ão que a tire daqui. Ou talvez eu deva m esm o cham ar

a polícia. Mas não tenho tem po para decidir qual é a m elhor opção.

Ann dá de om bros, vira-se e volta para o guarda-roupa. Quando a porta se fecha e ela som e de

vista, quase consigo m e convencer de que im aginei aquilo tudo. Mas quando vou até a porta e

olho pela frestinha, vej o que ela está sentada no chão, no m eio das m inhas roupas, trançando o

cabelo. Atrás dela, eu vej o a caixa branca onde a m inha boneca ficava, e que agora está vazia.

Engulo em seco e dou um sorrisinho, fecho direito a frestinha da porta.

Ai, se m eu guarda-roupa fosse com o um cofre de banco e eu pudesse trancá-la ali dentro para

sem pre...

Algum a coisa m e diz que não será fácil m e livrar dela.

11

Não estou nem na m etade do cam inho para a escola quando j á deveria estar na sala de

aula. Não consigo nem andar direito: estou confusa, m eio tonta, perdida pensando nos

acontecim entos bizarros da m inha m anhã.

Desde o m eu aniversário de dezesseis anos, m inha vida virou de cabeça para baixo. É um

caso de antes e depois bem óbvio.

Antes: norm al.

Depois: um pelotão de palhaços m alucos.

Fala sério. A Boneca Trapinho? Chicletes de bolinha? Um pônei rosa-shocking?

Talvez,

quando eu ainda era pequena, fosse am ar tudo isso. Putz, se eu soubesse que existiam pôneis

daquela cor, eu teria im plorado por um . Ele tinha até um sorvetinho pintado no traseiro, com o o

Meu Querido Pônei favorito.

Paro de repente, e m eu queixo está tão caído que quase se apoia no m eu All Star.

É com o se

todos os sons tivessem sum ido de repente e o m undo todo estivesse em silêncio, a não ser pelo

pulsar nos m eus ouvidos. Não consigo ver nada à m inha frente, porque tudo ficou m eio turvo e

cinza.

“Eu desej o que todos os m eus desej os de aniversário realm ente se tornem

realidade. Porque

eles nunca se realizaram .”

Não.

Não, não, não.

Im possível.

Fico ali, com os olhos ainda fora de foco, respirando com tanta força que m eu peito com eça

a estufar, com o se eu tivesse acabado de correr uns três quilôm etros na aula de Educação Física.

Olho para o nada, tentando relem brar os últim os anos e exatam ente o que desej ei quando

tinha nove anos, e era obcecada por aquela porcaria de Boneca Trapinho. Foi o ano em que m eu

pai saiu de casa. O ano em que m inha m ãe ficou praticam ente perdida no m undo, o ano em que

m eu irm ão encarou o divórcio ficando na rua até tarde com os am igos e um ano antes de a

Nicole se m udar aqui para a cidade.

Eu não conhecia ninguém .

“Eu queria que você fosse real, Ann. Assim , eu teria um a am iga de verdade.”

De repente, preciso m e sentar, m as não tem banco por perto. Então sim plesm ente m e sento

no m eio da calçada, com as pernas cruzadas, e m e curvo para a frente, com a cabeça entre as

m ãos, os dedos nas têm poras, m eu cabelo escuro e ainda m olhado caindo nos m eus olhos. O frio

do cim ento úm ido encharca m inha calça j eans im ediatam ente, m as eu nem ligo.

Isso é ridículo. Desej os não se tornam realidade. E bonecas não ganham vida de um a hora

para outra.

A Ann estava m esm o agindo de um j eito bem estranho, copiando m inha postura e m inha

m aneira de falar. Era com o se ela não soubesse falar ou andar e estivesse tentando aprender ao

m e observar.

Não, não, não. Que coisa m ais im becil. Ela é um ser hum ano, não um a boneca.

Pisco algum as vezes, m as m inha visão ainda não entra em foco. Quando eu tinha sete anos,

fiquei obcecada por fazer bolas de chiclete. Será que desej ei um estoque ilim itado de chiclete?

Forço m eu cérebro, tentando lem brar o que fizem os no m eu aniversário de sete anos. Foi m eu

últim o aniversário com m eus pais j untos e que com em oram os com o um a fam ília.

Provavelm ente, eu desej ei algum a coisa bem boba com o um m onte de chiclete.

O pônei. “Aim eudeus”, o pônei.

Com certeza, eu pedi um pônei. Eu teria adorado se um dos Meus Queridos Pôneis fosse

vivo de verdade.

Fecho os olhos por um m om ento em silêncio, procurando lim par m inha cabeça de todos

esses pensam entos em baralhados. Eles giram tão rápido que m al posso escutá-

los.

“Eu desej o que todos os m eus desej os de aniversário realm ente se tornem realidade. Porque

eles nunca se realizaram .”

Não pode ser verdade.

Minha festa foi há três dias. Todo dia, um desej o novo apareceu do nada.

Prim eiro o pônei,

em seguida o chiclete e agora Ann, m inha Boneca Trapinho, está viva.

Isso não é possível. Nem pensar.

Abro os olhos e encaro o concreto m olhado da calçada, respirando fundo e calm am ente.

Tem um a form iga andando no m eio-fio à m inha frente, m as estou tão confusa que nem m e

m exo quando ela com eça a escalar m eu All Star — hoj e, estou usando um am arelo, e com a

ponta toda rabiscada de quando fiquei de saco cheio na aula de História.

Poderia existir um a explicação lógica para tudo isso, certo? Com o se alguém tivesse ouvido o

que eu disse na festa e estivesse tirando um a com a m inha cara. Talvez m eu irm ão e os am igos

dele tenham se j untado porque não tinham m uito o que fazer, e essa palhaçada toda é o m áxim o.

Mas espera aí... Será que desej ei em voz alta?

Não, eu só pensei no m eu desej o.

Além disso, m esm o que eu estej a errada e tenha desej ado em voz alta m esm o, com o é que

alguém poderia program ar tudo isso em tão pouco tem po? Com o é que alguém poderia

encontrar um pônei e pintá-lo de rosa e j ogar o bicho no m eu j ardim em m enos de doze horas?

Fora ter essa tinta à m ão para m udar a cor do bicho... Então com o é que o m eu

irm ão, que tem o

cérebro do tam anho de um a ervilha, conseguiria orquestrar algum a coisa tão m aluca?

E com o é que a Ann sabia de tudo aquilo sobre m im ?

E, ainda por cim a, Chase não estava escondido nos arbustos para ver se seu planinho havia

dado certo. Não faz sentido pregar um a peça em alguém sem estar por perto para ver a pessoa se

ferrar.

E com o alguém poderia gastar tudo aquilo de dinheiro em chiclete?

É claro que o verdadeiro beij o da m orte para essa m inha teoria é que nunca falei sobre esses

desej os para ninguém . Meu irm ão — e, até onde eu sei, qualquer outra pessoa —

não poderia

saber que eu desej ei que a Ann se tornasse um a m enina de verdade e fosse a m inha m elhor

am iga.

Eu m e levanto da calçada e volto para casa.

Preciso falar com a Ann.

12

Quando abro a porta do guarda-roupa com tudo, Ann está sentada no chão, encarando o teto, seu cabelo tom ando m etade do espaço. Ela am arrou um barbante colorido nas

m ãos e está brincando de cam a de gato, ou pelo m enos tentando, j á que é um a brincadeira para

duas pessoas. O resultado é só um m onte de nós atados em seus dedos.

— Ah, que bom ! — Ela se levanta e estende as m ãos. — Esqueci com o é que se

brinca disso.

Você tem de m e ensinar de novo.

Eu só a encaro, ignorando totalm ente suas m ãos estendidas.

— Com o se eu lem brasse! Não brinco disso desde o quarto ano.

Ela faz um bico que a faz parecer ter doze anos de idade.

— Preciso saber se você está m entindo — falo, ainda de pé, perto da porta. Eu m e encosto no

batente e olho para ela com cara séria. Ela está vestida exatam ente com o m e lem bro dela. Está

faltando até aquela touquinha branca horrorosa que eu arranquei da boneca porque odiava

aquilo. Pelo m enos, ela não tem um a ilhazinha careca no lugar da touca, porque a boneca tinha.

— Sobre o quê? — Ela desem baraça o barbante dos dedos e então recom eça, tentando criar

um a série infinita de xis que antigam ente m e m antinha entretida por horas e horas.

— Sobre você ser a Boneca Trapinho.

— É claro que não. Por que eu m entiria? — Ela m e olha por m eio dos cílios grossos, com o

se eu é que estivesse sendo ridícula.

— Eu não sei! Por um m ilhão de m otivos. Alguém está lhe pagando; você é um a m enina de

rua; isso é algum tipo de esquem a. Não sei. Só que tudo isso parece inacreditável dem ais.

Ela dá de om bros.

— Pode ser. Mas estou feliz de ter saído daquela caixa. É superescuro lá dentro, sabia? Você

poderia pelo m enos ter feito um buraquinho nela.

Eu suspiro e m e sento no chão ao lado dela, abrindo totalm ente a porta do guarda-roupa. Eu

m e deito no carpete e fico olhando para o teto.

— Por que você está aqui?

Ann se vira e se deita no chão ao m eu lado. Seu cabelo ruivo-m orango está quase tocando o

m eu.

— Não tenho a m enor ideia.

Então som os duas.

Eu deveria ir para a escola, m as j á perdi a m aior parte da prim eira aula m esm o, e até parece

que eu poderia m e concentrar em fusão celular quando tem um a boneca de tam anho natural

m orando no m eu guarda-roupa. Vou tentar chegar para a segunda aula, depois de resolver tudo

isso.

— Eu acho que você é um dos desej os que fiz — digo após um longo m om ento de silêncio.

— Quando eu era pequena, eu queria que você fosse de verdade.

— Eu não entendo. — Ela se vira e m e encara, e consigo sentir sua respiração na m inha

bochecha. Que bizarro. Bonecas não respiram .

— Uns dias atrás, eu desej ei que todos os m eus desej os de aniversário se tornassem realidade.

E agora está acontecendo de verdade. Um por dia.

— O que m ais você pediu?

— Um m onte de chiclete de bolinha. E um pônei. — Eu m e sento. — Ah, não.

— O que foi?

— Isso quer dizer que tenho m ais doze pela frente.

— Desej os? — pergunta Ann. Ela é m eio lerda. Ou talvez isso tudo não faça o m enor

sentido.

— Sim !

Fico de pé num pulo e corro para a m inha escrivaninha, arrancando um a página do m eu

caderno com um a caveira m agenta na capa. Escrevo rapidam ente dezesseis núm eros num a

coluna à esquerda. Marco um “X” enorm e ao lado do m eu prim eiro aniversário, porque duvido

de que tenha feito um pedido naquela época. Isso significa que tenho quatorze desej os de

aniversário ao todo.

Escrevo “Boneca Trapinho” ao lado do m eu aniversário de nove anos,

“chicletes” ao lado do

sétim o, e m e arrisco a adivinhar que o Meu Querido Pônei foi o desej o do sexto.

Parece fazer

sentido.

O restante da lista está pateticam ente vazio. Onze espaços em branco.

Encaro cada núm ero, tentando m e lem brar daquilo que m ais queria a cada ano, m as não é

fácil fazer essa viagem no tem po. O que eu m ais queria quando tinha quatro aninhos de idade?

Ou m esm o dez?

Só tenho um branco para cada ano, até que eu chego ao núm ero quinze, m eu aniversário do

ano passado.

Foi o ano em que eu e a Nicole com em oram os no restaurante Red Robin, e eles m e deram

um sundae gigante com um a velinha brilhante.

E Ben estava lá, a várias m esas de distância, alm oçando com os am igos dele.

Então fechei os

olhos, fiz o desej o e apaguei a vela.

Eu sei o que desej ei no ano passado.

Desej ei que o Ben m e beij asse.

13

Com o ir à aula de Trigonom etria envolvia m e sentar ao lado do Ben, decidi pular essa

tam bém . Tenho certeza de que só um desej o por dia se torna realidade. Mas não estou a fim de

testar essa teoria. De qualquer m aneira, ainda não.

Na aula de Educação Física, tom ei um a bolada na cabeça no j ogo de vôlei e a professora m e

deixou ficar quietinha o restante da aula. Com o se eu estivesse fazendo algo além de encarar a

rede. Prefiro achar que é o poder de fazer várias coisas ao m esm o tem po, j á que estava perdida

nos m eus pensam entos, tentando lem brar alguns dos desej os da m inha infância e j ogar vôlei,

m esm o que não estivesse batendo na bola com nada além da cabeça.

Na hora do alm oço, eu estava m orrendo de vontade de conversar com a Nicole.

Essa coisa

toda dos desej os parece ridiculam ente inacreditável e, se tem alguém que pode m e aj udar, esse

alguém é ela. Se ela não m e levar a sério, levo-a para casa e m ostro a Ann para ela. Além disso, há

anos som os m elhores am igas, e então ela deve ter algum as ideias para a m inha lista de desej os.

Quando chego ao refeitório, ela j á está na fila da salada, falando com Breanna Mills, um a das

líderes de torcida. Hum . Eu sem pre achei que a Nicole odiasse a Breanna, m as elas estão rindo de

algum a coisa j untas, e está na cara que ela não está prestes a arrancar o olho da m enina.

Pelo j eito, se eu posso ter um a Boneca Trapinho de tam anho natural, qualquer coisa pode

acontecer.

Ela m e vê olhando para ela e m e pede para esperar um m inutinho. Eu só faço que sim com

a cabeça e m e sento à m esm a m esa de sem pre. Ela paga o alm oço, faz um tchauzinho para a

Breanna e vem em m inha direção. Ela está m ais em polgada que o norm al, ou talvez sej a apenas

o cabelo dela. Acho que ela fez baby liss hoj e e acho tam bém que ela nunca tinha usado esse

negócio antes. O cabelo da Nicole é tão liso que os cachos não sobrevivem por m uito tem po.

Mas hoj e parece que o cabelo dela é o cabelo da foto da caixa do baby liss, m ostrando com o o

seu cabelo pode ficar incrível se você com prar esse produto. Cachos espirais perfeitos. Hum m m .

— O seu cabelo está... um a graça — elogio. Mas é verdade. Porém está tão diferente que não

consigo parar de olhar para a cabeça dela, com o se fosse assustador (o que não deve ser o

resultado que ela está esperando).

— Obrigada! Eu tive de levantar, tipo, às cinco da m anhã para enrolar tudo. Eu com prei um

spray fixador novo. Ele é ótim o.

Faço que sim com a cabeça e continuo encarando-a. Não é só o cabelo dela. A pele está...

Perfeita.

— Nossa. Você está...

Nicole abre um sorrisão.

— A gente finalm ente encontrou um rem édio que funciona. Não é o m áxim o?

Faço que sim . Ela está radiante, quase brilhando de tanta felicidade.

— É, total... nossa, você está incrível.

Seu sorriso fica ainda m ais largo e ela dá um a voltinha, os cachos pulando sobre seus om bros.

Sinto que está rolando algo m ais, porque a Nicole não se senta depois da viradinha. Ela só

fica ali, segurando a salada, sorrindo com sua beleza recém -descoberta.

E então finalm ente solta a bom ba.

— A Breanna falou que a gente pode alm oçar na m esa dela.

Meu queixo cai e só consigo encará-la. Não acredito que ela quer alm oçar na m esa da

Breanna Mills, tam pouco que a gente foi convidada para se sentar lá.

Olho de lado para a m esa-alfa, que está lotada de atletas valentões e líderes de torcida.

— Não tem lugar sobrando — respondo, dizendo o óbvio. Eu não m e sentaria àquela m esa

nem se houvesse vários lugares vazios, ou se eles fossem banhados a ouro e viesse um a garçonete

que lim passe m eus lábios entre um a bocada e outra.

A expressão da Nicole não m uda quando ela olha para a m esa e vê que eu tenho razão. Ela

coloca a salada sobre a m esa e se senta à m inha frente. Ela abre a latinha de Coca Zero.

— Ela não é tão ruim assim , sabia? Ela é bem engraçada.

Eu m e seguro para não dizer “engraçada com o um a pedrada”, porque até eu sei

que essa

brincadeira perdeu a graça no quarto ano. Em vez disso, falo:

— A não ser que você sej a a vítim a das piadas dela. E, só para lem brar: geralm ente, é isso o

que acontece.

A Nicole sim plesm ente dá de om bros, m as obviam ente entende o que quero dizer, porque

faz que sim com a cabeça e então olha de canto de olho para a outra m esa de novo. Não é preciso

ser gênio para saber de quem eles estão falando. Possivelm ente planej ando um a invasão à la

Stalin de todo o refeitório.

— Eu tenho um a história m uito, m uito louca m esm o para contar — com ento, quando ela

finalm ente desiste de ser a m elhor am iguinha de um a ditadora.

— É? — Nicole m astiga a salada e olha com cara de paisagem pela j anela.

— É. Parece que a gente nem conversou direito desde o m eu aniversário, então você nem

im agina o que está rolando.

— Ai, desculpe, eu ando tão ocupada... — Sua voz m eio que se perde e ela para de m astigar

para continuar olhando pela j anela, que dá para o pátio onde os alunos do últim o ano

geralm ente alm oçam .

— Você está vendo isso?

Ela aponta para um a das j anelas com o garfo. Eu sigo o seu olhar e, quando vej o o que ela

está apontando, m inha boca seca.

“Ah, não. Perigo!”

A Boneca Trapinho saiu do m eu guarda-roupa. Toquem o alarm e! Abandonar navio!

Ela está lá fora, brincando de am arelinha. Ela ainda está com aquele vestido azul, o avental

branco e a m eia-calça superbrilhante. Para piorar, ela resolveu com binar tudo com os m eus

coturnos pretos, e agora parece a Boneca Trapinho brincando de G.I. Joe.

Fico paralisada por um segundo, enquanto alguns dos m eus colegas de classe param para

conversar com ela. Ela para de brincar de am arelinha e coloca as m ãos na cintura, com eçando a

dialogar com eles.

Ai, m eu Deus! Provavelm ente ela está contando para todo m undo que m ora com igo! Minha

vida acabou.

— Hum , eu acho que com i um burrito estragado, sei lá — invento, saindo da m esa. — A

gente se fala m ais tarde?

Antes que Nicole possa responder, j ogo m eu alm oço quase intocado no lixo e saio correndo

lá para fora. A Boneca Trapinho não está nem perto da m inha lista de coisas felizes.

14

Eu perco o horário de alm oço inteirinho para levar a Ann de volta para casa e passar

um serm ão sobre com o é m elhor ficar quieta e não sair do lugar. Consigo voltar para a aula bem

na hora em que o últim o sinal toca, e m eu estôm ago ainda vazio ronca. A Ann j á entrou para a

lista das pessoas que não estou curtindo m uito no m om ento.

Na aula de Fotografia, Nicole e eu com binam os de ir a um a loj a de artigos para festas na

cidade de Puy allup, que fica perto daqui, e eu a forço a dar um a passada na Wendy ’s, no

cam inho, para pegar um as batatinhas e m ilk-shakes. Só depois de devorá-los consigo sentir que o

m undo está de volta ao norm al.

Quando a Nicole estaciona seu Cavalier no shopping, m eu celular toca.

É a m inha m ãe. Que estranho!

— Alô? — pergunto, enquanto saio do carro. Coloco o capuz do m eu m oletom

verde-lim ão

com zíper, enfiando m eu cabelo castanho todo em baraçado lá dentro, pois com eça a garoar.

— Kay la?

— Ah-hã.

— Você m atou aula hoj e?

Meus olhos saltam para fora e olho para a Nicole.

— O que foi? — Ela fala sem produzir nenhum som .

Eu faço que não com a cabeça, para que ela não fale nada.

— Hum , não. Eu cheguei m eio atrasada, m as fui sim .

— Pois eu acabei de receber um a ligação do seu diretor, e ele tem outra opinião sobre isso.

— Eu j uro, m ãe, eu fui à escola hoj e. Cheguei atrasada porque tropecei e caí em um a poça

bem em frente à escola e tive de ir correndo para casa m e trocar. Eu só perdi um a parte da aula,

m as fui.

— Eu lhe dou liberdade porque confio em você, Kay la.

Que droga. Eu acabo dando risada, porque o que ela está dizendo é totalm ente ridículo. Ela

m e dá liberdade porque prefere trabalhar a ficar com igo ou com o Chase.

Percebo tarde dem ais o

que fiz, e agora não tem volta.

— Você está rindo de quê?

— O quê?

— Você tem algum a coisa para m e dizer?

Só olho para cim a.

— Não. Nada, m ãe.

— Eu lhe dou tudo, Kay la. Eu trabalho o dia todo para a nossa fam ília. Não se

esqueça disso.

— Mãe, eu preciso ir. A gente se fala m ais tarde — digo, desligando antes de m e enrolar

ainda m ais.

Nicole está m e esperando na área coberta da entrada do shopping, e dou um a corridinha até

lá.

— O que aconteceu?

— Ela descobriu que eu faltei à aula hoj e e queria m e passar um serm ão.

— Que saco!

— É. Ela tenta dar um a de “m ãe do ano”. É irritante. Eu podia usar um a fantasia de galinha

gigante todo dia para ir à escola e ela nem saberia se ninguém contasse.

Nicole faz que sim com a cabeça.

— Mande um a foto para o BlackBerry dela. Quem sabe ela presta atenção.

Eu sorrio. A Nicole entende perfeitam ente com o a m inha fam ília funciona e sem pre m e faz

sentir m elhor, m esm o que tudo sej a um a droga e que a vida na casa dela sej a perfeita. Ela m e

deixa reclam ar um a hora inteira se eu precisar.

Mas hoj e não quero pensar nisso. Entro com ela no shopping e passam os por todos os

quiosques vendendo coisinhas inúteis e supercaras para, finalm ente, chegarm os à loj a de

fantasias: o nosso destino.

Apesar de o Halloween só rolar daqui a um m ês, a loj a j á está cheia de fantasias.

Foices e

capuzes assustadores, m áscaras com a cara do presidente, um as fantasias de bruxa periguete... As

possibilidades são infinitas.

— E se fôssem os de rainhas zum bis? — pergunto, ao pegar um potinho de tinta verde para o

rosto. Com a outra m ão, pego uns dentes de borracha, daqueles que fazem parecer que a boca

inteira está apodrecendo. Seguro os dois ao lado do m eu rosto e dou um sorrisinho brega de

m odelo em com ercial de pasta de dente.

Nicole olha por cim a do om bro e então faz que não está nem aí.

— Hum . Acho que pode dar certo.

Faço cara feia. Não é a anim ação que eu esperava.

Desde o ano passado planej am os chegar sem convite no Baile de Outono da escola, com

um a roupa totalm ente ridícula. Sabe, fom os pela prim eira vez no ano passado, quando estávam os

no nono ano, e acham os essa pagação de pau para a escola um a palhaçada. Tudo com eça com

um a apresentaçãozinha péssim a dos tim es, quando as líderes de torcida e os j ogadores de futebol

am ericano desfilam com o se fossem da fam ília real. Mais tarde, eles são coroados de verdade

com o a rainha e o rei do baile, enquanto os súditos os adoram com o deuses.

No ano passado, depois de um m ês no nono ano, a Nicole e eu ainda não

tínham os nos

ligado nesse rito de passagem tão arcaico. A gente achava que podia aparecer sem um par,

divertir-se e tirar um as fotos legais j untas.

Mas, pelo j eito, não recebem os o e-m ail que exigia que com parecêssem os em vestidos de

estilistas fam osos e de braços dados com m eninos m etidos em sm okings da Calvin Klein.

Tínham os de ir com aquele buquezinho péssim o preso ao pulso 5 e com o cabelo arrum ado no

salão. Precisávam os chegar de lim usine e gastar m ilhões de dólares num j antar.

Naquela noite, prom etem os que, não im portasse o que acontecesse — m esm o se nós duas

estivéssem os nam orando —, voltaríam os no próxim o baile com um a fantasia bem idiota, para

tirar um a com a cara deles. Sabíam os que, se estivéssem os nam orando, os m eninos seriam legais

o bastante para participar do nosso planinho.

— Acho que se a gente usar um as tiaras de princesa e tudo o m ais, acabam os tirando sarro

tanto do baile quanto da rainha do baile. Dois coelhos com um a só “tiarada”.

Nicole faz que sim com a cabeça, pega um a tiara e a exam ina de perto.

— Não sei, não tenho certeza se isso aqui serve. — Ela coloca a tiara de volta no ganchinho.

— A gente poderia dar um a olhada na outra loj a de fantasias.

— Duvido que eles tenham m ais coisas. Esse lugar aqui é gigante. Tem de ter algum a coisa

legal. E se form os com o bonecas gigantes? — pergunto, virando-m e para olhar a

Nicole. Ela está

arregalando os olhos para um a fantasia de um casal: bacon com ovos.

— Quê?

— Tipo Boneca Trapinho e Boneco Trapinho. Eu tenho o vestido perfeito. Você pode ir

vestida de boneco.

Ela faz bico e praticam ente rosna.

— Nem pensar!

— Tá, tá. Você pode ser a boneca e eu vou de boneco.

— Estou falando de tudo isso — diz ela. Seu celular vibra e ela pega o telefone.

Ela dem ora

uns dezesseis segundos para m andar um a m ensagem .

Im agino o tipo de m ensagem que ela está enviando: “Ai, Ben, m eu bem , j á faz um a hora

inteirinha que não toco no seu cabelo perfeito”.

Eu dou um a risadinha, ainda feliz por estar m e divertindo, porque esta tarde está um a

porcaria.

A Nicole não está m ais a fim de ir fantasiada. Dá para perceber. Eu estou plantada aqui, só

esperando que ela adm ita que vai m e j ogar para escanteio, j unto das fantasias, para ir ao baile

com o Ben, usando um vestido brilhante e sapatos de salto alto.

— Você ainda está a fim ou desistiu?

Ela guarda o telefone com tudo.

— É claro que estou. Há um ano que a gente fala disso. Eu prom eti que faria o

que você

quisesse depois de perder o seu aniversário, lem bra? É que não tem nada legal aqui. Vam os

tom ar um suco. Tem um salão perto do Orange Julius que vende um spray fixador para cabelo.

Ele é ativado pelo calor do secador.

A frase inteira só m e faz querer olhar para cim a, m as não faço isso.

Sim plesm ente a sigo até a

loj a, m eu coração afundando enquanto deixam os as fantasias para trás.

Talvez o m eu trabalho de autorretrato para a aula de Fotografia deva ser a foto de um buraco

enorm e e vazio, porque é assim que eu m e sinto.

5 Nos Estados Unidos, em festas tradicionais com o a Festa da Prim avera ou a

Festa do Outono, e m esm o nas form aturas do colégio, é um costum e que os garotos deem um arranj o de flores preso em um elástico à m enina que será seu par na festa e que ela use o enfeite em seu

pulso, com o um a pulseira, durante a festa. (N.E.) 15

Apesar de sonhar que Ann e o pônei tinham fugido para o México, acordo na m anhã

de sexta com ela se apoiando na m inha cam a, encarando o m eu rosto, seu nariz quase tocando o

m eu.

Ela não se m exe nem quando abro os olhos. Sim plesm ente sorri de um j eito que m e dá

arrepios, porque está a um centím etro do m eu rosto.

— Eu achei que você não acordaria m ais! — com enta, os olhos verdes brilhando e tão

arregalados que os seus cílios grossos agora alcançam as sobrancelhas.

— Hum , é... Você pode chegar um pouco para trás? — Estou surpresa por ela ainda estar viva

depois de entrar em contato com o m eu bafo m atutino.

— Ah! — Ela se endireita e dá um passo para trás.

— Você não precisa dorm ir? — pergunto, sentando-m e na cam a e enrolando-m e no

cobertor. É esquisito e assustador ter um a estranha olhando para m im enquanto durm o. Mesm o

que essa estranha tenha sido um dia a m inha boneca predileta. Ou, talvez, principalm ente por essa

estranha j á ter sido um dia a m inha boneca predileta.

Ela dá de om bros e se senta com tudo no chão.

— Eu passei seis anos dorm indo; estou pronta para um a aventura.

Que ótim o. A Boneca Trapinho quer brincar de escoteira com igo. Algo m e diz que ela não

gostará m uito se eu a enfiar de novo no guarda-roupa.

Cruzo os braços e faço cara feia.

— Você e o pônei deveriam estar no México.

— Aquele pônei? — pergunta Ann, apontando para a j anela.

Seguro a respiração e então m e viro para olhar pela m inha j anela. Por favor, estej a errada.

Não vej o o pônei desde que o Ben o trouxe de volta para a m inha casa, e achava que era tudo

culpa do m eu portão deixado estrategicam ente aberto. Nas últim as vinte e quatro horas havia m e

convencido de que ele j á tinha ido para bem longe.

Mas não. Vej o o pônei pastando nas plantas da m inha m ãe. O que tenho de fazer agora? Será

que a Sociedade Protetora dos Anim ais aceita pôneis? E pôneis rosa-shocking?

Então, ouço alguém ligar a m áquina de lavar.

Minha m ãe está em casa. E o pônei tam bém . Isso não é bom .

— Você precisa esconder aquela coisa!

Pulo da cam a e corro para a porta.

— Saia pela j anela do quarto, pendure-se na cerej eira para chegar até o chão e então leve o

pônei para o quartinho no fundo do j ardim , tá? Enquanto isso, eu distraio a m inha m ãe. Depois,

entre no quarto pela j anela de novo e espere aqui.

Quando estou prestes a sair do quarto, tropeço em algum a coisa e vou voando até a porta,

caindo de boca no chão e esfolando m eu queixo.

Um chiclete de bolinha quica na parede.

Malditos chicletes de bolinha! Eu vou…

Pônei. O pônei é a prioridade agora. Levanto-m e com m uito custo e estou na m etade do

cam inho até a porta, quando m e viro e olho de novo para Ann. Ela j á está com um pé para fora

da j anela, pisando no telhado, e o outro no chão acarpetado do m eu quarto.

— Repito, você tem de voltar para cá. Minha m ãe não pode ver você ou estarei ferrada!

Desço as escadas correndo, de dois em dois degraus. Minha m ãe está na área de serviço, que

não tem j anela, m as a qualquer m om ento entrará na cozinha para pegar um

cafezinho. Ela

olhará pela j anela ao se servir de café e verá um pônei rosa-shocking brilhante.

Com um sorvete

de casquinha desenhado na bunda.

Posso fingir que não tenho nada a ver com o pônei, m as, se esse negócio dos desej os não

parar rápido, essas coisas m alucas continuarão acontecendo, e m inha m ãe perceberá que todas

elas têm apenas um a coisa em com um : eu.

Vou escorregando de m eia bem na hora em que m inha m ãe sai da área de serviço.

— Mãe! Que legal ver você! — exclam o, andando em sua direção. Fico do outro lado, para

que ela tenha de ficar de costas para a j anela.

— Bom dia — diz ela, com um a sobrancelha levantada. Eu acho que ela sabe que está

rolando algo. Desde quando um a m enina de dezesseis anos vai correndo para a cozinha falar com

a m ãe? — O que aconteceu com o seu queixo?

— Ahn? Ah, nada. — De repente, m eu queixo com eça a queim ar, com o um a grande letra

escarlate (aquela do film e). Preciso disfarçar. Ponho um a m ão na cintura e m e apoio no balcão.

— Ah, então, eu estava pensando em tentar... — Minha voz som e. Jogar softball?

Até parece que

ela vai acreditar. Fazer aula de teatro? Acho que não. — ... entrar na nossa equipe de debate na

escola com o líder.

Que ótim o, isso tam bém não faz sentido algum .

Olho de leve por cim a do om bro da m inha m ãe. Ann está correndo em direção ao pônei,

que dá um a voltinha sobre os cascos e sai trotando pela gram a, com um galhão das plantas da

m inha m ãe na boca. O pônei dá um relincho fininho e som e de vista; neste instante tenho um

ataque de tosse, pois quis encobrir o barulho.

Minha m ãe estreita os olhos e m e lança um olhar desconfiado.

— Você não precisa participar prim eiro da equipe de debate para ser líder?

— Ah. Ahn, é sim . É que, bom , o que eu quis dizer é que vou tentar entrar para a equipe de

debate com a líder. A líder... é quem faz os testes.

E tam bém vou tacar fogo no m eu cabelo.

— Ah. Eu não tinha a m enor ideia de que você se interessava por debate —

com enta m inha

m ãe. Acho que ela não está acreditando na m inha história, m as ainda tam bém não descobriu o

que há de errado, o que j á está valendo.

— É. Eu...

Estreito m eus olhos. O pônei passa trotando com o avental da Ann na boca. Ann aparece,

agitando os braços sobre a cabeça, e os dois som em à direita.

— Tem cenoura? — pergunto, sem pensar.

— Cenoura?

— É. Eu queria tanto com er um a cenoura bem gostosa no café da m anhã. — Por algum a

razão, flexiono m eu bíceps ao dizer isso, com o se um a cenoura fosse m e deixar m egam usculosa.

Que ótim o. Talvez m inha m ãe tam bém queira um a entrada grátis para o hospício.

Minha m ãe deixa a cabeça cair para o lado.

— Você está se sentindo bem ? — Ela estende o braço e coloca a m ão sobre a m inha testa.

— Sim ! Superbem . E a cenoura?

Minha m ãe faz que sim com a cabeça, ainda m e olhando de um j eito estranho, e vai até a

geladeira. Enquanto ela fuça lá dentro, e a porta m e bloqueia de sua visão, corro até a j anela e

faço um sinal de “ferrou!” para Ann, com o quem quer dizer “vai logo e pega esse pônei m aldito”.

Ela praticam ente salta no ar e sai correndo atrás do pônei. Ela pegou o avental de volta e

agora parece querer usá-lo para laçar o bicho.

Putz. Talvez eu devesse ter ido atrás do pônei enquanto Ann poderia fingir ser um a colega da

escola. Mas ela não parece entender nem um pouco com o é que se faz para disfarçar e duvido

que ela conseguisse passar trinta segundos conversando com a m inha m ãe. A prova de tudo isso é

ela correndo e agitando os braços com o um a galinha louca nesse instante.

Volto a dar atenção para a m inha m ãe quando ela finalm ente encontra um a cenoura. Ela a

m ostra para m im , m as faz cara feia ao ver a cenoura se entortando para o lado.

— Essa cenoura está com um a cara m eio borrachenta — falo, estendendo a m ão

para pegá-

la. Ela quase se dobra na m etade. Eca. Aposto que a últim a vez que m inha m ãe foi ao m ercado e

com prou algum a coisa além de com ida congelada foi em agosto.

De 2006.

— Que noj o! Deixe que eu j ogo isso no lixo — diz ela, estendendo a m ão para pegar a

cenoura de volta.

A lixeira fica bem perto da j anela, com um a vista clara e desobstruída para a palhaçada que

está rolando lá fora com a Ann e o Meu Querido Pônei.

— Não, ainda está boa, ó! — Dou um a m ordida na borrachenta e então m astigo com um a

m istura de sorriso e ânsia de vôm ito. Essa coisa é noj enta, parece chiclete sabor cenoura.

Minha m ãe m e lança outro olhar desconfiado. Olho para a esquerda e fico aliviada ao ver

que a Ann am arrou o avental ao redor do pescoço do pônei e o está levando para o quartinho nos

fundos do j ardim . Até que enfim !

Minha m ãe sim plesm ente dá de om bros e se volta para a cafeteira bem na hora em que a

porta do quartinho se fecha. Ela para um m inuto e olha pela j anela. Será que ela viu a porta se

fechando?

Não pode ser. Mas seguro a respiração m esm o assim .

— Tudo pronto para a sua prova da autoescola agora cedo? — pergunta ela, de costas para

m im , enquanto coloca o bule de café de volta na cafeteira.

Eu faço que sim com a cabeça, m inha boca ainda cheia de cenoura borrachuda.

— Claro! — respondo, com pedaços cor de laranj a saindo da m inha boca.

Estou exagerando um pouco. Se m inha m ãe tivesse m e levado para dirigir pelo m enos um a

vez no últim o m ês, eu estaria um pouco m ais confiante. Eu m al sentei atrás de um volante desde

que as m inhas aulas da autoescola acabaram , no verão passado.

— Que bom . Eu só tenho de fazer um a coisa e vou deixar o Chase no trabalho, e então volto

aqui para pegar você. A gente tem de sair daqui um as sete e m eia. Tudo bem ?

Faço que sim com a cabeça. Parece que m inha m ãe j á está falando por um a eternidade

enquanto m orro de ânsia com aquela cenoura borrachenta na boca.

— Tudo.

E então saio correndo da cozinha, cuspindo a cenoura na m inha m ão, quando ninguém

m ais pode m e ver. Dessa vez, passou perto dem ais.

“Preciso de um plano.”

Subo as escadas para o m eu quarto, de dois em dois degraus, e passo pela porta, quando a

Ann cai para dentro da j anela. Eu a encaro por um segundo, percebendo que a m inha vida toda

vai para o brej o se eu não conseguir dar um j eito nessa situação.

— Beleza. Então eu tenho você, um pônei... os chicletes de bolinha...

Suspiro e m e afundo no chão. Tem um quarto pedido m e esperando. Hoj e. Em

algum lugar.

Nem quero tentar adivinhar que tipo de estrago vou encontrar. Está piorando a cada dia.

— Você vai ficar aqui o dia todo — ordeno, olhando para ela. — Com o pônei.

Ann se senta do outro lado, de frente para m im , dobrando as pernas direitinho, até copiar

exatam ente o j eito com o estou sentada. Nela, fica parecendo um a posição de ioga. A qualquer

m om ento, ela fechará os olhos e dirá: “Oooom m m m m ”.

— Eu não quero. A sua escola é m ais legal.

— Ann! — eu a repreendo, com a voz um pouco alta dem ais. Abaixo o volum e.

— Você não

entende. A escola só perm ite a entrada de alunos. Os visitantes têm de se registrar na secretaria e

andar por lá com um acom panhante. Não dá para sim plesm ente aparecer lá do nada.

Ela faz bico e cruza os braços.

— E aquele pônei — continuo, apontando para fora da j anela — precisa ser vigiado.

— Mas por que eu é que tenho de vigiá-lo?

— Eu é que não posso. Tenho de ir para a escola ou vou acabar m e dando m al.

— Tá! — Ela se levanta e anda com passos pesados. — Eu fico de olho no pônei.

Mas você

m e deve essa!

Hum pf. Eu não devo nada para um a boneca e um Meu Querido Pônei. Eles é que estão

acabando com a m inha vida. Mas não digo nada disso em voz alta.

Esperam os até a m inha m ãe sair a bordo de seu Lexus, com m eu irm ão no banco do

passageiro, antes de descer a escada e ir lá para fora.

O quartinho no fundo do j ardim é grande, provavelm ente com uns três m etros e m eio de

largura e uns quatro m etros e m eio de profundidade. No entanto, a uns dez m etros de distância

j á consigo ver que o pônei não gosta nada de lá. Ele está m archando duro e escoiceando nas

paredes.

Graças a Deus que m inha m ãe não ouviu nada disso da cozinha.

— Tá vendo por que a gente não pode deixá-lo sozinho? — pergunto, olhando m eio feio

para a Ann.

Ann sim plesm ente olha para cim a, nem ligando. Faço cara de brava, porque sei que ela deve

ter aprendido isso com igo, e tento m e lem brar quando é que olhei para cim a daquele j eito perto

dela.

Abro a porta do quartinho e o pônei tenta m e derrubar para passar por m im .

Puxo a Ann aqui

para dentro tam bém e fecho a porta. Dem ora um pouquinho para m eus olhos se acostum arem à

escuridão.

Acabo de achar os chicletes de bolinha. Eles estão guardados em sacos de lixo, em pilhados

por tudo quanto é canto. Não consigo nem ver o cortador de gram a, nem as pás no fundo do

quartinho. Um dos sacos está rasgado — ou coiceado, talvez —, e tem chiclete de bolinha por

todo lado. Não é à toa que o pônei não gosta daqui. Os chicletes estão tom ando dois terços do

espaço.

— Fiquem quietinhos aqui. Se você tom ar cuidado, pode ir pegar algum a coisa para com er

lá dentro. Mas não deixe ninguém ver você. Eu volto às duas e m eia, tá?

Ann dá um suspiro gigante e bem irritado e faz que sim com a cabeça.

— Tá, beleza. Até m ais.

Então saio dali rapidinho antes que ela m e im peça e rezo para ela não aparecer antes da

m inha m ãe vir m e buscar.

***

Graças à m anhã bizarra que tive, quase pisei na bola no m eu exam e de direção.

Com ecei a

pensar nas roupas ridículas da Ann enquanto tentava fazer um a baliza e perdi seis pontos por

acertar um cone. Então, poderia j urar que vi o pônei passeando na calçada, m as era só um a

senhora bem acim a do peso vestindo um a cam iseta “rosa-cheguei”.

No entanto, ao final, recebi m inha carteira de m otorista, recém -saída do forno.

Estou

horrorosa na foto, é só um docum ento tem porário até a carteira de verdade chegar pelo correio.

O im portante é que agora eu tenho carteira de m otorista.

Com toda essa loucura rolando, ficou até m eio perdida. Porém , de qualquer m aneira, agora

eu posso dirigir, e m al posso esperar para m ostrar a carteira para a Nicole. Vou ter de esperar até a

aula de Fotografia, porque perdi a de Biologia. Minha m ãe m e deixa na escola faltando vinte

m inutos para o fim da aula de Matem ática.

Passo pela porta e a professora está falando pelos cotovelos lá na frente. Eu paro e entrego a

ela um papel cor-de-rosa. Ela dá um a olhada e faz que sim com a cabeça, e então vou para a

m inha carteira.

A alguns m etros do m eu lugar, entro em pânico ao perceber um a coisa: não sei qual é o

pedido de hoj e, e poderia ser o Ben. Ele poderia m e beij ar. É que, pelo que eu m e lem bro, esses

desej os não estão rolando em ordem . Então quem poderia dizer que m eu desej o de décim o

quinto aniversário não aconteceria hoj e?

Minha respiração estaciona na garganta e m inha m ente fica lenta e quase para de funcionar

por com pleto. É com o se todo pensam ento coerente que eu tenho estivesse atolado na lam a.

Estou a m eio cam inho da m inha carteira, e m eus pés ficam lerdos, arrastando-se pelo carpete.

O Ben não tentaria m e beij ar na aula, né?

Finalm ente, sento com tudo à m inha carteira, m eio que escorregando de lado, tentando não

parecer obviam ente im becil, e m e apoio no m eu cotovelo esquerdo, tentando ficar longe do

Ben. Estou m al m e equilibrando na cadeira, m as tento parecer controlada e com o se não

estivesse acontecendo nada de m ais ao copiar a lição do dia. Eu m e viro, na esperança de

encontrar um a m aneira de m e m anter nessa posição, e algo cai de dentro do

bolso da m inha

j aqueta.

Um chiclete de bolinha am arelo brilhante. Ele rola pelo corredor entre as carteiras

enfileiradas e finalm ente para ao atingir o tênis Adidas preto desbotado de um cara. Não aguento

m ais essas porcarias aparecendo por tudo quanto é lado. Juro que não estava no m eu bolso alguns

segundos atrás.

Ben m e olha por um bom tem po, com os olhos m eio cerrados, tentando entender m inha

atitude esquisita. Que ótim o! Eu cheguei faz dois m inutos e ele j á sabe que está rolando algum a

coisa. Finj o que não percebo, com o se eu precisasse de toda a concentração do m undo para

escrever duas frases. Ben finalm ente volta a prestar atenção na professora. Se ele perguntar por

que o estou tratando com o se ele tivesse peste bubônica, não saberei m uito bem o que

responder. Talvez: “Ai, foi m al, m as, de acordo com a m inha fada m adrinha, você m e beij ará

hoj e!”.

Minha perna esquerda j á está queim ando por ter de suportar todo o m eu peso.

Não há a

m enor chance de eu conseguir passar a aula toda sentada tão longe da cadeira.

Penso na Nicole e na am iga m aravilhosa que ela é e m e forço a sentar ali, tentando respirar

norm alm ente, e não com o se as m inhas pernas fossem pegar fogo em baixo da m inha calça j eans

surrada.

Lem bro-m e de todas as coisas legais que a Nicole fez por m im ao longo dos anos. Um a vez,

em um a excursão idiota, m inha calça j eans rasgou porque eu achei que seria legal tentar escalar

um a escultura de m etal soldado. (Não foi.) Para m e fazer sentir m elhor, ela abriu um buracão na

calça j eans dela e sua calcinha de bolinha ficou aparecendo. Se você soubesse com o a Nicole era

tím ida — e com o ela fica m orrendo de vergonha por causa das coisas m ais bobas —, perceberia

que não foi um a coisa à toa.

Tam bém teve aquela vez em que ela disse para os pais dela que não iria para a Disney lândia

de j eito nenhum , a não ser que eu fosse tam bém . E aquela vez quando ela m e aj udou a pintar

m eu quarto novinho de verde-lim ão e depois pintar tudo de novo de cor de am eixa, quando a

gente decidiu que aquele verde-lim ão dava dor de cabeça. Parecíam os duas m alucas indo e

voltando de bicicleta da loj a de m aterial de construção um as dez vezes para pegar am ostras de

tinta e checar se ficavam bem à luz natural do m eu quarto.

Em outras palavras, não posso deixar que o nam orado dela m e beij e por causa de um desej o

m aldito, em bora pareça a ideia perfeita de paraíso para m im . Não se trai um a am iga com o a

Nicole. Mesm o se ela perdeu a m aior parte da sua festa de aniversário horrorosa e fatídica.

Minha perna com eça a trem er, prim eiro de leve, e então com eça a ficar m ais na cara.

— Tudo bem com você? — pergunta Ben baixinho, j á que a Sra. Vickers continua falando lá

na frente.

Faço que sim com a cabeça e seguro a respiração até ele se afastar de novo. Isso não está

dando certo. Vou ter de m e sentar de um j eito um pouco m ais norm al, antes de...

E é nessa hora que m eus m úsculos desistem e eu vou para o chão, levando a cadeira com igo.

A classe estava silenciosa até este m om ento, quando o barulho da m inha cadeira se

esborrachando ecoa pela sala. Chicletes de bolinha saem aos m ontes do m eu bolso, caindo e se

escondendo no carpete suj o.

É com o m ágica! Meus bolsos são o chapéu do m ágico, e os chicletes, o coelho.

— Ahn! — Não sei o que dizer, então sim plesm ente fico de pé e arrum o m inha cadeira e m e

sento tão depressa que os pés dela arranham o chão. — Eu estou bem —

com pleto, só para

garantir.

O barulho dos chicletes de bolinha rolando pelo chão parece ser o único som que

consigo

ouvir. Algum as pessoas os pegam do chão e os j ogam no lixo, m as outras sim plesm ente os

ignoram , com o se não existissem . Ou talvez elas esperem que eu saia correndo para recolher

todos.

Ben está se segurando para não rir, assim com o o restante da classe. A Sra.

Vickers

m isericordiosam ente cham a a atenção de todo m undo, e a aula continua, enquanto m inhas

bochechas queim am , quase pegam fogo.

Não posso m ais viver assim . Preciso arrum ar um j eito de acabar com esses desej os.

Passo o restante da aula fazendo anotações m atem áticas e m e m antenho o m ais longe

possível do Ben. Sinto-m e superm al quando ele disfarça e cheira os próprios sovacos, porque,

pelo j eito, deve achar que tenho noj o dele.

Ele não pode nunca descobrir a verdade, que é exatam ente o contrário de noj o.

Quando chego à aula de História, sinto que preciso respirar bem fundo várias

vezes para m e

recuperar do que aconteceu na aula de Matem ática. Fico até feliz quando vej o que vam os assistir

a um film e sobre a Europa, o que significa que posso pensar e tentar bolar um plano.

O film e com eça e as luzes se apagam , e eu ouço o narrador lá longe falando sobre a história

da Itália e com o é de lá um m onte de pintores e artistas incríveis. O cara à m inha

esquerda, que

está usando um a blusa de lã fofa e ridícula, apesar de estar uns vinte três graus lá fora, levanta a

m ão:

— Ahn, Sr. Martin? As legendas não estão funcionando.

O professor olha para a tela lá de sua m esa e faz que sim com a cabeça.

— Ah, desculpe. Só um m inuto.

O professor tenta descobrir com o o m enu do aparelho de DVD funciona, escolhe a opção de

legenda e então aperta o “play ” de novo. Enquanto o narrador continua seu m onólogo sobre as

obras de arte de valor incalculável que ainda estão em Veneza e em Rom a, descubro um a coisa

m uito louca: não preciso das legendas.

Consigo entender italiano.

Eu nunca, nunca m esm o, tive aula de Italiano, a não ser que você queira incluir

m inha

pronúncia ridícula ao tentar ler os m enus de cantinas e ouvir o garçom m e corrigindo.

Inacreditável. Escuto por m ais alguns m inutos a m elodia do sotaque do narrador, absorvendo

cada palavra.

Più bello. Opera d’arte. Rinom ato. Meraviglioso. 6

Todas as palavras fazem sentido. Enquanto m eus colegas de classe ficam encarando as

legendas, fecho os olhos e sim plesm ente escuto; sei exatam ente o que está sendo dito.

Meu pai foi em bora de casa sete anos atrás. Quando o divórcio finalm ente saiu, ele não

pensou duas vezes antes de se m udar para a Itália. Os pais dele ainda m oram lá, e ele tem dupla

cidadania. Ele fez faculdade nos Estados Unidos e foi aí que conheceu a m inha m ãe. Acho que

m udar de cidade ou de estado não era o suficiente para ele. Meu pai tinha de colocar um oceano

inteiro entre ele e a gente, a fam ília que, pelo j eito, ele não queria m ais.

Quando fiz dez anos, um ano depois que ele se m udou, lem bro-m e de desej ar saber falar

italiano, para visitá-lo e provar que poderia ir m orar na Itália com ele. Eu pensei que, se soubesse

falar a língua, ele m e deixaria ficar, e a vida seria boa de novo. Eu poderia ter dupla cidadania

com o ele. Peguei um livro de italiano na biblioteca, m as não levei j eito para a coisa e desisti da

ideia.

Lem bro-m e de choram ingar ao devolver o livro. Meu coração ficou partido ao vê-lo

desaparecer lá para dentro, rum o às prateleiras, levando com ele as m inhas esperanças. Não

conseguir aprender italiano selou o m eu destino. Eu nunca m ais veria o m eu pai.

Eu sabia.

— Não é hora de tirar um a soneca, Senhorita McHenry. Você deve assistir ao film e com o o

restante da sala.

— Ah! — digo, e arregalo os olhos ao ver que o Sr. Martin está olhando para m im com cara

feia. — Desculpe. É que é tão raro ouvir italiano tão claram ente. Eu só estava escutando.

— Você fala italiano? — Ele m e olha desconfiado. O Sr. Martin é daquele tipo de professor

que provavelm ente tem um a lista negra dos alunos dos quais não gosta e sem pre adiciona um

novo nom e a cada dia. Ele está m e olhando com um a cara, com o se eu fosse um a torneira aberta

e a casa dele estivesse alagada.

Faço que sim e pigarreio. Eu acho que sei falar italiano, ou falo m esm o. Vam os ver.

— Posso parlare bene l’italiano. Non ho bisogno dei sottotitoli per capire il film . [7]

Sua expressão se transform a. Dá para ver que ele não entende italiano e está tentando decidir

se o que acabei de falar faz sentido m esm o ou foi totalm ente inventado. Com o eu tam bém não

sei, fico tensa, esperando pela resposta dele.

Então ele sim plesm ente dá de om bros.

— Tá. Tudo bem , então.

— Grazie[8] — respondo, enquanto m eus colegas se viram para olhar para m im .

Apenas sorrio,

apoio m inha cabeça sobre a carteira e fecho os olhos.

Bom , pelo m enos o Ben não m e beij ará hoj e.

Mesm o assim , isso quer dizer que eu m e hum ilhei por nada na aula de Matem ática.

[6] Mais bonito. Obra de arte. Renom ado. Maravilhoso. (N.E.)

[7] Eu sei falar bem italiano. Não preciso de legendas para entender o film e.

(N.E.)

[8] Obrigada. (N.E.) 16

Quando chega a hora de ir em bora, sobrevivi a todas as aulas, ainda não vi Nicole, e

Ben m e olhou de um j eito esquisito quando a gente se cruzou no corredor. Tudo o que eu quero

é ir para casa, entrar debaixo das cobertas e fingir que não existe nada além da

porta do m eu

quarto, m esm o que isso queira dizer trancar a Ann para fora.

Estou a m eio cam inho dos cam pos atrás da escola quando vej o Ann passeando na calçada.

Ela deve ter encontrado um pedaço de corda no quartinho no fundo do j ardim , pois fez um tipo

de cabresto e está levando o pônei para dar um a volta, deixando que ele pare para com er um a

gram inha aqui e ali.

— Mannaggia!9 — resm ungo. E então pisco algum as vezes. Uau, agora estou até reclam ando

em italiano.

Corro pelo restante do cam po de beisebol, alcançando-a antes que ela chegue à escola. Dou

um a olhada rápida para trás e vej o que tem um m onte de alunos no estacionam ento, encarando

essa cena.

Que ótim o! Com o se j á não bastasse m uitos terem visto a Ann na escola, agora eles tam bém

podem conhecer o Meu Querido Pônei em tam anho natural. Ann deve estar determ inada a

acabar com a m inha vida.

— Eu falei para você ficar lá no quartinho!

— Mas estava m uito chato. E o pônei estava com fom e e queria algum a coisa a m ais que

cenouras velhas. Eu não ia entrar na escola, j uro. Só estava passando por perto.

Olho por cim a do m eu om bro. O povo está apontando.

— Beleza. Vou pensar no que vou dar de com er para essa coisa hoj e à noite. Mas você tem de

voltar para o quartinho.

Ann faz bico.

— Ainda não consigo entender por que é que você está m e punindo. Não é culpa m inha que

você teve um bolo de aniversário m ágico.

— Ah, para de ser ridícula. Eu não estou... — As palavras m orrem na m inha garganta, e pisco

algum as vezes, olhando para Ann, m as sem enxergá-la. Seu cabelo ruivo espetado parece um a

bola de fogo peluda.

E se foi m esm o o bolo?

Eu j á fiz um m onte de desej os de aniversário. Faço um desej o a cada ano. Mas nenhum deles

tinha se tornado realidade.

Até agora.

E, em bora o m eu ato de fazer um pedido tenha sido exatam ente com o das outras vezes

(fechei os olhos, fiz um pedido e assoprei as velinhas), um a coisa m udou: um a

m assa gigante de

açúcar cor-de-rosa.

Eu sabia que aquele bolo m aldito daria confusão. Com quatro cam adas, um a cobertura cheia

de frufrus, flores cor-de-rosa, velas chiques...

— Ann, você é um gênio — digo finalm ente, enquanto m inha visão entra em foco outra vez.

— Eu?

— É. Vem com igo. Tive um a ideia.

Andam os de volta para casa, com o pônei trotando todo alegrinho para alcançar nossas

passadas com pridas. A cabeça dele chacoalha de contentam ento, enquanto o rabo com m echas

azuis se arrasta pelo chão.

Um carro dim inui a velocidade, e o m otorista coloca a cabeça para fora, para conferir m eu

show de horrores de perto. O pônei nunca foi tão feliz na vida, dando corridinhas e parando para

pastar.

Olho para o pônei. Ele é fofinho m esm o, principalm ente quando vem xeretar com a boca no

m eu bolso, com o se eu estivesse escondendo algum docinho para ele.

— Pare! — falo com um sorriso, afastando o focinho dele. Ele fica irritado e tenta m e

m order. — Ai! — Eu dou um pulo para a frente e para longe dos dentes dele.

Esse negócio quase

m e pegou!

— Aonde a gente está indo? — pergunta Ann, andando rápido para m e alcançar.

— Para o shopping. Bom , não exatam ente ao shopping, m as a um a confeitaria aqui perto.

— Hum , um a confeitaria?

— É. Acho que, se a gente for à m esm a confeitaria onde m inha m ãe com prou m eu bolo de

aniversário, poderem os com prar um bolo igual e fazer outro desej o, para desfazer aquele que fiz

na festa.

A Boneca Trapinho para de repente, e o pônei dá um encontrão na gente.

— Você quer se livrar de m im ?

Seu queixo cai e ela parece... horrorizada.

Fico sem graça. Eu não havia pensado em sua reação em relação ao plano. Para ser sincera,

não tinha pensado nela, nem um pouco.

— Ann, eu desej ei algum as coisas que não podem se tornar realidade. Isso acabará com a

m inha vida e com a vida da m inha m elhor am iga e... não pode acontecer. Então, tenho de fazer

isso.

— Mas eu vou ficar presa para sem pre naquela caixa idiota!

— Eu não vou deixar você na caixa. Você pode ficar na m inha cam a de novo —

digo, apesar

de a ideia soar esquisita dem ais para ser colocada em prática.

— Nem pensar! Eu ainda estou com eçando a aprender com o funciona esse negócio de

andar! Você não pode m e transform ar em um a boneca de novo!

Parece que Ann terá um troço ou sairá correndo, chorando pela rua. Juro, até suas sardas

estão trem endo.

— Tá, tá, fique calm a. Eu não vou desfazer tudo. Pode deixar que excluo você ao fazer o

novo desej o — tranquilizo-a.

Mas, na verdade, nem sei se posso fazer isso, porque não posso arriscar esse rem endo de

desej o ao tentar deixá-la de fora.

E quer saber m ais? Onde é que ela vai m orar? Algo m e diz que m inha m ãe não acreditará

que ela tem de m orar no m eu quarto porque, na verdade, é um brinquedo m eu que agora

ganhou vida. E acho que ela precisa de um a certidão de nascim ento para poder ir à escola.

Enquanto a Ann m e abraça, agradecida, quase engasgo com a culpa que desce pela m inha

garganta. Ela não pertence a esse m undo, não pode ficar aqui. Não sou um a m onstra por querer

m andá-la de volta; é o que qualquer ser hum ano racional faria. Obviam ente.

Ela é um a boneca.

Quando abro as portas do quartinho do j ardim , descubro que ele está ainda m ais bagunçado

que hoj e cedo. O pônei — ecaaa — fez cocô para tudo quanto é lado. E os sacos de lixo cheios de

chicletes de bolinha estão num estado ainda pior; as bolinhas estão se espalhando por toda parte.

Mal há espaço para o pônei ali. Mas não tem os escolha, e então o trancam os lá

dentro com

um balde de água e um m onte de gram a que acabam os de colher, e cruzam os os dedos para que

ele não com a nenhum chiclete e passe m al porque, vam os com binar, só falta essa para com pletar

a confusão. Pegam os a cam inhonete do m eu irm ão e vam os às com pras.

Estou um pouco nervosa por dirigir até tão longe no m esm o dia em que tirei a carteira de

m otorista, m as não preciso pegar a estrada, então acho que tudo bem . A gente vai voltar antes de a

m inha m ãe chegar em casa, por isso é bem capaz de ninguém ficar sabendo da nossa

viagenzinha.

Vinte m inutos depois, estou perto do shopping, indo para a confeitaria da Cassie, onde

m inha m ãe geralm ente encom enda os bolos. Eu sei disso porque j á vi os recibos na escrivaninha

dela. Essa loj a tem um logotipo bem estranho: é um peixe dançarino. Olhe, para m im , ninguém

deveria associar um peixe (e, portanto, aquele cheiro noj ento de peixe) a um a confeitaria, m as

beleza. Pelo m enos, é difícil de esquecer. Dou um a olhada num m apinha das redondezas e sei

para onde ir.

Eu deveria saber que, com o o bolo parecia saído de O m ágico de Oz, isso daria confusão.

Aquelas quatro cam adas eram ridículas, ainda m ais com as flores e os rococós de glacê.

Estaciono perto da confeitaria, e Ann pula para fora assim que desligo o carro.

Talvez ela

queira ter certeza de que não vou entrar correndo, fazer um desej o para o prim eiro bolo que

aparecer e garantir que ela sum a de vez.

Entram os na confeitaria, e sou im ediatam ente inundada pelo cheiro de doces.

Um a vitrine

está transbordando de biscoitos, donuts, cupcakes e um a dúzia de bolos decorados com

personagens de desenhos anim ados, tacos de golfe e sinos de casam ento.

Um a m ulher baixa e roliça está de pé ao lado da vitrine, lim pando o vidro e esfregando a

superfície com força, sua barriga chacoalhando com o se fosse um a tigela de gelatina.

— Oi — cum prim ento e ando até ela. — Minha m ãe com prou m eu bolo de aniversário de

dezesseis anos aqui, um as sem anas atrás. Quatro cam adas, cobertura cor-de-rosa. Eu estava

pensando se você tem outro igual. Talvez m enor, m as quase idêntico.

A m ulher continua bufando e lim pando o vidro.

— Há um m ês que não faço um bolo assim . E não faço bolos de cam adas.

Eu pisco. Não pode ser.

— Mas a m inha m ãe sem pre contrata você para as festas dela. Tem certeza?

A m ulher aponta para os bolos na vitrine e então pega o lim pa-vidro e borrifa o produto. As

sobrem esas ficam turvas através do sabão que escorre pelo vidro.

— Só faço bolos de um a cam ada. Com o aqueles.

— Você tem algum funcionário que possa ter feito um bolo desse j eito que eu expliquei?

— Não. — Ela pega o pano branco e com eça a bufar de novo, fazendo círculos grandes no

vidro.

Eu só queria que apagar o m eu desej o fosse tão fácil quanto se livrar da suj eira naquela

vitrine.

— Beleza — digo, com a voz falhando. — Muito obrigada m esm o assim .

Que ótim o. Agora eu tenho de descobrir onde m inha m ãe m andou fazer o bolo.

Vou ter de

sobreviver a pelo m enos m ais um desej o.

Só preciso rezar para o próxim o desej o não ser o Ben.

Para m e consolar, vam os para o Mam a Tortini’s, um autêntico restaurante italiano a alguns

quarteirões dali. Com er algo gostoso e cheio de queij o é a única coisa que pode m e anim ar

agora. E lá os garçons são italianos, com sotaque forte e cabelo castanho-escuro.

Não faz m al

colocar m inhas novas habilidades linguísticas em prática, né?

Quando a recepcionista nos leva até a nossa m esa, fica encarando a roupa da Boneca

Trapinho com a sobrancelha arqueada. Até parece... A m eia-calça preta dela com um a saia preta e

um a cam isa branca de hom em com gravata preta tam bém não são lá essas coisas...

Pelo m enos, a roupa da Ann tem um toque de originalidade.

Talvez eu devesse em prestar um as roupas m inhas para ela, né? Assim , eu não

ficaria com

tanta vergonha de sair com a Ann. Acho que podem os escolher um as coisas quando chegarm os

em casa. É que eu esperava que ela j á tivesse ido em bora antes de eu ter de m e preocupar com

isso.

Decido com er em grande estilo e peço um as bebidas chiques para nós, e vale a pena quando

os olhos da Ann quase saltam para fora quando ela as experim enta.

— Mas que delícia! — Ela suga o canudinho com tanta força que parece estar

fazendo aquela

cara de quem chupou lim ão azedo, e m etade do copo j á está vazia.

Eu m e esqueci de explicar para ela o que é cérebro congelado, e logo fica óbvio que ela

descobriu o que é, porque faz cara feia e fecha os olhos. Dou risada.

Em bora ela sej a m eio irritante, há horas em que ela tam bém é bem divertida. E

com a

Nicole sem pre m e deixando sozinha agora, estou sem pre j ogada às traças, o que é deprim ente

dem ais para sair para com er ou ver um film e. Eu prefiro arrancar as unhas dos dedos dos pés com

alicate e arrum ar m eu guarda-roupa a ir ao cinem a sozinha.

A garçonete volta e puxa seu bloquinho de anotações do bolso.

— Vocês j á decidiram ?

Eu sorrio para ela. Espero que m eu italiano sej a de verdade, e não algum a coisa que m inha

cabeça doida inventou.

— Ciao, cosa m i consiglierebbe? 10

Posso ver um a leve m udança na garçonete. Obviam ente, ela respeita o m eu italiano, pois fica

m ais ereta e seu sorriso se torna um pouco m ais verdadeiro.

— Un piatto di gnocchi con m ozzarella fresca; e il risotto ai carciofi è ottim o. 11

Mordo os lábios. Fazia dias que a Nicole falava sem parar de risoto. E por que não

experim entar?

— Mi sem bra fantastico! Allora prendo il risoto, e per lei invece, gli gnocchi.[12]

Espero que a Ann goste de nhoque.

— Qualunque l’antipasto? [13]

Aha, aperitivos. Com o se eu tivesse tentando torrar todo o dinheiro que j á ganhei na vida.

— Non, grazie.[14]

Ela faz que sim com a cabeça e leva os m enus com capa de couro preto, e então desaparece

em direção à cozinha.

— Quando foi que você aprendeu italiano?

— Eu sem pre soube falar italiano — m into, usando m eu garfo para fazer círculos na toalha

de linho branca.

— Não sabia, não. Eu m e lem braria disso.

Suspiro, resistindo ao desej o de m e furar com o garfo.

— Foi um desej o.

— E por que você desej ou falar italiano?

— Um m onte de gente tem vontade de aprender outro idiom a.

— E por que não desej ou sim plesm ente ir à Itália?

Largo o garfo e pego m eu guardanapo. Está dobrado em um triangulinho

esquisito. Eu m e

concentro no ato de desdobrá-lo e estendê-lo sobre o colo, alisando os am assadinhos.

— Meu pai se m udou para lá. Eu achei que, se soubesse falar italiano, ele m e deixaria ir

visitá-lo. Eu não queria só ir lá, eu queria que ele m e quisesse lá.

— Ah — responde ela, baixinho. Eu olho para ela, m eio que esperando um olhar de pena,

m as não tem nada disso. — Eu não m e lem bro dele — com enta Ann.

— Ele foi em bora um ano depois de a m inha m ãe com prar você para m im . —

Paro de falar.

— Desculpe, isso soa tão estranho.

Ela dá de om bros.

— Não é m ais estranho que isto — diz ela, apontando para o próprio corpo.

— Verdade.

Encaro m eu guardanapo de novo. Há um a linha solta grudada nele, e dou um peteleco nela.

Ela aterrissa no piso am arelo am anteigado debaixo do m eu All Star.

— Alta, cabelo castanho-escuro. Pareço um a típica italiana e agora tenho este sotaque.

Antigam ente, eu sonhava em ter herdado este sotaque de algum j eito. Às vezes, m eu irm ão fala

um a coisa ou outra que m e lem bra o m eu pai. Mas a diferença é que m eu pai era

m egainteligente. Superbem -educado, adorava ler. Ele caía no sono no porão com um livro

aberto sobre o peito. Às vezes, ele lia para m im tam bém .

— Por que ele foi em bora?

Não tenho um a resposta, então só enrolo o guardanapo nas m ãos, esperando que algo m e

venha à m ente, m as nada.

— Eu não sei. Quero dizer, num m inuto ele estava lá, e no outro havia desaparecido. Aposto

que ele nunca olhou para trás tam bém . Não fazia sentido naquela época e ainda não faz. Não sei

com o é que ele pôde sim plesm ente nos largar e nunca m ais nos ver de novo.

Ann não fala nada para preencher o silêncio, então falo eu.

— Acho que ninguém lá em casa conseguiu dar um j eito de preencher esse vazio. É com o se

a gente fosse um a m esa e alguém tivesse cortado um a das pernas, m as ninguém se m exe para

poder m anter tudo no lugar, sabe? Com o se a gente ainda o esperasse voltar para deixar tudo

equilibrado de novo. E ninguém nunca fala sobre ele. Nem m inha m ãe, e com certeza o Chase

tam bém não. Às vezes, eu m e sinto com o se fosse a única pessoa que ainda se lem bra de que ele

existe.

Fico com um nó na garganta, e então tom o um gole de água gelada. A garçonete traz um a

cesta com pão e a salada, e Ann ataca o pão am anteigado e ainda m orno. Eu m e sinto m al por

não ter oferecido nada para ela com er até agora. Ela j á está viva há, tipo, um dia e m eio. Será que

ela com eu uns chicletes de bolinha enquanto esperava no quartinho lá do j ardim ?

Mas, pensando bem , não sei se alguém teria pensado em alim entar a Boneca Trapinho.

Talvez porque ela deveria ser... um a boneca. E não um a m enina de verdade sentada do outro

lado da m esa, lam bendo os beiços enquanto suas bochechas ficam gigantes com o as de um

ham ster.

Ela percebe que a estou encarando e congela, com a boca aberta e m etade de um pedaço de

pão para fora.

— É falta de educação m astigar de boca aberta — advirto. — E os seus cotovelos não

deveriam estar sobre a m esa.

— Mas o que faço com eles, então? — pergunta ela, ainda m ostrando a com ida m eio

m astigada na boca enquanto coloca os cotovelos num ângulo esquisito, com o se fosse um a

galinha.

— Descanse o braço sobre a m esa. Se você não estiver com endo, coloque as m ãos sobre o

colo. E tam bém não é legal conversar e m astigar ao m esm o tem po.

Tá, o que eu sou agora, a nazista da etiqueta?

Ela m astiga com gosto e, assim que engole a garfada, diz:

— Obrigada!

Com o se eu tivesse acabado de m e oferecer para lustrar seus sapatos ou algo do gênero.

Ela coloca um a pilha gigante de salada em seu prato e então persegue um croûton com o

garfo.

— Então, por que você não liga para ele?

— Para quem ?

— Para o seu pai!

— Ah. Hum , m elhor não.

Enfio um a garfada enorm e de alface na boca, para ter tem po para pensar. Mas, m esm o depois

de engolir tudo, não tenho um a boa desculpa.

— Eu não deveria ter de ligar para ele. Ele é que foi em bora.

— É, m as...

Um m ovim ento cham a a m inha atenção e olho ao redor de nossa m esa.

Ah, não.

Ben e Nicole acabaram de entrar e estão sendo escoltados até um a m esa no canto do salão.

Nicole está usando um vestido preto que nunca vi antes, a parte de cim a é um a

frente única com

um laço rosa envelhecido ao redor da cintura alta, e os sapatos de salto são rosa tam bém , para

com binar.

Será que ela sem pre faz isso? Coloca essas roupas de princesinha quando não estou por

perto? Ou pelo m enos quando sai com ele?

Cadê a calça j eans com All Star? Será que o Mam a Tortini’s exige vestir roupas chiques assim ?

Pelo visto, ao m enos o Ben não acha. Ele está usando a calça j eans m eio larga de sem pre e

um a cam iseta verm elha cheguei com um a estam pa azul no om bro. Mesm o a uns dez m etros de

distância, consigo ver o contorno do peito e dos om bros dele. Esse m enino sabe com o encher

um a cam iseta, com certeza.

Eu m e afundo no assento fofo de couro e dali só vej o a pontinha da m esa deles, m as não

consigo ver os dois e eles não percebem a nossa presença.

— O que foi? — Ann estica o pescoço para fora da m esa, tentando ver o que eu encarava.

— Ann! Pare com isso! — falo baixinho.

Ela volta tão rápido que a m esa pula, e seu copo de água com eça a balançar para a frente e

para trás. Ela tenta pegar o copo, porém ele vira e a água escorre por toda a m esa e para o m eu

colo, m olhando a m inha calça.

Eu m e seguro para não gritar, pego os guardanapos da m esa e tento secar m eu j eans.

A Ann só fica sentada ali, com os olhos arregalados, o cabelo ruivo espetado em ângulos

esquisitos, aquele vestido azul horroroso todo am assado e torto.

Fico com os braços e as pernas arrepiados enquanto a água gelada passa pelo tecido da calça.

Por que eu achei que isso daria certo?

Encontro a garçonete, peço-lhe que em brulhe a com ida para viagem e pago a conta

enquanto esperam os. Quando a com ida chega, saio de fininho da m esa e vou para a porta dos

fundos. Estou a alguns passos da saída quando percebo que m inha som bra não está m e

acom panhando. Ela está indo para a porta da frente.

Chego até ela em segundos e a pego pelo pulso, puxando-a com tanta força que acho que

devo ter deslocado seu om bro. Ela berra e quase perde o equilíbrio, m as não quero nem saber e

continuo puxando Ann para a porta dos fundos.

Conseguim os sair antes de Ben e Nicole descobrirem o m otivo de toda a confusão.

— Ai! — reclam a Ann, esfregando o pulso. — Para que isso?

— A Nicole estava lá com o Ben.

Ela só m e dá um olharzinho blasé, seus olhos verdes bonitos m e encarando.

Seus olhos são m esm o o que ela tem de m elhor. Talvez com um a roupinha m elhor, um

cabelo m enos bagunçado e depois de m ilhares de aulas de etiqueta, ela ficasse bonitinha.

— A Nicole é a m inha m elhor am iga.

Ann olha de volta para o restaurante.

— E é assim que você age quando a sua m elhor am iga está por perto?

— Ela estava com o Ben.

— E daí?

— E o Ben é o nam orado dela.

— E daí?

Jogo as m ãos para o céu e quero gritar.

— Você não entende. O Ben é... ele é... bom , ele é o Ben.

— Não consigo ver o problem a.

— Não posso ficar perto desses dois quando estão j untos. Isso m e dá noj o.

Ann dá de om bros.

— Você é estranha m esm o.

— Com o se você não fosse. Você é um a boneca!

— Mas você tam bém j á não foi boneca?

Dou risada.

— É claro que não.

— Não um a boneca de verdade. Mas você j á se vestiu de boneca. No Quebra-nozes.

Minha m em ória turva finalm ente fica m ais clara.

— Ah, você quer dizer no balé. Eu não faço m ais balé.

— Por que não? Você adora balé. E passa horas ensaiando.

— Passava. Eu tinha dez anos. É claro que adorava.

— Mas não existe balé para m eninas de dezesseis anos? — Ela m e encara com os olhos

arregalados, falando sério de verdade. — Mas que triste!

Rio novam ente. Ela é tão dram ática.

— Existe, sim .

— Então por que você não faz?

— Sei lá. Balé é idiota!

Ann estala a língua.

— Nossa, você m udou m esm o!

— É claro que m udei. Quando eu tinha dez anos, m eu desej o m ais im portante era você virar

um a m enina de verdade!

Ela m e olha de um j eito que está na cara que feri seus sentim entos.

Engulo em seco.

— Olhe, não é que eu não goste de você. É que eu não sou m ais aquela m enininha. As

pessoas crescem . Elas param de brincar de Barbie e com eçam a... — Minha voz

desaparece. Nem

sei o que tentava dizer.

— A se esconder da sua m elhor am iga?

Chegam os até o carro, e Ann vai para o banco do passageiro. Eu olho para ela por cim a do

teto do carro, protegendo m eus olhos da luz do pôr do sol de outono.

— Olhe, não tenho m ais nada a dizer. Eu não sou m ais a m enina de dez anos que você

conheceu. E você tam bém não é m ais um a boneca. Então, vam os fingir que aquilo — aponto

para o restaurante — não aconteceu. E pare de fazer tantas perguntas, tá? Talvez eu não tenha

m orado num a caixa nos últim os cinco anos, m as isso não quer dizer que eu saiba m ais que você.

Vou para o m eu banco e afivelo o cinto de segurança, e espero que Ann faça o m esm o. Ela

coloca o cinto e então reclina o banco até ficar praticam ente deitado, pondo os pés no painel e

encarando o teto solar. Tento não ter um treco com a suj eira que ela está deixando no painel.

— Então, se você não gosta m ais de balé... do que é que você gosta?

Eu dou de om bros e viro a chave, saindo com todo o cuidado e de ré da vaga no estacionam ento. Com o é que você explica para um a boneca que as pessoas não querem as

m esm as coisas para a vida inteira? Que a gente cresce e cansa da Boneca Trapinho e do Meu

Querido Pônei?

— Branca de Neve? — pergunta ela.

Faço que não com a cabeça.

— E aqueles pôsteres de veludo peludinho que você tinha no quarto? Toda sem ana você

ganhava um diferente e seu quarto era coberto de...

— Não — respondo. Meu Deus, eu m e lem bro disso. Eu tinha um m ilhão daqueles

pôsteres, coloridos com desenhos ridículos que eu fazia com as canetinhas que vinham com eles.

As paredes do m eu quarto eram praticam ente forradas de unicórnios e cachorrinhos e cenas de

beisebol e cam pos verdej antes e um arco-íris.

— E karaokê?

Solto um a risadinha. Eu dava altas festas no m eu quarto, com m úsica pop ridícula no últim o

volum e, usando m inha escova de cabelo com o m icrofone. Ann e m eus bichinhos de pelúcia

eram o m eu público.

— Meu gosto m usical m udou. Agora não dá m uito para... cantar.

— Pelo m enos você ainda gosta de sorvete? — pergunta Ann.

— É claro. Algum as coisas nunca m udam .

— Não sei por que tantas coisas têm de m udar.

— Ann, fala sério. Eu era um a criança naquela época. E um a criança idiota. Eu

sou m uito

m ais sábia agora.

— Mas você sorria m ais.

— Argh! Chega dessa conversa. Você não entende m esm o.

Ann fica prestando atenção nas nuvens que passam pelo teto solar.

— Não m esm o.

9 Maldição! / Porcaria! (N.E.)

10 Oi, o que você m e recom enda? (N.E.)

11 Um prato de nhoque com m ozarela fresca; e o risoto com alcachofras é excelente! (N.E.)

12 Parece-m e ótim o! Então eu fico com o risoto, e para ela, o nhoque. (N.E.)

13 Algum a entrada? (N.E.)

14 Não, obrigada. (N.E.)

17

Naquela noite, constatei que Ann é um a folgada. Resolvi ser boazinha e dividir m inha

cam a queen size com ela, em vez de fazê-la dorm ir no chão. Eu j á dorm i no chão um a ou duas

vezes, e esse carpete não é nem um pouco aconchegante. Então, peguei um saco de dorm ir no

guarda-roupa do corredor para ela e dobrei m eus cobertores ao m eio para m im , e quando peguei

no sono, ela estava perto da parede, enquanto eu m e aconchegava confortavelm ente ao m eu

travesseiro. Ainda não am anheceu, m as não consigo m ais dorm ir. Estou quase caindo do

cantinho da cam a, m eu travesseiro foi j ogado para longe sem m isericórdia, e Ann roubou m eus

cobertores.

Rolo da cam a e vou até a escrivaninha, para m exer na m inha bolsa. Pego m eu fichário.

Vou para a últim a página, onde coloquei a foto do Ben. Sob a luz da lua que entra pela

cortina aberta, só consigo ver o rosto dele.

Eu m e inclino para a frente, apoiando o rosto no queixo, e estudo o contorno do corpo de

Ben, o contraste entre o m oletom escuro e o brilho que vem da água por detrás dele.

Ele é perfeito de doer.

Não há ninguém no m undo tão m aravilhoso quanto ele.

Suspiro, e ao m esm o tem po quero j ogar a foto no lixo e plastificá-la, para guardá-la para

sem pre. Então a coloco de volta no m eu fichário. Eu poderia passar m ais um a hora olhando para

ele, m as isso não m udará nada.

Volto para a cam a e pego um dos cobertores da Ann, e então m e enrolo no chão e encaro o

teto. Cochilo um a ou duas vezes, porém não por m uito tem po, porque m e pego

observando

com o o quarto está ficando m ais claro. Quando não aguento m ais, sento-m e e olho para ela.

Ela parece bem confortável, deitada na diagonal, quentinha dentro do saco de dorm ir, com a

m inha colcha por cim a. Ela está usando dois travesseiros, um debaixo do braço e o outro sob a

cabeça.

Um chiclete de bolinha errante está debaixo da m inha batata da perna, e resisto ao desej o de

j ogá-lo na Ann. Então o arrem esso na lata de lixo.

Tiro o cabelo da frente do rosto e olho para ela, m as ela não parece perceber, pois está

roncando alto.

— Buon giorno[15] — falo baixinho.

As palavras são bonitas, m esm o que m eu tom não sej a.

Eu m e aj oelho e pego a régua que está na prateleira perto de m im e a cutuco.

Seu ronco se

transform a num gargarej o estranho por um m inuto, m as, em seguida, volta o barulho de

serralheria de antes.

Deixa pra lá.

Coloco um a m ão na cam a e m e levanto, m as m e sinto m eio tonta, com o se estivesse

andando sobre chicletes de bolinha.

Juro por Deus, se essas coisas aparecerem de novo...

Mas um a olhada rápida m e dá a segurança de que não há nada entre os m eus pés

e o carpete

m arrom . Estranho. É com o se o chão estivesse desnivelado. Eu continuo caindo e m e forçando a

ficar de pé, ereta.

Vou até o m eu guarda-roupa, m as tonteio novam ente e tenho de m e segurar no puxador.

Fecho os olhos por um m inuto, tentando encontrar m eu equilíbrio.

Não sei o que está acontecendo. Sinto aquela sensação que a gente tem quando se levanta

rápido dem ais depois de ficar à toa no sofá o dia todo e então pula de lá. O

m undo está m eio

torto, e m inhas pernas estão trem endo para tentar com pensar. Faria sentido se eu tivesse ingerido

um m onte de açúcar, m as não é o caso de hoj e cedo. A não ser que se leve em conta a

personalidade docinha da Ann.

Olho para Ann m ais um a vez, no m eu cam inho para o banheiro. Ela não está se m exendo.

Pelo j eito, ela só achava que não precisava dorm ir.

Antes de ligar o chuveiro, viro-m e e vej o-m e sem querer no espelho.

E dou um grito de gelar o sangue.

“Oh. Mio. Dio.” 16

Peitos.

Eu tenho peitos.

Coloco a m ão sobre a boca aberta e encaro, com os olhos arregalados com o nunca, os m eus

peitos. Eu usei um a regata para dorm ir e agora tenho um decotão digno de

trabalhar no Hooters.

E nem estou usando sutiã.

Ahn, acho que nem tenho um sutiã capaz de segurar essas coisas.

Engulo em seco e ando para a frente, até ficar totalm ente de frente para o espelho.

— Querida? Tudo bem aí? — m e cham a a m inha m ãe, lá do outro lado da porta.

A m açaneta

está virando.

Ah, não.

— Não entre! — grito. — Eu estou, ahn, pelada. Tudo bem , é que eu... bati o m eu dedão.

Tudo bem !

Fico de olho na m açaneta, rezando para m inha m ãe soltá-la. Se ela entrar agora, nem

sonhando eu conseguiria explicar onde consegui essas “crianças”.

A m açaneta volta à sua posição original.

— Tá. Eu tenho um j antar de negócios hoj e, então só volto tarde da noite. Deixei dinheiro

no balcão para você e seu irm ão com prarem pizza.

Suspiro, sem tirar o olho do m eu reflexo. Pizza no j antar. De novo. Fico pensando se em

algum dia ela j antará com a gente, com o antes.

— Beleza — digo, quando percebo que ainda não tinha respondido. Ainda estou m e

encarando no espelho.

— Tchau — responde ela, e seus passos voltam para o corredor.

Meu coração está batendo tão alto que está m e deixando ofegante, m eu peito indo para cim a

e para baixo, com o em um rom ance de época ridículo.

Porque eu tenho seios ofegantes. Ou seria seio?

Sei lá.

Levanto as m ãos e elas m eio que sobrevoam os m eus peitos. Acho que não conseguirei tocá-

los. É... estranho dem ais, pois eles não são m eus de verdade. São...

Peitos m ágicos.

Perfeitos.

Resm ungo e coloco as m ãos sobre a pia. O vapor está com eçando a encher o banheiro, e a

parte de cim a do espelho está em baçando. Eu m e inclino sobre a pia e m e aproxim o o m áxim o

que posso do espelho, e então olho para a m inha própria cam iseta.

Estou m e sentindo um a pervertida. Ai, que noj o.

Tenho certeza de que fiz esse desej o quando tinha doze anos. Eu acho que m eninos e

m eninas de doze anos de idade pensam nas m esm as coisas, porque eu odiava ser reta. A Nicole j á

tinha peito, e eu m e sentia um a idiota perto dela. Todos os m eninos só ficavam de olho nos

peitos dela, ignorando-m e com pletam ente, com o se eu não existisse. Eu só ficava ali, a m elhor

am iga com corpo de m enino.

Foi naquele ano que saím os para andar de patins no m eu aniversário. Minha m ãe alugou um

salãozinho no rinque de patinação e levou bolo e uns parentes, e eu e a Nicole patinam os por

um as duas horas seguidas. Havia um grupo de m eninos lá. A gente falou sobre eles a noite

inteira, com eu um m onte de doces e foi dorm ir tarde.

Não m uito tem po depois, o vapor tom a conta do espelho e não consigo m ais ver m eu

reflexo. Agora, é só um a silhueta turva.

Um a silhueta turva e cheia de curvas.

Com o é que eu vou esconder isso? Todo m undo pensará que estou usando enchim ento.

E tam bém não um enchim ento discreto. Devo ter ido de um PP para um GG.

Talvez um

Extra-GG.

CREDOOOO, agora vou ter de fuçar na gaveta de sutiãs da m inha m ãe! Pelo m enos, até ir a

um a loj a. Vou com prar só um sutiã que sirva direito e que m e salve até conseguir desfazer esses

desej os.

Pelo m enos é sábado. Ir à escola assim seria um pesadelo.

Tenho dois dias para descobrir com o esconder m eu adm irável peito novo.

15 Bom dia. (N.E.)

16 Ah, m eu Deus. (N.E.)

18

Dem oro vinte m inutos fuçando o m eu guarda-roupa para achar algum a coisa para a

Ann, sem falar em algo que esconda os m eus peitos.

Eu adoro cores fluorescentes com estam pas idiotas, m as essas cores não ficam m uito bem na

Ann porque ela é ruiva. Ela adora experim entar tudo e j oga as roupas para tudo quanto é canto

do m eu quarto, de tanta em polgação.

Aposto que há um m onte de m enininhas de dez anos que pagariam um a fortuna para ter

um a boneca em tam anho natural e que adora brincar de se arrum ar. Talvez eu devesse alugar a

Ann com o babá. Assim , m ato dois coelhos com um a caj adada só.

Por fim , ela escolhe um a regata azul-bebê que eu não usava desde o oitavo ano e um par de

j eans surrado. Acho que ela veste um núm ero m enor que eu, então tenho de encontrar um cinto

para que a calça não fique caindo.

Mesm o com o j eans não servindo direito, ela fica, ahn, sexy.

A Boneca Trapinho tem um corpão. Quem diria!

Enquanto o cabelo dela ainda está m olhado do banho, fica m ais norm al — quase bonitinho,

porque a água consegue dom ar seus cachos. Os fios ficam m ais com pridos, m ais lisos tam bém , e

o ruivo m ais escuro é m uito m ais bonito que o tom alaranj ado de sem pre.

Mas, depois de dez m inutos no carro com as j anelas abertas, o cabelo dela j á ficou doido, tipo

o do Sideshow Bob, dos Sim psons. No cam inho inteiro, Ann ri da m aneira com o o cabelo

chicoteia seu rosto, tentando, sem sucesso, segurá-lo perto do om bro.

Trouxe no bolso do m eu short xadrez o dinheiro que m inha m ãe deixou. Ele não

com bina

com m eu m oletom de capuz, m as estou usando m esm o assim , para esconder m eu peitão.

Quando eu m e vesti lá em casa até fez sentido, m as não deveria ter saído de casa com esse visual

tão esquisito.

Ann vem com igo até o superm ercado Fred May er, e eu pego um carrinho pequeno.

Estou num a m issão im portante.

Fiquei tão distraída com m eus peitos novos que m e esqueci de conversar com a m inha m ãe

sobre a confeitaria. Não quero esperar m ais um dia, então decidim os ir para o plano B: vou fazer

m eu próprio bolo, um a m inirréplica perfeita da m onstruosidade que tinha na m inha festa de

dezesseis anos. Vou fazer quatro cam adas e decorar tudo com flores de glacê e, depois, colocar

quatro velas em cada andar. Se eu fizer tudo direitinho, pode ficar bem parecido com o m eu ex-bolo de aniversário.

Então, vou fazer a Ann cantar Parabéns a você para m im , assoprarei as velinhas e, quando abrir

os olhos, ela terá desaparecido, m eu peito terá encolhido, não xingarei em italiano toda vez que

ficar irritada, o pônei ficará no celeiro de plástico dele, e os chicletes de bolinha voltarão para as

m áquinas de chiclete do m undo todo.

Fala sério — se esses são os prim eiros cinco desej os, será que eu quero m esm o

saber quais

são os outros?

Ann m e segue pelo m ercado, os olhos estudando tudo. Ela para nas prateleiras

perto de cada

caixa e pega saquinhos de salgadinho e garrafas de dois litros de refrigerante. Ela cutuca os filões

de pão francês frescos e depois derruba um a caixa de biscoitos.

Isso aqui é um parque de diversões para ela.

— Ann, não posso ficar aqui o dia todo!

Tecnicam ente, acho que posso, m as estou num a m issão séria aqui. Ela resm unga e vem se

arrastando atrás de m im , no corredor de coisas para fazer pães e bolos, e ficam os em silêncio,

observando as caixas de m istura para bolo.

— Esse aqui parece gostoso — diz ela, segurando um a caixa de m istura para bolo de

chocolate.

— Mas precisa ser branco. Com o este aqui.

Mostro um a caixa com a foto de um bolo com cobertura branca.

— Granulados! — berra ela, pulando.

Ai, posso m orrer agora?

Jogo as duas caixas no carrinho e fico pensando se o bolo era branco m esm o.

Poderia ter sido

am arelo.

Eu m e agacho e pego um a caixa de m istura para bolo am arelo na prateleira de baixo.

Quando m e inclino para a frente, m eus peitos novos batem com tudo na prateleira e um a m eia

dúzia de caixas cai, fazendo o m aior barulhão ao aterrissar no chão.

Fico olhando para elas, pensando em deixá-las ali m esm o, e então suspiro, recolho tudo e

coloco todas no lugar. Quando m e levanto, tenho de m e apoiar no carrinho para não tropeçar.

Em seguida, escolhem os a cobertura, incluindo uns tubos de um a coisa cor-de-rosa, que

deve servir para fazer as flores. Pego um a caixa de velinhas de aniversário e arrasto Ann para outro

canto do m ercado para pegar ovos e leite.

Minhas costas j á estão doendo um pouco. Eu m e sinto com o se carregasse um a m ontanha à

m inha frente, e é difícil alcançar as coisas, pois eles ficam sem pre no m eio. Não é tão legal assim .

E quer saber m ais? A coisa m ais esquisita do m undo é usar o sutiã da sua m ãe.

Peguei um

direto da secadora, então eu sei que está lim pinho e tal, m as m e dá arrepios!

Depois, puxo a Ann para a seção de roupas. E se ela j á tinha ficado m aluca com as com idas,

ficou m ais em polgada ainda com as roupas.

— Você pode com prar essas roupas? Qualquer um a?

Olho para ela. Ann está segurando um a blusa com gola V e m angas cheias de frufrus e

florzinhas.

— Ah-hã. E eles tam bém vendem a corda para você se enforcar.

Ann m e olha desconfiada e dá de om bros, colocando a blusa de volta na arara.

Fico pensando

quanto tem po dem orará até ela entender o que é sarcasm o e usar isso contra m im . Acho que até

am anhã rola.

Minha m ãe usa sutiã tam anho GG. Acho que agora uso tam anho Extra-GG, porque parece

que m eus peitos vão explodir a qualquer m om ento neste sutiã, m as m e recuso a com prar

qualquer coisa nesse núm ero. Com pro o m aior GG que consigo encontrar e levo um top de

ginástica tam bém . Talvez, se eles ficarem achatados, acabem parecendo m enores.

Só para garantir, vou atrás de itens de prim eiros socorros e pego algum as faixas de gaze.

Quem sabe eu consiga am arrar tudo e fazê-los parecerem m enores...

Incôm odos.

Quando saím os da loj a, gastei quarenta e quatro dólares da grana que ganhei de aniversário e

os vinte paus que m inha m ãe deixou sobre o balcão. Lá vai o dinheiro da pizza do m eu irm ão. O

coitado vai com er com ida congelada de novo.

Uso os últim os seis dólares para com prar uns cheesebúrgueres baratinhos, que

eu e a Ann

devoram os na volta para casa.

É m elhor que essa ideia do bolo funcione.

Porque, pelo j eito, ganhar tudo o que você desej ou na vida acaba ficando bem caro.

19

Ann e eu pegam os xícaras e colheres de m edida e algum as tigelas gigantes. Eu ligo a TV na MTV onde, para a m inha grande surpresa, está passando videoclipes. Katy Perry

acabou de aparecer na tela com m ais um a m úsica anim adinha. Provavelm ente, ela m ostrará um a

coreografia acom panhada de um a tigela de frutas no fim do clipe.

Ann está superem polgada com a nossa experiência gastronôm ica.

— Eu nunca fiz bolo antes! — diz ela, levantando os braços. Suas m ãos derrubam um a das

caixas de m istura para bolo, que voa do balcão de granito e aterrissa no chão de travertino com

um barulhão. Ainda bem que estava fechada.

— Menos — digo eu, pegando a caixa e abrindo a tam pa.

Ela sorri e fica m eio m urcha, com o um a criancinha que acabou de levar um a bronca.

— Mas é tão legal! Eu vi seu bolo de aniversário quando você fez onze anos, sabe? Você m e

colocou no balcão, bem ao lado dele. Era um bolo caseiro gigante. Acho que era um a tartaruga.

Eu levanto as sobrancelhas.

— Eu ganhei um bolo que parecia um a tartaruga?

Ela faz que sim com a cabeça, toda anim ada.

— Com cobertura verde e um m onte de granulados. Parecia bem gostoso.

— Ah. Hum , tá. — Não sei m uito bem o que responder. Ann tem um a m em ória incrível. Eu

m udo de assunto. — Ahn, beleza, a gente precisa colocar a m istura para o bolo branco nessa

tigela, e a do am arelo, naquela tigela, e m isturar bem até dissolver todos os pedacinhos, porque

não sei onde a m inha m ãe colocou a peneira.

Minha m ãe tem essa cozinha gourm et superequipada com utensílios m odernos, pois j á gostou

de cozinhar em um passado longínquo. Eu gostava tam bém . Passávam os horas preparando pratos

chiques e em seguida fazíam os m eu irm ão e m eu pai se sentarem à m esa com os olhos vendados,

para fazer um teste. Eles fingiam odiar tudo, resm ungando e xingando, m as faziam questão de se

sentarem com as vendas nos olhos e com er tudo até não conseguirem se m exer, e tínham os de

rolar os dois para a sala de estar.

Minha m ãe e eu não contávam os para eles o que estavam com endo. Só m andávam os os dois

abrirem a boca e engolirem um a colherada do que tínham os preparado naquele dia. Nós duas

m orríam os de rir quando eles faziam cara feia, e aí contávam os quais eram os ingredientes.

Era dem ais o brilho da m inha fam ília quando todo m undo estava feliz. Com o se fôssem os

um a fam ília de com ercial de m argarina.

Mas depois ele foi em bora e não é a m esm a coisa só com o m eu irm ão, e m inha m ãe ficou

ocupada dem ais com o trabalho e com eçou a deixar dinheiro pra gente com prar com ida chinesa

ou pizza, e as festas de degustação gourm et viraram só um a lem brança.

Dou um garfo e a caixa de m istura para bolo am arelo para a Ann, e ela com eça a colocar tudo

na tigela, am assando as partes em pelotadas com o garfo.

E então ela com e um a garfada daquele pó. Fica tudo grudado nos lábios dela.

— Ecaaaa! Não faça isso!

— Ai, desculpe! — E ela coloca o garfo lam bido de volta na m istura.

— Ai, que noj o. — Pego o garfo e o j ogo na pia. — Não quero pegar

“bonecatrapinhoíase”

de você.

Ela só dá um olharzinho blasé. Ela nunca entende m inhas piadas bobas.

Eu quebro os ovos porque não sou idiota a ponto de achar que Ann faria isso direito, e a

gente coloca o óleo e com eça a m exer.

Ann segura a tigela com um a m ão e o garfo com a outra, e então passa a dançar

em círculos e

a cantar com a Katy Perry. Algum as gotas de m assa pulam da tigela, e Ann perde o equilíbrio e

bate com tudo no balcão. O m ovim ento faz seu braço trem er, e ela acaba j ogando um a colherada

de m assa em m im . A m eleca se espalha pelo m eu avental. Eu congelo — m inha colher de pau

ainda está na tigela — e a encaro.

— Estou falando sério, Ann, controle-se.

Esse tipo de energia anim adinha deveria ser proibido.

Coloco m inha tigela sobre o balcão e m e inclino para pegar as duas form as j á untadas, e

então Ann dá um tapa na própria boca e com eça a rir.

— O que foi? — pergunto, paralisada, com m eu braço ainda esticado.

Ela aponta. Eu olho para baixo.

Meu Deus, m eus peitos estão dentro da m assa do bolo.

Eu m e afasto aos poucos, e a m assa pinga de novo para dentro da tigela. O

restante escorre

pelo m eu avental.

Suspiro e esfrego os olhos. Coloco m inha tigela de lado e pego as assadeiras. A gente enche

as duas de m assa e as coloca no forno.

— E agora? — pergunta Ann, enquanto se inclina para vigiar o forno. Depois de um m inuto,

ela abre o forno e olha lá dentro para acom panhar os resultados.

— Não é instantâneo.

— Ah.

Estou m eio tentada a dizer que deveríam os dar um j eito de dom ar o cabelo rebelde dela,

m as então m e lem bro de que ela j á não vai estar m ais aqui em , tipo, um a hora.

Assim que eu

fizer aquele desej o, ela desaparecerá, e poderei voltar à m inha vida norm al.

Isso tem de funcionar.

***

Quando o tim er da cozinha apita, Ann j á dançou um m onte de clipes da MTV, até os da

Shakira. E com o a letra da m úsica diz “There is a she wolf in the closet” 17, eu deveria achar engraçado, porque ela m orava num guarda-roupa m esm o. Mas tem algo m e irritando nisso tudo.

Não posso deixar de ficar com invej a, porque ela aprendeu até a fazer dança do

ventre.

Fico pensando se a Ann poderia ser um a pintora fam osa, ou um a cantora, ou qualquer coisa,

caso tivesse um bom professor.

Fico pensando com o seria ter esse tipo de possibilidade à sua espera, com o um a extensão

infinita dos sonhos. Para sim plesm ente escolher um a coisa para fazer e ser boa nisso.

Ah, deixa pra lá. Estou parecendo um a orelha de livro de autoaj uda.

Ann dá uns passos para trás, enquanto apoio os bolos sobre um a gradinha para esfriarem . A

gente faz a cobertura enquanto isso, e então pego um a folha gigante de papel vegetal e coloco os

bolos sobre ela. Uso palitos de dente para j untar os dois, segurando a respiração com o se estivesse

cortando o fio azul de um a bom ba. Acho que funcionou.

Ann só fica olhando por cim a do m eu om bro, assistindo a tudo tão de perto que posso sentir

sua respiração.

Eu confio a cobertura a ela, o que, acredite, é bem difícil de fazer. Não quero pisar na bola

dessa vez. Ela usa um a espátula para m anteiga e o resultado não é lá essas coisas, m as tudo bem .

Talvez eu devesse ter escolhido um program a da Martha Stewart18 em vez da MTV.

Ela fica vendo de longe, enquanto faço o m elhor que posso para tentar recriar as flores de

glacê cor-de-rosa do m eu bolo de dezesseis anos. O resultado seria m elhor se eu

tivesse olhado

para o bolo original por m ais de um m ilissegundo, porém não olhei; logo, espero que fique

parecido o bastante.

Enfio as velas no bolo — quatro em cada cam ada — e m e afasto, para adm irar

m inha obra-prim a.

Vai ter de servir.

— Tá, agora canta a m usiquinha de parabéns — peço a Ann.

Ela só m e olha com um a cara de tacho.

— Você sabe, né? “Parabéns a você...”

Ela continua m e encarando.

Eu dem oro uns dez m inutos para ensinar a m úsica a ela. E a gente acha que, com o é bem

repetitiva, dem oraria m enos, m as ela está m egapreocupada em aprender direitinho. Acho que eu

tam bém deveria estar.

Finalm ente, ela está pronta para cantar, e canta Parabéns enquanto m e seguro na ponta do

balcão, os nós dos m eus dedos ficando brancos de tanta força.

Quando ela canta “...m uitos anos de vida...”, sua voz fica m ais e m ais aguda, e ela estica as

notas m ais do que o necessário. Fecho os olhos.

“Eu desej o que cada desej o que fiz nunca tivesse se tornado realidade.”

Respiro fundo, abro os olhos e assopro todas as velinhas de um a vez.

E então os fecho novam ente e fico, por um m om ento, em silêncio.

Desej ando.

Esperando.

Talvez eu devesse ser tom ada por um a sensação m ágica de paz. Tranquilidade.

Serenidade.

Algum a coisa.

Finalm ente, abro os olhos.

Ann está cortando o bolo com a espátula que usou para passar a cobertura.

— Isso aqui deve estar um a delícia!

Eu só resm ungo e m e afundo no chão.

Talvez ela desapareça à m eia-noite, com o a Cinderela.

Ou talvez m inha vida j á era.

17 Tem um a loba no guarda-roupa. (N.E.)

18 Em presária norte-am ericana, é apresentadora de program a de variedades e culinária na TV. (N.E.)

20

Passo a m aior parte da noite olhando para o teto do m eu quarto, ouvindo a Ann roncar

e tentando pensar em outros desej os para preencher m inha lista. Se eu não consigo im pedir que

eles aconteçam , seria legal pelo m enos saber o que vem por aí.

Eu achava que, ao gastar um desej o precioso de aniversário — afinal, a gente só tem um por

ano —, eu m e lem braria do que tinha pedido.

Mas não consigo. Eu tenho algum as ideias, claro. Eu m e lem bro de alguns brinquedos pelos

quais era obcecada. Lem bro-m e de que queria ser um a das dubladoras dos

film es do Shrek. E

depois queria ser piloto de avião.

Mas quem sabe se eu realm ente desej ei essas coisas?

Então, enquanto m ais um dia am anhece, saio de fininho do m eu quarto e visto um a blusa

de m oletom . São nove e pouco, e a Ann ainda está num sono ferrado.

Eu m e sento no últim o degrau da escada, lá em baixo, e coloco m eu par de All Star m ais

batido e confortável. Ainda estou am arrando os cadarços quando ouço a m adeira da escada chiar,

e m e viro, esperando ver o cabelão espetado da Ann.

Mas é a m inha m ãe. Que surpresa, às nove da m anhã. Geralm ente, ela j á teria saído de casa a

essa hora.

Norm alm ente, dom ingo é o dia dos eventos m ais trabalhosos — na m aioria das vezes, rola

um casam ento ou um brunch de algum a em presa —, portanto ela tende a sair cedinho para

acalm ar os nervos da noiva ou de um CEO que se acha, ou de várias pessoas ricas e m im adas.

Fala sério, se você não consegue planej ar sua própria festa e prefere pagar alguém para fazer

isso, então provavelm ente tem m ais dinheiro do que precisa. E eu j á vi algum as contas da m inha

m ãe. Os clientes dela com certeza têm m ais grana do que precisam .

— Aonde você vai?

— Para a biblioteca.

— Você não tem parado em casa esses dias — diz ela.

— Eu é que não paro em casa?

Com certeza, não ouvi direito o que ela disse.

Ela faz que sim com a cabeça. Olho para ela, desconfiada.

— Para que isso?

Dou de om bros e vou até a porta pegar m inha m ochila. Eu deveria ter ficado quieta.

— É que fico m ais em casa que você, só isso.

Minha m ãe suspira.

— Não sej a respondona, Kay la.

Meu queixo cai.

— Não estou sendo respondona. Mas não é verdade?

Minha m ãe cruza os braços. Ela está usando um a blusa lilás engom ada e perfeita, com calça

cáqui sem um am assadinho. Seu cabelo castanho — num tom m ais escuro e m uito m ais bonito

que o m eu — está com um penteado digno de salão.

— Por que você precisa ser tão ingrata? Eu dou tudo o que você quer e m esm o assim você

insiste em usar as m esm as roupas velhas e vive reclam ando.

Eu fecho a boca e ranj o os dentes.

— Tá, m ãe. Você m e dá tudo o que eu quero. Entendi.

— Kay la Louise! Eu acabei de dar um festão para você não faz nem um a sem ana.

— Deu m esm o, m ãe? Você fez um a festa para m im ou para a sua em presa?

Porque ficou

difícil diferenciar.

Minha m ãe olha para o relógio, e tento não virar os olhos. Ela nunca vai ter tem po para m im .

— Preciso ir fazer a lição de Biologia — falo, segurando a m açaneta da porta.

— Você quer um a carona? Estou atrasada, m as...

— Não, valeu. Eu vou andando.

E então saio rapidinho. Não preciso ficar ali para saber que ela deixará uns vinte paus com

um bilhete falando para a gente pedir algum delivery, e não vou m ais vê-la até am anhã.

Mas que saco! Antes de responder para ela, eu deveria ter perguntado sobre a confeitaria.

Agora, não posso m ais perguntar, depois de sair batendo a porta desse j eito.

Nunca conseguirei

consertar essa situação se não m e concentrar em resolver o problem a.

A biblioteca pública fica pertinho de casa. Abre cedo aos dom ingos, o que nunca fez m uito

sentido, m as não vou reclam ar agora, porque pelo m enos posso fugir para lá.

Pelo j eito, a Ann vai dorm ir por m ais um a ou duas horas, e então se perguntar

para onde é

que eu fui... Se eu tiver sorte, ela tentará m e encontrar e será atropelada por um cam inhão.

Tá, isso é m aldade. Estico o braço e vou passando os dedos por um a cerca enquanto ando,

m inha m ente indo longe quando viro a esquina e vou em direção ao centro. As m ontanhas ao

redor da Cascade Mountain estão lá no fundo. Apesar de todas as árvores ficarem verdes a m aior

parte do ano, há algum as com folhas m arrons no m eio, e o resultado é um a pincelada de laranj a

queim ado aqui e de verm elho brilhante ali, ilum inando o topo dos m orros. Ao longe, o pico

nevado do Mount Rainier se proj eta no horizonte.

Enum claw é um grande planalto a uns duzentos e cinquenta m etros acim a do nível do m ar,

construída sobre um antigo rio de lava quando o vulcão Rainier entrou em erupção pela últim a

vez, há um zilhão de anos. Que reconfortante quando a gente pensa nisso tudo!

Porém , não m e

sinto m elhor. Tenho de pensar em algum a coisa m uito m ais urgente.

Fico pensando qual será o desej o realizado de hoj e. E se conseguirei acabar com essa loucura

toda antes do Ben tascar um beij o em m im . Ainda estou brava com igo m esm a por ter brigado

com a m inha m ãe quando deveria ter forçado um a conversinha educada e

perguntado sobre a

confeitaria. Mas não, eu tinha de ter ficado toda irritadinha.

Tam bém penso se é possível m esm o que o Ben tente m e beij ar. Tipo, lógico, tem algum a

m ágica rolando nisso tudo, m as ele não é um chiclete de bolinha. Ele tem um a m ente própria.

Talvez ele não tente m e beij ar de verdade m esm o. Talvez esse pensam ento só passe por sua

cabeça e ele ignorará tudo e beij ará a Nicole, e vou ter sido um a boba por m e preocupar tanto.

Suspiro e chuto um a pedra na calçada. Ela desliza pelo concreto e vai parar na rua.

Alguém buzina para m im , com o se eu tivesse j ogado um a m ontanha inteira na rua e não um

pedregulho, e então só ignoro o carro e seguro m inha m ochila com m ais força. É

cedo dem ais

num dom ingo para alguém buzinar desse j eito. Vai acordar m etade da vizinhança.

O carro buzina de novo, e m e viro para ver quem é, m as sou obrigada a parar de repente.

Ai, isso é a coisa m ais bizarra que j á vi em Enum claw em ..., tipo, nunca vi algo assim .

É um cara em um carro conversível am arelo e está fazendo uns onze graus aqui

fora e o

orvalho da gram a nem derreteu ainda. Se você m ora no Noroeste Pacífico, só consegue andar

com a capota abaixada uns doze dias por ano. Mas o cara não levanta a capota.

E o m otorista é tão bizarro quanto o carro: ele parece ter quase vinte anos — o que significa

que os pais dele devem ser podres de ricos, para darem esse carro para ele — e está tão bronzeado

que deve fazer bronzeam ento artificial todos os dias da sem ana. Com certeza não é natural, pelo

m enos nesta cidade.

Ele está vestindo um a regata que deixa seus m úsculos à m ostra e tem um sorrisão tão largo e

brilhante que parece que está posando para um a agência de m odelos, ou talvez um com ercial de

clareador dental. Acho que até consigo contar os dentes dele daqui da calçada.

Ele é m eio bregão,

com o se estivesse vendendo algum produto da Polishop na TV às duas da m anhã.

Seus olhos azuis são grandes e brilhantes e estão grudados em m im , em oldurados por cílios

com pridos e ligeiram ente curvos, e o cabelo loiro cortado bem baixinho m ais parece um

capacete. Até as sobrancelhas dele são perfeitas.

E tenho a im pressão de que ele esfregou óleo pelo corpo inteiro, com o aqueles

caras de

concurso de halterofilism o, em que todo m undo parece ser feito de plástico porque ficam m uito

brilhantes.

— Tudo bem , gatinha?

Acho que vom ito um pouco dentro da m inha própria boca. Olho por cim a do m eu om bro e

percebo que sim , ele está falando com igo.

Eca.

Aperto o passo. Talvez eu devesse ter falado para alguém para onde estava indo.

Ele é m eio

estranho, m e encarando daquele j eito, com aquele sorrisão artificial.

Ainda bem que estou quase chegando. A biblioteca fica a pouco m ais de um quilôm etro da

m inha casa, e vou andando pelos bairros residenciais m ais bonitos, do outro lado da rua Cole,

toda pitoresca com seus restaurantezinhos e loj as de antiguidades. Com esse cara na m inha cola,

fico achando que talvez devesse ter pegado o carro, m as quis andar porque m e daria m ais tem po

para ficar longe de casa e da Ann e de tudo o que está acontecendo.

Eu o ignoro, enquanto ele m uda a m archa do carro e m e segue, j unto da calçada.

— Gatinha, chuchu, cadê o seu carro?

— Ahn, eu não tenho carro — berro, na esperança de que ele vá em bora. —

Acho que você

está m e confundindo com outra pessoa.

— É claro que tem , gata. É um conversível rosa. Você deixou o carro na casa de praia?

Apesar do m eu estado de nervos, consigo rir.

— Tá, agora você está m esm o m e confundindo com alguém . Eu não tenho um a casa de

praia.

Ando cada vez m ais rápido, e esse m aluco vem atrás de m im , deslizando naquele conversível

am arelo. Mesm o indo devagar, o m otor ronca alto, fazendo o ar vibrar à nossa volta.

— Larga a m ão de bobeira, Barb. Você não precisa andar. Entra aqui!

Eu paro e grito para ele:

— Meu nom e não é Barb. Som e daqui!

Ele olha para cim a com o quem j á sabia que eu não gostaria.

— É claro. Desculpe, Barbie. Eu sei que você odeia quando cham o você de Barb.

Abro a boca para xingar o cara, m as as palavras m orrem na m inha garganta.

Fecho a boca e

dou um passo para trás e para longe da guia. De repente, o barulho do carrão esporte m e deixa

surda, latej ando nos m eus ouvidos. Minhas m ãos trem em um pouco, quando

as coloco sobre a

boca.

Tiro a m ão da boca para fazer um a pergunta.

— Com o você se cham a?

Ele ri.

— Ah, vá, coração, você sabe o m eu nom e!

— Me diz com o é que você se cham a! — pergunto, por entre m eus dentes cerrados.

— Ken.

Caraca, m inha vida acabou de m udar de novo. E para pior.

Ken. O m aldito Ken. Da Barbie.

E ele acha que sou a nam orada dele.

PQP, quando foi que eu desej ei isso?

***

Eu faço o m áxim o que posso, de verdade, para o Ken m e deixar em paz, m as ele continua

m e seguindo paralelo à calçada, cham ando-m e de todos esses apelidinhos ridículos e tentando

m e convencer de que sou m esm o a Barbie.

Falou.

Meu cabelo lindo e loiro deve tê-lo confundido. Ou m eu short e a regata rosa de babadinho... ou o fato de estar andando por aí na ponta dos pés. Pelo m enos, eu tenho peitão

m esm o. De 1 a 5, nota 1.

Mal posso lidar com o fato de ter um a Boneca Trapinho viva. O que vou fazer com o Ken?

Menos m al que ele não ache que a gente m ora j unto. E ele tem um carro.

— Vem , benzinho, entre aqui!

Eu paro, coloco a m ão na cintura e olho para ele.

— Se eu deixar você m e dar um a carona até a biblioteca, você m e deixa em paz para estudar

e... vai j ogar vôlei ou sei lá o quê?

Seus lábios produzem um sorriso todo-poderoso, que m ostra as covinhas dele e os dentes

artificialm ente brancos. Fala sério — se a gente estivesse em um a sala com luz negra, tenho

certeza de que sua boca inteira brilharia.

Resm ungo e viro os olhos, m as desisto. Se eu der um j eito nele pelo restante do dia, vou ter

m ais tem po para pensar num j eito de consertar tudo isso.

Ken pula para fora do carro, vai para o outro lado e abre a porta do passageiro para m im . Ele

fica plantado ali enquanto entro, e fecha a porta, quando coloco o cinto de segurança.

Então o Ken é um cavalheiro. Vai saber. Eu achei que ele seria m ais do tipo atleta-grosso-e-bobo, do tipo que nem percebe quando passa um a tarde inteira falando de si m esm o e

am assando latas de cervej a na testa.

— O que você tem feito de bom ? — pergunta Ken, inclinando-se para o apoio de braço entre

nós dois e arqueando a sobrancelha.

— Hum ... nada!?

— Você sem pre diz isso. Eu acho que você leva esse em prego de aerom oça a sério dem ais.

Você precisa relaxar.

Em prego de aerom oça?

Penso com força. Eu devo ter tido um a Barbie aerom oça algum a vez na vida. E

ele tam bém

não deve saber que a palavra “aerom oça” não é m ais politicam ente correta, e que a gente tem de

cham á-la de com issária de bordo.

Eu m e viro para ver as árvores dançando ao sabor da brisa de outono, e quando um sorriso

tenta se m anifestar nos cantinhos dos m eus lábios, não aguento m ais e sorrio.

Ou você acha que vou perder a chance de m exer com a cabeça do Ken?

— Você tem visto a m inha zebra? — pergunto, olhando toda séria para ele. Um a das m inhas

Barbies favoritas é a Barbie Safári, que vem com short cáqui, botas de cam inhada e um m onte de

bichos. Antigam ente, eu m e im aginava vivendo um a aventura na África. —

Acho que ela fugiu.

Com o m eu... filhote de leão. E o urso-panda. — Não tenho certeza se a Barbie

tinha um urso-panda, m as a zebra e o filhotinho de leão não m e parecem estranhos. — Vou lhe contar; esses

três, viu!?

Fico com o dedo em riste com o um a bibliotecária bem brava, ou algo assim .

Ken enruga a testa.

— Mas isso é terrível! Você sabe para onde eles foram ?

Faço que não com a cabeça. Está ficando quase im possível não cair na risada.

— Não. Num m inuto eles estavam na m inha casa dos sonhos, e no outro... tinham desaparecido. Eu até peguei o Jeep para ir atrás deles, m as nada. Eu e a Skipper procuram os o dia

todo...

Skipper. Será que é isso m esm o? Ou era Stacey ? Hum m m . Faz tanto tem po que parei de

brincar de Barbie. Só para garantir, pisco com força, faço cara de inocente e até im proviso um

bico.

Ken enruga a testa ainda m ais. Ele entende tanto a m inha dor que m e seguro para não rir na

cara dele.

Decido ir com tudo.

— E, desde que decidi ser veterinária em vez de pediatra... Você sabe, depois que perdi a

eleição para presidente e m inha carreira na Nascar chegou ao fim , acho que m eu am or pelos

anim ais foi renovado, entende? Principalm ente desde que abri aquele pet shop.

Pego a m ão do Ken com toda a força.

— E a coitada da Skipper anda tão triste. Ela am ava aquele tigre de verdade.

Quero dizer,

aquele leão. — Pisco os olhos, batendo m eus cílios com todo o charm e. — E

agora preciso passar

o dia estudando para... a prova final de veterinária. Então, você se im portaria de ir procurá-los

para m im ?

Perfeito. Vou m andar o Ken nessa busca m aluca e ele se esquecerá de m im . Ai, se fosse fácil

assim m e livrar da Ann.

— Com certeza, am orzinho! — responde ele assim que chegam os à biblioteca.

Antes de eu sair do carro, ele se inclina para a frente e m e beij a; os lábios gigantes —

perfeitam ente m acios e suculentos, o que, por algum m otivo, parece-m e bem noj ento —

pressionados contra os m eus.

— Valeu! — berro, apesar de ele estar a um centím etro do m eu rosto, e então pulo para fora

do carro. Bato a porta do conversível am arelo e estou a m eio cam inho da calçada quando o vej o.

Ben está na calçada, perto das portas de vidro, aparentem ente paralisado de fascinação

enquanto Ken sai da vaga do estacionam ento e volta para a rua. Tudo isso para encontrar m inha

zebra, m eu panda e m eu filhotinho de leão perdidos.

— Ben — falo, surpresa, enquanto coloco a m ochila no om bro. — Ahn... tudo bem ?

E o que é que ele está fazendo na biblioteca às nove da m anhã de um dom ingo?

Ele não

pode estar tentando evitar um a boneca viva que m ora no quarto dele tam bém .

— Tudo. — Ele não tira os olhos do Ken no estacionam ento, o escapam ento roncando

enquanto os pneus cantam no asfalto. — Quem é aquele cara?

Ben olha para m im , e estudo os seus olhos, tentando descobrir o que ele está sentindo. Será

que ele está com ciúm e?

Cerro os dentes. Não posso querer que o Ben sinta ciúm es de m im .

— Ééé, é o K... — Paro. Não posso adm itir que o nom e dele é Ken ou vai ficar na cara que

ele tem algum tipo de com plexo e acha que é um boneco. — Carson.

Carson era o sobrenom e dele, não? Todos esses detalhes da vida da Barbie ainda estão

nebulosos na m inha cabeça.

Vou para a porta da biblioteca, e Ben dá um passo para o lado e faz um a m esura, com o se

estivesse m e acom panhando, apesar de a porta ser autom ática.

— Valeu — digo, encarando o chão enquanto passo bem rápido para que ele não

vej a que

m inhas bochechas estão queim ando.

Eu fico boba com esses cavalheirism os. Mesm o com a m inha natureza pessim ista, preciso

adm itir que existe todo um charm e em um gesto sim ples com o aquele. Ben m e segue ao

entrarm os na biblioteca, onde sinto o cheiro de papel e de livros. Há algum a coisa nesse lugar

que faz com que o m undo lá fora não exista m ais.

— Vocês estão j untos?

Olho para cim a, surpresa, tanto com a pergunta com o com o tom da voz dele.

— Por quê? — pergunto, antes de conseguir segurar as palavras.

Ele m e segue pelas prateleiras de rom ances, pela seção de livros infantis e por um m onte de

prateleiras altas cheias de livros de referência até um sofá no canto do fundo da biblioteca, no

qual um a j anela enorm e banha a sala de luz. A gente se senta cada um em um a ponta do sofá,

um a alm ofada inteira entre nós.

Ele dá de om bros.

— Olhe, a gente é am igo, né? Eu só achei aquele cara m eio esquisito. Você consegue coisa

m uito m elhor.

Enrugo a testa e tento fingir que estou m uito m ais interessada em fuçar na m inha m ochila.

— Então, ele é seu nam orado?

— É m eu nam orado, sim — confirm o, cada vez m ais irritada. — Ele é dem ais.

Super...

atlético. Joga vôlei dem ais. E é claro que tem o próprio carro e tudo, o que é dem ais...

Por que, pelo am or dos m eus pôneis, eu fico dizendo “dem ais”?

Com certeza, é algo que o Ken Califórnia diria.

Quando m e pego dizendo “dem ais”, tento dar um j eito de voltar e com eçar de novo, m as

não consigo parar. É com o se eu precisasse convencer o Ben de que tenho um nam orado para

m e fazer sentir m elhor nisso tudo.

— Desculpe, foi m al. Não é da m inha conta — diz Ben. — Eu só fiquei surpreso.

Você

nunca falou que tinha nam orado.

— Ah. — Eu m urcho um pouco. — E você e a Nicole, tudo bem ?

Ben esfrega as m ãos e respira fundo e devagar. Parece que ele... não sei. Mas tem algum a

coisa errada.

— Vocês não term inaram , né?

— O quê? Não. É claro que não.

— Ah, tá.

— É que...

Eu paro de fuçar na m ochila.

— O quê?

— Deixa pra lá.

— Tem certeza? Porque se você quiser con...

— Não, está tudo bem — afirm a ele, com convicção.

— Então tá. Bom , eu preciso fazer m inha lição de Biologia, então...

Pego m eu livro de Biologia e m ostro para ele, um pouco anim ada dem ais.

— Ah, tá. Foi m al.

Ben pega o livro dele e o abre com tudo. Algum as folhas de papel voam de lá de dentro para

o chão. Um a delas vai parar debaixo do m eu pé. Eu m e abaixo para pegar — e reconheço a letra

da Nicole ao tocar a folha —, m as Ben a tom a de volta antes que eu consiga ler o que estava

escrito.

— Ai! — O papel corta m eu dedo quando ele o puxa da m inha m ão, e um a gota de sangue

bem brilhante aterrissa no j oelho da m inha calça j eans.

— Ai, puxa, desculpe. — Ben tira um lenço de papel da m ochila e o passa para m im , e o

enrolo na ponta do dedo.

— Obrigada.

Eu seguro o m eu dedo até que ele pare de latej ar.

Mas, m esm o parando de sangrar, m eu coração ainda dói.

21

Quando a Nicole vem falar com igo no dia seguinte na escola, tudo o que consigo fazer

é olhar para ela. Mesm o a uns cinco m etros de distância, posso ver que ela está usando rím el m ais

escuro que o norm al, e que os cantinhos de seus olhos estão esfum ados com lápis de olho. Seu

cabelo está cacheado de novo, e ela está vestindo um a m inissaia j eans com cara de surrada e —

tenho de adm itir — m uito fofa, com um a blusa preta com gola V e um a blusinha de cetim azul

por baixo. Ela tam bém está usando botas — um par diferente daquele da sem ana passada. As

botas são pretas, com tirinhas que fazem um zigue-zague na frente.

No ano passado, ela se vestia m ais ou m enos com o eu, com um m onte de m oletons com

capuz e calça j eans, e quase sem pre usava All Star. E não é que eu esperasse que ela viesse m e

consultar antes de ir às com pras para a volta às aulas, m as é m eio... esquisito.

Vê-la se

transform ando bem na m inha frente e não poder falar nada, nem cham ar a atenção dela.

Estou sentada no banco do corredor, que m ais parece um cubo, folheando m eu livro de

Biologia. Tem prova am anhã e não consigo absorver nada do capítulo que estou

lendo.

Provavelm ente, tem a ver com o fato de eu estar m e inclinando para a frente, para tentar

esconder m eus peitos gigantescos. Não posso nem cruzar os braços — isso só os deixa m aiores.

Apertar os dois j untos tam bém não é um a boa ideia.

Passei dezesseis m inutos hoj e cedo com a Ann, experim entando a ideia das faixas de gaze.

Mas não funcionou. A faixa só adicionou algum as cam adas a m ais e acabou deixando m eus peitos

ainda m aiores. Eu desisti e resolvi apelar para o top de ginástica.

Então, resolvi m e sentar de perna cruzada, inclinada sobre o m eu livro, esperando que

ninguém perceba. Vej o a Janae passando pelo corredor e fico ainda m ais corcunda. Estou

superalerta quando qualquer pessoa se aproxim a, convencida de que todo m undo j á percebeu

m eus am igos m agicam ente crescidos.

— Ei — cum prim enta Nicole, j ogando-se no banco ao m eu lado. Ela está usando um a bolsa

nova tam bém . É ridícula de tão grande, de couro verde-água com um m onte de fivelas. Quem é

essa m enina e o que ela fez com a m inha m elhor am iga sem estilo?

— Oi — respondo, suspirando ao fechar o livro. — Não consigo entender isso.

— Jura? Você precisa de aj uda? — A Nicole é incrivelm ente inteligente, provavelm ente

porque passou a m aior parte da pré-adolescência trancada em casa, lendo, graças ao bando de

rem édios para acne que provocava sensibilidade à luz do sol.

Arregalo os olhos e m e j ogo aos pés dela.

— Sì. Sì. Sì... — Paro quando percebo que estou respondendo em italiano. —

Quero dizer,

sim . Sim . Sim . Sim , um m ilhão de vezes sim !

Nicole dá um a risadinha e m e puxa de volta para o banco. Ela olha ao redor por alguns

segundos.

Será que ela está com vergonha de m im ?

Ela nunca fez isso antes. Ela nunca ligou para as m inhas reações exageradas, nem para as

m inhas bobeiras. Fico m eio m ordida, m as deixo pra lá. Provavelm ente, é paranoia m inha.

— Beleza. Quando você vai lá em casa? — pergunta ela, fuçando na bolsa para pegar um

pacotinho de chicletes.

Ela m e dá um chiclete e o enfio na boca.

— Hoj e à noite? Depois da aula?

— Ah, hoj e à noite?

Faço que sim com a cabeça.

— Ah. Depois da aula?

Nicole m urcha um pouco, porém continua m astigando o chiclete.

— É que eu vou m e encontrar com o Ben. E tipo, sete horas?

Eu dou de om bros e enfio o livro na m inha m ochila.

— Beleza. Tudo bem .

Nicole cruza as pernas, sacudindo o pé com o se fosse doida.

Fico olhando para a ponta do pé dela, pensando no dia em que ela m e largou sozinha no

m eu aniversário, e que tem algum a coisa que ela não quer m e contar. Por que será que ela anda

tão cheia de segredos?

— E aí... o que está rolando? — pergunto, inclinando-m e para trás ao m e apoiar sobre as

m ãos. É tarde dem ais. Eu m e ligo que a posição não m e aj uda em nada a esconder o m eu peitão.

Estou usando calças listradas hoj e e um a cam iseta vintage larga e desbotada.

Vintage m esm o, e

não essas blusas da Am erican Eagle feitas para parecerem velhas. Eu estava torcendo para o fator

“largura” aj udar a esconder m eu peito, m as só parece funcionar quando fico corcunda.

Eu m e sento, tentando reposicionar m eus peitos.

— Nada de m ais — fala ela, nem notando o m eu dilem a. Ela está prestando atenção dem ais

na m ultidão de alunos que passa por ali, aos em purrões no corredor cheio. O

prim eiro sinal

tocará a qualquer m inuto.

Ela faz que sim com a cabeça para alguém , com um sorrisinho de leve nos lábios, m as não

consigo ver quem é porque a Janae, que é do tam anho de um a am azona, bloqueia m inha visão

ao desfilar pelo corredor.

— Quem você está cum p... — Sou interrom pida pelo toque irritante do sinal.

Afe.

— A gente se vê hoj e à noite! — Nicole pula do banco e para dentro da m ultidão.

É com o se ela tivesse se esquecido de que tem os a prim eira aula j untas e que geralm ente

vam os j untas tam bém , lado a lado. E que nos verem os na hora do alm oço, porque sem pre

com em os j untas. E que tem os aula de Fotografia j untas, à tarde. Só um “a gente se vê hoj e à

noite”. Mas o que é isso?

Depois que ela desaparece no m eio da m ultidão, abro m eu fichário e coloco m inha lição de

casa na parte de trás.

Olho para cim a, só para garantir que ela j á foi em bora, e então olho para a foto que está atrás

da lição.

A foto do Ben.

Fico olhando para ela por um tem po, o barulho dos alunos ao m eu redor lá longe.

Ele sem pre será perfeito.

E sem pre será dela.

***

Quando chego em casa, depois da aula, estou subindo pelas paredes. Ainda não sei qual é o

pedido de hoj e, então passei o tem po todo evitando o Ben. Com certeza, ele deve achar que sou

louca. Um a hora, na aula de Matem ática, derrubei o m eu lápis e o Ben viu, e, quando ele se

inclinou para m e devolver o lápis, dei um pulo com o se ele estivesse prestes a m e m arcar com

ferro quente.

O m elhor de tudo é que a professora estava falando pelos cotovelos lá na frente, e todos

estavam tom ando notas, então m eu pulo no ar foi m ais bizarro ainda, e m eu livro decolou e voou

tão alto que pegou em alguém a um as três fileiras de distância.

Pelo m enos, estou arruinando totalm ente qualquer possibilidade de futuro com o Ben, o

que torna essa coisa do “estou apaixonada por você” inútil. Tudo o que quero agora é encher a

cara com o m eu bolo de desej o fracassado, tom ar Coca e assistir ao program a

de TV m ais im becil

que encontrar.

Ann está sentada na varanda da frente da casa, quando chego.

— Você não pode ficar aqui — digo, m esm o antes de falar “oi”. — Minha m ãe não pode ver

você.

Ann faz bico e m e olha de lado, irritada.

— Mas você não pode nem dizer que eu sou um a am iga sua da escola? Estou cansada de

ficar só no quartinho do j ardim e no seu quarto.

Cruzo os braços, pensando no assunto.

— Talvez. Acho que sim .

— Que bom . — Ela se levanta e vem aos pulos atrás de m im . — A gente pode fazer outro

bolo? Foi tão divertido.

Eu só suspiro, pego duas Cocas e levo algum as fatias de bolo para a sala de estar.

Ann deita em um dos sofás, equilibrando o prato na barriga.

— O que aconteceu com aquele tutu que você tinha?

Franzo a testa.

— Que tutu?

— Aquele tutu rosa, com glitter. Você usou aquela sainha no dia de tirar foto na escola.

Dou um a risadinha, que depois se transform a em um a gargalhada m eio latida.

— Meu Deus, tinha m e esquecido disso. Deve estar em um a caixa, em algum lugar. Minha

m ãe guarda todas essas coisas.

— A gente deveria procurar — sugere Ann.

— Por quê?

— Não sei. Eu nunca pude interagir com essas coisas que você fazia. Eu só tinha de ficar

quieta e assistir ou ouvir as histórias.

— É, m as dá trabalho dem ais procurar.

— Então vam os pintar o seu quarto.

— Só faz um ano que fiz isso.

— É, m as a gente pode pintar de novo. Eu não participei. Acho que ia gostar de pintar.

— Então por que você não pinta um a tela?

— E por que eu pintaria um a tela?

— É isso que os artistas fazem . — Tento m e concentrar na TV, m as isso não a detém .

— Que legal. Você tem um a tela?

— Ah. Hum m . Não.

— Então por que deu a ideia?

— Sei lá!

— Você tem algum livro para colorir?

Dou risada.

— E por que eu teria livros para colorir? Eu tenho dezesseis anos!

— E daí? Livros para colorir são bem legais. — Ela faz bico e cruza os braços.

— Você acha?

— Claro. Eu quero experim entar.

Eu m e levanto e suspiro.

— Tá. Acho que consigo encontrar uns livros velhos e giz de cera, ou talvez só canetinhas. Eu

falei para você: m inha m ãe guarda tudo.

Ann pula de pé, os olhos faiscando de em polgação.

— Jura? Eeee!

Eu dou um sorriso, surpresa. Será que eu j á fui tão doida por colorir? Devia ser, em algum

m om ento. Parece algo tão bobo para se ficar anim ada desse j eito.

Dou um a olhada nas côm odas onde m inha m ãe guarda j ogos de tabuleiro e um m onte de

tranqueiras, e acho uns livros para colorir e um a caixa velha de giz de cera, do tipo que vem com

um apontador. Parece que tudo foi com prado na década de noventa, m as vai ter de servir.

Ann e eu nos sentam os no chão da sala de estar, e dou um livro para ela, um cheio de bichos.

O m eu é da Disney, com várias princesas flutuando pelas páginas.

Folheio o livro. Nem consigo m e lem brar da últim a vez em que vi aqueles film es.

Esqueci-

m e de que Aladdin existia.

— Você quer ver A pequena sereia? — pergunto, surpresa com igo m esm a.

— Quero! Eu nunca vi; você sem pre bloqueava a m inha visão ou m e derrubava no chão.

Eu m e levanto num pulo e fuço na nossa coleção de film es velhos. Pela prim eira vez, fico

feliz por m inha m ãe não ter j ogado o videocassete fora. Coloco a fita lá dentro, parece que

dem ora um a vida inteira para acelerar o film e e passar pelos trailers. Não acredito que as pessoas

precisavam esperar para acelerar ou rebobinar a fita... Parece tão arcaico.

Quando o film e com eça, eu m e sento ao lado da Ann e à m esinha de centro e abro o livro de

novo. As páginas estão pintadas pela m etade, com m inha pintura m eticulosa por todo canto. Eu

adorava contornar os desenhos com canetinha escura e depois preencher as figuras com tons m ais

claros e pastel.

Escolho um a im agem da Bela com seu cavalo e com eço pela gram a, escolhendo um giz de

cera verde bonito e fazendo um som breado nas pontas.

Ann está atacando as páginas com gosto, forçando furiosam ente o giz em um filhotinho de

cachorro. É azul, m as ela não está nem aí.

— O que m ais você tem ?

— Com o assim ?

— O seu irm ão ainda tem Lego?

— Hum m , acho que sim . Acho que está tudo guardado num as caixas de plástico em algum

lugar. — Minha m ãe faz a gente guardar todas essas coisas para “nossos próprios filhos brincarem

um dia”, o que m e irrita m uito. Quando eu tiver filhos, eles provavelm ente vão preferir brincar

com anim ais de estim ação holográficos.

Ann solta o giz de cera.

— Vam os brincar de Lego!

Não sei o porquê, m as parece divertido m esm o. Vou até o guarda-roupa no corredor e dou

um a olhada lá dentro, e saio triunfante, com duas caixas cheias de pecinhas de Lego. Levo tudo

para a sala de estar, tiro a m esinha de centro do lugar e viro um a das caixas sobre o carpete. Os

blocos caem em um a torrente de cores prim árias.

Essa bagunça toda arranca m eu irm ão do quarto dele.

— É m eu — declara ele. Com o se a gente tivesse dez anos e acabado de roubar o tesouro

dele.

Eu dou de om bros.

— Você não está brincando com eles.

Ele fica de pé ali por um segundo, usando um a calça j eans larga e sem cam isa.

Os olhos dele

encontram a Ann.

— Quem é você?

Eu viro os olhos. Ele está é de olho nela.

— Ann, esse é o m eu irm ão, Chase. Chase, Ann.

— Quer dizer que essa louca tem um a am iga nova?

Rosno para ele. Meu irm ão adora m e cham ar de louca. Com o se ele fosse norm al.

— Cale a boca — digo, sem tirar os olhos das pecinhas de Lego. Vou construir um a nave

espacial. Não tenho a m enor ideia por quê.

Ele só fica ali, sem dizer nada por um tem po.

— Onde você arrum ou esse bolo?

— Tem um a coisa na cozinha. Com form ato de caixa. É gelado lá dentro, com o um a calota

polar.

Meu irm ão resm unga e vira os olhos.

— Ei, faz vinte e quatro horas que está aqui. Eu fiz esse bolo ontem .

— Posso com er um pedaço?

— Tá. Mas se você vai com er aqui, coloque um a cam iseta.

Ele m e surpreende ao não protestar. Ele sim plesm ente vai até o quarto, coloca a cam iseta

que estava usando ontem e volta. Ele pega um pedaço de bolo e um refrigerante e se senta no

chão, ao nosso lado, um a fatia gigantesca do bolo do desej o frustrado no prato.

Essa situação j á foi norm al para a gente um a época, antes de ele ir em bora para a faculdade,

m as depois disso não passei m ais de dez m inutos com ele na m esm a sala.

— E o trabalho? — pergunto.

Ele dá de om bros.

— A m esm a coisa todo dia. Está m e m atando.

Olho para ele por entre os m eus cílios.

— Você poderia fazer outra faculdade aqui perto, né?

Ele dá de om bros de novo.

— Pode ser. Mas parece um retrocesso. Eu deveria estar na WSU. 19

Olho para ele, com a sobrancelha erguida.

— Mas isso não tem nada a ver. Pelo m enos, é m elhor do que trabalhar em loj a.

Ele fica quieto, com um pedação de bolo am arelo no garfo. Parece que está m esm o

pensando nisso.

— Pode ser. Mas m esm o assim é um saco.

— Acho que agora tem dorm itório para os alunos no GRCC; 20 ouvi falar.

Ele olha para m im .

— Jura?

Faço que sim com a cabeça.

— Ah-hã. A irm ã da Nicole m ora lá e eu acho que fica bem barato.

— Ah. Acho que vou dar um a olhada.

Faço que sim com a cabeça, notando que ele fala um pouco m ais alto depois de ouvir essa

ideia. Volto a fuçar nas pecinhas de Lego. Meu foguete com eça a tom ar form a.

Não sei o que a

Ann está construindo. Parece um castelo. Ou um cachorro.

— Você j á pensou em ligar para o papai? — pergunto.

A boca do m eu irm ão está tão cheia de bolo que tenho de esperar até ele engolir tudo.

— Não.

— Não m esm o?

— E para quê? Ele sabe onde a gente está.

— É isso que eu digo. — Olho com cara feia para a Ann.

— Então por que você está m e perguntando?

— Não sei. É que... sei lá. — Eu m e concentro em j untar três pecinhas de Lego.

— Ele ia m e ensinar a atirar — diz Chase.

Eu olho para ele.

— Quê?

— Ele m e prom eteu que, quando eu fizesse treze anos, ia m e dar um a espingardinha de

chum bo e m e ensinar a atirar.

Treze.

Meu irm ão fez treze anos um m ês depois de o m eu pai sair de casa.

— Putz, Chase, eu…

Chase fica de pé.

— Com o eu falei, não vou ligar para ele.

Ele leva o prato vazio para a pia, tom a o restante do refrigerante e j oga a lata no lixo.

Acho que não sou a única que ainda está abalada por causa do m eu pai.

Olho com raiva para a Ann, por ter m e feito pensar nele, e então volto para o m eu Lego. Fico

im aginando se consigo construir um foguete grande o bastante para m e lançar para longe daqui.

19 WSU é a sigla para Washington State University (Universidade Estadual de Washington). (N.E.)

20 GRCC é a sigla para Grand Rapids Com m unity College, um a outra faculdade de Washington. (N.E.)

Coloco m eu prato na pia, em cim a do prato do Chase. A pequena sereia ainda está

passando na TV. Ela está cantando um a m úsica sobre garfos.

— Já volto — falo para a Ann.

Eu não tinha pensado nisso até agora, m as talvez tenha um a conta ou um cartão da

confeitaria. Se m inha m ãe não está por perto para eu perguntar, então pelo m enos posso

investigar a resposta.

Ainda não recebi m eu desej o de hoj e. Estou com m edo do que possa ser. O Ben poderia

aparecer a qualquer m om ento para m e beij ar. Ou talvez o presidente vá ligar para m im para pedir

que eu sej a sua conselheira m ilitar.

Isso tem de parar. A Nicole não m erece ser traída e, não im porta o que eu faça, beij ar o Ben

será sim plesm ente visto com o isso. Não fará diferença nenhum a que eu estej a fazendo de tudo

para im pedir isso. Não fará a m enor diferença que a única razão para ele m e beij ar sej a um desej o

ridículo.

Subo a escada acarpetada de dois em dois degraus e entro no escritório da m inha m ãe. É

im pecável: paredes brancas, carpete bege, um a escrivaninha gigante de m adeira clara. Ela tem

um tapetinho de plástico em baixo da cadeira com rodinhas e bandej as e pastas para toda a

papelada, alinhadas às prateleiras de m adeira. Os únicos obj etos ao lado do m onitor dela são um

telefone e um porta-lápis, com todos os lápis perfeitam ente apontados.

A estante de livros está repleta de m aterial de referência e fichários. Ela utiliza os fichários

para os eventos, isso eu sei. Cada lom bada está etiquetada com todo cuidado:

“Casam ento Sm ith

e Greene”, “Piquenique feliz”, “Retiro em Rainier”. Se eu abri-los, vou ver seis divisórias

etiquetadas com assuntos diferentes: entretenim ento, bufê, locação... Na época em que m inha

m ãe ainda estava com eçando a em presa, m eu irm ão e eu a aj udávam os a fazer um m onte de

fichários vazios e pensávam os com o seria quando ela tivesse tantos eventos que eles ficariam

totalm ente cheios com a papelada.

Preparávam os uns sundaes com um m onte de confeitos e granulados e m inha m ãe falava

sobre seus planos, enquanto organizávam os os fichários e colocávam os folhetos em envelopes. Na

verdade, foi a única atividade divertida em fam ília desde que m eu pai foi em bora. Se a gente a

aj udasse, ela nos deixava m anter nossos quartos bagunçados. Ela não ligava se a gente não

arrum asse a cam a ou não lavasse a louça. Ela precisava se preocupar com coisas m ais sérias.

Eu não aj udo m ais a m inha m ãe.

Eu m e sento na cadeira dela e fico quieta por um tem po, tentando ouvir o barulho do carro,

caso ela venha para casa incrivelm ente cedo. Há m eses que não entro aqui e não quero ter de

explicar o que estou fazendo no escritório dela.

Abro a prim eira gaveta que vej o; está cheia de m aterial de escritório, tudo perfeitam ente

organizado, cada item em seu lugar. As próxim as gavetas não revelam nada m elhor tam bém .

Pastas, folhas em branco, cadernos, um porta-cartões de visita.

Ainda estou sentada na cadeira dela, batendo m eus pés contra o tapetinho de plástico,

quando a cam painha toca.

Pulo da cadeira e saio do escritório, com o se tivesse sido pega de supetão num assalto a um a

j oalheria, e voo lá para baixo.

Talvez sej am os m eninos do Hanson para m e fazerem um a serenata ou o Sedex com um a

entrega especial de um estoque eterno de j uj ubas. Essa m aldição toda seria m elhor se eu

houvesse desej ado um as coisas bacanas. Que tal um carro novinho e brilhante, hein?

Ann está com a m ão na m açaneta, quando chego ao hall de entrada e a tiro do cam inho antes

que ela atenda. A últim a coisa que quero é explicar para alguém por que tem um a estranha

atendendo a porta de casa.

— Cadê o m eu irm ão? — pergunto para a Ann.

Ela aponta para o corredor, para o quarto dele.

Eu m e viro para a porta, m as não consigo ver quem é pela j anela oval de vidro j ateado.

Não dá para ver, então abro a porta com tudo. E é nessa que enfio a cara no peitoral do Ken.

Eu estava rezando para ele não saber onde m oro. Mas o negócio é que ele é estranho m esm o.

Bom , não existem regras na terra m ágica dos desej os. Se pode chover chicletes de bolinha e eu

consigo falar italiano, parece que tudo é possível.

Ele está usando a regata preta de sem pre, aquela que m al consegue conter seus braços

m usculosos e a barriga tanquinho. Ele com binou a regata com um a berm uda azul-roy al, dessas

com três listras na lateral, e um par de tênis branco. Ou sej a, parece que ele acabou de sair de

um a quadra da NBA, com a exceção de não estar suado.

O m ovim ento do ar quando a porta se abre em purra o cheiro dele até m im , e ele é cheiroso,

algo m eio pinho com couro, natural ao ar livre. Algum a coisa bem fora de m oda, m as m asculina.

E eu que achava que ele teria cheiro de plástico.

Olho para cim a e vej o os dentes brancos de cegar qualquer um enquanto seus lábios

produzem um sorriso.

— Olá, doçura — diz ele, abaixando-se para m e beij ar. Eu vou para trás e ele m

eio que baba

no m eu queixo.

Dem ais.

— Ahn, oi.

Meus olhos procuram a Ann. Ela está brilhando de tanta felicidade, com o se esse m eu novo

nam orado fosse a m elhor notícia que ela j á teve desde que ficou viva. Na

verdade, ela nunca

pareceu tão viva. Seus olhos faíscam de anim ação, e ela praticam ente com eça a trem er ao ver o

braço do Ken se enroscar na m inha cintura.

Olho para o corredor. Se m eu irm ão sair do quarto e vir o Ken, vou ouvir essa história até o

fim dos m eus dias.

Eu m e viro para os bonecos à m inha frente.

— Ahn, Ken, essa é a Ann. Minha... am iga.

Ann sorri ainda m ais e brilha com a força de m il quilowatts quando a cham o de am iga.

Algum a coisa se enrosca dentro de m im . Culpa? Eu a ignoro.

— E… e aí? — pergunto, descolando-m e do abraço dele. É um a m anobra difícil de fazer

fingindo que está tudo bem , pois o Ken é um bloco sólido de m úsculos, e o braço dele não se

m exe tão facilm ente quanto eu esperava. Acabo m eio que lutando para m e

soltar e quase tropeço

nos pés da Ann.

“Pelam ordedeus”, tom ara que a visita dele sej a rápida.

— Procurei por toda parte, fofucha, m as não consegui encontrá-los.

— Encontrar quem ?

— O leão, o panda e a zebra.

Ele m e dá outro olhar tipo “dããã”.

Ah, tá.

— Mas isso é terrível.

Olho para a Ann e ela m exe a cabeça para cim a e para baixo, cheia de vontade, concordando

com igo apesar de não fazer a m enor ideia do que estam os falando.

— Acho que alguém encontrou os anim ais e os levou para casa — diz ele para m im , fazendo

um a carinha cheia de m isericórdia. — Mas tenho certeza de que eles estão em boas m ãos.

Falou, afinal, quem não adoraria cuidar de um panda, um a zebra e um filhotinho de leão?

— Bom , m as essa é um a decepção e tanto, você não acha? — Hum m m . Será que a Barbie

fala assim ? Acho que deveria falar de um j eitão m ais form al e sério quando finj o ser a Barbie.

Porque, com o você sabe, ela j á foi presidente, pediatra e, provavelm ente, rainha do baile. Essa

m enina sabe tudo!

Ken faz que sim com a cabeça. Eu m e encam inho para a porta.

— Bem , obrigada por m e avisar — agradeço, abrindo a porta com tudo.

Ken não se m exe, sim plesm ente fica plantado ali com o a escultura perfeita de um hom em ,

encarando-m e. Ele está de costas para a Ann, e a pego olhando para ele, estudando as costas e a

bunda dele.

— Ann! — falo baixinho. Ela arregala os olhos e suas bochechas ficam verm elhas.

CARACA! Ela está apaixonadinha pelo Ken. Ai, se existisse um j eito de j untar os dois e

m andá-los para longe, a bordo do m eu fiel Querido Pônei, trotando em direção

ao pôr do sol...

— Eu pensei que a gente fosse sair hoj e à noite — diz ele, olhando de relance para a porta

aberta. Ken sabe que estou dando um pé na bunda dele.

— Ah, tá, é que... você sabe... — Não, está na cara que ele não sabe, porque eu tam bém não

sei. Eu m e esforço para arranj ar um a desculpa. — É que eu achei que você fosse... consertar o

telhado da casa de praia — explico.

Ele ergue um a sobrancelha.

— Eu fui para lá no fim de sem ana passado. Não tem nada de errado com o telhado.

Engulo em seco. O Ken é m ais ligado nas coisas que a Ann, m ais... hum ano. Ann tem vários

parafusos faltando, m as o Ken é m ais difícil de enrolar.

— Ah, sabe com o é, é que ando superocupada com aquela prova final de enferm agem .

— Mas eu achei que você tinha decidido ser veterinária.

— Ah! Mas foi isso que eu quis dizer. Sabe, às vezes fica difícil m e lem brar de tudo. Tantas

carreiras, tão pouco tem po. — Meio que aponto a porta e tento usar m inha linguagem corporal

para fazer com que ele vá em bora.

— Eu vou! — Ann salta para a frente. — Eu preciso sair dessa casa! — Ela abre os braços

com o quem m ostra a casa, e os nós dos dedos dela batem na porta. — Ai! — Ela sacode a m ão e

m eio que pula, enquanto uiva um pouquinho de dor.

— Mas você não vem tam bém ? — pergunta o Ken para m im . — Faz tem po que não vej o

você. Eu estava pensando em ir com prar um as regatas novas...

Ann faz carinha de cachorro que caiu da m udança.

— Por favor? Eu quero sair.

E eu quero bater na m inha própria testa. O Ken e a Ann só ficam m e olhando, esperando que

eu ceda.

Bem nessa hora, ouço m eu irm ão abrindo a porta do quarto. Em purro os dois

porta afora.

Ann m eio que quica ao bater no Ken.

— Tá, tudo bem ! A gente pode ir ao shopping. Mas só por um a hora. Depois disso a Ann tem

de m e aj udar a estudar.

— Eeeee! — com em ora Ann, dando pulinhos de alegria.

Ken só m e lança um sorriso brilhante e coloca um braço sobre os m eus om bros.

— Ótim o.

Não consigo controlar o terror que m e invade.

— Estou indo para o shopping, daqui a pouco eu volto — grito para o m eu irm ão, que j á está

no m eio do corredor, vindo em m inha direção.

Bato a porta com tudo e desço os degraus atrás de Ken e Ann.

Isso não vai dar certo. Tenho certeza.

23

Quando chegam os ao shopping South Hill, m eu cabelo está um ninho de

m afagafos

e m eu estôm ago j á deu uns noventa e nove nós bem doloridos. Ken veio de Jeep hoj e — que

provavelm ente com bina com o m eu Jeep im aginário — e ele baixou a capota.

Ken deveria

m esm o voltar para a Califórnia, onde faz sentido ter um carro assim . É quase

outubro, estam os

no m eio do outono e não está nem um pouco calor para esse tipo de carro, e eu acho que há

algum as folhas alaranj adas no assoalho, vindas das árvores pelas quais passam os.

A única coisa que m e faz sentir m elhor é que o cabelo do Ken não está m ais aquele capacete

de antes, está bagunçado com o o de gente de verdade. Se ele usasse um a cam iseta com um e

parasse de sorrir tanto, poderia até parecer norm al.

A coitada da Ann está m uito pior. O cabelo dela está totalm ente m aluco. Talvez eu devesse

arrum ar uns produtos para cabelo para ela, sei lá.

Tiro um elástico do m eu pulso, enquanto andam os em direção à praça de alim entação,

tentando alisar os fios soltos ao passo que am arro m eu cabelo em um rabo de cavalo. Com

m inhas m ãos ocupadas, Ken aproveita a oportunidade para m e pegar pela cintura e m e apertar

contra seu corpo duro com o pedra. Fala sério, parece que estou esprem ida contra um a parede.

Forço um sorrisinho e então m e desvencilho dele.

— Aonde vocês querem ir? — pergunto para os dois. Ao ver que Ann não

responde, viro-m e

para a esquerda, e para a direita, e então por cim a do m eu om bro. Mas cadê...

Eu paro e dou um a voltinha. O shopping não está m uito cheio, é noite de segunda-feira. Mas

não a vej o.

Volto alguns m etros, e então finalm ente a encontro. Ela está em frente a um a loj a de roupas,

com o nariz am assado na vitrine.

— Que lindo! — exclam a ela ao m e ver. Ann aponta para o vidro. — Adorei!

Ela está apontando para um a blusa rosa-claro com um decotão. Alguém colocou um cinto

branco ao redor da cintura e com binou a blusa com calça j eans e sapatos de salto.

Em outras palavras, é o tipo de roupa que um a líder de torcida usaria.

— O rosa não com bina com a cor do seu cabelo — opino.

— Mas eles tam bém têm essa blusa em azul! — Ela avista o m anequim ao lado e bate no

vidro.

Eu suspiro e estudo a cena. Essa é um a das loj as m enos caras do shopping. A blusinha deve

custar uns dez dólares.

— Se eu lhe com prar essa blusa, você vai ter de vigiar o pônei am anhã o dia inteiro. E sem

reclam ar.

Ela faz que sim com a cabeça e depois bate palm as.

— Com binado!

Não consigo resistir. Sorrio de leve, enquanto ela invade a loj a.

Quero dizer... até ela arrancar a blusa do m anequim .

***

Meia hora depois, estou afogando as m ágoas em um bolo de canela, tom ando um a Coca

Zero que não acaba nunca. Peguei um a m esinha bem discreta, num canto da praça de

alim entação superbem ilum inada. Posso ouvir os gritinhos e as risadas dos com pradores ao m eu

redor, e m eu lugar é perfeito para observar as pessoas. Tem um m onte de guardanapos grudentos

perto de m im , e m eu bolinho j á está pela m etade.

Ken disse que precisava de m ais suplem ento alim entar. Eca. Então, a Ann foi com ele

com prar um barril daquilo. Eu achava que ele não conseguiria pagar por nada, m as acontece que

o Ken j á vem equipado com seus próprios cartões de crédito. Vai entender.

Estou estudando m inha lista de desej os de aniversário, procurando ser m ais criativa para m e

lem brar das coisas que j á desej ei. Agora, ela está preenchida até a m etade, graças aos pedidos que

j á recebi. Mas não estou nem um pouco perto de com pletar os espaços em branco que j á tinha

alguns dias atrás.

— Kay la?

Ouço a única voz capaz de fazer o m eu coração pular do m eu peito.

Ben.

— A gente tem de parar de se encontrar assim — diz ele, sorrindo para m im .

— Oi — cum prim ento, sorrindo de volta para ele, apesar de o m eu sorriso ser m ais tenso que

feliz. Olho ao nosso redor. Nem sinal do Ken e da Ann.

— Posso m e sentar?

Ben está segurando um a bandej ona verm elha com um prato de com ida chinesa bem no

m eio. Ele está vestindo um a calça j eans desbotada e um a cam iseta preta larga e surrada da

Kawasaki. A roupa deixa seu corpo m ais m agro, m as ainda m usculoso.

Ele está olhando para m im e então m e ligo que nem respondi.

— Ah, claro, pode se sentar. — Pego a lista de desej os e a enfio no bolso.

Talvez eu devesse enfiar m eu bolo de canela na boca o m ais rápido possível e sair dali antes

da m inha trupe de bonecos m alucos aparecer. Eu não planej ara deixar os dois sozinhos por ali,

m as aguentar a Ann e m e soltar dos braços do Ken era difícil dem ais. Eu precisava de um

descanso. E de açúcar.

— Você veio sozinha?

Eu dou de om bros.

— Na verdade, não. — Ele olha para m im , esperando que eu conte m ais, m as

não falo nada.

— E você?

Ele faz que sim com a cabeça, enquanto acaba de m astigar a prim eira garfada do seu j antar.

— Vim sozinho. A Nicole falou que eu não tenho roupa chique o bastante para ver

a

Filarm ônica.

O quê?

— A Filarm ônica?

Ele faz que sim com a cabeça.

— É, a gente vai com outros casais, daqui a um as duas sem anas. Acho que ela tem certeza de

que vou parecer um j eca. Então estou tentando achar um a roupa para usar que não, hum , m e

m achuque fisicam ente. Você acha que dá para usar j eans em um concerto?

Tipo, se eu com prar

um novo?

Eu fico olhando para o nada e preciso piscar várias vezes antes para colocá-lo em foco de

novo.

— Ah. Hum m , não. A Nicole possivelm ente vai querer usar um vestido chique.

O rosto dele se apaga.

— Eu sabia. Eu com prei a cam isa que ela queria, m as estava tentando fugir da calça social.

Fico sem graça e engulo o m eu bolo. Faço que sim com a cabeça. Não consigo im aginar o

Ben todo arrum adinho. Ele é um cara m ais rústico, daquele que gosta de fazer as coisas ao ar

livre. Seria m ais fácil im aginar aqueles caras do No lim ite — que bebem o próprio xixi para

sobreviver — usando um sm oking do que o Ben usar calça social.

— Mas você está sendo tão legal. De se arrum ar todo para ela.

Ele coloca um a garfada enorm e na boca e m astiga por um bom tem po.

— Você acha?

Faço que sim com a cabeça, m as não falo m ais nada. Eu m e sinto tão por fora, im aginando os

dois indo para Seattle ver um a coisa tão especial enquanto fico no m eu quarto, sozinha.

Eles vão ver um a orquestra luxuosa com um m onte de gente.

E não fui convidada.

Porque eu não sou um casal.

Eu nem sabia que eles eram am igos de outros casais.

Franzo a testa.

— Espere aí, com quem vocês...

— Docinho! — berra Ken enquanto atravessa a praça de alim entação e vem até a gente. —

Desculpe dem orar tanto.

Ele se inclina e m e beij a na têm pora, e então na bochecha. Minha pele fica toda enrugada

onde ele deixou seu rastro de baba. Mas eu nem lim po nada. Só sorrio.

O m eu sorriso deve ser bem falso. Deve ser m uito além de falso, porque por dentro estou

entrando em pânico ao ver o Ken pegar um a cadeira e se sentar de um lado, e a Ann do outro.

Acabam os de atingir o nível am arelo de terror.

Ben olha para m im . É claro que ele espera que eu os apresente.

— Ahn, Ben, esse é o... Carson — falo, m eio que apontando em direção ao Ken

—, e a

m inha am iga Ann.

Espero que o Ken não m e corrij a, dizendo para o Ben que seu nom e é Ken.

Que ótim o. Os nom es deles rim am . Nossa, que dem ais. Putz, por que é que toda vez que o

Ken está por perto só consigo pensar que isso é dem ais, que tudo é dem ais?

Ann sorri e faz cara de cachorro que caiu da m udança. Ela estende a m ão com tudo para

cum prim entar o Ben e, de algum a m aneira, consegue derrubar o garfo dele, que lança um

pedaço de frango xadrez pelo ar. Ben se abaixa bem a tem po, e o frango aterrissa atrás dele, no

piso de azulej os brancos. Eu m eio que espero um efeito sonoro tipo “splat!”, quando o frango

chega ao chão, m as quase não faz barulho.

Mas ele nem se im porta, só estende a m ão e cum prim enta a Ann. Ela chacoalha a m ão dele

com um pouco de anim ação dem ais, e o braço inteiro do Ben acaba fazendo a dança da ondinha.

Ken aperta a m ão dele tam bém , porém de um a m aneira m ais reservada e controlada. Ele não

corrige Ben, que diz “Prazer em conhecê-lo, Carson”.

Talvez os am iguinhos que j ogam vôlei com ele tam bém o cham em pelo sobrenom e.

Então Ken se vira para m im .

— Nossa, estava rolando um a prom oção incrível na loj a de suplem entos. Dois potes de

Musculon pelo preço de um — declara ele, segurando a m aior sacola que j á vi na vida.

Olho para o Ben. Seus olhos brilham pela risada reprim ida, e observo enquanto ele relanceia

para os superm úsculos do Ken.

— A gente tem de m anter essas crianças bem alim entadas — com enta Ken, colocando as

sacolas no chão. E então, m eu Deus, ele flexiona o bíceps algum as vezes e DÁ

UM BEIJO no

próprio braço.

Nível de terror: laranj a.

— O que é isso? — pergunta Ann, aproxim ando-se de m im .

— Hum , bolo de canela?

— Tam bém quero! — E ela pega o m eu prato da bandej a e o coloca com tudo à sua frente.

Ela estende o braço e tira o garfo da m inha m ão e espeta o restante do bolo, enfiando tudo na

boca de um a vez.

Enquanto ela m astiga, suas bochechas ficam inchadas com o a de um ham ster com a boca

cheia de sem entes de girassol.

Ken se inclina para trás e parece m eio de saco cheio, cruzando os braços sobre o peito para

que seu peitoral e bíceps fiquem ainda m aiores. Ele vê que seus m úsculos estão aparecendo e

olha para baixo. E então fica m elhor ainda. Ele descruza os braços, olha para os peitorais e faz os

m úsculos dançarem . Prim eiro um , e depois o outro, sobe e desce, e Ken fica com a m aior cara de

felicidade.

Eu, por outro lado, fico horrorizada.

Nível de terror: verm elho. Deu tudo errado, abortar m issão.

Ben fica m e encarando, quase sorrindo, enquanto dá outra garfada em sua com ida chinesa.

Seus olhos se voltam de novo para Ann, com a boca cheia de bolo de canela, e então para Ken,

que ainda está adm irando o próprio peito.

Eu quero chutá-lo por baixo da m esa. A gente se olha nos olhos por um tem pão.

E então acontece.

No com eço, é um a risada m eio contida. Ele tenta esconder com o punho, transform á-la em

tosse. Mas não dá certo. A risada se form a em seu peito e então se liberta, e ele cai na gargalhada.

Vej o a cara de interrogação da Ann e a cara de tédio do Ken, m as tam bém não resisto... A

risada sai de m im até eu ser consum ida por ela, até m e dobrar ao m eio de tanto rir, num a

gargalhada histérica.

Ben olha para m im , observando-m e enquanto rio, com o se não entendesse por que eu estou

rindo tam bém .

Contudo, ele não sabe nem da m etade do que aconteceu esta sem ana. É com o se tudo

tivesse tom ado conta de m im em um a onda gigante, e algum a coisa se soltou e agora só consigo

rir da m inha própria situação.

Dem oram os alguns m inutos para voltar ao norm al. Quando conseguim os, estou

quase

chorando, e m inha barriga dói. Ben dá um grande gole no refrigerante, para se acalm ar.

Ken e Ann estão sim plesm ente olhando para nós, um pouco confusos.

— Então, Carson — pergunta Ben —, você sabe onde tem um a academ ia legal?

Tento chutar Ben, m as m eu pé só encontra a base da m esa. Ele ouve o barulho do m eu

sapato no m etal e abre um sorriso m aior ainda.

Ben não é desses caras que frequentam academ ia. Os m úsculos que ele tem vêm de trabalhar

no negócio de paisagism o do pai, e de andar de m oto, m ais nada. Ele é bem definido, m as não

tem aquele inchaço artificial nos m úsculos, com o o Ken.

— Brother, se precisar de um a indicação, é só falar.

— Ah, é, isso seria dem ais, brother — responde Ben, com um sotaque m eio de surfista. Então,

ele flexiona o bíceps e olha para os próprios braços.

Eu quero ficar brava com o Ben, ou pelo m enos irritada, m as só consigo pensar em todas as

coisas idiotas que falei para o Ken fingindo ser a Barbie, e está na cara que tem os o m esm o senso

de hum or.

Isso não quer dizer que quero ficar sentada aqui e ver se isso dá em algum a coisa.

— Hum m , acho que a gente j á vai — proponho. — Né... chuchu?

Eu m al consigo pronunciar a últim a palavra. Não sei se deveria cham ar o Ken de m eu

nam orado. Talvez eu devesse fingir que estou term inando com ele. Quem sabe ele fica longe.

Por que eu não pensei nisso antes? Se eu term inar com ele, o problem a está resolvido.

Ele olha para cim a.

— Claro, m eu docinho de coco.

Ben está prestes a cair na risada m ais um a vez.

— Vem , Ann — cham o-a, puxando a m inha boneca da cadeira. Ela está cheia de pozinho do

bolo de canela no queixo e ainda só conseguiu engolir m etade do que tinha enfiado na boca.

— Legal ver você, Ben.

— Tam bém achei. A gente se vê na aula de Matem ática.

Ele não tira os olhos de m im . Eles ficam brilhantes, faiscantes de em polgação.

— Beleza — respondo, afastando-m e da m esa. Enfio as m ãos nos bolsos da calça.

— Legal ver você — repito, e então quero m e m atar.

Deveria ter saído de lá m ais rápido.

Ah, vou trancar o Ken com o pônei, no quartinho do j ardim !

Estam os na m etade do cam inho para a saída da praça de alim entação quando finalm ente m e

ligo que a Nicole dissera que não podia estudar logo depois da escola porque estaria com o Ben.

Mas o Ben estava no shopping.

E a Nicole... cadê?

Andam os de volta para o portão por onde entram os, perto da Sears. O shopping

estava sendo

reform ado, pondo piso e luzes novos, e um a fachada bonita de pedra com arcos.

E agora parece

que eles colocaram outra fonte ali tam bém .

Hum . Talvez eu devesse tentar fazer um desej o na fonte. A essa altura do cam peonato, não

piorará nada.

Eu paro e procuro um a m oeda nos m eus bolsos, de olho nas m oedinhas prateadas e

acobreadas brilhando sob a superfície da água. Tiro um punhado de trocados do bolso e decido

usar tudo de um a só vez. Eu m e inclino na borda da fonte e fecho os olhos.

“Eu desej o que todos os m eus desej os...”

Meu estôm ago vai parar no pé quando sinto o corpo de Ann contra o m eu, com o se ela

tivesse tropeçado em m im , e m eus olhos se arregalam bem a tem po de ver a água cobrindo o

m eu rosto.

Eu caio lá dentro, a água gelada m e envolvendo, eu m eio que boio, até sentir um braço forte

m e pegando pelo om bro para m e tirar dali. Eu tusso, tentando respirar de novo, m eu cabelo

grudado no m eu rosto enquanto a água escorre em riachos pela m inha pele.

Ken está inclinado sobre a borda, a m ão segurando m eu braço, os olhos arregalados de susto.

— Você está bem , lindinha?

Eu resm ungo e cuspo a água que tinha sobrado na m inha boca. Quando faço que sim com a

cabeça, m inhas pernas com eçam a form igar, aos pouquinhos, a princípio, e

depois a sensação se

espalha pelo m eu corpo. É com o se as duas pernas estivessem dorm indo ao m esm o tem po. Tento

m exer os dedos dos pés, para m e livrar dessa sensação, m as tudo parece m uito estranho. É com o

se os m eus dedos dos pés estivessem grudados com supercola.

Eu m e sento à borda da fonte e tiro m eu All Star, para j ogar a água fora, m as m eu coração

quase para de bater quando calço o tênis de novo.

— Oh. Mio. Dio.[21]

Saio da fonte o m ais rápido que posso, m as é difícil, e m inhas pernas não aj udam .

Porque não sei bem ao certo se ainda são pernas.

Minha pele está azulada, quase furta-cor. E um pouco escam osa.

Parece escam a de peixe.

Ecaaa, o que será que tinha nessa água?

O form igam ento se transform a naquela sensação de agulhadas, com o quando seu pé fica

dorm ente. Olho ao m eu redor. Há m ais alguém vendo isso?

Meus dedos dos pés tentam se j untar, com o se existisse um a m em brana entre

eles.

Porque, em vez de pés, agora eu tenho nadadeiras. O m ais rápido que posso, torço m inhas

m eias e tento sacudir as pernas, para m e livrar da água que ainda escorre pelas m inhas costas e

m eus m em bros. O form igam ento piora, e não sei se isso é um a coisa boa ou ruim .

Pisco várias vezes e vej o m eus dedos dos pés virarem dedos de novo, e m inha pele fica m enos

borrachuda.

E é então que m e dou conta do que está acontecendo.

Acho que estou virando sereia.

Isso está indo longe dem ais. Longe. Dem ais.

— Ahn, eu m achuquei m eu tornozelo. Você pode m e carregar até o carro? —

peço. Não

posso m ais ficar aqui. Vai que viro um peixe de vez.

— Claro, am oreco! — Ken m e pega, com o se eu fosse m ais leve que o ar, e vam os para o

carro. Quero que ele ande m ais depressa, para m e tirar daqui enquanto ainda estou norm al.

Ou m ais ou m enos norm al.

Chegam os ao Jeep e agora estou m uito agradecida pelo fato de a capota estar abaixada; assim ,

o vento seca a m inha calça. Dou um a olhadinha rápida, m inha pele ainda parece m eio azulada,

m as está voltando ao norm al.

Dem ais. Pelo j eito, não posso m ais m e m olhar, pelo m enos enquanto essa loucura dos

desej os não passar.

Porque, aparentem ente, um a vez na vida, eu j á quis ser sereia.

E agora eu sou.

21 Ah, m eu Deus. (N.E.)

24

Na terça-feira, passo vinte m inutos catando gram a para aquele pônei idiota.

Acho

que, se eu não com eçar logo a dar m ais com ida para ele, o bicho derrubará a porta do quartinho

do j ardim . Arranco o m áxim o de gram a que posso e então deixo a pilha no quartinho. As

cenouras borrachentas acabaram .

Ann m e aj uda, m as continua se distraindo à toa, falando sem parar sobre um episódio do Big

Brother.

Quando finalm ente chego à m inha carteira, na aula de Biologia, vej o que m inha calça j eans

está m anchada de verde nos j oelhos e o sinal está tocando, então nem tenho tem po de perguntar

à Nicole por que é que ela estava tentando se livrar de m im . Não tom ei banho hoj e cedo porque

ainda não sei o que vou fazer com a questão da água, e de eu m e transform ar em Ariel. Pelo

m enos, eu lavei o rosto e passei m etade de um tubo de desodorante. Mas m eu cabelo está

horrendo.

Para piorar tudo, a gente tem um teste surpresa. Com o se fosse possível um teste de

cinquenta perguntas — m as, pelo j eito, é. Eu dem oro a aula inteira para term inar e tenho certeza

de que m e ferrei de verdade.

Nicole não parece ter problem a algum ; ela sai da classe assim que o sinal toca, a prova sobre a

m esa do Sr. Gordon com as dos outros alunos. Deixei pelo m enos dez questões em branco e não

quero entregar a prova agora.

Quando chega a hora do alm oço, j á estou num hum orzinho daqueles. Tive de passar a aula

inteira de Trigonom etria m e afastando do Ben, e agora com certeza ele acha que o odeio. Creio

que eu deveria estar aliviada. Talvez ele fique longe. Mas isso só m e deixa com o coração na m ão.

Esvazio m eus bolsos, cheios de chicletes de bolinha, em um a lata de lixo e então vou até o

refeitório. Depois de passar por um as colegas de classe, não posso deixar de notar que um a cutuca

a outra e aponta com a cabeça em m inha direção.

Consigo ver que a outra diz baixinho “Ai, m eu Deus” e, então, o que é pior ainda, segura no

tecido da cam iseta e o estica no peito, tentando m ostrar com o m eus peitões estão gigantes.

Ando m ais rapidam ente para o refeitório, segurando m eu fichário perto do peito, em um a

tentativa inútil de esconder o fato de que agora está da m etade do tam anho do Shrek.

Agora só quero afogar as m ágoas com um burrito gigante e um as três latas de Mountain Dew.

Minha m ão está na porta do refeitório, e estou prestes a abri-la quando vej o Nicole pelo vidro.

Ela está na m esa delas.

A m esa das líderes de torcida! Ela j á está com endo sua salada e fazendo que sim com a cabeça

para algum a coisa que a Breanna Mills diz.

Eu só fico ali, olhando para ela, enquanto os outros alunos m e atropelam para passar pela

porta. Eles passam por m im , alegrem ente alheios ao frio na m inha barriga.

Dou alguns passos para trás e m e sento em um banco lá fora.

Eu nem sei m ais quem ela é. Ela está se vestindo de um j eito diferente, está m ais extrovertida, rindo e vivendo o m elhor m om ento de sua vida.

Sem m im .

Um a época, ela esperava do lado de fora do refeitório, pois era tím ida dem ais para entrar e ter

de fazer toda essa m anobra social sozinha. Ela ficava sentada aqui neste banco

até eu chegar e a

gente entrava j untas.

Bom , estou m eio que feliz por ela. Eu sem pre achei que todo m undo fosse gostar dela se ela

desse um a chance, conversasse com eles, saísse da toca. Mas ela tinha m edo dem ais para fazer

isso, escondendo-se por trás do cabelo, rezando para ninguém olhar para ela m uito de perto, pois

sabia que sua pele não era perfeita.

Mas agora é tipo... um a virada de cento e oitenta graus. Ela é a Garota Popular.

Pelo j eito, ela nem sentiu m inha falta. Não tem nenhum lugar vazio ao lado dela.

O que ela

faria se eu fosse até lá? Será que viria para a nossa m esa e alm oçaria com igo, ou só fingiria que

não é com ela?

Será que eu vou acabar com endo sozinha, olhando para ela do outro lado do

refeitório? Será

que ela faria isso com igo?

Meu estôm ago se em brulha e parece que tem um buraco lá dentro.

E eu pensando que m inha única preocupação era perder m inha am iga para o Ben.

Mas acho que a com petição é m uito m ais acirrada.

Isso é ridículo. Por que eu não consigo fazer isso? Fazer outros am igos? Parar

de ficar

dependendo da Nicole?

Porém , eu não sou com o a Nicole. Pelo m enos não com o essa nova versão da Nicole.

As pessoas não m e entendem , não captam m eu senso de hum or esquisito. Elas não querem

ser vistas com igo, porque ficariam envergonhadas por causa das m inhas roupas e do m eu j eito.

A Nicole era diferente.

Pelo visto, “era” é a palavra certa m esm o.

***

Na aula de Fotografia, o m eu autorretrato não m udou. Já usei dois rolos de film e para

fotografar m eus All Star, principalm ente os am arelos em que eu desenhei, m as é só um a foto

chata atrás da outra. Artístico? Com certeza, não. É só um par de tênis sobre um carpete, e não

arte.

Eu m e viro para a Nicole, que m al falou com igo desde que entram os no quarto escuro.

Pensei que talvez ela fosse falar algo sobre o alm oço. Algum a coisa só para explicar que ela tinha

percebido que eu estava na aula de Biologia e na de Fotografia, m as não sentada ao lado dela no

refeitório.

Mas, até agora, nada. Olho de relance para ela. Seu rosto está sério, enquanto ela trabalha em

suas fotos. Ela está usando um a calça j eans de m arca cara e um a bata de florzinhas.

— Por que você não está fazendo o trabalho? — pergunto.

Nicole olha para m im . Ela está trabalhando em um as fotos de placas de rua. Até parece que

um a placa de “m ão dupla” é o seu autorretrato.

— Eu j á entreguei. Pensei em fazer um as fotos legais para o m eu quarto.

— Você j á entregou? — O prazo é sexta-feira. Eu ainda não tenho a m enor ideia do que vou

fazer. — Você tirou foto de quê?

Nicole dá de om bros e m eio que fala com as m ãos. Sua pulseira faz barulho no pulso.

— Ah, sei lá, de um as coisas nada a ver lá em casa.

Ela não está olhando para m im , m as sim plesm ente checando as fotos com a lupa, tentando

encontrar um foco legal. Ela com eça a bater o pé no chão.

Estou com eçando a odiar o pé dela. Fica difícil de ver neste quarto escuro, m as parece que

ela pintou as unhas dos pés com um esm alte cor-de-rosa cintilante. Ela está usando sapatos de

salto tam bém . Nada extrem o dem ais, m as, m esm o assim , é um peep toe de salto

alto.

Seu cabelo foi enrolado com baby liss de novo, e penteado para trás, m eio bagunçado. Porém ,

bagunçado de um j eito arrum ado e estiloso, e não tipo “não tô nem aí para o m eu cabelo”. E ela

está usando acessórios. Pulseiras coloridas e um colar de pérolas de plástico corde-rosa.

Todo m undo está m udando. Tudo está m udando, saindo de controle. Quero ter nove anos

de novo. Quero fazer um desej o e pedir a Boneca Trapinho, os chicletes de bolinha e essas coisas

ridículas, m as que servem para provar que não tenho nenhum a grande preocupação na vida.

Não quero ter de pensar se deveria fazer um a ligação transatlântica para falar com o m eu pai.

E não quero que m inha m elhor am iga continue m e ignorando.

Com o é que estou ganhando tudo aquilo que desej ei e ainda assim m e sinto tão confusa e

vazia?

— Por que você anda tão estranha esses dias? — indago, sem conseguir m e controlar.

Ela olha para m im . Não é um olhar de surpresa, m as de preocupação.

— Com o assim ?

— Sei lá. É com o se de repente você estivesse fazendo de tudo para se entrosar aqui na

escola. Eu nem conheço m ais você. Está m udando. — Minha voz sai m eio fraca no com eço, m as

depois ganha força à m edida que ponho para fora tudo o que estava m e

preocupando desde o

com eço das aulas.

Ela cruza os braços.

— O que faz pensar que fui eu quem m udou?

Dou um a risadinha.

— Claro que m udou.

Ela faz que não com a cabeça.

— Será que é errado querer m e vestir m elhor? Querer ser bonita, pela prim eira vez na m inha

vida?

Arregalo os olhos para ela, enquanto Nicole volta para sua lupa, com o se a conversa tivesse

term inado. Estou com a boca entreaberta, porém não consigo form ar as palavras. Pelo m enos,

não as palavras certas.

— Você nem ligava para isso no ano passado — respondo, em voz m ais baixa.

Nicole larga a lupa.

— Você está brincando? Claro que ligava. Mas não dá para ser popular quando sua cara

inteira é um a espinha enorm e, você não acha?

Fico surpresa ao ver com o ela está brava.

— Nicole, se você quisesse ser popular no ano passado, teria conseguido...

— Isso é m entira, e você sabe disso.

Sua voz é tão brusca que acabo dando uns passos para trás e m e apoio na m esa, no m eio da

sala, coberta de bandej as rasas e produtos quím icos para revelar as fotos.

— E daí? Agora que você ficou bonita eu não valho m ais nada?

Nicole vira os olhos.

— Ah, por favor, não é isso o que eu estou dizendo.

— Tem certeza?

Meu coração m artela m ais rápido no peito. A gente nunca tinha brigado antes.

Não assim .

— Tenho. Mas é difícil fazer com que eles gostem de m im quando você está por perto e...

— Ah, j á entendi. — Meu estôm ago dá um nó. — Você tem vergonha de m im , né? Então

você é m inha am iga em casa, m as não na escola? — Eu m e inclino, estreito os olhos e abaixo a

voz. — Você quer que eu sej a sua am iga secreta?

Eu m e afasto da m esa, pego m inhas coisas e com eço a enfiar tudo na m ochila.

Mas o zíper se

abre enquanto tento colocar m eu fichário lá dentro e acabo derrubando tudo. O

fichário desliza

pelo chão e um m onte de papéis sai voando, com pelo m enos um a dúzia de chicletes de bolinha

rolando pelo piso.

Nicole suspira e então olha para o chão.

— Kay la, pare de dar vexam e. Você não está entendendo...

Sua voz para de repente, quando ela vê o que caiu aos seus pés.

E o m eu coração para ao m esm o tem po.

É a foto do Ben.

A foto que eu carrego do nam orado dela acabou de cair da m inha m ochila e aterrissou aos

pés dela.

Ai, m eu Deus, isso não é bom .

Ela se abaixa para pegar a fotografia.

— Por que você...

Não, não, não, não. Algum a coisa tem de acontecer no próxim o m eio segundo.

Um

terrem oto. Um alarm e falso de incêndio. Qualquer coisa.

Ela não pode saber, ela não pode ver isso, ela não pode...

Mas é tarde dem ais. Eu sinto nossa am izade de anos e anos se rasgando ao m eio, acabando de

vez, enquanto ela se agacha.

Ela quase toca a foto e fica olhando. Ela pisca algum as vezes, olha para m im e só continua

piscando m ais rápido, com o se não quisesse enxergar a verdade.

— Não é o que parece — digo.

Não sei por que disse isso. Porque é exatam ente o que parece. Minhas bochechas com eçam a

queim ar. Tenho um a sensação terrível no estôm ago. O terror, a vergonha, a histeria, tudo se

acum ula dentro de m im .

Já era. Acabou. Agora ela m e odiará.

Eu sei o que ela está pensando enquanto fica ali parada, piscando sem parar, com o se tivesse

um a m eleca grudada no olho. Eu sei o que ela está im aginando, lem brando. Ela está pensando

em todas aquelas ocasiões em que pedi detalhes sobre as vezes em que eles saíram , das vezes em

que concordei, com um pouco de em polgação dem ais, que o Ben era perfeito.

E eu sei que ela sabe. Talvez essa foto tenha finalm ente confirm ado a paixonite secreta que

tenho por ele, m as tudo o que fiz até agora ainda não havia sido suficiente para provar essa teoria.

Sinto m inhas entranhas se esvaziando enquanto fico ali plantada, esperando que ela diga o

que eu j á sei: não tenho m ais nenhum a am iga nesse m undo.

— Uau. Na boa, uau. — Sua voz não soa m ais am arga; agora é raiva pura. E é de m im .

— Nicole, foi m al. Eu…

Seu olhar m ortífero faz m inhas palavras evaporarem .

Ela se agacha de novo, sem despregar os olhos dos m eus, pega a foto e a am assa com força.

Não posso m ais ver o rosto dele, m as sei que está todo estragado, e tento não entrar em desespero.

Ela ri, a raiva se m isturando a tons m ais leves de am argura.

— Bom , então acho que você ficará superfeliz ao saber que ele term inou com igo. Era isso

que você esperava?

Meu queixo cai.

— Vocês term inaram ? Por quê?

Ela ri da m inha cara e faz um a bolinha com a foto. Alguns alunos se viram , para prestar

atenção à nossa conversa.

— Com o você pôde fazer isso com igo?

— Mas eu não fiz nada. Eu j uro, eu...

— O quê? Você não deu em cim a do m eu nam orado pelas m inhas costas? —

Agora ela está

cuspindo as palavras, e elas estão ficando m ais altas.

Não consigo fechar a boca. Parece que m eu queixo pesa um a tonelada.

— Não acredito em você — afirm a ela, j ogando a bolsa sobre o om bro. Ela m e lança um

últim o olhar de noj o e então sai do quarto escuro.

Acho que acabei de perder m inha m elhor am iga.

25

Quando chego em casa naquela tarde, sinto-m e com o se estivesse girando e não sei

m ais onde fica o quê. Não sei o que fazer com a Nicole, com m eus desej os, com nada.

A única coisa que m e conforta é que não vej o Ann nem o pônei no cam inho para casa. Não

sei se conseguiria lidar com m ais isso.

Dim inuo o passo ao avistar m inha casa. O portão da garagem está aberto, e o Lexus da m inha

m ãe, parado lá dentro. Que estranho. Nem m e lem bro da últim a vez que m inha m ãe estava em

casa na hora em que cheguei da escola.

Eu paro e fico ali, olhando para o carro. De algum a form a, j á sei que não é coisa boa o que

vem por aí, e o fato de m inha m ãe estar em casa só pode dar em desastre, ao m enos enquanto

esses desej os ainda insistirem em se realizar. Minha m ãe nunca está em casa, não no m eio do dia.

Sacudo a cabeça e com eço a andar de novo. Sej a o que for, não posso ficar plantada na

calçada o dia inteiro.

Enfio a chave na fechadura, m as, antes que eu consiga girá-la, a porta se abre com tudo, e

m inha chave fica pendurada ali.

Minha m ãe está do outro lado, fazendo cara feia.

Isso não é nada bom . Depois da briga com a Nicole, a única coisa que quero é discutir de

novo.

— Você tem algo para m e contar? — Ela não vem para a varanda, m as tam bém não sai do

lugar para que eu possa entrar em casa.

Sej a o que for, ela está brava m esm o.

Só fico olhando para ela, piscando.

Eu não sei do que ela está falando. Será que ela soube do m eu nam orado, o Ken?

Ou

descobriu que a Ann, m inha nova m elhor am iga, está dorm indo no m eu quarto faz um a sem ana?

Ou que o quartinho do j ardim está cheio de chicletes de bolinha e um pônei corde-rosa?

— Hum ... Não!?

Ela estreita os olhos. E não parece im pressionada com a m inha falta de honestidade. E não é

com o se ela fosse acreditar em qualquer coisa que aconteceu com igo nas últim as duas sem anas.

Nem pensar.

Então, não falo nada.

— Nada… na garagem ?

Engulo em seco. É difícil não ficar im paciente. Eu estou parada aqui na varanda com o se

fosse um a hóspede não desej ada. Mas m inha m ãe está tão brava que nem percebe que ainda não

m e deixou entrar.

Eu não sei o que tem na garagem . Mas, sej a o que for... não pode ser coisa boa.

— O que tem na garagem ?

Minha m ãe vira os olhos, devagar, e depois faz que não com a cabeça. Parece que ela perdeu

a paciência. Mas não estou brincando com ela. Juro.

— Não se faça de boba.

— Mas não estou m e fazendo de nada. Não sei do que você está falando!

— Vem com igo. — Ela sai do cam inho e abre a porta, e então percebo que não está usando

seus sapatos de salto. Ela nunca tira os sapatos, a não ser que vá ficar em casa por um bom tem po.

Então, ou ela está cozinhando essa raiva há algum as horas ou estou m uito, m uito ferrada, e ela

teve de cancelar o que estava fazendo. Não sei qual das hipóteses é m ais favorável.

Eu a sigo até a garagem , m eus pés m ais pesados a cada passo, até m inhas pernas e braços

parecerem ser feitos de chum bo.

A essa altura, j á não m e surpreendo com nada. Talvez haj a um elefante com lacinho

verm elho na garagem . Ou então o elenco todo de Crepúsculo está sentado naquelas cadeiras de

diretor, prontos para um a entrevista exclusiva. Talvez m eu irm ão estej a vestido de picles gigante.

Minha m ãe abre a porta pesada que leva até a garagem e entra lá dentro. Está m eio escuro

por um m om ento, e ela acende as luzes fluorescentes.

Elas piscam e tom am vida, revelando o Lexus prata dela.

E um a m oto de m otocross verde-lim ão.

Caraca, tem um a m oto de m otocross verde-lim ão na garagem , estacionada inocentem ente ao

lado do carro brilhoso da m inha m ãe.

Minha m ãe olha para m im de um j eito que deve fuzilar os clientes que não a pagam direito.

— Não é m inha — digo, cruzando os braços, rezando para ser verdade, m as sabendo que

provavelm ente não é.

Eu sei que quis um a m oto de m otocross por um tem po. E, quando penso na possibilidade,

ainda parece divertido.

Contudo, não m e lem brava de que havia desej ado um a.

Por uns dois anos, pedi um a m oto de m otocross no m eu aniversário e no Natal.

Meu pai

sem pre dizia que eu poderia ter um a quando fosse m ais velha, e m inha m ãe sem pre lançava

olhares m ortais quando ele falava isso, m as eu tinha certeza de que ele a levaria

para o “lado

negro da força” m ais cedo ou m ais tarde.

Foi isso que m eio que contribuiu para o negócio da m inha paixonite pelo Ben. Eu queria

um a m oto, e ele tinha um a.

Destino. Fatalidade. No sétim o ano, em um a das m inhas fantasias, ele m e ensinava a pilotar.

Ele m e levava para dar um a volta, e eu segurava em sua cintura e apoiava m inha bochecha nas

costas dele, e a vida era perfeita.

Minha m ãe enfia a m ão no bolso da sua calça cáqui e tira um chaveiro lá de dentro.

Um chaveiro com um a chave preta e um cordão cheio de contas.

Contas que soletram perfeitam ente o nom e “Kay la”.

— Onde você pegou isso? — pergunto. Por algum a razão, estico a m ão para tentar pegar a

chave, o que m e faz parecer totalm ente culpada. Ela pega o chaveiro e continua balançando-o,

com o se fosse um a prova irrefutável de DNA no j ulgam ento de um assassinato.

— No seu quarto. Esqueci um a pasta e passei aqui para pegá-la. Quando vi a m oto, fui checar

o seu quarto. Chase está no trabalho desde cedo, então eu sabia que não era dele.

Você pode se

explicar?

Eu só fico olhando para ela, porque não tem j eito de explicar um a m oto de m otocross verde-lim ão, ainda m ais com um chaveiro personalizado.

— Eu faço um a festona de aniversário para você e é assim que você m e paga?

— Er... — Não consigo im pedir o resm ungo, que m ais pareceu um a risada am arga.

— E para que é isso?

Olho para ela. Se m inha m ãe não tivesse dado aquela festa m aldita, se não tivesse insistido

que eu fizesse um pedido, eu não estaria nessa confusão até o pescoço. É culpa dela o fato de ter

um a m oto na garagem .

— Eu não queria aquela festa e você sabia. Você sabia porque eu lhe falei um m ilhão de

vezes. Você é que queria a festa para im pressionar os seus clientes!

Ela cerra os olhos.

— Não acredito com o você está sendo ingrata! Qualquer m enina faria de tudo para ter um a

festa linda e cara com o aquela!

— Pode ser. Mas, se você prestasse atenção em m im por um segundo, saberia que não tem

nada a ver com igo!

Ela cruza os braços.

— Com o assim , prestar atenção? Eu dou o sangue por essa fam ília!

Rio, fazendo que não com a cabeça.

— Não finj a que você trabalha para a gente. Eu sei que você só quer im pressionar o m eu pai.

Mas, hellooo, ele não está nem aí para você, nem para a gente!

— Kay la!

— O quê? Você sabe que é verdade. Você é obcecada por essa porcaria de em presa. Ninguém

m ais conversa nessa fam ília! Você não j anta com a gente, nem assiste à TV com a gente. Até

parece que m eu pai levou você com ele para a Itália!

Minha raiva queim a e olho m inha m ãe nos olhos, m as o que vej o acaba com igo.

Porque vej o um a coisa que acho que nunca vi.

Mágoa. Ela disfarça bem , m as, por um a fração de segundo, bem pequenininha, eu vej o.

E então, com um a clareza bem triste, percebo: ele deixou a m inha m ãe tam bém .

O m arido

dela, o hom em que j urou que a am aria até que a m orte os separasse, renegou sua prom essa,

assim com o todas as outras: a espingardinha de chum bo, a m oto, tudo...

Talvez o negócio da em presa não sej a para im pressionar o m eu pai. Talvez sej a para ela

esquecer o m eu pai.

Minha m ãe cerra os dentes, coloca a m áscara de novo.

— Eu não tenho tem po para esta conversa. Tenho de organizar um retiro em

Washington

pelo restante da sem ana. O Chase cuidará daqui de casa. — Ela procura os sapatos e então coloca

o s escarpins cor de crem e nos pés. — Discutim os isso quando eu voltar. Até lá, você está de

castigo.

— Mas…

— Conversam os depois. — Ela olha para m im e seu rosto faz as palavras m orrerem na m inha

garganta. Mas eu sei que ficar de castigo é a últim a das m inhas preocupações.

— Tá. — É tudo que consigo dizer.

Fico parada à porta, enquanto ela dá m archa a ré no carro, e ainda perm aneço ali quando a

porta da garagem se fecha, de olho na m oto verde-lim ão.

Será que tudo bem se eu fizer um test drive?

26

Estou a cam inho do m eu quarto, m orrendo de ódio desse dia desastroso, quando vej o

algo sobre o balcão.

É a agenda da m inha m ãe.

Dou um a olhada pela j anela, para ver se ela j á não está voltando para buscá-la, e então deslizo

pelo piso de laj otas e abro o botão.

A agenda é im pecável, perfeitam ente organizada, sem nada fora do lugar. O

contrário total da

m inha vida neste m om ento.

Na frente, vej o um as páginas plásticas cheias de cartões de visita. Ela deve ter uns cem

cartões.

Dou um a olhada nas prim eiras páginas. Tem DJs, salões de festas, bufês. Meus dedos passam

pela superfície, enquanto checo o nom e das em presas. Não tem nenhum a confeitaria nas

prim eiras páginas.

Um barulho baixinho m e cham a a atenção. Minha m ãe está parando o carro em

frente à casa.

Ela percebeu que esqueceu a agenda em casa.

Com eço a folhear a agenda m ais depressa, o m ais rápido que posso. Eu tenho de encontrar

esse cartão. Eu preciso encontrá-lo.

Para desfazer os desej os e toda essa confusão.

Mais salões para alugar, um a em presa que fornece pula-pula em form a de castelo, algum as

floriculturas. Meu coração vai parar na boca quando ouço a porta se abrir.

Se eu não encontrá-lo, nunca acharei a confeitaria. Depois de hoj e, m inha m ãe não vai

querer m e fazer nenhum favor, m esm o que sej a m e dar o endereço de um a confeitaria. E ela,

com certeza, não m e deixará sair de casa para com prar um bolo.

E, na últim a página, lá está ele.

Um bolo azul enorm e, decorado com todo o cuidado e im presso no cartão.

Parece chique,

m as m eio Dr. Seuss.22 Com certeza, é o estilo do m eu bolo de dezesseis anos.

Leio: “Confeitaria da Betty ”, em relevo cor de vinho e com tipo de letra cheia de frufrus.

Meus dedos sofrem para tentar abrir essa página plástica, para ver de qual lado o cartão sai

para arrancá-lo dali.

Ouço os saltos dos sapatos da m inha m ãe batendo no chão de ardósia. Ela m e pegará

m exendo em sua agenda.

Meus dedos encontram um a abertura no plástico e eu arranco o cartão de lá.

Então, fecho a

agenda com tudo e m e escondo atrás da ilha da cozinha assim que a porta se abre.

Conto os passos dela, enquanto ela cruza o hall de entrada e anda até a cozinha.

Seguro a

respiração e escuto; em seguida ela fecha a agenda de novo. E, então, silêncio.

Não sei o que ela

está fazendo. Acho que ela deve estar quieta, tentando m e escutar. Pensando se estou no m eu

quarto ou na garagem .

“Por favor, não vá m e procurar.”

Não preciso do Grande Serm ão: Parte II.

Fecho os olhos e tento não suspirar alto quando ela se vira e se dirige para a porta.

Não

respiro até ouvir a porta do carro dela bater e ela dar m archa a ré.

O cartão de visita está am assado na m inha m ão, m as ainda inteiro.

***

Se m inha vida fosse um desastre natural, o presidente declararia estado de alerta agora e

pediria aj uda. A Cruz Verm elha tentaria ressuscitar m eu status social e consertar m eus

relacionam entos com a m inha m ãe e a m inha m elhor am iga.

Com o isso não acontecerá, é hora de colocar esse plano em ação. Ann e eu estam os indo para

a Confeitaria da Betty, que fica na parte de fora de um shopping com pletam ente diferente

daquele em que fom os da últim a vez. Pelo m enos agora o cartão está no m eu bolso e sei aonde

estou indo.

Estou apostando todas as m inhas fichas em conseguir reverter tudo.

Infelizm ente, está caindo a m aior tem pestade, e com essa chuva na avenida não posso ir m ais

rápido, que é o que eu queria fazer. Meus dedos seguram o volante e olho para o velocím etro,

querendo que estivesse m ostrando cento e sessenta quilôm etros por hora. Quanto m ais rápido eu

resolver isso, m elhor. Tudo está m udando, e para pior, e tenho m edo de desm oronar assim ,

com o todo o resto.

Ann pigarreia. Ela percebe que estou nervosa.

— Eu e o Ken com pram os um a coisa para você. Bem , o Ken com prou. Mas a ideia foi

m inha.

Olho de lado para a Ann. Estou quase com m edo do que ela dirá em seguida. Os para-brisas

estão trabalhando a todo vapor nessa tem pestade. Olho de volta para a avenida.

— O quê?

Ann enfia a m ão no bolso. Ela achou um a calça j eans m inha do sexto ano, quando eu usava

um ou dois núm eros a m enos. Ela tam bém está usando um a cam iseta da Hello Kitty, que eu

com prei para usar com o m eu coturno. Ann m e dá um papel.

Quando m e viro para ver o que é, arregalo os olhos, sacudo a cabeça e o entrego de volta para

ela.

— Nem pensar.

— Mas você gosta de balé!

— Gostava de balé. Pretérito im perfeito, lem bra?

— Você não precisa dançar, sua boba! A gente só vai lá assistir.

— Mas estou de castigo.

— Para sem pre?

Dou risada.

— Não, m as por pelo m enos duas sem anas. Ou m ais, se m e m eter em confusão m ais um a

vez.

Ela faz cara feia.

— Mas o balé é no sábado. E a gente com prou quatro convites, se você quiser ir com alguém .

Olho para ela de repente.

— Com o assim , se eu quiser ir com alguém ? Eu não vou com o Ken? Ou ele não acha que

vai com igo?

Ann m e lança um olhar de “não sei com o contar isso para você”.

Arregalo os olhos.

— Meu Deus, eu vou de vela! — Dou um tapa na testa e então abro os dedos, para ver a

avenida por entre eles. — Você e o Ken tem , tipo, tudo a ver, né?

Não preciso olhar para ela para saber a verdade.

— Incrível. Prim eiro a Nicole e agora você... Por que todo m undo que eu conheço com eça a

nam orar?

Ann m eio que dá de om bros e enruga o nariz, porque sabe que é um a pergunta retórica. Ou

talvez não sej a. Não sei.

— Mas então você vem com a gente? Vai ser tão legal!

Ligo o para-brisa no m áxim o, pois a chuva aperta. Eu deveria ter colocado um a j aqueta. A

Ann tam bém .

— Eu falei para você que estou de castigo. E, além disso, posso tirar o dia para depilar a perna

com pinça. Vou checar a m inha agenda e lhe confirm o depois.

— Ah, m as você tem de vir. Se você não for, o Ken tam bém não vai.

Olho de lado para ela.

— Mas com o assim ? Pensei que ele estivesse a fim de você.

Ela se rem exe no banco do passageiro.

— Bom ... bem que eu queria. Porque você não está a fim dele. Então, se você fosse com

outro m enino, ele prestaria atenção em m im ...

Se a Ann tivesse m e pedido isso ontem , eu até pensaria no caso. Mas hoj e? Com tanta coisa

dando errado?

— Por favor! Eu quero tanto ir. O Ken m e m ostrou uns vídeos no YouTube e...

— Você assistiu a uns vídeos do YouTube com o Ken?

Ela faz que sim com a cabeça.

— Com o? Quando?

— Ele usou o seu com putador hoj e, m ais cedo.

— Ken estava no m eu quarto?

Ela faz que sim com a cabeça e olha pela j anela, com o se não fosse nada dem ais.

— Ann! Você não pode deixar as pessoas entrarem no m eu quarto assim . Minha m ãe poderia

ter visto vocês!

— Eu nem estava lá quando sua m ãe estava em casa. Além disso, é o nosso quarto — diz ela.

— Ele foi com o m eu convidado. E você não faz ideia de com o eu m orro de tédio quando você

não está por perto.

Minhas m ãos apertam o volante. Eu só olho para a frente, sem piscar, para a cachoeira que

está caindo na avenida, borrando as luzes de freio verm elhas à m inha frente. A dinâm ica entre eu

e a Ann está ficando cada vez m ais com plicada. É com o se ela fosse o Pinóquio, e estivesse pronta

a declarar sua independência. Não sei com o lidar com isso, com o m antê-la em segredo.

— Ele não fuçou nas m inhas coisas, né?

Ela balança a cabeça.

— É claro que não.

O silêncio paira entre nós. Só ouço o som abafado do rádio e o barulho da chuva que desaba.

Ligo a seta e pego a próxim a saída. Um a cam inhonete enorm e passa com tudo por nós pela

esquerda, e Ann pula no banco.

— Então você vai? Por favor, por favor, por favor?!

Suspiro e paro em um sem áforo. Eu m e sinto um a form iguinha de nada alinhada a todos os

outros carros, prontas para m archar de dois em dois para sair da chuva.

— Já falei, não posso. Mas talvez a gente possa dar um j eito de fazer o Ken ir com você.

Se eu tiver sorte, essa coisa do bolo dará certo e não vou ter de dar j eito nenhum em nada.

O sem áforo finalm ente abre e eu pego a faixa da esquerda. Sigo os outros carros por alguns

quarteirões, até chegar ao shopping. Fico toda nervosa ao entrar no estacionam ento, de olho nas

loj as do térreo em busca de um a confeitaria, para solucionar a razão desse desastre todo. Ou pelo

m enos espero que essa sej a a razão.

Mas faz sentido. Fiz aniversário um a vez por ano por dezesseis anos e m eus desej os nunca se

tornaram realidade. E então m inha m ãe com pra essa obra-prim a ridícula de glacê e tcham !

Mágica. Talvez as receitas dessa confeitaria incluam cabelo de bruxa e m eleca de sapo, ou algo

parecido. Não sei, m as é m inha últim a esperança, então tom ara que dê certo.

Dou a volta por trás, e m eu estôm ago se enrosca em um nó quando vej o as letras cheias de

firulas: Confeitaria da Betty. Ann dá um gritinho, aponta para a placa e pula no banco.

Ainda não contei que ela faz parte desse “des-desej o”. Mas com o é que eu podia tam bém ?

“Ah, olha só, aproveita bem o dia de hoj e porque pode ser o seu últim o.” Daria supercerto.

Ela não entende que a vida real significa ir à escola, ter um em prego, pagar contas, e ela não

conseguiria fazer tudo isso. Então ela tem de voltar... para onde veio.

Com um frio na barriga, estaciono o carro. É a m inha única chance de consertar tudo. Eu

tenho de fazer isso dar certo. Mas... e se não der?

Bom , não tem “se”. Existe apenas um “quando” der certo para a m inha vida voltar ao norm al,

eu poder m e desculpar com a Nicole e ficar longe do Ben.

Ann e eu atravessam os o estacionam ento, m eus tênis grudando no chão com o se eu estivesse

derretendo no asfalto, apesar de estar fazendo uns nove graus e ainda caindo um pé-d’água. A

chuva encharca m inha calça j eans, e m inha pele com eça a form igar.

Percebo que preciso sair da chuva, saio correndo e entro pela porta de vidro.

Respiro fundo

para m e acalm ar, enquanto entro em um lugar bem ilum inado. A vitrine à m inha direita está

cheia de cupcakes, biscoitos e bolos coloridos. As paredes são cobertas por pôsteres gigantes de

doces enorm es com cobertura: torres de bolos de casam ento, bolos com personagens de

desenhos, cookies gigantes em um a pirâm ide de doces de dar água na boca.

Sigo o piso de tons pastéis até o balcão, onde um a senhora baixinha e grisalha está apoiada e

com o telefone preso entre o ouvido e o om bro, anotando um pedido.

— Ah-hã. Recheio de lim ão. Recheio de m orango? Acho que dá para fazer m eio a m eio. Tá.

Bom , não, provavelm ente não seria um a boa ideia m isturar os dois. Um lado de lim ão, e o outro

de m orango. Tá. Certo. Para o dia vinte e cinco? Olhe, ficará apertado, m as tudo bem . Tá. Eu ligo

quando estiver pronto. Obrigada.

Ela coloca o telefone no gancho na parede e volta para seu bloco de pedidos, anotando m ais

detalhes para o cliente que tem um gosto zoado para recheio. Fico quieta, esperando que ela

note m inha presença, m as quando ela nem olha para m im , faço um “ran-ran”.

Ela dá um pulo e olha para m im , com os olhos castanhos arregalados do tam anho de um

cupcake.

— Desculpe — peço, fazendo careta. Ops, não queria assustar a m ulher.

— A gente precisa de um bolo — diz Ann, olhando para a vitrine. — Aquele.

— Não, aquele não. — Olho para Ann, pensando se ela está tentando m andar nessa m issão.

— Acho que você fez um bolo para o m eu aniversário de dezesseis anos, na sem ana passada. Corde-rosa, com um m onte de flores, quatro andares. Eu queria outro. Idêntico.

A m ulher se apoia no balcão atrás dela, cruzando os braços sobre o avental salpicado de

farinha. Ela está com um a m ancha de cobertura no queixo, e seu cabelo enrolado está cheio de

granulados.

— Preciso de pelo m enos duas sem anas para fazer bolos personalizados.

Meu coração parece parar de bater de um a vez.

— Mas é um a em ergência. Eu preciso desse bolo hoj e, de verdade.

Ela coloca as m ãos enrugadas nos bolsos do avental.

— Você sabe que esse bolo custa trezentos dólares?

Quase engasgo com a m inha saliva. Não tenho essa grana, nem perto disso.

Graças a todos os

gastos com a Ann, eu devo ter uns quarenta paus.

— Você pode fazer um a versão m enorzinha? — pergunto, m eio sem esperança.

Nem sei se

um m inibolo daria certo, com o aquele que fiz em casa e que tam bém não deu.

Mas talvez o

ponto sej a os ingredientes, e não o tam anho.

— Ainda preciso de algum as sem anas de prazo. Já estou cheia de pedidos, trabalhando até

tarde toda noite, sete dias por sem ana. Não tenho tem po para um pedido extra.

Olho para os m eus pés, segurando-m e para não gritar. Isso não é nada bom . Não m esm o.

— Por favor, eu preciso daquele bolo — suplico, colocando as m ãos no bolso.

Estou usando

um a calça j eans que a m inha m ãe com prou para m im . É m eio estranho m e sentir tão... norm al.

A calça veste bem , e não tem nenhum rasgo, nem nada escrito.

— Olhe, a única coisa que vendo à pronta entrega são os cookies — explica ela, apontando

para a vitrine —, ou você pode fazer o pedido e voltar em duas sem anas.

Cerro os dentes e olho para a vitrine.

— Não posso levar nem um cupcake?

Pelo m enos, eles são feitos com m assa de bolo, e talvez se eu com prasse um rosa e outro

branco...

— Você pode com prar a dúzia se quiser. Sessenta dólares.

Caraca, essa m ulher enfia a faca m esm o. Fuço na m inha bolsa. Tudo o que eu tenho são

trinta dólares e um punhado de m oedas.

— Tá. Hum , um cookie então — digo, enquanto m e sinto afundar.

Provavelm ente, isso não

dará certo. Estou fadada a viver m inha vida com a Ann e o Ken, e o restante do m eu circo de

horrores.

A m ulher coloca um cookie em um saquinho de papel e o entrega para m im .

— É por conta da casa. Pelo j eito, você está precisando.

Tá, então de repente ela ficou toda generosa?

— Hum , valeu.

Vou para a porta m e arrastando, enquanto Ann vem pulando atrás de m im . Estou quase

saindo quando ouço a voz da m ulher de novo.

— Até segunda-feira tudo passa.

Congelo. Aperto a porta com tanta força que os nós dos m eus dedos esbranquiçam . Eu m e

viro e olho para ela.

— O que isso quer dizer? Tudo som e depois do últim o desej o?

A m ulher olha por cim a do bolo que está confeitando.

— Pois não?

— Você acabou de dizer que tudo passa até segunda. Isso quer dizer que tudo vai parar assim

que eu receber o décim o-quarto pedido? Tudo sum irá, PUF, para sem pre? —

pergunto,

aproxim ando-m e dela.

A m ulher olha para os lados e dá uns passos para trás. É com o se ela estivesse procurando um

alarm e silencioso, com o se eu fosse um a doida.

— Eu não falei isso.

— Falou sim ! Você sabe o que está acontecendo! — com eço a falar m ais alto e m ais rápido.

A m ulher se afasta até ficar encurralada contra o balcão atrás dela. — Você tem de falar com o é

que eu dou um j eito nisso!

Ela levanta os braços, com o se estivesse cercada por um a m atilha de cães selvagens. Com o se

eu fosse m aluca ou algo do gênero.

— Vou ter de pedir para você se retirar.

Respiro fundo, tentando m e acalm ar. Não posso assustar essa m ulher.

— Não, por favor, está tudo bem . Eu só preciso de aj uda. Um desses desej os não pode se

realizar, ou m inha vida acaba.

— Senhorita, não tenho a m enor ideia do que está falando. Você precisa ir agora ou

cham arei a segurança.

Então é assim que ela j ogará. Fingindo ser inocente. E m e fazendo lidar com tudo

isso

sozinha. Mulher idiota com esses bolos m ágicos. Acho que o cérebro dela deve estar cheio de

granulado.

Eu piso firm e até a porta e a abro com tudo, a Ann atrás de m im . Quando chegam os ao carro,

j á estou fervendo de raiva.

Talvez eu devesse ficar feliz. Agora eu sei que a Ann e o Ken e o pônei não em patarão a

m inha vida para sem pre. Mas só consigo pensar em beij ar o Ben e trair m inha m elhor am iga.

A culpa é dessa m ulher. Não sei o que ela coloca nesses bolos...

Não acredito nisso! Que desastre! Se ela estiver certa, não tem com o desfazer isso tudo. Não

até eu receber o últim o desej o.

Não até eu beij ar o Ben.

Eu odeio a m inha vida.

Ann entra no carro e coloca o cinto de segurança. Eu só fico ali ao lado da porta do m otorista,

a chuva encharcando m inha cam iseta. Minhas pernas com eçam a form igar, m as nem m e m exo.

Estou ferrada. Totalm ente, com pletam ente ferrada. Tenho de sobreviver a m ais seis desej os e

não sei quais são.

Bom , eu sei qual foi o últim o. Então quais serão os outros?

Será que eu poderia ter desej ado algum a coisa pior do que o que j á aconteceu?

22 Dr. Seuss é o pseudônim o de Theodor Seuss Geisel, escritor e cartunista norte-

am ericano, autor de livros que basearam os fam osos film es Horton e o Mundo dos Quem e O Grinch. (N.E.)

27

Quando chego em casa, de volta da confeitaria, estou com tanta raiva que tudo o que quero fazer é gritar e arrancar m eus cabelos.

Falo para a Ann ir ver o pônei e entro em casa. Ela faz bico, m as estou tão brava que nem

ligo.

Subo a escada de dois em dois degraus, tropeçando no últim o e caindo de j oelho com tudo.

Consigo ficar de pé, e então sigo pelo corredor e abro a porta do m eu quarto. Vou direto para o

guarda-roupa. Quero achar tudo da m inha infância, cada um a daquelas coisas im becis, e destruir

tudo, antes que fiquem vivas tam bém . Fico na ponta dos pés para encontrar as caixas que ocupam

esse canto do m eu guarda-roupa há anos.

Pego a prim eira com tanta força que ela tom ba. A tam pa sai voando e tudo o que estava na

caixa se espalha pelo chão. Um a dúzia de Meus Queridos Pôneis aterrissa em seguida, as crinas

cor-de-rosa, azuis e roxas em baraçadas. Chuto um que caiu perto de m im e pego a próxim a caixa,

que cai com tudo da prateleira.

Livros infantis. O ratinho e o biscoito, A pequena bailarina, Cinderela. Todos esses livros

ridículos para ensinar às crianças que elas podem ser o que quiserem . Que a vida é um cookie

gigante recheado de felicidade.

Ninguém escreve um livro cham ado Logo sua m elhor am iga abandonará você, nem Que pena

que você crescerá e se tornará um a idiota. E com certeza não existe um livro cham ado Não faz

diferença se você fala italiano, porque seu pai não está nem aí.

Pego m ais um a caixa, e um a dúzia de Barbies caem de lá de dentro, tom ando o chão do

quarto, com suas cinturas perfeitas e pernas com pridas e aquele cabelo loiro-luxo, que não tem

nada a ver com o m eu.

Não m e sinto nem um pouco m elhor. Na verdade, estou queim ando por dentro de tanta

raiva. Eu m e viro e arranco um m onte de cam isetas e vestidos cheios de frufrus dos cabides. Essa

parte do guarda-roupa está reservada para as roupas que a m inha m ãe com pra para m im , e que

nunca uso, nem em um m ilhão de anos usaria. Os cabides giram enquanto as roupas se soltam ,

caindo no chão.

Quando o furacão acaba de passar, m eu guarda-roupa está um a bagunça, e tem um a

m ontanha de lixo transbordando e invadindo o m eu quarto.

Eu m e sento no chão e fico encarando aquela pilha de porcaria, enquanto m eu

batim ento

cardíaco dim inui, e o ódio com eça a desaparecer, substituído por um desânim o triste e am argo.

Acontecerá. Beij arei o Ben, e nunca m ais serei am iga da Nicole.

Pego um a Barbie errante e j ogo-a no m onte de lixo ao m eu lado. Dou um a olhada nas coisas

que não m exia havia anos. Parece que nada daquilo foi m eu um dia, com o se pertencesse a um a

pessoa com pletam ente diferente.

Mas é tudo m eu. Talvez eu sej a outra pessoa hoj e, m as um a vez na vida essas coisas j á foram a

m inha cara. Eu só decidi não ser m ais aquela pessoa.

E talvez sej a por isso que não estej a lidando bem com essa situação.

Porque, pela prim eira vez, finalm ente percebi um a coisa: eu escolhi tudo isso.

Eu escolhi ter só um a am iga e m e afastar de todas as outras pessoas.

Eu escolhi m e vestir de um j eito estranho e tirar sarro dos outros para garantir m eu status de

leprosa social.

Eu escolhi largar o balé.

Eu escolhi ficar m ais brava com a m inha m ãe do que com o m eu pai, enquanto ela pelo

m enos está tentando nos criar.

Eu escolhi colocar tudo isso nessas caixas e fingir que nunca fui nada além do que sou hoj e.

A escolha foi m inha.

Olho para o m eu All Star por um m inuto e então para o m eu guarda-roupa de novo.

É com o se um a viagem no tem po estivesse em pilhada ao m eu lado. Um a representação

visual de quem j á fui um dia.

Pisco algum as vezes e olho a pilha m ais de perto.

De repente, tenho um a ideia. Fico de pé em um pulo e vou até a m inha escrivaninha, onde

m inha câm era 35 m ilím etros está, e rem ovo a tam pinha da lente.

Tiro um a série de fotos: algum as das roupas que m inha m ãe com prou para m im , m as que

nunca usei; um as sapatilhas velhas de balé; alguns boletins; algum as bandeirinhas com o

sím bolo da escola; e várias fotos dos presentes de aniversário que outras pessoas m e deram .

Nem sei se essas fotos sairão ou se só parecerão um a confusão sem inspiração, m as tenho

esperança e tiro um m onte delas. Talvez am anhã eu possa revelar algum a coisa.

Tenho de

entregar o trabalho logo, e essa é a m inha últim a chance.

28

A quarta-feira é um desastre absoluto. Nicole nem olha na m inha cara, m uito m enos

fala com igo. E eu nem sei se quero falar com ela. Será que devo a ela desculpas pela nossa briga?

Ou ela é quem deveria se desculpar?

Minha am izade leve e divertida com o Ben se transform ou em algo desconfortável. Eu não o

culpo por não saber com o agir. Sou eu quem vivo m e com portando com o se ele tivesse lepra.

Todo dia, se ainda não recebi m eu desej o, faço de tudo para não encontrá-lo. Às vezes, ele vem

em m inha direção no corredor, e eu saio de repente por um a porta lateral.

Talvez sej a bobagem e eu não possa evitar que ele m e beij e, m as continuo

tentando m esm o

assim .

Ele teria de ser m uito burro para não perceber. Além disso, eu vivo falando sem parar sobre o

Ken, esperando que isso, de algum a form a, m antenha-o longe. Acho que é bem capaz de o Ben

usar o bom senso e decidir não m e beij ar. Então, se ele se lem brar de que tenho nam orado, bem ,

pode dar certo.

Minha m ãe ainda está viaj ando, ela só volta na sexta. Ainda não nos falam os depois da briga.

Estou m orrendo de dor nas costas por causa dos m eus peitos enorm es, tem chiclete de

bolinha para tudo quanto é canto, o pônei está ficando cada vez m ais m al-hum orado e ainda

estou falando italiano.

Estou m orrendo de vontade de tom ar um banho bem quente e dem orado para relaxar, m as

nos últim os dias tive de m e contentar com um banho de esponj a e com lavar o cabelo na pia,

porque não quero nem saber o que acontecerá se afundar m inhas pernas na banheira por m ais de

dois segundos e m eio.

Enquanto subo a escada para o m eu quarto, xingo baixinho, em italiano.

Quando entro no quarto, Ann está feliz, e de um j eito bem suspeito, o oposto total do m eu

hum or. Ela está girando na m inha cadeira da escrivaninha, a m esm a cadeira que um dia coloquei

entre nós para m antê-la longe de m im no dia em que ela apareceu.

Pena que não deu certo.

Fico olhando para ela e então m e j ogo na cam a, com o queixo sobre a colcha xadrez verde e

laranj a.

Se eu não posso ser feliz, ela tam bém não deveria.

Ela para de girar e quase cai da cadeira. Ela está m eio vesga, logo sei que está tonta e ainda

nem notou a m inha cara feia.

— Posso saber o porquê de tanta alegria? — pergunto, sem nem tentar disfarçar m inha

hostilidade.

— Eu vou a um a festa! — anuncia ela, a voz tão anim ada que ela parece aloj ar um m onte de

arco-íris e pôneis. Com o se isso fosse possível.

Eu quero j ogar coisas nela. Pedras, talvez.

Eu m e apoio nos cotovelos e olho para ela direito.

— Quem convidou você para um a festa?

— Não sei! É um a m enina, um a tal de Janae. Eu anotei o endereço — responde ela,

m ostrando o papel.

Eu pulo da cam a com o um pum a dando o bote e pego o papel da m ão dela.

“3322 Weatherby Lane.”

A casa da Janae.

Incrível.

— Onde você arranj ou isso?

— No seu caderno — diz ela, apontando para de onde ela arrancou a folha de papel.

— Não o papel! O endereço!

— Ah, com a Janae. Dã.

— Ann! — berro, totalm ente desesperada. — Com o é que você conhece a Janae?

— Eu não conheço.

Meus olhos faíscam e quero estrangulá-la. Mas só respiro fundo para m e acalm ar, depois

relaxo os punhos.

— Com ece do início. Com o é que você ficou sabendo dessa festa e por que ela lhe deu o

endereço?

Ann dá de om bros e m e lança um olhar do tipo “Céus, por que você ficou tão irritada?”.

— Ela ligou. Tem m eia hora. — Ann aponta para o m eu celular sobre o criado-m udo, onde

o coloquei ontem à noite e o esqueci quando fui à escola.

— Você só pode estar brincando — falo, correndo até o celular. Eu abro a capinha e vej o as

ligações recebidas. É verdade, a Ann atendeu a um a ligação há trinta e seis m inutos. Aperto o

botão de “ligar” e escuto enquanto o celular cham a.

— Alô?

Pisco e desligo o celular com tudo.

Era a Janae m esm o.

— Que falta de educação — reclam a Ann. — Ela é tão boazinha.

— A Janae não é boazinha. Não passa nem perto disso.

— Ela disse que não seria um a festa sem a m inha presença.

Estou segurando o celular com tanta força que m eus dedos com eçam a doer.

— Ela sabia que era você?

— Com o assim ?

— Você falou “Não é a Kay la”, ou talvez “Oi, aqui é a Ann”?

Ann pisca algum as vezes e inclina a cabeça para o lado, enquanto olha para o teto.

— Acho que não.

— Então a Janae está achando que eu vou à festa dela?

Ann enrola um a m echa do seu cabelo espetado ao redor do dedo.

— É, acho que sim . Mas eu ainda posso ir, né?

— Não, você não pode ir!

Ann faz bico e cruza os braços.

— Mas que m au hum or, hein? O que foi que eu fiz para você?

Ai, não tenho tem po para isso.

— Você não entende? Esses desej os idiotas estão acabando com a m inha vida!

O biquinho dela vira um bico de verdade.

— Ai, tudo gira em torno de você.

Caio na cam a, chocada.

— O que você quer que eu diga, Ann? Está tudo bagunçado.

Ann gira a cadeira em direção à parede.

— Eu ouvi o que a m ulher da confeitaria falou, viu.

— O quê?

— Eu não sou burra. Só tenho m ais alguns dias, no m áxim o. Então eu vou a essa festa,

m esm o que você não goste da ideia.

Sinto um a pressão estranha dentro de m im , com o se um elefante estivesse em poleirado no

m eu peito. Não sei se estou m e sentindo culpada por causa da Ann ou entrando em pânico com a

m inha vida, porém é com o se estivesse carregando o m undo nas costas.

— Por que a Janae m e convidaria para um a festa? — pergunto, apesar de não esperar que a

Ann tenha as respostas.

— Não sei. Talvez, lá no fundo, ela queira ser sua m elhor am iga.

Rio e lanço um olhar desconfiado para a Ann, m as que desaparece enquanto a sua fala latej a

em m eus ouvidos. De repente, tudo faz sentido.

— Ela nunca quis — com ento. — Mas eu, sim .

Fico olhando para o teto do m eu quarto, procurando figuras na pintura texturizada. Está o

m aior silêncio, a não ser pelo barulho da chuva lá fora.

— Não desej ei que ela fosse a m inha m elhor am iga. Mas que ela m e convidasse para os

aniversários e as festas à beira da piscina.

Suspiro e respiro fundo. Bem , agora j á sei qual é m ais um pedido, né? Aperto m inhas

têm poras e fecho os olhos, tentando descobrir o que devo fazer agora.

— Se eu alugar uns film es e a gente fizer uns sundaes e tal, você desiste da festa para ficar

aqui com igo?

— Não — afirm a Ann. — Não vou perder nem um m inuto trancada neste quarto. Estou

ficando m aluca.

“É j usto”, penso, m as não digo isso em voz alta. Eu m e sinto aceitando aos poucos a ideia de

ir à festa da Janae, ser com pletam ente hum ilhada e ir para casa. Minha vida tam bém não pode

ficar pior e pelo m enos a Ann está tentando ser gente boa.

Será que posso negar m ais algum a coisa a ela? E faria algum a diferença? Não é com o se eu

pudesse derrubá-la no chão, am arrá-la e j ogá-la dentro do guarda-roupa. Ela provavelm ente j á

decorou o endereço e vai à festa, com ou sem m im . Se eu for com ela, ao m enos posso controlar

os danos.

— Tá. Se a gente estiver de volta às dez horas, quando o Chase chegar em casa, m inha m ãe

nem ficará sabendo.

O rosto da Ann se transform a em um sorriso brilhante, e, apesar das preocupações que m e

dão o m aior frio na barriga, não consigo resistir e sorrio de volta para ela.

É bom que ela faça valer a pena.

Porque, se os m eus instintos estiverem certos, a noite de hoj e será um m egadesastre.

— Isso é loucura. Vam os para casa — falo, pegando a m ão da Ann e tentando arrancá-la

da varanda chique da casa da Janae. Quase dou um encontrão em um dos pilares brancos.

— Nem pensar — retruca ela, soltando-se.

Antes que eu consiga im pedi-la, ela toca a cam painha com tudo e ouço sinos elegantes

tocando no corredor além da porta de folha dupla com um vidro chique todo ornam entado e as

m açanetas gigantes e brilhando de tão polidas. Meu coração vai parar na boca e, por um

m om ento, penso em sair correndo por aquele gram ado perfeito e m ergulhar nos arbustos.

Mas, antes que eu consiga tirar os pés da varanda, a porta se abre.

Janae, usando um a calça j eans skinny e botas de couro preto até o j oelho, com um a blusa de

gola alta cor de crem e, sorri para nós.

— Oi, m eninas! Entrem !

Que sorriso estranho. Meio vago, m eio forçado. Ela ainda não se ligou que não sou um

deles, que não pertenço a este lugar.

E isso não é bom . Porque j oga pela j anela m inha teoria de que o Ben poderia escolher não

m e beij ar. Se a Janae m e convida para um a festa e não percebe que eu não deveria estar ali, o

Ben m e beij ará, com certeza.

Ben m e beij ará.

E não há nada que eu possa fazer.

Nem percebo que estou de pé ali, totalm ente m uda, até a Ann m e dar um em purrãozinho

em direção à porta. Olho para ela. Dem orou quase um a hora, m as descobrim os com o usar o

baby liss para deixar os cachos dela m ais relaxados. Ela usou bobes para tirar alguns cachos de cim a

do rosto, e o restante cai em cascatas por suas costas. Ela experim entou seis cores de som bra

diferentes, e finalm ente escolheu um azul m ais gelado que com plem enta seus olhos verdes e

deixa as sardas com um look exótico.

Ela está vestindo aquela blusinha decotada azul que com prei no shopping quando estávam os

com o Ken, e um a calça j eans que eu nem sabia que tinha. A calça tem a boca

um pouco m ais

aberta e ficou perfeita nela. Os sapatos não com binam m uito — um tam anco preto que eu tinha

no oitavo ano —, m as ela os deixa à porta, e não faz a m enor diferença.

Ann se recusou a m e deixar usar m inhas roupas norm ais. Ela insistiu até não poder m ais que

eu não podia “queim ar o film e dela”.

Pelo j eito, ela descobriu que o m eu estilo não está, tipo, m uito na m oda. Ela está tão doida

para viver um a experiência típica adolescente que m e transform ou em um a boneca dessas de

trocar a roupinha e m e forçou a ficar... bonitinha. Consigo sobreviver com essa calça j eans,

todavia estou tendo um treco com esse suéter cor de vinho com gola V. Porque m eu peito está

gigante dem ais para usar um a blusa assim . Ann j ura que eu fiquei linda, m as, agora que não posso

m e trocar, com eço a achar que foi a pior escolha do m undo.

Eu sigo Janae até a parte de trás da casa, em que a batida pesada da m úsica fica cada vez m ais

intensa e se m istura ao zum -zum -zum do pessoal conversando.

O hall de entrada se abre para um espaço enorm e, com teto de seis m etros de altura e a m aior

TV de tela plana que j á vi. A turm inha dos vestidinhos Old Navy está em poleirada nos sofás.

Cabelos brilhantes, sorrisos perolados, unhas feitas e j oias faiscantes são pouco para com eçar a

descrever com o elas parecem perfeitas.

Apesar de a m úsica continuar tocando, a conversa para. Talvez Janae ainda não tenha se

ligado, m as o restante dessas pessoas sabe que eu não pertenço a este lugar.

— Tem com ida e bebida ali — diz Janae, apontando de leve em direção à cozinha. — E o

banheiro fica na segunda porta, à direita.

— Tá.

Tento ser discreta ao respirar bem fundo para m e acalm ar, e vou para a cozinha fazer algum a

coisa, enquanto ninguém tira o olho de m im . Estou servindo refrigerante em um copo plástico,

sabendo que não deve ser isso que todo m undo está bebendo, quando percebo que Ann não está

m ais ao m eu lado.

Ela está ao lado de dois caras na sala. Um deles está colocando um a alça em seu pulso, para

que ela possa j ogar Nintendo Wii. O outro está olhando fixam ente para a sua bunda.

As conversas reiniciam , em bora eu ainda vej a um pessoal m e olhando e cochichando.

A Janae é a rainha, e eles sabem disso. E por isso ninguém falará nada para ela nem para

m im . Será?

— Kay la — Ann m e cham a, pedindo que eu m e aproxim e. — Precisam os de m ais um

j ogador.

— Ah. Hum , não, valeu.

Ann coloca a m ão na cintura e ergue um a sobrancelha.

— Isso não é aceitável. Arrasta essa bunda até aqui!

Ela não falou “bunda”, não é possível. Atravesso a sala a toda velocidade porque, se a Ann

gritando com igo lá do canto não cham ar a atenção, não sei m ais o que pode fazer todo m undo

olhar para a gente, e essa é a últim a coisa que eu quero.

— Ele é o seu parceiro — avisa, apontando com a cabeça para um m enino do segundo ano

do ensino m édio, que reconheço lá da escola. Ele m e lança o sorriso m ais discreto do m undo.

Fico pensando se ele sabe que perdeu no j ogo do palitinho.

Estico a m ão, e ele coloca a alça ao redor do m eu pulso, os dedos tocando a m inha pele.

Olho para ele, e não resisto em dar um sorriso quando nossos olhos se encontram .

Putz. Ele é gatinho. Cabelo castanho, olhos castanhos.

É claro que os olhos dele estão secando o m eu decote agora.

Resisto à vontade de respirar fundo, porque só fará m eu peito decolar, e m e viro para a Ann.

— O que vam os j ogar?

— Tênis. Em duplas, claro — o parceiro de Ann diz. O cabelo dele é m eio bagunçado e

loiro, e ele m e lem bra o Salsicha, do Scooby -Doo. Acho que ele está querendo encarar um estilo

m ais artístico, profundo. E ele tem uns olhos cor de m el lindos, quando a gente não presta

atenção na bagunça desse cabelo com j eito de esfregão. Tenho quase certeza de que o seu nom e

rim a com Mill. Phil... Bill... Will.

Acho que o conheci quando estava no prim eiro ano, na aula de Educação Física.

Ann custom iza seu avatar com um cabelo ruivo doidão. Eu não consigo parar de rir ao ver a

anim ação dela. Eu escolho um cham ado TIM, que acho que deve ser o nom e do irm ão da Janae,

em vez de criar um que pareça com igo.

A partida com eça, e perco o prim eiro saque. Dou um a risada nervosa e tento novam ente, m as

dou um a raquetada com tanta força que a Ann nem se liga no que está acontecendo e não

consegue rebater.

— UH-HU! — com em oro triunfante, j ogando as m ãos para o alto. Meu parceiro bate na

m inha m ão, cum prim entando-m e. Eu m e sinto com cinco anos de idade, m as não consigo parar

de sorrir.

— Olha só a plateia — diz Will ou Brill ou Frill, apontando para os desenhos bobos no

fundo, de pessoas que pulam com o se não houvesse am anhã quando a gente m arca um ponto.

Fico tão distraída por eles que perco a bola que vem voando em direção ao m eu avatar e m eu

parceiro m eio que pula no ar, a m ão e o controle dele voando perigosam ente perto do m eu rosto,

e ele consegue rebater a bola.

Ann dá um gritinho e tenta pegar a bola, m as não é rápida o bastante, e a bola passa batido

por sua im agem digital.

— Valeu! — digo para o m eu parceiro. — Ah, m eu nom e é Kay la.

— Todd — diz ele, fazendo que sim com a cabeça. O seu cabelo castanho tem um pouco de

gel dem ais. Não com o o do Ken, m as ele podia ter econom izado um pouco no produto. —

Prazer em conhecer — com pleta ele, m andando a bola para o outro lado da rede.

Trill, Pill ou Grill rebate de volta, direto para o m eu personagem , e quase não tenho tem po

de m andar a bola de volta. As cabecinhas dos personagens lá no fundo borbulham de alegria

quando Ann rebate e a bola passa pela rede e aterrissa do nosso lado da quadra, e nem eu nem o

Todd conseguim os alcançá-la.

— A gente é m uito ruim — falo, sorrindo para o Todd.

— Vou ter de concordar — afirm a ele, perdendo m ais um a bola.

Jogam os por m ais uns vinte m inutos e fico chocada ao perceber que estou m e divertindo. E,

apesar de isso ser bem im becil, fico com frio na barriga toda vez que Todd olha para m im . Ele

não é nenhum Ben, m as é bom se sentir lisonj eada.

Alguém no sofá m e pergunta sobre o trabalho de História que a gente teve de entregar hoj e,

e eu com eço a tagarelar sobre a Guerra Revolucionária e todas as datas e batalhas, e perco a bola

m ais duas vezes.

Talvez eu não devesse ter ignorado esse pessoal por tanto tem po. Quero dizer,

eles não

precisam ser m eus m elhores am igos, m as tam bém não m ata baixar um pouco a guarda e m e

divertir. E olha que o universo nem im plodiu! Ninguém pulou na m inha garganta até agora. E

com o eu nunca sou legal com eles, é incrível que eles não estej am sendo m al-educados com igo.

Ouço a cam painha tocar de novo, e Janae se levanta do sofá, de onde apreciava sua corte, para

ir atender.

Todd e eu estam os tom ando a m aior lavada. Mais um a vez, a Ann provou que aprende

rápido, e j oga Wii Tênis superbem .

Todd e eu entregam os nossos controles para as próxim as pessoas da fila, e estou indo atrás do

m eu refrigerante perdido quando fico cara a cara com quem acabou de chegar.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto, encarando a Nicole, e rezando para m eu

choque não ser óbvio dem ais. Ela está m ais perfeita do que nunca em um suéter rosa canelado e

um j eans larguinho. Seu cabelo está penteado com o o das outras m eninas, cachos grandes e

relaxados que balançam cheios de charm e quando ela anda. Ela com bina com a turm a da Janae.

Acho que agora ela faz parte da turm a da Janae.

— Eu ia perguntar a m esm a coisa. — Ela inclina a cabeça de lado e m e lança

um olharzinho

superior e irritado.

Eu não respondo para ela, e ela não responde para m im . Ela se senta ao lado da Janae — bem

ao lado dela —, e eu m e recolho em um banquinho na cozinha.

Parece que a sala está cheia de eletricidade, fervendo. O pessoal está cochichando de novo. É

difícil fingir que não percebo e encarar m eu refri com o se nele tivesse o segredo para a vida

eterna ou pelo m enos um gabarito do vestibular. Aquele desconforto fam iliar com eça a m e tom ar

de novo.

Alguém cruza o piso de m adeira — que, a essa altura, parece que ela cruzou a fronteira entre

duas cidades: Perfeitolândia e Idiotópolis.

A m enina, Kelsey, acho que é esse o nom e dela, pega um prato e alguns Doritos da tigela no

balcão da cozinha.

— O pessoal está dizendo que você colocou silicone.

Pisco algum as vezes. Ela não está olhando para m im , m as tam bém não parece estar falando

com outra pessoa. Mordo o lábio de leve e resisto à vontade de olhar para baixo, para os m eus

peitos.

— Mas não coloquei.

— Eu sei, foi isso que eu disse.

Olho para ela, surpresa.

— É que é até idiota pensar isso, né? — fala ela.

Faço que sim com a cabeça.

— Com certeza.

Não esperava que essa m enina, alguém que m al conheço, fosse um a aliada.

— É que, dã, você teria de faltar à escola por pelo m enos uns dias para se recuperar. Estou

pensando em tom ar suplem entos faz um tem po, m as não sei qual é o m elhor. O

que você usou?

“Ah.”

Com certeza, não era isso que eu im aginava.

— Esteroides.

Ela fica de pé m ais retinha. Será que essa louca está levando a sério a m inha resposta?

— Jura?

Faço que sim com a cabeça, com aquela cara de honestidade.

— Com certeza. Quero dizer, o bigode é um saco de aguentar e arranquei sem querer a porta

da geladeira, m as, cara, esses dois aqui não valem a pena?

Uso as duas m ãos para enfatizar m eu busto, e a m enina fica horrorizada e se afasta,

lentam ente, com o se eu estivesse prestes a dar o bote. Ela fica m e olhando de um j eito

desconfiado, enquanto volta para a sala de estar.

Só assisto enquanto ela cochicha no ouvido da m enina ao seu lado e aponta com a cabeça

em m inha direção.

Fico inquieta no banco da cozinha ao ouvir a Ann rir, e Bill ou Will ou Phil coloca um braço

ao redor dela. Sei lá de onde eles vêm , m as chicletes de bolinha com eçam a cair,

batendo no

chão com tudo e fazendo o m aior barulho. Acho que tem uns doze rolando por todas as direções.

A cam painha toca e Janae se levanta.

— É m elhor você recolher esses chicletes — pede ela, pisando firm e. Ela para por um

m inuto, volta e olha para m im , estreitando os olhos. Está finalm ente acontecendo.

Acho que ela

se ligou que eu não deveria estar aqui. Ela pisca algum as vezes, balança a cabeça e segue o

cam inho até a porta.

Saio do banquinho e vou procurar os chicletes de bolinha, e ouço um as m eninas dando

risadinhas quando m e abaixo para pegar um chiclete que está debaixo de um vaso de planta. Em

algum ponto, nos últim os vinte m inutos, tudo m udou de figura e estou m e sentindo cada vez

m ais desconfortável.

O barulho do salto das botas da Janae batendo no chão m e faz olhar para cim a.

Ela está de pé

à m inha frente, de braços cruzados, olhando para baixo, com cara de desdém .

Ai, saco. Ela percebeu que não sou um deles.

— Tem um cara lá na porta dizendo que veio com você. Você sabe que essa festa não é para

quem não foi convidado, né?

— AAhn, quem é?

Ela dá de om bros.

— Um idiota com um cabelo horroroso.

Fecho os olhos e respiro fundo.

Ken.

— Eu não sei por que você achou que deveria estar aqui, m as não tem nada a ver. Então,

quanto m ais rápido você e o seu nam orado bizarro saírem da m inha frente, m elhor.

Tá bom , m eu quase m om ento de am izade e ternura com a Janae acabou oficialm ente, e

chegou a hora de m e m andar daqui.

Eu m e levanto, desej ando que tivesse o perfeito um m etro e setenta e sete de altura da Janae,

e olho bem nos olhos dela.

— Não vá com prar esse fio dental que você cham a de calcinha na liquidação, viu? — disparo.

— Sai daqui — diz ela.

— Béééé! — falo, encarando-a. Só m e obrigo a im itar um a ovelha em ocasiões especiais, o

velho recurso quando não consigo pensar em nada m elhor.

Ela ainda está com aquela cara confusa.

Eu m e viro para a sala de estar.

— Ann, vam os em bora.

Ela se vira para m im .

— Não.

Pisco algum as vezes.

— Ahn, sim . Vam os em bora, sim .

— Vai você. Eu vou ficar. — E ela volta à tela bem a tem po de m andar m ais um a bola para o

outro lado da rede.

— Chuchu? — A voz do Ken invade o corredor.

E é então que eu ouço.

O barulho dos cascos no m árm ore italiano caríssim o. O relincho feliz e fininho.

Os chicletes

de bolinha, m ais um a vez, pulando de dentro do m eu bolso.

O som da m inha últim a m igalha de reputação se espatifando para sem pre.

O pônei trota pela cozinha. Por m ais ou m enos um segundo e m eio, nutri a fantasia de que o

pônei não perceberia a m inha presença, m as até parece que eu tenho tanta sorte assim . Ele dá

m ais um relincho estridente e vem correndo em m inha direção, dando um a focinhada em m im

com tanta força que caio para trás contra o balcão de granito. Meu cotovelo bate em um a garrafa

de refri de dois litros da qual eu estava m e servindo antes, e ela voa pelo balcão, rolando em

direção à pia.

Engulo em seco, vendo a m inha vida ser arruinada para todo o sem pre quando o refrigerante

se derram a sobre um tapete im pecavelm ente branco, que provavelm ente veio da Europa e deve

custar tanto quanto um a ilha exótica.

— Se alguém não tirar essa coisa da m inha casa em m eio segundo, cabeças rolarão! — berra

Janae, e apesar de ela estar dizendo isso com o se quisesse que qualquer pessoa

tom asse um a

providência, ela está m e encarando.

— Ann, vam os em bora — ordeno, com voz de brava.

A cena com o pônei e o berro da Janae parecem ter feito a Ann m udar de ideia, e ela j oga o

controle para seu parceiro e vem correndo atrás de m im . Eu em purro o pônei para ela, e ele vai

correndo atrás da coitada na m aior alegria, com o se adiantasse algum a coisa e o m eu nom e não

estivesse na lista negra da escola até o fim dos m eus dias.

A últim a coisa que vej o ao lançar um olhar final para a sala de estar é a Nicole, de queixo

caído, cercada pelos outros m em bros da elite, que estão m orrendo de rir de m im .

30

Ann e eu conseguim os nos livrar do Ken e vam os andando com o pônei até em casa. Enquanto ela vai para o j ardim para trancar o pônei no quartinho não falo nada. Vou direto

para a garagem , abro o portão e tiro a m oto. Ela volta enquanto estou em purrando a m oto para o

j ardim .

— Aonde você vai?

Eu a olho por um m om ento com cara de brava e então lhe viro as costas. Se eu disser

qualquer coisa, m esm o que sej a um a palavra, explodirei.

Encosto a m oto na cerca do j ardim , corro para dentro de casa e pego a chave da cam inhonete

do m eu irm ão, que estava sobre o balcão.

Dez m inutos m ais tarde, estou entrando no cam po perto da pista de m otocross.

São quase

nove da noite e o céu está cheio de nuvens, o que significa que está superescuro, m as ainda bem

que a pista está ilum inada com o brilho am arelado de um a dúzia desses refletores de estádio.

Tem alguém na pista. Tiro o pé do acelerador e a cam inhonete anda um pouquinho até

parar.

“Ben.”

Minha respiração fica parada na garganta e eu continuo sentada lá, só assistindo enquanto ele

voa pelo ar, de novo e m ais um a vez. Eu o vej o saltar um a ram pa de, no m ínim o, trinta m etros.

Vej o-o dar um m ortal perfeito.

Meu queixo cai e só consigo olhar para ele.

Desde quando ele está dando m ortais?

Suspiro. Eu pensei que talvez pudesse entrar aqui de fininho e dar um as voltas, m as não

posso, não na frente do Ben. Eu pareceria um a boba.

Estou prestes a engatar a ré quando Ben breca a m oto e se vira em m inha direção.

Ai, saco. Os faróis estão ligados e, desse ângulo, ele reconhecerá a cam inhonete com certeza.

Fecho os olhos e apoio a testa no volante. Penso em ir em bora m esm o assim , fingindo que

não o vi ali, esperando que ele finj a que não m e viu ali tam bém .

Mas não quero. E j á recebi m eu desej o de hoj e, então sei que ele não m e

beij ará. Pelo

m enos não esta noite. E talvez ele m ereça um a desculpa pela m aneira esquisita com o eu tenho

agido ultim am ente.

Sei que não posso explicar por que ando tão estranha, m as posso m e desculpar. E

então irei

para casa, m e arrastarei para a m inha cam a e nunca m ais sairei de casa outra vez.

Engato a prim eira e passo aos solavancos pelo gram ado esburacado, desligando o m otor de

um a vez ao chegar ao lado da cam inhonete dele. Ben apoia sua m oto contra a cerca, tira os

óculos de proteção e o capacete. Então, livra-se de suas luvas e as coloca no banco do carro,

passando os dedos por aquele cabelo loiro e espetado.

Meu coração parece bater para tudo quanto é lado, tum -tum -tum -tum contra o m eu peito.

Fico pensando se ele consegue ouvir tam bém .

Ben pula a cerca e aterrissa no chão, as fivelas de suas botas fazendo barulho. Eu saio da

cam inhonete e tento alisar m eu suéter com gola V am assado.

Me esqueci de trocar de roupa.

Droga.

Ben vem em m inha direção, e eu noto a m aneira sutil com o os seus olhos apontam m ais

para baixo, por um a fração de segundo, antes de encontrar os m eus. Ele estava m e secando.

Tento não sorrir, nem ficar verm elha, nem entregar m inha reação de qualquer

m aneira.

— Você está b... — Seus olhos, então, finalm ente enxergam a caçam ba da cam inhonete, e

seu rosto é tom ado por um a expressão de surpresa. — Você tem um a m oto!?

Tento não ficar desapontada quando ele não term ina a prim eira frase. A próxim a palavra

com eçava com um “b”. Eu estou... bem ? Bela? Bonita? Bêbada? Balofa?

Borocoxô?

Faço que sim com a cabeça.

— Eu ganhei de aniversário — explico. Não deixa de ser verdade.

— Nossa, que dem ais!

Faço que sim com a cabeça.

— Você vai dar um a volta?

— Ah, hum , não. É que eu não sei andar de m oto, na verdade.

Eu deveria ter pensado um pouco m elhor nesse lance da desculpa. É claro que o Ben notaria

a presença da m oto.

— Então você veio até a pista só para ficar por aqui? E o quê? Checar a direção do vento?

Rio e m e sinto relaxar com o tom brincalhão de sua voz.

— Ahn, é, não, m as então eu vi você e não queria interrom per.

— Mas que bobeira! Vou pegar a m inha ram pa e lhe ensinar um as coisas.

E antes que eu possa protestar, ele desam arra as cordas que usei para fixar a m oto na caçam ba

e descarrega a m otoca.

Ela fica m eio pequena perto dele. A dele, com certeza, é m aior.

Eu o sigo até o portão, cada vez m ais nervosa. Não tem j eito de fazer isso sem parecer um a

idiota ridícula.

— Você tem um capacete? — pergunta ele.

Faço que não com a cabeça.

— Não. Então não posso andar de m oto, né? Vou deixar pra lá e ir para casa —

digo, pegando

o guidão e tirando a m oto dele.

— Você pode usar o m eu.

— Ah.

Ele vai até a m oto e pega o capacete enquanto fico ali, segurando a m inha m oto, pensando se

é loucura m esm o experim entar aquilo.

Talvez só um pouquinho. Dois m inutos. Uns trinta m etros. A m oto desaparecerá em alguns

dias, então pode ser que eu nunca tenha outra chance. E eu queria m esm o

experim entar pilotar

um a m oto de cross. Toda vez que via o Ben, im aginava-m e no lugar dele, voando pelo ar.

Que m al pode fazer?

— Pode subir e sentar aí — fala Ben. — Coloque o capacete.

Ele está m uito perto de m im , tirando o guidão da m inha m ão. Ele até parece m ais alto. Olho

para a m oto e engulo em seco, devagar, resistindo à vontade de m e encostar no peito dele. Eu m e

sinto estranha, ou m elhor, nervosa, perto dele dessa m aneira. Tento m e convencer de que estou

assim porque vou pilotar a m oto.

Jogo um a perna por cim a do banco e m e sento na m oto, um All Star preto firm em ente

plantado na terra de cada lado. Ben m e passa o capacete e tiro os óculos de proteção e as luvas de

lá de dentro. Com eço a colocar as luvas, m as o Ben coloca sua m ão sobre a m inha.

Meu coração dá um a pirueta.

— É difícil afivelar o capacete se você j á estiver de luvas. Deixe as luvas por últim o.

Faço que sim com a cabeça e tiro a luva, e ele solta a m inha m ão.

Jogo m eu cabelo para trás dos om bros e prendo algum as m echas atrás da orelha, e a seguir

coloco o capacete.

Estou usando o capacete do Ben Mackenzie. Nem posso acreditar. É m eio grande para m im ,

m as eu quero ficar com ele para sem pre, m esm o assim . Eu m e atrapalho um pouco com a fivela;

não consigo entender com o funciona.

— Deixa que eu aj udo você — fala ele, ainda m ais perto de m im .

Seus dedos tocam m eu queixo de leve enquanto ele passa a tira de náilon pela fivela

prateada. Cada vez que sua pele toca a m inha, m eus nervos pulam e se retorcem .

Quantas vezes

ele j á encostou em m im hoj e?

Perdi a conta, pela prim eira vez.

Parece que tem um a fileira inteira de dançarinas de cancã no m eu estôm ago.

Depois que a tira está bem afivelada, ele chega ainda m ais perto para m e olhar nos olhos. O

visor dá um a im pressão estranha da distância, então ele está pelo m enos a um m etro de m im ,

m as parece tão próxim o. Ele coloca um a m ão de cada lado do capacete e o em purra um pouco

para trás, a fim de ver m eus olhos com m aior facilidade. Mal consigo respirar.

Ele pega os óculos de proteção e os coloca por cim a do capacete, aj ustando a tira elástica.

Então ele se afasta e tenho de m e virar com as luvas. Quando finalm ente as coloco, faço que

sim com a cabeça, com o quem diz: “estou pronta”.

— Você sabe dar a partida?

Olho para cim a.

— Hum m m . É só virar a chave?

Eu m e sinto com o se estivesse num a bolha com esse capacete; tão fora da realidade.

Ben dá risada.

— Claro, m as você tem de dar a partida com o pé.

— Ai, que difícil!

Viro a chave, m as é claro que nada acontece, porque o Ben sabe do que está falando. Ele

puxa um a pedaleira de m etal que eu nem tinha notado, e tento dar a partida com o pé um as

quatro vezes. Na quarta tentativa, m eu pé escorrega e a pedaleira bate com tudo na m inha canela.

E dói.

— Deixe que eu dou a partida para você — diz Ben.

Saio da m oto, e Ben se encosta em m im enquanto sobe nela. É a décim a vez que ele rela em

m im ? Décim a quinta?

A m oto parece tão pequena quando ele está sobre ela. Ele consegue dar a partida na segunda

tentativa, e então segura a em breagem enquanto sai da m oto para eu subir nela.

Eu m e sento e

seguro no guidão com um a überforça, m ais conhecida com o desespero.

— Beleza. Este aqui é o freio da roda da frente, e este, o da roda de trás. Aqui é a em breagem ,

e aqui, o acelerador. Funciona igualzinho ao câm bio da sua cam inhonete. Solte a em breagem

devagarinho e então aperte o acelerador de leve tam bém . Não faça nada de supetão.

Faço que sim com a cabeça, o capacete grande dem ais encobrindo m eus olhos.

Não quero

contar para o Ben que a cam inhonete do m eu irm ão não tem m archas, é autom ática. Eu m e

concentro em suas instruções, rezando para não parecer totalm ente im becil.

E então tudo dá m uito errado. A em breagem se solta com tudo das pontas dos m eus dedos e

a m oto vai para a frente. Não consigo segurar no guidão enquanto a m oto acelera, e de repente o

m undo está passando por m im tão rápido que as cores se m isturam e eu não consigo ver nada.

Sinto dois braços ao redor da m inha cintura, e a m oto desaparece debaixo de m im ; estou

voando para o chão.

Não, para o chão, não.

Estou caindo em cim a do Ben.

Rolam os na pista de terra e sinto a m aneira com o ele está se preparando para cair, absorvendo

o im pacto com os om bros e os braços, fazendo com que eu caia sobre um travesseiro. Quero

dizer, isso se travesseiros viessem envoltos em quilos de m úsculos perfeitam ente esculpidos.

Ouço a m oto batendo lá longe. Respiro fundo algum as vezes, para acalm ar m eu coração-m otocross. Ele está acelerando m ais que a m oto há alguns segundos.

Nossas pernas estão m eio em baralhadas, um a perna m inha presa entre as dele, e posso sentir

a fivela da bota dele querendo entrar na m inha panturrilha. Meu quadril está a alguns

centím etros abaixo do dele, encostando nele. Um dos braços dele está ao m eu redor, e posso

sentir o peso da m ão dele na m inha lom bar.

Puxo o capacete para trás, tentando tirá-lo de cim a dos m eus olhos. Os óculos de proteção

têm um a cam ada fina de poeira sobre as lentes, fazendo tudo parecer m eio turvo.

Mesm o através do pó, consigo ver os olhos do Ben, de um azul cristalino, olhando diretam ente para os m eus.

Nenhum de nós fala nada, a gente só fica olhando e piscando.

Tudo o que consigo pensar é: “Será que ele m e beij aria se eu não estivesse usando essa

porcaria de capacete?”.

Eu m e odeio por estar am aldiçoando o capacete, com aquele visor gigante e aquela coisa de

plástico que m e deixa com um queixo de bruxa, m antendo Ben a distância. Seria im possível

beij ar com aquilo na cabeça.

Mas eu deveria agradecer às estrelas por estar usando este capacete, porque é a única coisa

que está m e im pedindo de consum ar o erro e acabar de vez com a m inha am izade com a Nicole.

— Você... tá tudo bem ? — pergunta ele finalm ente, depois de a gente ficar se olhando por

tem po dem ais. Fico surpresa, ao perceber que consigo ouvir a voz dele m esm o com o m eu

coração batendo tão alto.

Faço que sim com a cabeça, e o capacete frouxo dança sobre ela.

Os lábios lindos, carnudos e com pletam ente beij áveis dele form am um sorriso.

— Eu não falei para você não soltar a em breagem ?

— Eu nem sei o que isso quer dizer — respondo, m inha voz está rouca e grave.

Pigarreio.

Sei que deveria m e levantar, colocar certa distância e ar entre nós, m as não consigo sair dali.

Pode ser a últim a vez que fique tão perto dele e não quero que isso acabe. Ele se m exe de

baixo de m im , e percebo que preciso m e levantar. Quando consigo m e desgrudar dele, sinto

com o se estivesse perdendo algo, desistindo de algum a coisa que nunca vou ter de novo, apesar

de ter acabado de descobrir o que poderia ser.

Fico feliz por Ben não ver o m eu rosto quando m e viro um pouco, usando o capacete para

esconder m inha expressão. Eu nem sei qual expressão é essa, porque há em oções dem ais se

batendo dentro de m im : vontade, m ágoa, confusão, m edo, um a paixão sem tam anho.

Ele se levanta e sacode a poeira da calça de m otoqueiro. Os om bros e o peito dele parecem

subir e descer m ais rápido que o norm al. Será que ele está se esforçando para respirar, assim

com o eu? Será que o coração dele tam bém está batendo rápido, com o o m eu?

Eu desafivelo a tira e arranco os óculos de proteção e o capacete da cabeça, passando os dedos

pelos cabelos, para não parecer totalm ente m aluca.

— Acho que vou deixar essa aula de m otocross para outro dia — digo, sorrindo para ele,

tentando esconder os sentim entos que se estapeiam dentro de m im . — E talvez, da próxim a vez,

venha com um protetor de corpo inteiro.

Dou risada e tento não pensar se Ben está m esm o se aproxim ando de m im ou se é tudo

im aginação m inha. Dou um passo para trás. Minha m oto está a uns vinte m etros dali, caída de

lado. Mesm o sabendo que ela desaparecerá em alguns dias, fico triste ao ver seu estado.

— Por que você e a Nicole term inaram ? — pergunto de supetão, encarando a m oto em vez

de olhar para ele.

Ben respira fundo e passa os dedos pelo cabelo.

— Na real? Não foi só por causa de um a coisa. Quero dizer, fizem os tudo o que deveríam os

fazer. Saím os para j antar, fom os ao cinem a, com em oram os nosso aniversário de nam oro e

apresentam os nossos pais uns para os outros. Mas não rolou, sabe?

— Então você term inou com ela?

Sua risada seca m e faz virar e olhá-lo. Ben está lindo e irresistível à som bra da ilum inação de

estádio da pista.

— Não. Ela term inou com igo. Bom , m e pegou desprevenido, porém ela tinha razão. Não

tinha nada de verdade rolando entre a gente.

— Ah — respondo, pensando se haveria algum a coisa de verdade rolando entre m im e ele.

Será que ele sente a m esm a coisa que eu? Será que ele conta toda vez que nos tocam os?

— Preciso ir — anuncio, andando até a m inha m oto. — Estou de castigo e a m inha m ãe vai

m e m atar se ligar lá em casa e perceber que não estou.

Ando até a m oto, m as antes que eu tente erguê-la, Ben vem correndo até m im .

Ele pega no

m eu braço.

— O que está rolando com você esses dias? Você anda tão esquisita...

Fico olhando para o lugar onde os dedos dele tocam m eu suéter cor de vinho. Ele percebe e

solta m eu braço, devagar.

Apesar de j á ter perdido a conta, tenho certeza de que a gente nunca se tocou tanto na vida.

Nunca m ais vou m e esquecer desta noite. Vou rever tudo na m inha cabeça um m ilhão de vezes

quando for dorm ir.

— Eu sinto m uito por ter feito você se sentir m al — falo, ainda não conseguindo olhar para

ele. — Mas você é o nam orado da Nicole, ou ex, sei lá, e é isso.

Ben não diz nada e acho que o que acabei de falar não faz o m enor sentido para ele.

— Eu não entendi — responde ele.

— E nem vai. Eu tenho nam orado. Um nam orado que é dem ais — digo. Agora estou

exagerando. Eu m e afasto dele e pego a m oto. — Tenho de ir.

Eu nunca m e senti tão triste na vida, ao em purrar a m oto para fora da pista, com o Ben vindo

atrás de m im . Um segundo atrás estava rindo e olhando para ele com o se quisesse beij á-lo; agora,

dou um gelo nele e fuj o dali.

Preciso resolver as coisas com a Nicole antes de poder falar com o Ben sobre

qualquer coisa.

E esses desej os tam bém têm de sair do m eu cam inho.

Minha vida j á anda bem com plicada para j ogar essa... coisa com o Ben no m eio de tudo.

Ben coloca a m oto na cam inhonete para m im e fico de lado enquanto ele am arra tudo,

fazendo parecer bem rápido e fácil, suas m ãos habilidosas trabalhando m uito

m ais rapidam ente

que as m inhas, quando carreguei tudo na cam inhonete.

Quando ele fecha a porta da caçam ba, o silêncio nos envolve com o um véu.

— Obrigada pela aula — agradeço, andando para trás e para longe dele.

— De nada. — Ele dá alguns passos em direção à pista, e então para e olha para m im . — Será

que as coisas vão ficar norm ais entre a gente de novo?

— Eu não sei o que é norm al — respondo, abrindo a porta da cam inhonete com tudo. —

Não sei m esm o.

E então, antes que eu consiga dizer qualquer outra coisa, entro na cam inhonete, dou a

partida e saio do cam pinho, piscando com força contra as lágrim as que parecem ter vindo do

nada.

31

Durante o dia seguinte inteiro na escola, Nicole ainda se recusa a falar com igo.

Passo m inha hora de alm oço na sala escura, tentando revelar as fotos para o trabalho, m as estou

distraída dem ais para fazer qualquer coisa que preste. Quando o sinal toca, vou para o banheiro

grande, no fim do corredor; m inha m ochila lotada e bagunçada no m eu om bro.

Abro a porta com tudo e, quando ela ricocheteia na parede, a m enina próxim a à pia dá um

pulo no ar e olha para m im .

Eu paro.

É a Janae.

Mas... não é.

Seu rosto está... todo estourado. Tipo, totalm ente coberto de acne. A superlotação de

espinhas com eça na testa, e desce pelo nariz, e se espalha pelo queixo e pelas bochechas. O que

foi que ela fez? Cobriu o rosto de chocolate e foi dorm ir?

Ela m e vê encarando seu rosto e seus olhos se estreitam , até virarem dois tracinhos cheios de

ódio, m as o efeito não é lá essas coisas, porque há lágrim as escorrendo pelo seu rosto. Assim , eu

sei que a ira dela foi dom ada.

É tão estranho ver a Janae... bom ... feia. Nunca havia visto um a espinha sequer no rosto dela,

nunca. Quero dizer, a Nicole vinha brigando contra a acne havia anos, m as a Janae?

Meu Deus!

Eu congelo na m etade do cam inho até a porta do sanitário, e então olho para ela de novo.

É um desej o! Finalm ente um desej o legal!

Observo a quantidade de espinhas que cobrem o rosto dela, escondendo sua beleza perfeita,

e m etade de m im quer pular de alegria, enquanto a outra m etade está triste e arrasada; ou sej a,

não dá para entender. É que a Janae é m alvada e m erece tudo o que está acontecendo com ela.

Agora m e lem bro desse desej o. A gente tinha doze anos, a acne da Nicole estava com força

total. Pelo j eito, com o ela teve peito cedo, tam bém ganhou a acne de lam buj a. A Janae estava

aperfeiçoando suas táticas de m enina m alvada naquela época e, pelos próxim os anos, faria a

Nicole cair no choro várias vezes.

E ela foi falar um m onte de porcaria para a Nicole em um dos m eus aniversários, porque,

quando ela chegou à m inha casa para com er bolo e sair com a m inha fam ília, os olhos dela

estavam verm elhos e inchados. A Janae tinha ferido tanto os sentim entos da Nicole que ela

passou a prim eira hora da m inha festinha fungando.

Então eu desej ei que a Janae soubesse com o é sofrer por algum a coisa que a gente não

consegue controlar, para que todo m undo visse e então a j ulgasse e tirasse um a com a cara dela.

— Ah — digo. As palavras parecem longas dem ais, ecoando pelas paredes do banheiro. —

Hum , sinto m uito.

Ela não sabe o porquê da m inha desculpa, m as não consigo segurar essas palavras. Porque

parte de m im sente m uito m esm o. A dor em seus olhos é tão real quanto a da Nicole naquela

época. Ou nesses anos todos.

— Até parece — responde Janae ao se virar para encarar seu reflexo de novo.

— Não, falando sério, isso é um saco m esm o.

Beleza. Boca, dá para ficar calada?

Janae pisca algum as vezes, para lim par as lágrim as dos olhos.

— Obrigada, estranhinha. Eu acho que é esse crem e novo, horrível. — Ela funga e fica m ais

ereta, com o se estivesse se recuperando. Ela passa um dedo sob um olho ainda cheio de lágrim as,

m as o rím el fica ainda m ais borrado, deixando m anchas ao redor dos olhos.

— Deixa pra lá. A sua histeria m elodram ática é m eio exagerada — com ento.

Ela se vira para olhar para m im , para m e encarar m esm o. Eu quero encolher e sum ir,

porque, m esm o chorona, cheia de catarro no nariz e coberta de acne, ela ainda é a m esm a pessoa.

— Você só está dizendo isso porque, se você estivesse com esse problem a,

provavelm ente

pegaria um a canetinha para ligar as espinhas com o num “ligue os pontos” e falaria para todo

m undo que são constelações.

Isso é um elogio ou um insulto?

Dou de om bros.

— Seu rosto voltará ao norm al até segunda-feira. Relaxa. — Eu sei que voltará ao norm al

porque todos os desej os acabam até segunda.

Janae se vira para m im e cruza os braços.

— Você não tem um cordeiro para sacrificar ou algo do tipo? Outra parte do seu corpo para

aum entar talvez?

Ah. Beleza, então isso responde à m inha pergunta. Ela tentava m esm o m e insultar.

Acho que certas pessoas não m udam nunca, nem com a intervenção de um

desej o.

Vou para a cabine e ouço quando Janae fecha a torneira e vai em bora, a porta indo para a

frente e para trás algum as vezes. Mas, antes que ela pare de vez, outro grupo de m eninas entra.

— Não sei com o é que alguém usa esteroides para aquilo. Você tem certeza? —

A voz é

anasalada e irritante. Eu não sei quem é.

— Sei lá, m as a Miranda disse que a viu se trocando na aula de Educação Física e que os

peitos dela estavam grandes m esm o, que não parecia enchim ento. Mas com o é que alguém

consegue ficar tão peituda da noite para o dia? Isso não é norm al.

— Com o se aquela m enina j á tivesse sido norm al algum a vez.

Congelo. De repente, tenho a ideia de pisar na tam pa da privada para que elas não consigam

m e ver, m as estou com m edo de m e m exer e fazer barulho.

— Na verdade, ela era totalm ente diferente até o nono ano. Ela estava na m inha aula de

Inform ática.

— Jura? Porque ela anda m ais estranha ainda esses dias. Ouvi dizer que ela tem um a cabra

roxa em casa.

— Para quê?

— Sei lá. De repente, ela tira o leite da cabra para fazer queij o.

A risada das m eninas enche o banheiro. Fico fum egando de raiva. Eu quero sair do banheiro,

m as, quanto m ais espero, m ais difícil fica revelar que estou aqui.

Há um m ilhão de coisas que eu poderia dizer para elas neste m om ento. Eu poderia oferecer

leite de cabra, sacudir m eus peitos, falar algo idiota.

No entanto, só fico quieta ali, escutando até elas saírem do banheiro, e então saio da cabine e

lavo as m ãos.

Vou até o m eu arm ário deixar alguns livros. Estou fechando a porta quando alguém m e

cutuca no om bro e dou um pulo.

Ah, não.

É o Ken.

— Oi, chuchu — cum prim enta-m e ele. — Quero m e desculpar por ontem à noite. Eu não

sabia que era um a coisa de escola.

Olho ao nosso redor. Até agora, ninguém notou a presença dele.

— Ah, é, m as isto aqui tam bém é. Um a coisa de escola. Na verdade, isto aqui é a escola

m esm o.

— Eu sei, m as a Ann disse que j á veio aqui, então achei que não seria um problem a se desse

um a passadinha tam bém .

— Ah, é? — Vou m atar a Ann. Será que eu não expliquei direito as regras sobre visitas aqui?

Meu coração para de bater quando ele coloca um a m ão em cada om bro m eu, então fico

presa entre ele e o arm ário. Socorro! Socorrooooo!

Tento virar para o lado, m as não dá certo, porque Ken sim plesm ente se inclina um pouco

para a direita e, antes que eu tom e m ais fôlego, os lábios dele estão tocando os m eus. Meus dedos

apertam com força a alça da m inha m ochila.

Ken sai de cim a de m im e se afasta o bastante para que eu consiga falar.

— Acho m elhor a gente conhecer outras pessoas — respondo de um a vez.

Ele nem se m exe. Só se inclina em m inha direção, com o se fosse m e beij ar de novo a

qualquer m om ento.

— O quê? — Consigo sentir a respiração dele na m inha bochecha. Tem cheiro de canela ou

de balinha de canela, ou coisa parecida.

— Olhe, você é, hum , dem ais, m as não estou m ais sentindo aquela paixão entre nós, sabe?

Acho que precisam os term inar.

Seus olhos procuram os m eus, m as seu rosto continua sem expressão.

— É isso m esm o o que você quer?

— É sim .

Ele faz que sim com a cabeça, porém não se afasta de m im . Sinto com o se ele estivesse

encarando m eus lábios, com o se quisesse m e beij ar novam ente para m e convencer a m udar de

ideia.

— Não posso dizer que é um a surpresa. Há dias você anda estranha.

Pigarreio um pouco, pois parece que ele nem notou que ainda está tão perto de m im .

— E, além disso, a Ann... ela gosta de você. Você deveria dar um a chance a ela.

Ele ergue um a sobrancelha. É difícil ver, porque o rosto dele está tão perto do m eu.

— A Ann? Jura?

Faço que sim com a cabeça. Ai, por que ele não sai de cim a de m im ?

— Talvez.

Hum m . Isso foi fácil dem ais. Ele finalm ente fica reto, e sinto que posso respirar de novo pela

prim eira vez em dez m inutos.

— Bom , a gente se vê por aí — diz ele e sai.

Eu o vej o indo em bora, sentindo-m e um pouquinho triste, m as tam bém repentina e

gloriosam ente livre, e então m e viro para o outro lado.

Ben está no m eio do corredor, olhando para m im . Sua expressão m e deixa cheia de culpa.

Ele parece traído, os olhos azuis m e encarando, acusando-m e. Seus om bros, por trás daquele

suéter azul-m arinho perfeito, estão m eio caídos.

Eu não consigo entender, m as ele parece m agoado. Com o se eu fosse a responsável por isso.

Com o se tivesse enfiado um a faca no peito dele e dado um a giradinha na lâm ina.

E então m e ligo.

Sei que naquele m om ento na pista, quando fiquei olhando para ele e ele ficou olhando para

m im tam bém , ele queria m e beij ar tanto quanto eu queria beij á-lo. Que ele

am aldiçoou aquele

capacete tanto quanto eu.

Que talvez ele conte m esm o todas as vezes em que nos tocam os.

Ele balança a cabeça devagar, e então se vira e sai andando para o outro lado.

Enquanto o vej o desaparecer ao dobrar o corredor, não posso deixar de pensar se esse é o

m om ento exato em que oficialm ente perdi tudo.

32

Não consigo dorm ir nada nesta noite. Nem por um único m om ento. Ouço a chuva lá

fora pela j anela aberta, e os roncos da Ann, e tento não ficar m e virando na cam a, porque sei que

não ficarei confortável de j eito nenhum .

Assim que o sol nasce sobre as m ontanhas Cascade, saio da cam a e coloco um a calça j eans,

um a cam iseta velha com um unicórnio bem zangado na frente e um m oletom de capuz preto.

Prendo m eu cabelo castanho sem graça em um rabo de cavalo, enquanto vou para o j ardim pegar

o pônei.

Ele desaparecerá em alguns dias, passei esse tem po todo querendo que ele sum isse. Então,

preciso reservar para ele pelo m enos um a m anhã decente. Vou levá-lo ao parque perto de casa e

deixá-lo com er toda a gram a que quiser por um a hora m ais ou m enos, até

chegar a hora de m e

arrastar até a escola.

Torço o nariz ao entrar no quartinho do j ardim para pegar o cabresto de corda que a Ann fez

para ele.

Espero que todo o cocô desapareça m agicam ente com o pônei. Que noj o!

Coloco a corda em volta do pônei e dou uns nós, até conseguir um negócio que lem bra

vagam ente algo que o im pedirá de fugir. Acho que é bem irônico, porque fiquei o tem po todo

desej ando que ele fugisse de verdade.

Deixo que ele dê m ordidinhas na gram a no cam inho para o portão e vam os para a frente da

casa.

Mas não chegam os ao parque, porque tem um carro parado na calçada.

Um a voz vem até m im . Tem alguém na varanda da frente de casa.

— Kay la.

Mesm o depois desses anos todos, desse tem po todo, sei exatam ente quem é. Nem preciso m e

virar e olhar.

Fico ali, um a m ão segurando a corda, torcendo-a de um lado para o outro, enquanto olho

para a gram a orvalhada.

Respiro fundo várias vezes, para m e acalm ar, e então m e viro para olhar para

ele. Seu cabelo

castanho está com eçando a ficar grisalho, m eio m arrom e m eio branco, o que m e pega tão

desprevenida que não consigo parar de olhar para ele, pensando com o envelheceu. Já se

passaram sete anos e, por isso m esm o, ele parece bem m ais velho.

Ele está usando j eans escuros e bem cortados, com um suéter fino e um a j aqueta por cim a, e

uns sapatos de couro luxo total com uns negocinhos pendurados. Ele parece um play boy zinho

com pleto.

— Oi, querida — saúda, com sotaque italiano m ais forte do que nunca. Ele sorri para m im .

O sorriso faz alguns pés de galinha aparecerem ao redor dos seus olhos. Rugas de felicidade. Eu

queria ser a pessoa com quem ele vinha rindo esse tem po todo.

— Pai — falo, m inha voz trem ida e sem confiança. Eu odeio isso. Eu quero soar indiferente,

confiante, em nada afetada pela presença dele aqui. Mas, na verdade, sinto-m e girando num

turbilhão. Estou feliz por ele estar aqui? Anim ada? Ou quero que ele vá em bora?

E por que é tão

difícil saber qual opção eu quero?

— Eu percebi que perdi seu aniversário de dezesseis anos.

Faço que sim com a cabeça.

— E eu sei que sem pre disse que você ganharia um carro quando tirasse a carteira de

m otorista.

Eu acho que ele disse isso m esm o. Talvez. Mas não gosto da m aneira com o ele fala “sem pre

disse”, com o se estivesse prestes a m e contar algum a coisa, ou então a m e dar um carro. Eu só

falo com ele em ocasiões especiais, e a últim a vez foi quase um ano atrás.

Eu sinto a raiva se acum ulando um pouco dentro de m im .

— O que você está fazendo aqui?

Ele m uda o peso de um a perna para a outra, parecendo m eio desconfortável. Eu m e sinto

estranham ente triunfante.

— Eu falei. Para lhe dar um carro.

— Não.

— O quê?

— Eu não quero essa porcaria de carro.

— Ah — diz ele, dando de om bros, m eio confuso e perdido.

É isso? “Ah”?

Eu esperava m ais. Eu esperava um a desculpa, culpa, algum tipo de discurso.

E, apesar de j á esperar por isso, essa falta de em oção verdadeira e m ais profunda dele é a

confirm ação de que ele é um desej o realizado, que não está aqui inteiram ente por vontade

própria. Porque, se você se esforça para fazer um gesto tão grandioso, então não teria algum a

coisa a dizer?

Fico pensando em quanto tem po ele dem orou para chegar aqui, em quanto tem po ele

passou sendo im pelido a fazer tudo isso por um a força desconhecida. Horas sentado em aviões,

gasto de centenas de dólares, m ilhares de quilôm etros.

E aqui está ele, olhando para m im , o que eu m ais queria no m undo, e isso só m e faz sentir

vazia.

Lem bro-m e de todos aqueles aniversários encarando o telefone, todas as vezes em que m e

senti apreensiva ao abrir o cartão de Natal, porque eu tinha m edo que dissesse apenas “Papai”,

quando queria tanto que dissesse: “Com am or, papai”.

Fico pensando em todas as vezes idiotas em que observava o pai das outras pessoas. De todas

as ocasiões em que a Nicole revirava os olhos por causa do pai dela, e eu desej ava lá no fundo

poder fazer a m esm a coisa tam bém , m as não tinha m otivo para tanto. Para que m eu pai fosse

irritante, era preciso que ele estivesse presente, e ele não estava.

A falta dele parecia tão m aior que a presença de qualquer outra pessoa. Ele

perdeu tudo. Ele

nunca com prou a espingardinha de chum bo para o Chase com o prom etera, nunca m e ensinou a

andar de m oto, nunca m e aj udou a estudar para um a prova, nem m e viu ficar linda para um baile

na escola. Não que eu tenha ido a m uitos.

Mas o que interessa é que ele nunca participou de nada, e não está nem aí.

Acho que provavelm ente desej ei isso em algum aniversário. Devo ter fechado os olhos com

toda a força e desej ado que ele voltasse, e então apagado as velas, esperando que acontecesse de

verdade m esm o. Eu devo ter acreditado que, se desej asse com bastante fé, ele apareceria,

igualzinho aos m eus sonhos e fantasias.

E aqui está ele, e não quer dizer nada. Porque eu não o queria aqui fisicam ente, eu o queria

aqui em ocionalm ente, e isso é algo que nunca terei. Ele nunca será esse tipo de

pai.

E eu não preciso ser esse tipo de filha.

Não m ais.

— Você quer algum a coisa? — Puxo a cordinha do pônei, e ele dá um passo para a frente.

— Hum , não. — Ele para, m orde o lábio. — Eu te am o!? — diz ele, m as parece m ais um a

pergunta.

Fico sem graça. Respiro devagar, escutando o silêncio enquanto as palavras m orrem ao m eu

redor.

Então, olho para ele e balanço a cabeça.

— Não.

Puxo a corda com m ais força e com eço a andar pelo j ardim , o pônei vindo atrás.

Paro na

cerca e olho m ais um a vez para ele. Talvez sej a um olhar de pena. Talvez de noj o. Não sei o que

é, porque não consigo decidir com o m e sinto. Contudo, não é arrependim ento, e não é dor, e

não poderia pedir outra coisa.

— Não, você não m e am a. Se m e am asse, ou se am asse qualquer um de nós, j á teria

dem onstrado a essa altura. — Ele só fica ali na varanda, olhando para m im . — E

quer saber?

Agora j á não im porta m ais. Não preciso de você.

— Kay la...

— Não. Você não m erece nem o tem po que estou gastando aqui e não deixarei

que você

tente m e com prar com um carro.

Vou para a calçada e passo a descer a rua, com o pônei trotando, todo feliz, atrás

de m im .

Com eça a garoar assim que a casa desaparece da m inha vista. Talvez eu não tenha desej ado

que ele aparecesse e dissesse “Eu te am o”. Talvez eu devesse ter desej ado não precisar m ais dele,

nem m e im portar m ais com ele. Não tenho certeza, não posso voltar no tem po e m e ouvir

desej ando, m as a verdade é que não im porta m ais.

Porque não precisar dele é a m elhor coisa que nasceu disso tudo, a m elhor descoberta que

poderia ter feito. Não im porta se a Ann, e o pônei, e o Ken, e tudo o m ais desaparecer na

segunda, depois de eu receber o últim o desej o.

Porque esse sentim ento de independência, de liberdade total, não sum irá. Pelo m enos disso

eu tenho certeza.

Minha felicidade não depende de outras pessoas. Não depende de elas precisarem de m im ,

m e quererem bem , nem aprovarem o que eu faço.

Está dentro de m im , exatam ente onde estava quando eu era pequena e o Meu Querido

Pônei reinava suprem o, antes de a vida ficar com plicada e virar de cabeça para baixo, antes de

todos seguirem em frente e eu ficar para trás. De algum a m aneira, eu havia perdido o poder de

ser feliz, m as estou conquistando essa força novam ente.

Com eçando hoj e. Hoj e, eu escolho a m im .

33

Mais tarde, na aula de Fotografia, passo um a hora tentando transform ar m inha bagunça de fotos em um autorretrato. Arrum o o am pliador e exponho um dos negativos no papel

fotográfico por alguns segundos. Mas não tem po o bastante para um a foto nítida...

que deveria

levar vários segundos a m ais para aparecer. Então, troco o negativo por outro e o exponho por

alguns segundos. Acho um a das m inhas m elhores fotos do m eu All Star e exponho essa tam bém .

Após colocar m ais de um a dúzia de fotos no am pliador, vou para a m esa e coloco o papel

fotográfico nos produtos quím icos para revelação, num a série de etapas que transform ará o papel

em foto.

A foto fica superexposta, então tento de novo, m as dessa vez deixando cada negativo lá por

m etade do tem po.

E é então que consigo o efeito que queria: de longe, a foto só parece um a m ancha; m as de

perto, os detalhes com eçam a saltar da im agem — os cadarços do All Star form am um a m argem

retorcida no pé da foto. As pontas desfiadas de um a pulseirinha da am izade aparecem de leve dos

dois lados. Bem no m eio da im agem está o rosto de um a Barbie, parcialm ente coberto pelo laço

de um a blusa que eu nunca usei.

Mas no m eio de tudo isso está um a m assa negra superexposta. Ficou m eio bagunçado, que é

o que eu esperava. Ao expor tantas fotos um a sobre a outra, o papel fotográfico tam bém recebeu

luz dem ais, ficando escuro.

Fico olhando para a foto. E pensando se o professor Edwards gostará disso ou achará que

ficou um a porcaria.

Porque, na verdade, a foto m e representa m esm o. Eu deixei a opinião de todo m undo m e

transform ar em um a coisa totalm ente diferente. Eu fiquei m eio dark, negativa, cínica. Um a

m ancha gigante no papel que está olhando para m im , sem identidade algum a.

A foto sou eu, em toda a sua glória feia e bagunçada. Se o Sr. Edwards não gostar, bom , então

não posso fazer nada.

Pego um a folha de papel fotográfico, m as não exponho nada sobre ele. Quero que sej a um a

folha de papel branca, vazia e brilhante.

Minha página em branco. Porque eu estou prestes a recom eçar.

Arranco um a folha do m eu caderno e escrevo um a explicação rápida, j untando com um clipe

o bilhete, a m inha foto e a página em branco, e deixo tudo sobre a m esa dele.

Minha página em branco com eça aqui.

34

Depois da aula de Fotografia, arrasto-m e para a arquibancada de m adeira do

ginásio. Vai

rolar um evento obrigatório antes do Baile de Outono. Eu odeio essas coisas e tudo o que elas

representam , m as estou m e forçando a perm anecer neutra.

“Página em branco, página em branco, página em branco.”

Kay la McHenry se sentará na arquibancada e não balirá para as líderes de torcida. Hoj e não.

Hoj e eu ficarei sentada aqui com o qualquer outra aluna da escola, feliz por não estar na aula e

aproveitando um a tarde gostosa de sexta-feira. Não m e im porta quantos gritos de

“Nosso tim e é o

m elhor!” terei de ouvir, agirei exatam ente com o todo m undo.

Talvez eu devesse ter deixado m inha página em branco para segunda-feira, ter feito tudo aos

poucos. Isso aqui é m ais que um passo gigante para a hum anidade. Isso aqui é um salto triplo

carpado.

Além disso, até segunda os desej os acabarão.

Não, não, eu m e recuso a adiar isso.

A página em branco com eça agora. Juro.

Ainda bem que só faltam três desej os e que os dois últim os desej os se tornarão realidade no

fim de sem ana. Com um pouco de sorte, eles serão discretos e eu poderei ficar escondida no

m eu quarto, esperando até tudo acabar. Quando os desej os desaparecerem , terei de pensar bem

em com o colocar m inha vida nos eixos de novo e tentarei desfazer tudo de errado que eles

aprontaram com todos ao m eu redor.

A arquibancada de m adeira range sob m eus pés. Está na cara que alguns colegas estão

evitando m e olhar nos olhos, porque não m e querem sentada perto deles. Eles provavelm ente

estão rezando para que eu não em ita sons de cabras ou coisas do gênero.

Nunca m e liguei tanto na m aneira com o os outros m e veem . Nem no fato de que fui eu

quem criou essa im agem . É com o se fosse um a pintura de palhaço para eles.

O negócio é que basta o palhaço lim par o rosto para todo m undo ver a diferença.

No m eu

caso, bom , vou ter de provar que sou diferente.

Se eu não quiser ser um a espectadora da m inha própria vida, tenho de m udar essas coisas.

Assim que a aula acabar, vou atrás da Nicole e talvez a gente reate o que sobrou da nossa am izade.

Ou talvez a gente descubra que resolveu seguir cam inhos diferentes. Mas não posso

sim plesm ente não falar com ela. Preciso descobrir o que está rolando e por que ela virou um a

pessoa totalm ente diferente em tão pouco tem po. E se, ao final, não concordarm os, tudo bem .

Mas pelo m enos tudo ficará em pratos lim pos.

Encontro um lugar, no m eio, para m e sentar, m as a um a altura boa o bastante para ver o piso

de m adeira brilhante do ginásio, as bandeiras que flutuam ao longo das paredes altas de blocos

cinzas. A m aior parte dos alunos está aqui agora, o barulho das risadas e das

conversas se

acum ulando e subindo pelo ar, enchendo o recinto. Os professores dão suas voltinhas para

m anter a ordem , sorrindo educadam ente para os alunos.

Minha boca seca quando vej o o Ben subindo a arquibancada. Ele está tão ocupado

escolhendo um a rota para passar entre os alunos que não m e vê, então eu m eio que m e abaixo,

apoio-m e num cotovelo, com a m ão cobrindo a lateral do m eu rosto, m eu cabelo caindo para a

frente e m e escondendo. Minha respiração fica m ais ofegante quando ele se aproxim a. Eu não sei

m ais o que dizer e não aguentarei m ais um a conversa que não chega a lugar algum .

Infelizm ente, não tenho tanta sorte assim . Ele se senta bem atrás de m im . Acho que ele nem

percebeu que sou eu à frente dele, então fico bem quieta, rezando para ser aquele tipo de evento

em que se apagam as luzes, o que parece bem im possível, pois vão fazer o m aior auê com os

atletas da escola.

Do outro lado do ginásio, os atletas estão sentados todos j untos na arquibancada.

As cam isas

cor de vinho com dourado dos j ogadores de futebol am ericano, de om bros largos, tom am

rapidinho parte daquela seção. A equipe de natação, m enos óbvia, e os tim es de basquete

fem inino tom am a outra m etade.

Finalm ente, o diretor, um hom em grisalho e alto que parece bem vestido dem ais, com calça

social cinza-esverdeada, cam iseta branca e um a gravata sóbria, vai até o centro do ginásio,

segurando um m icrofone sem fio.

Ele pede silêncio com sua voz m onótona am plificada pelos alto-falantes m ontados nos

cantos do ginásio, e então fica na lateral, ao lado das arquibancadas, enquanto um a batida bem

grave se espalha pelo ar. Os alunos ao m eu redor reconhecem sua deixa e com eçam a bater os pés

nas arquibancadas de m adeira, até que o ginásio inteiro é tom ado por um barulhão. Mesm o sem

querer, com eço a bater os pés tam bém , sentindo a vibração do chão. Eu m e sinto m eio idiota,

porém entro na dança, decidida a contrariar m inhas próprias regras.

Os sons de um a guitarra e um teclado sintetizados — algum tipo de m úsica genérica do top

40 — explodem dos alto-falantes, e as líderes de torcida entram correndo pelas portas de folha

dupla do outro lado do ginásio. As m eninas na fileira da frente com eçam a dançar, enquanto o

restante se espalha pela quadra, sacudindo seus pom pons dourados.

Assisto a tudo, j á sofrendo de overdose de breguice e reprim indo m inha necessidade de rir de

tudo, quando um determ inado rosto entra em foco.

E então não vej o m ais nada.

Nicole. Ela está com um sorriso tão grande no rosto que não sei quantos tubos de

pasta de

dente ela usou para conseguir dentes tão brilhantes.

Eu m e viro para olhar para o Ben.

— Ela é líder de torcida?

Entretanto, Ben parece tão chocado quanto eu. Ele olha para m im por um segundo — está

na cara que nem sabia com o estávam os pertinho — e então olha para Nicole de novo. O queixo

dele caiu, seu corpo inteiro está paralisado, congelado. Ele não está nem piscando.

Eu m e viro para observar a cena m ais um a vez.

Caraca, ela é líder de torcida. Minha m elhor am iga, Nicole, a líder de torcida. O

portal para a

zona “além da im aginação” pelo qual passei no banheiro com Janae está se expandindo para

engolir a escola inteira. Ela está até parecida com as outras m eninas: a cintura fina e as pernas

com pridas com binam direitinho com o uniform e cor de vinho e dourado.

— Você sabia que ela estava tentando entrar para a equipe? — pergunta Ben, inclinando-se

para a frente e gritando no m eu ouvido para que eu ouvisse, m esm o com aquela m úsica alta

tocando.

Balanço a cabeça. Meu rabo de cavalo deve ter tocado a bochecha dele.

— Agora tudo faz sentido — com enta ele, falando um pouco m ais baixo.

— O que faz sentido? — indago, ainda de olho na Nicole. Estou hipnotizada pela m enina lá

na quadra, cheia de alegria e confiança. É com o ver alguém com o corpo da Nicole e um a

personalidade totalm ente diferente.

— Por que ela term inou com igo.

— Com o assim ? — questiono.

A m úsica dim inui de volum e enquanto as líderes de torcida com eçam com uns gritos tipo

“Nosso tim e é o m elhor!”, pulando e sacudindo os pom pons. Nicole está dando uns chutes tão

altos que não sei com o a perna dela não se desloca do quadril e sai voando para a plateia.

Ben m eio que ri.

— Bom , é que... eu sou eu — aponta ele para a calça j eans surrada, os tênis, o cabelo loiro

espetado. — E ela é... assim agora.

Olho para as líderes de torcida novam ente. Nicole ainda está pulando, sacudindo seus

pom pons enquanto seu rabo de cavalo am arrado com um a fita tam bém salta.

Mal posso acreditar

que sej a ela. No ano passado, ela se escondia de todo m undo, m orria de vergonha por causa da

acne. Agora parece que ela fez luzes no cabelo, passou m aquiagem ... E está ali, a m enina m ais

autoconfiante do ginásio inteiro.

Mesm o que m achuque, fico m eio orgulhosa dela.

— Não dá para acreditar que ela não contou nada para nós — falo.

Ele faz que sim com a cabeça.

Eu m e viro para assistir à Nicole de novo. É difícil olhar para outra coisa, a visão dela lá

em baixo é inacreditável de onde estou.

As líderes de torcida pegam um m onte de cartazes com letras, a fim de form ar a palavra

“Enum claw”, e então dão um passo à frente para fazer a galera soletrar tudo com elas. Nicole está

segurando o “M” e, quando dá um passo à frente, sua sainha plissada e bonitinha flutua em volta

daquelas pernas perfeitam ente bronzeadas.

Quando acaba, elas dão gritinhos e vão para a frente da arquibancada dos atletas, onde se

alinham no chão, sentadas em posições idênticas, com o se tivessem treinado até essa parte.

Olho m ais um a vez para o Ben.

— Ela estava sem pre ocupada depois da aula, não é? Com o naquele dia em que a gente se

encontrou no shopping?

Ele faz que sim com a cabeça.

— Ela estava no treino. E as peneiras rolam nas duas últim as sem anas de agosto.

Ela não

estava m e deixando de lado, nem a você; ela estava... torcendo.

Ele dá de om bros.

Dou risada, m eio por causa da descoberta interessante e m eio porque quero dar um chute

nas m inhas próprias costas. Com o é que não percebi?

Durante todo aquele tem po, o Ben não estava “roubando-a” de m im , ela é que

estava

treinando. Não acredito que ela fez isso e não m e contou nada, tam pouco para ele.

Não sei se fico brava ou aliviada, então continuo rindo e cobrindo o rosto, tentando esconder

m inhas gargalhadas do resto do ginásio em silêncio. Estou viaj ando, confusa, perdida.

Nem sei o que aconteceu depois, porque tudo o que vej o é a Nicole, sentada no m eio das

líderes de torcida, cochichando e rindo. Mesm o estando do outro lado do ginásio, dá para ver que

ela está brilhando, feliz e m ais viva do que nunca. Ela se inclina para escutar o que outra líder de

torcida diz, fazendo que sim com a cabeça.

Fico pensando que tipo de segredos ela está contando, segredos que obviam ente ela não

quer dividir com igo.

Agora elas são as am igas dela.

E eu não sou.

Por que ela não m e contou? Por que ela tentou entrar na equipe e conseguiu um lugar e não

disse nem um a palavra? Não é algo para se m anter em segredo... Afinal, elas usam o uniform e na

escola em dia de j ogo.

Elas aparecem no anuário.

Será que ela nem pensou no que eu diria de tudo isso? Será que ficou incom odada ao ter de

m anter segredo ou não estava nem aí?

Porque, pelo brilho do sorriso branco dela, a resposta é a segunda opção.

35

Depois que o evento acaba e a m aioria dos alunos j á foi para casa, eu m e sento no

capô do carro da Nicole por um tem po que parece infinito. E nem sei por quê.

Não sei se quero

falar um as verdades para ela ou pedir perdão. Tudo o que eu sei é que quero respostas.

Os dias de outubro j á entraram oficialm ente no outono, e rola um friozinho no ar.

Eu

deveria ter trazido um a j aqueta. Ou algum a coisa diferente do m eu m oletom com capuz e da

calça j eans de sem pre. Até os m eus dedos dos pés dentro do All Star verm elho estão latej ando de

frio. Mas eu não tinha planej ado ficar sentada no capô gelado do Cavalier verm elho da Nicole.

As líderes de torcida devem estar em um a reunião supersecreta, a fim de decidirem para qual

tintureiro m andarão suas calcinhas de ly cra, ou talvez para com binar a cor da fita de seus rabinhos

de cavalo. Sei lá sobre o que líderes de torcida conversam . Nem sei m ais quem a m inha m elhor

am iga é.

Nicole finalm ente sai do ginásio uniform izada, com um a m ochila de ginástica sobre o

om bro. Um grande “E” cor de vinho enfeita o pequeno suéter de m anga com prida e gola V. A

sainha plissada e branca dela m eio que flutua enquanto ela anda, e as m eias brancas, im pecáveis,

com binam com seus tênis brancos e cor de vinho. Suas pernas parecem bronzeadas, e pelo j eito

ela foi fazer bronzeam ento artificial no salão com o restante da equipe.

Ela j á está a m eio cam inho do carro quando m e vê, e dá alguns passos incertos.

Então, ela

aperta o passo de novo e chega ao carro antes de eu decidir o que deveria dizer.

Aquele tem pão

todo sentada no capô do carro e ainda não sei.

— Eu vou j antar com as m eninas — diz ela, indo direto para a porta do m otorista.

Não saio do capô. Só j ogo as pernas para o lado para olhar para ela, e m eus pés ficam

pendurados ao lado do pneu.

Eu m e sinto com o se fôssem os as representantes oficiais da aluna “popular” e da aluna “nada

popular”. Não poderíam os ser m ais diferentes, nem se tentássem os. O rabo de cavalo dela é

perfeito, alto, com cachos loiros e com pridos. O m eu é m ais baixo, sem graça, m eu cabelo

castanho e liso sem m uita convicção. Eu não passei m aquiagem . Ela parece que fez m aquiagem

profissional.

— Por que você não m e contou? — Acho que vou com a raiva, então, porque as palavras

saem num a m istura de fúria com m ágoa. — Com o é que você sim plesm ente m e deixa de lado

para ficar com elas e não m e fala nada? Deve fazer sem anas que todo m undo sabe, m enos eu!

Ela olha para as próprias m ãos, passa a chave entre os dedos. Ela m orde o lábio

inferior e m e

olha por m eio dos cílios, e então volta a olhar para baixo.

Ela parece nervosa e tím ida, com o a Nicole que eu conheço. Minha raiva vai se dissipando.

— Eu achava que não conseguiria nunca.

Quando ela olha para m im , é Nicole de novo: quieta, m agoada, m inha m elhor am iga. Isso

derrete o gelo que congelava ao m eu redor fazendo-m e odiá-la ou ao m enos odiar a estranha que

ela havia se tornado.

Cruzo os braços, tentando preservar um pouco da raiva. Porque raiva é m ais fácil que m ágoa.

— Mas você podia ter m e contado que estava tentando.

Ela ri. Um a risada curta e sarcástica.

— E você teria dito o quê, Kay la?

Abro a boca para falar, m as não posso articular as palavras. Eu sei bem o que teria dito.

— Exatam ente. Você sabe com o é difícil falar com você às vezes? Você tira sarro de tudo. De

todos. Se eu tivesse lhe contado que queria ser... isso — explica ela, apontando para o uniform e

—, você poderia m e dizer, com sinceridade, que m e daria um a força?

Não preciso falar nada. Não conseguirei convencê-la porque não posso negar a verdade. Eu

teria caído na risada. Eu a teria lem brado de com o as líderes de torcida são sem graça e

superficiais. Eu teria falado que elas nunca a aceitariam , nem a deixariam entrar para a equipe.

E eu estaria errada.

— Eu só achei que, se tentasse entrar para a equipe e não conseguisse, pelo m enos saberia

que tinha tentado e tudo bem , e você nunca nem im aginaria a diferença. Mas eu consegui, e

então eu percebi que você ficaria brava se eu não contasse nada a você... e m e convenci de que

contaria tudo no dia seguinte, e depois no outro dia, e tudo virou um a bola de neve. Quanto

m ais eu esperava, m ais difícil ficava lhe contar.

Ela está apertando a chave com tanta força que acho que acabará quebrando o

chaveiro.

— Sei lá. Estou aqui ainda esperando que você tire o m aior sarro da m inha cara por causa

disso.

E aí ela olha para m im e vej o que está sendo sincera, e um a onda de pura culpa e m ágoa

passa por m im , levando o resto da m inha raiva em bora.

Porque ela realm ente acredita nisso; ela está m esm o esperando que eu tire sarro da cara dela.

E isso m achuca. Não sei se é porque m inha m elhor am iga acha que eu riria dela ou porque,

duas sem anas atrás, eu teria caído na gargalhada m esm o.

Antes da Ann, do pônei, antes de tudo ficar de cabeça para baixo, eu poderia ter feito isso

m esm o. Sim plesm ente rir dela e dizer que era tudo um a grande bobagem .

Mas as coisas m udaram . De algum a m aneira, eu não sou m ais aquela pessoa.

Mas a Nicole não sabe disso. Acho que tam bém não lhe contei um m onte de coisas.

Ela fecha os olhos por um segundo e respira fundo, para se acalm ar.

— Não é que eu tenha m e tornado um a pessoa diferente, Kay la. Eu sem pre quis isso. Nós

queríam os, até o oitavo ano. Lem bra com o a gente quase apareceu sem ser convidada para a festa

do pij am a da Janae, m as no fim não tivem os coragem ? Lem bra-se de com o a gente descrevia

todas as roupas que elas usavam no nosso Livro Fashion e então passam os um fim de sem ana

inteiro na m inha casa, experim entando todos esses looks?

As lem branças parecem vir todas ao m esm o tem po, e de repente sei exatam ente com o ela se

sente, exatam ente com o ela se sente m al. Porque eu tam bém j á quis isso.

Porém , enterrei essa

vontade e m e forcei a esquecer quando com eçou a doer dem ais só de sonhar com essa

possibilidade. Eu desisti de tudo porque parecia m ais fácil.

Ela balança a cabeça, e seu rabo de cavalo dá uns pulinhos.

— Mas nunca deu certo. A gente era diferente dem ais, sem pre de fora e de olho lá dentro. E

então, em algum ponto do ano passado, ou nos últim os dois anos, você decidiu que queria ser

tudo o que elas não eram . Você nem percebeu que eu ainda queria ser tudo o que elas eram .

— Antes do últim o verão era... im possível. Mas não é m ais. E não quero ser a m enina tím ida

à sua som bra para sem pre. Agora eu sou bonita. Eu posso ser a pessoa que quero ser. E talvez isso

sej a superficial, m as estou cansada de m e sentar ao seu lado e tirar sarro de tudo aquilo que quero

de verdade, lá no fundo.

Eu engulo o nó em m inha garganta.

— Nicole, eu... Meu Deus, eu nunca quis ser esse tipo de am iga.

Ela só dá de om bros e continua torcendo a chave.

— Eu sei disso. Mas você é. Você sim plesm ente acha que concordarei com tudo o que você

quer fazer, e, quando tento falar das m inhas coisas, com o m e sentar com a Breanna na hora do

alm oço, você nunca pensa que estou falando sério, que quero m esm o alm oçar com ela. Você

estava ocupada dem ais tirando sarro do QI dela.

Engulo em seco, odiando com o ela tem razão sobre tudo isso. Odiando o fato de isso querer

dizer que ela passou dias, sem anas, m eses agonizando com essa história, e eu sequer percebi. Eu

m e tranquei num a caixa e esperava que a Nicole entrasse nessa com igo.

— Eu sei... Eu sei. E você tem razão. Sobre tudo.

Então ela fica quieta. Talvez ela estej a surpresa porque estou concordando com tudo, com

tanta facilidade. Talvez se as últim as duas sem anas com a Ann e o Ken e os brinquedos idiotas

não tivessem acontecido, eu não estaria tão aberta a isso.

— O que acontece é que eu estou saindo com um a pessoa nova nas últim as sem anas.

Alguém ... que não é daqui. E ela abriu os m eus olhos para um m onte de coisas.

— A m enina que estava na casa da Janae?

Faço que sim com a cabeça.

— É.

Eu respiro fundo e devagar, para m e acalm ar, e olho para o m eu All Star. O tênis está velho e

suj o, totalm ente o oposto do tênis branco, lim pinho, da Nicole.

— E talvez isso possa ter o efeito oposto tam bém . Talvez ser am iga de alguém possa fazer a

pessoa se fechar e se afastar daquilo que realm ente quer fazer parte.

Ela não fala nada, só transfere o peso de um a perna para a outra algum as vezes.

Olho para a Nicole e lanço para ela o que espero ser o m eu olhar m ais sincero, porque ela

precisa saber que estou falando a verdade.

— Nunca quis transform ar você em algo que você não é. Não faz diferença o que você queira

fazer. Se você quiser ser líder de torcida, então está ótim o. Você pode querer virar freira ou

dançarina dos Jonas Brothers. Eu não m e im porto. Só não quero que você ache que não pode ser

m inha am iga e ser ao m esm o tem po as outras coisas que gostaria de ser tam bém .

Nicole coloca um a m ão na cintura da saia. A outra segura a m ochila, os nós de seus dedos

ficam pálidos.

Então ela m e dá um sorriso brilhante de líder de torcida e j oga os braços ao m eu redor. Sua

m ochila escorrega e bate no carro.

— Desculpe. Eu deveria ter lhe contado tudo antes. Eu só não sabia com o, e então você

com eçou a agir de um j eito estranho...

Eu dou um sorriso.

— Pois é. Sobre isso... Bom , eu tenho várias histórias para lhe contar...

Ela sorri para m im .

— Você quer ir ao Baile de Outono com igo am anhã? Eu com prei dois ingressos, porque

achava que ia com o Ben. Nada de fantasia de zum bi, é claro, m as acho que será divertido.

Meu sorriso am arela.

— Ah, hum , é que acho que estou de castigo.

— Jura? Mas você nunca fica de castigo.

Eu m eio que sorrio, e m eio que m e encolho.

— Eu sei, m as as últim as duas sem anas foram loucas dem ais.

— Nem m e fale.

Saio de cim a do carro dela e aterrisso nas pedrinhas do estacionam ento.

— Acho que vou indo, então. A gente pode sair assim que m eu castigo acabar.

Dou alguns passos, m eu All Star am assando as pedrinhas.

— Ele está na pista.

Eu paro, e então m e viro lentam ente para olhar para ela. As palavras latej am nos m eus

ouvidos, m as estou com m edo do que elas possam significar.

— O quê?

— Ben. Ele está na pista.

Eu m e sinto com o se tivesse um m ilhão de bolinhas de algodão na boca e então engolisse

tudo.

— Nicole, eu nunca...

— Mas é verdade? — pergunta ela, virando-se para m im .

Abro a boca para dizer algum a coisa, porém não sei o que quero dizer. Dá para ver que a

Nicole está incom odada com isso. Eu sim plesm ente faço que sim com a cabeça.

Ela respira fundo e então m orde o lábio por um m inuto, olhando para m im , a cabeça

inclinada para o lado e seu rabo de cavalo, perfeito, tocando seu om bro.

— Tenho certeza de que vocês serão m ais felizes do que nós fom os. Eu e o Ben som os

totalm ente diferentes.

— Mas você acha m esm o isso?

Ela toca o pescoço e brinca com o pequeno pingente de brilhantes. Acho que, se ela ainda

está usando aquilo, é porque não foi presente do Ben.

Um carro com o escapam ento estourado passa pela escola e parece fazer esse m om ento se

esticar ainda m ais, enquanto se m ove lentam ente.

— Acho que sim ... Quero dizer, o negócio nunca foi com ele. Acho que eu j á sabia esse

tem po todo que eu gostava m ais da ideia de ter um nam orado do que dele. Mas só pude adm itir

isso agora.

Sinto um a pontinha de esperança. Eu m e atrevo a sentir um a pontinha de esperança.

— Mas...

Nicole solta um suspiro dram ático e m e lança um olhar sério, que m e m anda parar de

discutir.

— Kay la, eu queria ter dito com o ele é parecido com você. Todas as piadas idiotas que ele

faz, com o ele odeia se arrum ar para sair, aquela pista barulhenta que eu odeio e você am a.

Eu posso sentir tudo ao m eu redor com tanta clareza. As pedrinhas desiguais sob os m eus

tênis, a brisa leve que toca o m eu rosto, o m achucadinho que ainda está sarando no m eu queixo,

onde a porta do guarda-roupa m e pegou no dia dos chicletes de bolinha.

— Mas tem esse trato entre m eninas, eu não posso...

— Dane-se esse trato idiota. Estou aqui falando que você m erece ficar com ele.

— Jura m esm o?

— Vai — diz ela, olhando para m im . — E se você está m esm o de castigo, pare de perder seu

tem po discutindo com igo e vá vê-lo, antes que sua m ãe perceba que você não está em casa.

Eu vou correndo até ela, dou o m aior abraço que se pode im aginar na m inha am iga e então

corro para o m eu carro.

— De nada! — berra ela para m im .

Eu sorrio, enquanto bato a porta do carro.

Minha m ãe chega em casa em m eia hora. Acho que dá tem po.

36

Dirigindo pelas estradinhas de terra batida, com o rádio desligado enquanto m e concentro no para-brisa, não posso deixar de desej ar que a pista ficasse a uns dez quilôm etros dali,

para poder bolar um plano.

Mas acho que preciso parar de desej ar as coisas e sim plesm ente encarar a realidade na hora.

Quando estaciono a cam inhonete perto da pista, m inha cabeça está girando e está cada vez

m ais difícil respirar.

Parece que o Ben e os outros pilotos j á acabaram o treino, porque estão todos sentados nas

caçam bas. Ele deu a ré na cam inhonete dele na traseira de outra, para as portinhas das caçam bas

se encontrarem , e tem dois caras em cada um a, com as pernas penduradas para fora, tom ando

Red Bull e com endo Doritos. Eles ainda estão usando o equipam ento: cam iseta, calça esportiva,

botas j á desafiveladas na canela.

Eles ficam m e olhando quando chego a bordo da pequena Ranger, pulando nos m orrinhos e

batendo nos piores buracos do cam po, porque estou ocupada dem ais encarando o Ben e

tentando m e controlar. Quando consigo sair do banco do m otorista, m al posso sentir m eus dedos

das m ãos e dos pés, de tanto nervoso.

Não sei do que eles falavam , pois todos ficam quietos quando bato a porta e olho

para o Ben.

Ele diz algo para os outros rapazes e pula da caçam ba, aterrissando em um m orrinho enquanto

um a pequena nuvem de poeira se form a ao redor dos seus pés. Ele se inclina e afivela as botas

novam ente, e então vem em m inha direção.

Dou o m elhor sorriso que consigo nessas condições.

— Quer dar um a volta para a gente conversar? — pergunta ele, apontando para a pista com a

cabeça. Eu não respondo, só viro na direção que ele indicou e ando a passos lentos pela pista.

— Então, e aí? — fala ele, após um m om ento de silêncio.

— Ah. Hum , então, eu, é que...

Fecho os olhos e engulo em seco. Isso não é o que eu deveria ter dito.

Ele para ao m eu lado. Posso sentir sua m ão tocando o m eu braço. Os cabelos

na m inha nuca

ficam arrepiados.

Eu deixo m eus olhos fechados para a próxim a parte, porque a ideia de vê-lo m e rej eitar é

dem ais.

— Eu gosto de você. E queria saber se você sairia com igo um dia desses —

desabafo.

Silêncio. E m ais nada. Eu respiro e tento abrir um olho para olhar para ele. Ele parece

contente.

— O que você está fazendo? Tirando um a soneca?

Dou um m urrinho no om bro dele.

— Não tire sarro de m im !

Ele cruza os braços e m e dá um sorriso com cara de sabichão.

— Mas você praticam ente pede isso!

Levanto a m ão, com o se fosse dar um a porrada nele, e ele ergue os braços, num a pose

clássica de “eu m e rendo”.

— Tá, tudo bem — concorda ele.

— Tudo bem você parar de tirar um a com a m inha cara ou tudo bem sair com igo?

— Booooooom m m — faz ele, alongando a palavra até que ela pareça ter várias sílabas.

— Ben!

Ele ri e se aproxim a de m im , até ficar tão perto que eu acho que ele m e beij ará.

— Sim . Quero dizer, bem .... — Ele se endireita de novo e parece que está repensando tudo.

— É que não quero deixar a Nicole chateada. Ela pode pensar que...

— Já falei com ela.

Ele parece acordar novam ente.

— É m esm o?

— Ah-hã. Tudo bem .

— Sim ples assim ?

Faço que sim com a cabeça.

— Eu sei, é m eio estranho para m im tam bém . Mas ela j ura que tudo bem .

Seu sorriso fica m ais brilhante.

— Então as senhoritas se j untam para falar de m im , né?

Eu dou outro m urro no braço dele.

— Ben!

Ele ri.

— Tá, tá. Quando e onde? Porque se você disser “Baile de Outono...”

É a m inha vez de rir.

— Não, não no Baile de Outono. Nem na Filarm ônica tam bém . Estou de castigo por duas

sem anas. Eu estava pensando que, depois, a gente poderia fazer aquela coisa brega de sair para

j antar e ir ao cinem a. Quero dizer, se você quiser.

— Eu posso escolher o film e?

— Putz, que difícil negociar com você — declaro. — Será film e de terror?

— Não, m as tam bém não quero ver film inho m eloso, de rom ance.

— Fechado.

Já chegam os à outra ponta da pista, e sigo Ben através do portão. Está tudo quieto aqui hoj e,

nenhum a exposição, nenhum evento.

Ben sobe em um a das ram pas e, então, se vira e estende a m ão para m im . Sinto m eu corpo

inteiro dar choquinho quando dou a m ão para ele. Ele segura as pontas dos m eus dedos e m e

aj uda a subir no m orro de terra. É a prim eira vez que a m inha pele toca a dele desde aquela

tentativa fracassada de andar de m oto, há alguns dias.

Eu m e atrapalho um pouco para subir a ram pa e, quando chego ao topo, acabam os ficando

frente a frente, e m ais perto que o norm al. Fico pensando se o Ben percebe que m eu peito

parece subir e descer m ais rápido do que deveria, enquanto tento tom ar fôlego.

Estou invadindo o espaço dele, m as não quero m e m exer. A gente sim plesm ente se encara,

um nariz a centím etros de distância do outro. Tudo o que consigo pensar é que,

finalm ente,

aquele capacete idiota não está no m eio.

E, pela prim eira vez, aqueles olhos azuis lindos estão olhando para os m eus, esperando

ansiosam ente, e eu sei, sem dúvida, que ele está sentindo o que estou sentindo.

Este é o Ben. O cara que eu ficava observando de longe, o cara que eu achava gatinho, o cara

por quem m e apaixonei. Ele está a centím etros de m im , e não tem m ais nada entre nós, nada nos

im pedindo.

Eu quero ser a m enina que eu era no dia em que o conheci, na ponta do penhasco.

Quero pular.

Sinto um a onda de adrenalina, de coragem e de pura loucura, enquanto levanto m eus braços

trêm ulos e os coloco ao redor dos om bros dele. Não tem m ais ar entre nós dois, a cam iseta dele

está tocando m eu m oletom . Eu pisco e m inha coragem bam beia por um segundo, fico pensando

o que é que estou fazendo.

Mas quero fazer isso.

Porque, quando eu finalm ente beij ar o Ben, não quero que sej a por causa de um

desej o.

Não quero que o Ben caia em algum tipo de feitiço, não quero que ele queira m e

beij ar só

porque tem de m e beij ar. Quero que sej a de verdade e quero saber o que é que ele fará, quando

sua m ente estiver clara e for só eu ali, e não os desej os.

Aperto m eus lábios contra os dele, m eu coração m artelando sem controle, e então aperto os

om bros dele com m ais força. Por apenas um segundo, acho que com eti um erro, porque ele

parece tão surpreso que nem se m exe. Meu peito parece ficar ainda m ais apertado, porque estou

segurando a respiração, esperando por ele.

Esperando pela resposta dele.

E então as m ãos dele m e pegam pela cintura, puxando-m e para m ais perto. Eu inclino a

cabeça enquanto seus lábios se abrem , só um pouquinho, e o m undo ao nosso redor desaparece.

Não sei por quanto tem po a gente se beij a, m as os assobios de “fiu-fiuuu” dos garotos lá

longe são o bastante para nos separar. Eu m e viro para vê-los de pé nas caçam bas, fazendo a m aior

festa para nós.

Dou um passo para trás e olho para os m eus pés, m inhas bochechas queim ando.

Não consigo acreditar que acabei de fazer isso.

— Hum m m . — Ele sorri. — Talvez eu deixe você escolher o film e.

37

Ann está roncando de novo. É a prim eira coisa que noto. A segunda é a caixa gigante

sobre a m inha escrivaninha. É um a caixa sim ples, de papelão, com um lacinho verm elho no

topo. Os desej os nunca são pequenininhos nem contidos assim , portanto sorrio de alívio ao ver o

papelão.

Mas, pensando bem , um m onte de coisas poderia estar dentro dessa caixa. Vai saber se não

tem um bando de duendes daquele com ercial de cereal de arroz escondidos ali.

Eu saio da cam a com cuidado para não levar os cobertores j unto e m e aj oelho em frente à

escrivaninha. A caixa está à altura dos m eus olhos.

Coloco as m ãos sobre a tam pa, tentando sentir algum a vibração. Talvez eu tenha desej ado

um a cascavel. Para irritar m eu irm ão, claro. Mas nada parece se m exer; levanto a ponta da tam pa

e olho lá dentro.

Sapatilhas.

Sapatilhas de balé. Elas são lindas: cor-de-rosa com lacinhos delicados na lateral e solas

m acias para plié que fariam qualquer m enina feliz. Mesm o sem olhar, sei que não encontrarei

nenhum nom e de m arca nelas e sei tam bém que elas servem direitinho.

Elas foram feitas especialm ente para m im .

Passo os dedos pelo laço, sorrindo um pouco para m im m esm a.

Não sei se esses desej os fazem qualquer sentido, m as parece que chegaram na ordem correta.

Um a sem ana atrás, eu teria virado os olhos ao ver essas sapatilhas e as j ogado debaixo da cam a.

Todavia, hoj e, m eus dedos m al podem esperar para colocá-las nos m eus pés, para dançar pelo

chão, para saltar no ar.

Eu m e sento no chão, tiro a tam pa da caixa e as sapatilhas lá de dentro. Arranco as m eias

peludinhas que usei a noite inteira e calço as sapatilhas cor-de-rosa.

Elas servem perfeitam ente, com o num sonho. Sem apertar, sem m e pinicar, elas são

sim plesm ente um a perfeição m acia e flexível.

Fico de pé, estendo um a ponta do pé e depois a outra. Olho para a Ann por um m om ento,

para garantir que ela ainda está dorm indo, então tiro um pé do chão e estendo os braços no ar da

m aneira m ais graciosa que consigo, girando num círculo pequeno: a pirueta m ais desengonçada

que o m undo j á viu.

Mas o sorriso não sai do m eu rosto.

Talvez eu consiga fazer isso. Talvez eu devesse tentar.

Nicole tentou ser líder de torcida. E ela sabia que não era exatam ente a líder de

torcida ideal.

Ela ainda sofria de acne, ainda olhava para baixo, tím ida. Mas deu certo. Ela brilhou por alguns

m om entos no chão daquele ginásio, um sorriso de orelha a orelha enquanto pulava e gritava e

sacudia seus pom pons a cam inho da felicidade.

Se ela pode fazer isso, por que é que não posso dançar balé de novo?

Dou m ais um a pirueta, e m ais outra, e m ais outra, até ficar tão tonta que não consigo m ais

ficar de pé e acabo caindo na cam a, quicando dela e m e estatelando no chão.

Caio na gargalhada, tonta de tanta alegria m aluca.

Porque nada m ais m e segura.

Ann rola para o m eu lado e m e olha lá da cam a.

— Mas o que é que você está fazendo? — Ela esfrega os olhos e tenta tirar algum as m echas

cacheadas do rosto.

— Não sei. Nada. Tudo? Eu não sei m ais.

— Bom , pelo m enos você parece feliz — com enta ela, resm ungando e deitando de novo.

Eu sorrio para m im m esm a, porque pela prim eira vez em um tem pão estou m esm o.

Feliz.

38

Quando a cam painha toca ao m eio-dia, abro com tudo a porta e vej o Nicole se

inclinando para a frente, com um a caixa enorm e nos braços. Eu sorrio e pego a caixa dela, e ela

vem com igo até o m eu quarto.

Quando a porta se abre, vej o Ann pulando em círculos com os braços no ar, m etade da

barriga perfeitam ente retinha dela exposta enquanto ela dança ao som da Kiss 106,1, a rádio pop

da cidade. Eu acho que a m úsica explodindo nos alto-falantes é a últim a da Britney.

Atravesso o quarto e desligo o rádio.

— Ann, essa é a Nicole. Nicole, Ann.

Ann para de pular e dá um passo à frente, estendendo o braço.

— Prazer em conhecer.

Nicole sorri.

— Igualm ente. Eu ouvi dizer que você tem um encontro bem im portante hoj e à noite.

Os olhos da Ann se arregalam e ela faz que sim com a cabeça, toda anim ada.

Posso ver, pela

batida im paciente do seu pé no chão, que ela está pronta para com eçar a pular pelo quarto de

novo.

— Vam os m ontar lá no banheiro e aj udar você a se arrum ar.

Levo a caixa, que, j uro, deve pesar uns vinte quilos, para o banheiro do corredor.

Baixo a

tam pa do vaso sanitário e coloco-a sobre ele, dando um a olhadinha de leve lá dentro. Secadores,

um m onte de ferros de baby liss, bobes elétricos, escovas redondas, spray para cabelo e um m ontão

de m aquiagem .

— Vam os colocar uns bobes elétricos no seu cabelo e então a gente pode escolher a sua

roupa — diz ela, tom ando conta da situação. — Eles dem oram um pouquinho para dar

resultado. Estou pensando em um cabelo preso no alto, com um m onte de cachos. E você

sim plesm ente necessita vestir um a roupa verde.

Sorrio ao ver Nicole fazendo o que faz m elhor.

Eu sei que ela m udou, que nunca m ais será a garota que era um ano atrás, m as não consigo

deixar de achar que talvez isso não sej a ruim , m as um a m elhoria considerável.

Agora ela está feliz,

pronta para encarar o m undo, e eu até m e sinto inspirada.

Nicole liga os bobes elétricos na tom ada, volta para o m eu quarto e pega a cadeira da m inha

escrivaninha, que vem sobre rodinhas até o banheiro, para Ann ter onde se sentar.

Fico na

pontinha da banheira, com um a canela apoiada no j oelho, enquanto vej o os dedos habilidosos da

Nicole com eçarem a trabalhar, escovando o cabelo da Ann e dividindo-o em m echas, que ela

enrola nos bobes. De quando em quando, ela borrifa spray fixador o bastante para m atar pelo

m enos uns dois m etros da cam ada de ozônio.

— E com o é a Breanna Mills, de verdade? — pergunto, olhando para o reflexo lindo e

im pecável da Nicole no espelho. Ela está m egaconcentrada. Fico pensando se ela gostaria de ser

cabeleireira de luxo algum dia.

— Você quer saber m esm o? — Ela olha para o m eu reflexo. Faço que sim com a cabeça. —

Ela é um doce. Com certeza, a m ais legal da turm inha dos vestidos da Old Navy.

Sorrio, e Nicole percebe que caiu no velho hábito, ao se referir a essas m eninas com o o

grupinho dos vestidos da Old Navy. Ela sorri e dá de om bros.

— Mas ela é m esm o. A casa dela é, tipo, um quarto do tam anho da sua, sabia?

Você ficaria

boba ao ver o que ela encontra nas liquidações. O guarda-roupa inteiro dela provavelm ente

custou uns cem dólares e m esm o assim ela é a m enina m ais bem vestida da escola.

— Talvez a gente possa sair todo m undo j unto um dia.

Nicole se vira e olha direto para m im .

— É. Eu acho que seria bem legal. Ela não é com pletam ente m alvada com o você acha. É

bem capaz de você gostar dela.

Faço que sim com a cabeça e percebo que isso pode m esm o ser verdade.

Dez m inutos depois, a cabeça da Ann é um a selva de bobes elétricos, e vam os para o m eu

quarto. Chuto toda a bagunça do chão lá para o fundo do m eu guarda-roupa para conseguirm os

encontrar as m inhas roupas. Nicole fuça com o se fosse um falcão treinado, indo direto nos

vestidos cuj a cor com bina com a pele da Ann. Nicole oferece pelo m enos quatro opções para ela.

Então, ela m ostra para nós um suéter fúcsia de gola quadrada e um as pregas na cintura. E aí é

que percebo que ela está dando o suéter para m im . Sinto um arrepio, levantando as m ãos para

im pedi-la.

Nicole coloca um a m ão na cintura e m e lança um olhar do tipo “não adianta reclam ar”.

— Fala sério, Kay la. Experim ente. Aposto que fica lindo no corpo.

Suspiro e pego o suéter das m ãos dela. “Página em branco.” Tenho de m e lem brar.

Ann coloca as opções de vestido sobre a cam a e volta para o banheiro com a Nicole.

Enquanto elas estão ocupadas com aquela cabeleira toda, tiro m inha cam iseta e

experim ento a

blusa fúcsia.

Quando vou até o banheiro para m e olhar no espelho, o rosto da Nicole fica até ilum inado.

— Eu falei para você que ficava lindo no corpo.

Ao m e ver no espelho, não consigo evitar e sorrio tam bém .

Porque ela tem razão. O tom da blusa consegue dar m ais cor às m inhas bochechas.

Talvez am anhã, depois do encontro da Ann e do Baile de Outono e sej a lá o que for que a

Nicole tem m arcado em seu calendário social tão concorrido, ela possa voltar e fuçar no m eu

arm ário, para m e dar um as dicas.

Algum a coisa m e diz que a Nicole não se im portará nem um pouco.

***

Algum as horas m ais tarde, Ann e eu estam os sentadas ao balcão da cozinha, cada um a em um

banquinho, esperando a cam painha tocar. Meu pé parece o da Nicole naquele dia na aula de

Biologia, porque está praticam ente espancando o apoio para pé. Não sei por que estou tão

nervosa pela Ann, m as estou. Ela é a Cinderela, e essa é a noite dela. Mas, em Cinderela, é a

carruagem que se transform a em outra coisa, à m eia-noite.

Am anhã rola o últim o desej o. Am anhã, tudo isso chegará ao fim .

Posso não ser um a fada m adrinha, m as tinha um vestido bonitinho para a Ann esperando por

ela no m eu guarda-roupa. Ela está im pecável, m ais linda do que eu poderia im aginar. Ela está

usando um vestido cor de esm eralda bem elegante, com alças fininhas e delicadas e um a saia

ligeiram ente godê, que fica só um pouco acim a dos j oelhos. E tam bém tem um a cam ada que

parece tule por cim a, o que dá um ar etéreo para a pele da Ann.

Nicole tinha razão. Verde é, com certeza, a cor da Ann.

Graças aos bobes elétricos e o que deve ter sido um zilhão de gram pos, o cabelo dela foi

totalm ente transform ado, e aquela bagunça espetada virou um penteado lisinho e brilhante. Os

cachos que sobraram são longos, m ais soltos e estilosos. Ela está linda, e se o Ken não ficar

totalm ente louco por ela, então ele é um idiota m esm o.

Acho que a Ann tam bém está nervosa de verdade porque, pela prim eira vez na vida, não está

pulando pela sala com o um a criança. Ela está quietinha, um pouco pálida, porém serena, e de

vez em quando passa a m ão pelo cabelo.

A cam painha toca, nós duas dam os um pulo, e então olham os um a para a outra e caím os na

risada. Risada nervosa. Seus olhos verdes brilham .

Eu desço do banquinho, que parece arranhar o piso da cozinha.

Posso ver a silhueta dele do outro lado da j anelinha, no alto da porta.

— Pronta? — pergunto à Ann.

Seus olhos brilham m ais ainda, entregando seu estado de nervos, m as ela faz que sim com a

cabeça.

Abro a porta com tudo e dou um passo para o lado, para que a Ann sej a a prim eira pessoa que

o Ken vê.

Os lábios dele produzem um sorriso feliz e carinhoso, m ostrando aqueles dentes perfeitos.

Hoj e, o sorriso dele parece estranham ente natural, verdadeiro, m uito m enos plástico que há um a

sem ana. Ele dá um passo à frente e abraça a Ann, com seus braços enorm es e m usculosos ao

redor dela, e ela fica na pontinha dos pés para retribuir o abraço. Eu m e sinto m eio com o um a

m ãe orgulhosa de pé ali, no hall de entrada, vendo os dois.

Ken olha por cim a do om bro da Ann e para m im , dando-m e o sorriso m ais sim ples do

m undo. Não posso deixar de pensar que é um “obrigado”, pois acho que vej o gratidão em seus

olhos.

Ele desenrosca os braços do corpo dela e olha para ela, apontando com a cabeça para o Jeep

parado lá fora.

— Vam os?

— Não a deixe em casa cedo dem ais — brinco. Ann quase explode em outra

risada nervosa.

Acho que ela vai derreter e virar um a pocinha a qualquer segundo.

Com um a m ão na porta, fico assistindo enquanto eles vão para o Jeep que, ainda bem , está

com a capota levantada hoj e. Eu ficaria m uito brava com ele por estragar o lindo cabelo dela.

Ken abre a porta e ela entra, tom ando cuidado para arrum ar o vestido e não revelar nada

m ais, alisando nervosam ente as rugas não existentes do tecido. Ken vai até o lado do m otorista,

entra no carro e dá a partida.

Antes de eles sum irem de vista, Ann m e dá um j oinha, seus lábios cheios de gloss form ando

um sorriso que resum e tudo.

Vou sentir saudade dessa boneca idiota.

39

Quando acordo na m anhã seguinte, m eu quarto está estranham ente ilum inado, apesar das cortinas verdes e grossas. Pisco algum as vezes, pensando se dorm i até depois do m eio-dia, m as o m undo está silencioso. Silencioso dem ais para o m eio-dia.

Eu m e sento na cam a e dou um a olhadinha pela cortina, e o que vej o faz m eus olhos se

arregalarem .

Neve.

Flocos de neve enorm es e fofinhos estão caindo silenciosam ente do céu aveludado. Mal

posso ver o quartinho no fundo do j ardim por entre os m ilhões de flocos que

despencam das

nuvens lá em cim a.

Mal chegam os em outubro.

Nevar em novem bro j á seria um a raridade. Com o um a tem pestade de neve bem da estranha!

Aposto que nunca nevou em outubro antes. Pisco, de olho nos flocos caindo, pensando se foi

um desej o m eu tam bém . Não consigo parar de olhar a cena. Nosso gram ado não está m ais verde;

agora é apenas um cobertor lindo de poeira branca e im pecável.

— Ann! — sussurro, ficando de pé e pressionando a testa contra o vidro da j anela. Ela está

gelada. Deve ter caído uns vinte graus desde ontem à noite. Eu m e sinto tonta e m eio boba,

com o um a criança acordando na m anhã de Natal.

— Ann! Está nevando!

Eu m e viro para acordá-la — talvez com um a travesseirada —, m as m eu m undo cai e o

sorriso do m eu rosto som e ao ver que ela não está m ais na m inha cam a.

A cam a está vazia. Totalm ente deserta da ruiva m eio m aluca que eu aprendi a conhecer e a

gostar.

Ann não gosta de levantar cedo. Ela nunca acordou antes de m im . Ela poderia dorm ir até no

naufrágio do Titanic.

Vou até o guarda-roupa, com o se por algum m otivo ela fosse estar sentada no chão lá dentro.

Mas ela não está. A grande pilha de brinquedos e a bagunça que arranquei das prateleiras há

alguns dias ainda estão am ontoadas no carpete.

Tiro m eu roupão felpudo do cabide, coloco um par de pantufas bem grossas e saio do m eu

quarto, descendo as escadas tão rápido que quase despenco antes de chegar lá em baixo, e tenho

de m e agarrar ao corrim ão. Saio pela porta dos fundos e abro-a com tudo, m as só quando chego

ao j ardim é que m e ligo que está m esm o nevando e que estou usando só um roupão e pantufas

fofinhas.

Olho para o céu, e os flocos de neve aterrissam nas m inhas bochechas, na m inha testa e nos

m eus olhos. Pisco algum as vezes e coloco a língua para fora para “com er”

alguns.

Eles são de verdade. Está nevando em Enum claw em outubro. Eu m e viro e olho para o topo

das m ontanhas à nossa volta, m as m al consigo ver a cobertura de neve nelas, em m eio aos flocos.

Isso tem de ser algum recorde m eteorológico.

Eu quero ficar m aravilhada por m ais um tem po, m as está congelante, então saio correndo

pelo gram ado agora branco. A neve, gelada e úm ida, passa através das m inhas m eias até parecer

que m inhas canelas se partirão. Consigo chegar até o quartinho do j ardim , levanto a tranca e abro

a porta.

Ann não está lá. Nem o pônei. Isso não deveria m e deixar preocupada, porque pode ser que

eles tenham saído para dar um a volta, m as tem m ais coisa faltando: os sacos e m ais sacos de

chicletes de bolinha. Eles sum iram , e o quartinho está quase vazio, lim po, sem nenhum a m arca

de cascos ou cocô de cavalo, ou qualquer evidência dos desej os.

Vej o apenas um cortador de gram a m eio abandonado, encostado no canto. Eu poderia ir até

a garagem e procurar a m oto, m as sei que ela sum iu tam bém .

Tento engolir o nó que se aloj ou na m inha garganta. Eu m e viro e olho para o gram ado, para

o cobertor de neve, o silêncio pesado nos m eus ouvidos. Por que a neve faz tudo parecer tão...

quieto?

Ann desapareceu m esm o. Todo m undo sum iu. Essa neve é o m eu últim o desej o e, agora

que se realizou, de algum a m aneira a m aldição foi quebrada. Isso era o que eu

queria, ou pelo

m enos tinha sido o que desej ei. Porém , eu m e sinto m eio vazia ao m e arrastar de volta para casa,

a neve estalando sob as m inhas pantufas, que estão ficando úm idas, rapidinho.

Vou ficar com saudade dela. E do Ken. E daquele pônei besta.

Olho para baixo. Bom , ao m enos não vou ter saudade dos m eus peitos gigantes.

Tudo bem

ser quase reta. Não consigo acreditar que antigam ente odiava m eu peito, m as agora estou m uito

feliz ao ver que aqueles m elões desapareceram .

Tento pensar em um a palavra em italiano, um a frase, qualquer coisa, m as não consigo.

Term inou m esm o. Duas sem anas de loucuras sem -fim que deixaram m inha vida de cabeça

para baixo, e agora sim plesm ente acaba assim .

Ando até o m eio do j ardim , a neve congelante passando pelas m inhas pantufas e indo direto

para os m eus dedos dos pés, e então olho para o céu cinza-prateado, quase cega pelos flocos que

tocam m inhas bochechas e aterrissam no m eu nariz. Não tem carros passando, nem passarinhos

piando, som ente um silêncio absoluto e lindo.

E aquela tranquilidade cheia de paz desaparece quando algum a coisa explode na m inha

panturrilha descoberta.

Eu m e viro para ver o m eu irm ão, com os olhos m ais brilhantes que vi em sem anas, fazendo

outra bola de neve. Ele a j oga com o um arrem essador de beisebol, e ela estoura no m eu roupão

antes que eu consiga processar o que ele está fazendo.

— Ei! — Eu saio correndo, indo para a lateral do quartinho do j ardim assim que outra bola

de neve atinge a parede de m adeira. Com em orando, pego um punhado de neve com as m ãos

descobertas e tento fazer um a bola. Fico de olho na ponta no canto do quartinho, m as m eu

irm ão não está m ais ali perto.

Meus olhos seguem as pegadas dele na neve, e m e ligo, tarde dem ais, que ele

está indo

direto para o outro lado do quartinho.

Eu m e viro bem a tem po de ele m e acertar com outra bola de neve, dessa vez bem no peito.

Sem perder um segundo, dou um passo para trás e arrem esso.

A bola atinge o om bro do Chase e explode nele, e sei, pelo j eito com o ele arqueia as costas,

que a neve escorreu para dentro da cam isa dele. Com um a calça de pij am a, cam iseta e um par de

tênis sem m eia, vej o que ele está tão m al equipado para a neve quanto eu.

Meus dedos estão verm elhos por causa do frio, e o cinto do m eu roupão se

desam arrou,

revelando a cam iseta verde velha e o short xadrez que com bina com ela, m as não estou nem aí.

Pego m ais neve e saio correndo, virando-m e para j ogar m ais um a bola no m eu irm ão.

Erro, m as ele tam bém erra. Tento m e abaixar e pegar m ais um punhado, enquanto corro

para a porta dos fundos, porém m inha pantufa fica presa em algum buraco no gram ado,

enquanto m eu pé vem com igo. Quando vej o, estou rolando na neve.

E, apesar de parecer que m eu corpo inteiro está num freezer, caio na gargalhada.

Meu irm ão vem andando em m inha direção, e m e aj uda a levantar.

— Que loucura, né? — com enta ele, apontando para o gram ado.

Faço que sim com a cabeça, m as não explico que essa é a coisa m enos louca que aconteceu

com igo nas últim as duas sem anas.

— Você quer andar de trenó? Acho que nosso velho trenó ainda está na garagem .

Sorrio, fazendo que sim com a cabeça com toda a anim ação, porque andar de trenó parece a

m elhor ideia que m eu irm ão j á teve.

— Legal. Vam os em um a hora, então.

Sigo m eu irm ão de volta para casa, e aí percebo que ele não está prestando atenção. Não

resisto e pego m ais um punhado de neve, j ogando tudo nele.

— Ei!

— Isso é pela prim eira bola de neve traiçoeira de hoj e.

Meu irm ão fica pensando por um m om ento, as sobrancelhas pretas e grossas enrugadas, e

então dá de om bros.

— Beleza, é j usto.

Entram os em casa e ele vai para o quarto dele, enquanto m e apoio no balcão da cozinha.

Tiro m eu roupão m olhado e chuto para longe as pantufas, arrancando m inhas m eias úm idas.

Minha pele queim a e form iga enquanto se aquece novam ente, e m inhas m ãos estão cobertas por

um verm elho bem brilhante, assim com o os m eus dedos dos pés.

Tem um a pilha de pãezinhos em um a cesta, então pego um , arranco um pedação e o enfio

na boca. Possivelm ente, pareço um ham ster, com o a Ann e aquele bolinho de canela, m as ainda

estou m e sentindo m eio vazia porque os desej os term inaram . Quero preencher esse vazio

enorm e, e só consigo pensar em com ida.

Na noite passada, a Ann e o Ken decidiram tirar o pônei do quartinho de fininho e o levar

para dar um a volta. Eles ficaram fora por m ais de um a hora e m eia e, quando ela voltou, ficam os

fofocando por m ais um a hora, até depois das duas da m anhã. Deitam os na m inha cam a e ficam os

olhando para o teto, e contei tudo para ela sobre o Ben e o nosso beij o, e ela falou sobre o

encontro dela e com o o Ken é rom ântico.

Acho que eles se deram superbem , o que é legal. Ele com prou um a rosa para ela de um

vendedor na rua, e ela não largou da flor a noite inteira. Seu sorriso era m ais verdadeiro e

genuíno que qualquer sorriso que j á vi na vida.

Não sei onde esses dois estão agora. E acho que nunca saberei. Mas espero que, de algum a

m aneira, eles estej am j untos.

Minha m ãe chega bem na hora em que enfio outro pedaço de pão na boca, apesar de não ter

m ais espaço lá dentro. Eu provavelm ente pareço ridícula, m as isso está m e fazendo sentir m elhor.

Ela não olha para m im , e só enfia um as pastas na bolsa de trabalho. Seu cabelo está preso no

coque apertado e perfeito de sem pre, e ela está usando um suéter roxo, bonitinho, com calça

social preta. Percebo, com o coração doendo, que ela ainda está brava com igo.

Talvez os desej os

tenham term inado, m as ela se lem bre da nossa briga, porque não está nem olhando em m inha

direção.

Ela coloca as pastas na bolsa enquanto lê um a m ensagem no BlackBerry ao m esm o tem po,

franzindo a sobrancelha para a m ensagem .

— Tenho algum as reuniões m arcadas para hoj e, então preciso sair logo — diz ela, ainda não

olhando para m im .

Será que ela j á olhou lá para fora? Será que ela sabe que está nevando, e que esses são os

m aiores flocos de neve que eu j á vi?

Faço que sim com a cabeça, m inha boca tão cheia que não posso falar. Ela não percebe. Ela

está fazendo cara feia agora, folheando a agenda. A cena — de total concentração — que j á vi um

m ilhão de vezes.

— Você viu o cartão de visita daquela confeitaria onde com prei seu bolo de aniversário? —

Ela para, ainda folheando a agenda. — Eu dei um para você? Eu tinha alguns, e agora...

Arregalo os olhos e tento engolir o pedaço de pão na m inha boca, m as dei um a m ordida

inacreditavelm ente gigante.

— Ah, deixa pra lá, achei. Vou m e encontrar com a Jean m ais tarde, para falar sobre o

aniversário de dezesseis anos da filha dela, e acho que ela adoraria um bolo de lá.

— Minha m ãe

fica quieta e olha para m im . — Acho que a filha dela está na m esm a escola que você. A Janae.

Um doce de m enina.

Meu queixo cai e deve m ostrar a m etade do pão m astigado na m inha boca.

Minha m ãe não

percebe, porque está ocupada dem ais flutuando até a porta. Eu tapo a boca com a m ão para não

rir, enquanto m e esforço para engolir a com ida.

Vam os torcer para a Janae ser do tipo de m enina que faz desej os de aniversário.

Engulo o pão e faço tudo descer com suco de laranj a, para tentar falar de novo.

— Mãe! — cham o-a, levantando-m e do banco.

Ela volta para a cozinha.

— Oi?

Eu suspiro e m e afundo de novo no banquinho, sem saber com o com eçar. Aperto os dedos

contra o granito gelado, vendo com o eles deixam pequenas m arcas m ornas e que soltam

fum acinha, que desaparecem um segundo depois.

— Desculpe. Pelo... pelo que eu disse. Eu sei que você faz o m elhor que pode e que m e dá

tudo e m uito m ais.

Olho para ela, esperando que ela estivesse checando seus e-m ails no BlackBerry, m as não. Ela

está olhando para m im . Minha m ãe apoia o quadril no balcão e aperta os lábios.

— Obrigada. E desculpe tam bém . Sinto m uito por forçá-la a ter aquela festa. Eu sabia que

você não queria, m as achei que, depois que com eçasse, se divertiria tanto que

não faria diferença

nenhum a. Eu deveria ter escutado você.

Faço que sim com a cabeça e nos olham os nos olhos por um tem pão; e não posso deixar de

pensar que talvez um novo entendim ento estej a rolando entre nós.

— Estou superatrasada e tenho de ir. — Ela com eça a se virar, m as então para.

— Ah, eu

deixei dinheiro na m esinha perto da porta.

Que decepção. Mesm o depois de tudo isso, estam os de volta a essa situação?

Vinte dólares

para a pizza; vou chegar tarde; não fiquem acordados até tarde, blá, blá, blá...

Mas então ela olha para m im de novo.

— Eu estava pensando... Você pode ir alugar um film e? Algum a coisa que o Chase consiga

assistir. Vou pegar um pão de alho no m ercado e podem os fazer espaguete.

Chego em casa às

sete.

Seus lábios quase form am um sorriso, enquanto olham os um a para a outra.

E então ela desaparece pela porta.

Talvez os desej os tenham term inado.

Mas tenho a im pressão de que a vida nunca m ais será a m esm a.

Agradecim entos

Muito obrigada à m inha agente, Zoe Fishm an, por ter todas as respostas, e à m inha editora,

Lexa Hilly er, por fazer todas as perguntas certas.

As pessoas a seguir tam bém m erecem m inha m ais sincera gratidão:

Meu m arido, Dave, que sem pre sabe com o m e fazer rir, m esm o quando estou estressada com

um prazo; Cy n Balog, pelos telefonem as e e-m ails, e por tornar tudo isso tão divertido; Rhonda

Stapleton e Julie Linker, porque foi m esm o com o um acam pam ento de verão, e m inha barriga

ainda está doendo de tanto dar risada; m eus colegas, por com prarem tantas cópias de Prada and

prej udice que o livro acabou virando um best-seller local, para surpresa da livraria; m eu irm ão m ais

velho, Brian, pois sua arte nunca deixa de m e inspirar; m eu irm ão m ais novo, Danny, porque

você sem pre aparece na hora em que preciso para m e tirar do aperto; m inha m ãe e m eu pai, por

sem pre acreditarem em m im e m e incentivarem ; Rachel, porque a vida não seria nem a m etade

da diversão que é se não fosse por você e por aquele chapéu de baladeira; e m inhas prim as,

porque roubei seus nom es para este livro: Nicole Kaiser, Kay la Harder e Janae

Prince. Mas j uro

que, exceto pela sim ilaridade nos nom es, as personagens são totalm ente fictícias.

Um agradecim ento especial a Gabriella Forello e sua fam ília, que sequer piscaram quando

pedi um a tradução para o italiano de “Ai, m eu Deus” e “porcaria”.

E, finalm ente, m uito obrigada a todo m undo que com prou Prada and prej udice e m e

m andou e-m ails, com partilhando suas opiniões. Aqueles e-m ails sem pre m e aj udam a enfrentar

um prazo m aluco e significam tudo para m im .

Document Outline

Capa

Folha de rosto

Créditos

Sum ário

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

Agradecim entos

Document Outline

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27
- 28
- 29
- 30
- 31
- 32
- 33
- 34

- 35
- 36
- 37
- 38
- 39
- Agradecimentos
- :2
- !9
- 17,
- .21
- .22
- Capa
- Folha de rosto
- Créditos
- Sumário